

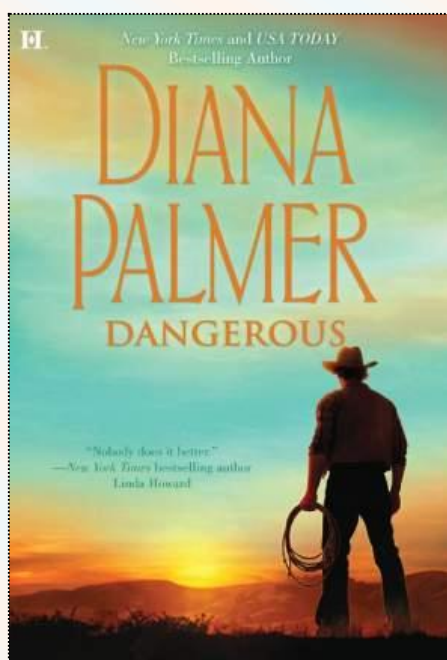
PERIGOSO

— Kilraven & Winnie Sinclair —

(Dangerous)

Diana Palmer

Série Homens do Texas 44



Alto, magro e obstinado, o agente do FBI Kilraven vive de acordo com suas próprias regras. E uma dessas regras inclui manter suas mãos longe da querida e doce residente de Jacobsville, Winnie Sinclair, não importa a tentação. Tímida e inocente, Winnie não conseguiria lidar com um homem como ele — um homem impiedoso com um assombroso passado. E esta pequena cidade pode abrigar não apenas a mulher que ele luta para resistir, mas as respostas para um crime não resolvido que é muito pessoal para Kilraven...

Winnie já teve sua própria parcela de sofrimento e sente a dor de Kilraven. Embora tente negar, a gentil operadora do 911 sente uma conexão com o agente ameaçadoramente lindo. Quando ele faz a perturbadora descoberta de que o desagradável passado da família dela poderia ter uma relação com o seu caso, Winnie fica determinada a lhe ajudar a dissipar o problema... e o gelo ao redor de seu coração.

Enquanto eles unem forças numa perigosa investigação, os riscos se tornam cada vez mais altos. A vida de Winnie está por um fio, e ela precisará de Kilraven mais do que nunca. Mas se eles forem ter um futuro junto, seu implacável texano precisará confrontar seu passado e arriscar tudo pelo amor deles.





Disponibilização/ Formatação: Suelen Mattos

Tradução: Camila Guazelli, Ju, Line,
Marlinha, Silver Fox, Suelen Mattos e Tesili

Revisão Inicial: Arminda

Revisão Final: Camila Guazelli,
Silver Fox e Suelen Mattos



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=92962381>



DIANA PALMER

PERIGOSO



Para Cindy Angerett, despachante do 9-1-1,
Condado de Beaver, Pensilvânia,
E para o corpo de funcionários dos Serviços de Emergência em todos os lugares,
que doam generosamente o seu tempo,
a tempo e fora de tempo, para ajudar alguém em necessidade.

Uma Nota da Autora

Querida Leitora,

De todos os livros que escrevi nos últimos meses, este aqui cobrou mais de mim, emocionalmente. Eu sabia em *"Coração de Pedra"* que alguns membros da família de Kilraven haviam sido assassinados. Sabia em *"O Rebelde"* que sua filhinha de três anos era uma das vítimas. Mas verdadeiramente lidar com as emoções que surgem de tal tragédia, mesmo em um romance, pode ser difícil.

Eu nunca, graças a Deus, perdi um filho. Mas enquanto escrevia as cenas lidando com a perda de Kilraven, desenvolvi um completo e novo relacionamento com caixas de lencinhos de papel. Este aparentemente rígido homem de aço possui um lado muito carinhoso, e descobrir isso foi fascinante.

Eu também lidei com uma inesperada e chocante realidade quando cheguei aos últimos capítulos. O homem que eu havia apontado como o assassino me informou um bocado abruptamente que ele não tinha nada a ver com isto. (Não é história de pescador, personagens realmente ganham vida própria.) Então tive que voltar e repensar minha estratégia e meu enredo. Realmente não me importei. Foi, de certa forma, divertido.

Winnie começou como uma mulher submissa que não enfrentaria nem mesmo seu próprio irmão. Durante o curso deste livro, no qual ela trabalha como uma operadora de 9-1-1, ela se tornou uma fonte de conhecimento calmo e tranquilo, e a coragem que sempre possuía foi revelada a ela. Winnie se tornou, de fato, uma *"loirinha encrenqueira"*, como sua nova sogra a apelidou.

Eu tive bastante ajuda com este romance de uma adorável senhora que realmente é operadora de 9-1-1, Cindy Angerett. Ela me deu um grande *insight* em relação a essa profissão, e eu dediquei o livro a ela em gratidão. Por favor, observem que eu cometo erros, mais do que nunca nestes últimos tempos em que minha mente envelhece comigo. Mas os erros são meus, e assumo toda a responsabilidade por qualquer um que você possa encontrar. Devo minha vida a um diligente operador de 9-1-1. Eles são um presente de Deus em tempos de grande perigo. Amo todos eles.

Obrigada a todos vocês, mais uma vez, por serem tão amáveis e tão leais durante todos estes anos. A maior alegria que tenho em minha profissão são os amigos que faço durante o percurso — não só em minha editora e editores, arte, *marketing* e o pessoal da publicidade, vendedores de livros e atacadistas, mas nos leitores que se tornaram a extensão da minha família.

Com amor a todos de sua maior fã,

Diana Palmer



CAPÍTULO 1



KILRAVEN ODIAVA AS manhãs. E odiava especialmente manhãs como aquela, quando esperavam que ele fosse a uma festa e participasse de um amigo secreto natalino. Ele, o resto dos policiais, bombeiros e o pessoal dos serviços de emergência de Jacobsville, Texas, todos tinham sorteado nomes ao redor da grande árvore de Natal no EOC¹, o centro de operações de emergência 911.

Ele saboreava um café preto na Delegacia de Polícia de Jacobsville e desejava poder fugir daquilo. Olhou de relance para Cash Grier, que sorriu distraidamente e o ignorou.

Natal era a época mais dolorosa para ele. Trazia lembranças de sete anos atrás, quando sua vida parecera acabar. Visões de um pesadelo o assombravam. Ele as via ao dormir. Trabalhava nos seus próprios turnos e até se oferecia como voluntário para substituir outros policiais de Jacobsville quando eles precisavam de um substituto. Odiava a sua própria companhia. Mas odiava multidões ainda mais. Além disso, era um dia triste. Ele tivera um cachorro grande e negro da raça Chow, que lhe fazia companhia na sua casa alugada. Teve que dá-lo porque não eram permitido animais em seu apartamento em San Antonio, para onde retornaria em breve. Assim Bibbi, o Chow, foi morar com um menino, um vizinho, que amava os animais e que tinha perdido seu próprio Chow. Era o destino, pensou. Entretanto, ainda sentia falta de seu cachorro.

Agora esperavam que sorrisse e socializasse na festa e ficasse entusiasmado por um presente que com quase certeza seria uma gravata que ele aceitaria e nunca usaria, ou uma blusa de um número muito menor, ou um livro que nunca leria. Pessoas que dão presentes são boas de coração, mas na maioria das vezes compram o que dá prazer a elas mesmas. Raras são as pessoas que observam outra pessoa e escolhem o presente certo, um presente a ser apreciado.

No seu trabalho — seu trabalho de verdade, não esse papel de oficial de polícia de cidade pequena que assumiu nessa operação secreta no Sul do Texas perto da fronteira com o México — ele tinha que usar ternos de tempos em tempos. Ali em Jacobsville, nunca usava terno. Uma gravata seria perda de dinheiro para a pessoa que lhe desse uma como presente de Natal. Tinha certeza que seria uma gravata. Ele odiava gravatas.

— Por que você não me acorrenta do lado de fora e ateia fogo em mim? — Kilraven perguntou a Cash Grier com um olhar zangado.

— Festas de Natal são divertidas, — Cash replicou. — Você precisa entrar no espírito da coisa. Depois de seis ou sete cervejas, você se acostuma.

O olhar ficou pior.

— Eu não bebo, — ele lembrou a seu chefe temporário.

— Não é uma coincidência? — Cash exclamou. — Eu também não!

— Então por que vamos a uma festa, em primeiro lugar, se nenhum de nós bebe?

— O homem mais jovem perguntou.

— Eles não servirão álcool na festa. Além do mais, é bom para as relações públicas.

¹ **EOC**, Emergency Operations Center (Centro De Operações De Emergência)



— Eu odeio o público e não tenho relações.

— Você tem relacionamentos, sim, — replicou ironicamente. — Um meio irmão chamado Jon Blackhawk. Uma madrasta, também, em algum lugar.

Kilraven fez uma careta.

— É apenas por uma hora mais ou menos, — Cash disse em tom gentil. — É quase Natal. Você não quer arruinar a festa da equipe, quer?

— Sim, — Kilraven disse com um grunhido em sua voz profunda.

Cash baixou os olhos para sua xícara de café.

— Winnie Sinclair ficará desapontada se você não aparecer. Você nos deixará em breve para voltar a San Antonio. Faria o dia dela, ver você na festa.

Kilraven desviou o olhar para a janela da frente, para além dos carros dirigidos ao redor da praça da cidade que estava decorada com o Papai Noel, seu trenó e renas e uma imensa árvore de Natal. Serpentinhas e luzes coloridas foram amarradas em cada cruzamento. Havia uma árvore no posto policial também, enfeitada com as cores do feriado. A decoração era, para dizer o mínimo, única. Havia pequenas algemas, armas de brinquedo e vários veículos de emergência em miniatura, incluindo carros de polícia. Como brincadeira, alguém amarrou a fita amarela da polícia em volta.

Kilraven não queria pensar em Winnie Sinclair. Nos últimos meses ela se tornara uma parte de sua vida que estava relutante em deixar para trás. Mas Winnie não sabia nada sobre ele, sobre o seu passado. Alguém tinha feito alguma insinuação sobre isso, porque sua atitude em relação a ele mudou de repente. Os sorrisos tímidos e os olhares extasiados que vinha recebendo sumiram, ela agora era apenas formal e educada quando se falavam pelo rádio da polícia enquanto ele estava cumprindo o seu dever. Raramente a via. E não tinha certeza se era uma boa ideia ficar perto dela. Winnie tinha se afastado e seria melhor não encurtar a distância. Claro que seria.

Ele encolheu os ombros largos.

— Acho que algumas canções de Natal não vão me matar, — murmurou.

Cash sorriu.

— Vou pedir ao Sargento Miller para cantar pra você aquela que ele compôs, só pra nós.

Kilraven olhou fixamente para ele.

— Eu já ouvi, então, por favor, não.

— Ele não tem uma voz ruim, — Cash argumentou.

— Para uma carpa², não.

Cash começou a rir.

— Como quiser, Kilraven, — ele franziu a testa. — Você não tem um primeiro nome?

— Sim, tenho, mas não o uso e não vou dizer a você.

— Eu aposto que o setor de pagamentos sabe qual é, — Cash meditou. — E o Banco.

— Eles não dirão, — ele prometeu. — Eu tenho uma arma.

— Eu também tenho e a minha é maior, — Cash respondeu espirituosamente.

— Escute, tenho que ocultar minha arma durante o meu trabalho real, — ele lembrou ao homem mais velho. — E é difícil encaixar uma Colt 45 ACP 1911 na minha cintura sem que apareça.

Cash levantou as duas mãos.

² **Carpa:** peixe de água doce



— Eu sei, eu sei. Eu costumava ter que esconder a minha arma também. Mas agora não preciso e posso carregar uma arma grande se eu quiser.

— Pelo menos você não carrega um revólver como faz o Dunn, — ele suspirou indicando o Chefe assistente Judd Dunn, que estava na beirada de sua mesa conversando com um colega policial e com uma Ruger Vaquero 45 presa em um coldre vistoso de couro no quadril.

— Ele pertence à Associação de Tiro *Single Action*, — Cash lembrou-o. — Eles têm uma competição esta tarde. Ele é a nossa melhor aposta.

— Depois de mim, — disse Kilraven presunçoso.

— Ele é a nossa melhor aposta local, — replicou. — Você é a nossa melhor aposta migratória.

— Eu não vou migrar para longe. Apenas para San Antonio, — os olhos prateados de Kilraven ficaram sombrios. — Desfrutei do meu tempo aqui. Menos pressão.

Cash imaginou que parte da diminuição da pressão se devia a ausência de memórias ruins. Kilraven ainda não tinha encarado a morte de sua família sete anos atrás num tiroteio sangrento. O que lhe trouxe a mente um caso mais recente, um assassinato que ainda estava sendo investigado pelo departamento do xerife com uma ajuda de Alice Mayfield Jones, a especialista forense de San Antonio que estava noiva do rancheiro local Harley Fowler.

— Você falou com Winnie Sinclair sobre o tio dela? — Cash perguntou num tom baixo, assim eles não seriam ouvidos.

Kilraven balançou a cabeça.

— Não estou certo se eu deveria, neste estágio da investigação. O tio dela está morto. Ninguém irá ameaçar Winnie, Boone ou Clark Sinclair por causa dele. Não tenho nem certeza sobre a conexão dele com a vítima do assassinato. Não adianta nada aborrecê-la até que eu tenha que fazê-lo.

— Alguém conseguiu alguma coisa com a última namorada dele?

— Não com mais sorte do que tiveram na primeira entrevista, — Kilraven replicou. — Ela está tão afundada em coca que não sabe nem que dia é. Não se lembra de nada que poderíamos usar. Enquanto isso a polícia vai de porta em porta nas redondezas da casa de *strip* perto do apartamento onde a vítima vivia, tentando achar alguém que conhecesse o cara. Homicídio turbulento... Muito turbulento.

— Houve outro caso, em que uma menina foi encontrada em condições similares sete anos atrás, — Cash lembrou.

Kilraven assentiu.

— Sim. Um pouco antes de eu... perder minha família, — ele disse, com hesitação. — As circunstâncias são similares, mas não há conexão com o que encontramos. Ela foi a uma festa e desapareceu. Na verdade, testemunhas disseram que ela nunca apareceu na festa, e seu encontro revelou ser fictício.

Cash estudou o homem mais jovem calmamente.

— Kilraven, você nunca vai se curar até que seja capaz de falar sobre o que aconteceu.

Os olhos prateados de Kilraven se iluminaram.

— Qual a vantagem em falar? Eu quero o criminoso.

Ele queria vingança. Estava nos seus olhos, na dureza da sua mandíbula, na sua postura.

— Eu sei como você se sente... — Cash começou.

— O diabo que você sabe! — Kilraven rosnou. — O diabo que você sabe!



Ele levantou e saiu sem outra palavra.

Cash, que havia visto as fotos da autópsia, não tomou aquilo como ofensa. Ele sentia pena pelo outro homem. Mas não havia nada que ninguém pudesse fazer por ele.

KILRAVEN ACABOU INDO à festa. Ele parou perto de Cash sem olhar pra ele.

— Desculpe, eu perdi a cabeça, — ele disse.

Cash apenas sorriu.

— Oh, eu não fico mais irritado por causa de mau temperamento, — ele riu. — Eu amoleci.

Kilraven olhou para ele com olhos bem abertos.

— Você amoleceu?

Cash deu uma olhada para ele.

— Foi um acidente.

— O quê? O balde de água ou a esponja na boca?

Cash fez uma careta.

— Ele não devia ter me chamado de um nome ruim enquanto eu estava lavando o meu carro. Não foi nem eu o oficial que o prendeu, foi um dos novos agentes da patrulha.

— Ele percebeu que você era o topo da cadeia alimentar e não gostou das pessoas vendo-o ser carregado do escritório do dentista em uma viatura, — Kilraven disse divertidamente.

— Obviamente, desde que *ele* era o dentista. Ele colocou uma das suas pacientes mais bonitas sob o efeito do gás de risada e estava se divertindo com ela quando a enfermeira entrou e o pegou no flagra.

— Isso explica porque ele se mudou para cá em primeiro lugar e se estabeleceu numa cidade pequena, quando poderia trabalhar numa cidade maior, — Cash meditou. — Ele estava exercendo a profissão aqui fazia um mês quando aconteceu, no verão passado.

— Grande erro, começar a enfurecer você no seu próprio quintal.

— Eu tenho certeza que ele percebeu, — Cash replicou.

— Você não teve que repor o terno dele...?

— Eu comprei pra ele um terno substituto muito bom, — Cash argumentou. — A juíza disse que eu tinha que repor por um do mesmo valor do que eu arruinara com sabão e água, — ele sorriu angelicamente. — Ela nunca disse que tinha que ser da mesma cor.

Kilraven fez uma careta.

— E onde diabos você conseguiu encontrar um terno xadrez verde e amarelo?

Cash inclinou-se mais perto.

— É que eu tenho conexões na indústria da moda.

Kilraven riu.

— O dentista deixou a cidade no mesmo dia. Você acha que foi o terno?

— Eu duvido muito. Acho que foram os antecedentes que levantei dele, — Cash replicou. — Apenas mencionei que havia contatado duas de suas antigas vítimas.

— E deu a elas o telefone de um detetive muito determinado de Houston, pelo que fiquei sabendo.

— Detetives são úteis.

Kilraven ainda o encarava.



Ele deu de ombros.

— Bem, nunca falarei com você enquanto estiver lavando o seu carro, e pode apostar seu dinheiro nisso, — Kilraven concluiu.

Cash apenas riu.

A central de operação 911 estava cheia. A imensa árvore de quase 3 metros tinha luzes que era uma cortesia da equipe de operações. As luzes brilhavam lindamente em todas as cores. Embaixo, havia um baú de tesouro cheio de presentes embrulhados. Todos eram anônimos. Kilraven olhava para eles, já antecipando uma gravata indesejada.

— É uma gravata, — Kilraven resmungou.

— Como é que é? — Cash perguntou.

— Meu presente. Quem quer que tenha comprado algo para mim, será uma gravata. Sempre é uma gravata. Eu tenho um armário cheio dessas malditas coisas.

— Nunca se sabe, — Cash disse filosoficamente. — Você pode ser surpreendido.

Em meio às músicas festivas do Natal, o pessoal da Central de Operações saudou os visitantes com um breve discurso sobre o trabalho duro que realizavam durante o ano e algumas de suas realizações. Eles agradeceram toda a equipe dos serviços de emergência, incluindo paramédicos, bombeiros e polícia, o departamento do xerife e a polícia estadual, os Texas Rangers e os oficiais da lei estaduais e federais por sua assistência. As longas mesas com comidas e bebidas foram indicadas e os convidados puderam se servir. Em seguida, os presentes foram entregues.

Kilraven ficou por um breve momento espantado com o tamanho do dele. A menos que fosse uma gravata muito grande ou estivesse camuflada, não estava certo do que havia ganhado. Ele virou o pacote em suas mãos com evidente curiosidade.

A pequena loira Winnie Sinclair olhava-o pelo canto dos seus olhos escuros. Usava seu cabelo loiro, longo e ondulado ao redor dos seus ombros porque alguém havia dito que Kilraven não gostava de rabos de cavalo ou coques. E vestia um bonito vestido vermelho, muito conservador e com decote alto. Desejava poder descobrir mais sobre o seu enigmático oficial. O Xerife Hayes Carson dissera que alguns familiares de Kilraven haviam morrido assassinados uns anos atrás, mas não fora capaz de conseguir mais informações dele. Agora tinham uma vítima de um assassinato real, turbulento — na verdade o segundo caso — morta no Condado de Jacobs, e comentava-se dentro dos círculos das forças da lei que uma mulher de San Antonio que conhecia a vítima tinha morrido por causa disso. Havia rumores ainda mais insistentes que o caso arquivado estava prestes a ser reaberto.

O que quer que acontecesse, Kilraven iria embora e voltaria para o seu trabalho federal em San Antonio depois do Natal. Winnie estava melancólica e quieta há dias. Na verdade, tirara o nome de Kilraven no amigo secreto, mas tinha a sensação de que seus colegas de trabalho haviam arranjado aquilo. Eles sabiam como ela se sentia a respeito dele.

Winnie passou horas tentando decidir o que dar a ele. Uma gravata não, pensou. Todos davam ou gravatas ou lenços ou kits de barbear. Não, o presente dela tinha que ser distinto, alguma coisa que Kilraven não encontraria na prateleira de uma loja. Por fim, colocou seu talento artístico para trabalhar e pintou o realístico retrato de um corvo, rodeado de miçangas coloridas como borda. Não sabia o porquê. Parecia o tema perfeito. Corvos eram solitários, muito inteligentes, misteriosos. Assim como Kilraven. Ela o emoldurou na loja de molduras local. Não ficara ruim, pensou. E esperava que ele gostasse. Claro, não poderia admitir que fora ela quem dera a ele. Os presentes deviam



permanecer anônimos. Mas ele não teria como saber, até porque nunca havia lhe contado que pintava como *hobby*.

Sua vida era mágica só porque Kilraven entrara nela. Winnie vinha de uma grande riqueza, mas nem ela nem seus irmãos deixavam transparecer. Gostava de trabalhar para viver, ganhar seu próprio dinheiro. Tinha um pequeno Volkswagen vermelho que ela mesma lavava e polia, comprado com seu salário semanal. Era o seu orgulho e alegria. No início, temeu que Kilraven se sentisse intimidado por ela ter dinheiro. Mas ele não parecia sentir ressentimento ou mesmo inveja. Na verdade, ela o vira vestido uma vez para uma conferência que ele estava indo. Sua sofisticação era evidente. Ele parecia ficar a vontade em qualquer lugar.

Winnie iria se sentir miserável quando ele fosse embora. Mas aquilo podia ser mesmo a melhor coisa. Era louca por ele. Cash havia dito que Kilraven nunca havia encarado os seus demônios e que não estaria pronto para qualquer tipo de relacionamento enquanto não o fizesse. Isso havia deprimido Winnie e afetado sua atitude em relação à Kilraven. Não que isso houvesse extinguido seus sentimentos por ele.

Enquanto o olhava com inevitável prazer, ele abriu o presente. Kilraven estava separado dos outros agentes do seu departamento, sua cabeça escura inclinada sobre o papel de presente, seus olhos prateados absortos no que estava fazendo. Por fim, o laço e o papel caíram. Ele pegou a pintura e a olhou com olhos estreitos, tão imóvel que parecia ter parado de respirar. De repente, seu olhar prateado subiu e penetrou direto nos olhos escuros de Winnie. Seu coração parou de bater no peito. Ele sabia! Mas ele não poderia!

Kilraven lhe deu um olhar que poderia ter parado o tráfego, virou-se e caminhou para fora da festa, com a pintura carregada pela borda por uma de suas grandes mãos. E não voltou.

Winnie estava com o coração doente. Havia lhe ofendido. Ela sabia que havia. Kilraven ficara furioso. Lutou contra as lágrimas enquanto bebericava o ponche, mordiscava biscoitos e fingia que estava se divertindo.

KILRAVEN FINGIU FAZER seu trabalho até que seu turno terminou. Depois pegou seu próprio carro e dirigiu direto para San Antonio, para o apartamento do seu meio irmão, Jon Blackhawk.

Jon estava assistindo a reprise de um jogo de futebol. Levantou-se para atender a porta, vestindo calças de moletom e nada mais, com seu cabelo longo, negro e solto indo até a cintura.

Kilraven lhe deu um duro olhar.

— Praticando seu *look* indiano?

Jon fez uma careta.

— Apenas ficando confortável. Entre. Não está um pouquinho tarde para uma visita fraternal?

Kilraven levantou o saco que estava carregando, deixou-o sobre a mesa de café e tirou a pintura. Seus olhos estavam brilhando.

— Você contou a Winnie Sinclair sobre os desenhos do corvo?

Jon prendeu a respiração quando viu a pintura. Não era apenas de um corvo, o pássaro favorito de Melly, mas tinha até o trabalho manual feito de miçangas nas mesmas cores emoldurando-o contra o fundo de um turbilhão de laranjas e vermelhos.



Ele se deu conta, tardiamente, que estava sendo acusado. Subiu seus olhos negros até os olhos iluminados do irmão.

— Eu não falei com Winnie Sinclair. Nunca, a não ser que eu esteja enganado. Como ela sabia?

Os olhos do homem mais velho ainda estavam furiosos.

— Alguém deve ter contado a ela. Quando eu descobrir quem, vou estrangulá-lo.

— Apenas um pensamento, — Jon ponderou, — mas você não me disse que ela chamou reforços numa briga doméstica sem você ligar e pedir por isso?

Kilraven se acalmou um pouco.

— Ela chamou, — ele lembrou. — Salvou minha vida também. O cara tinha uma espingarda e estava segurando sua esposa e filha como reféns porque ela estava tentando conseguir o divórcio. O reforço chegou com as sirenes e as luzes piscando. Distraindo-o tempo suficiente para que eu pudesse dominá-lo.

— Como ela sabia? — Jon perguntou.

Kilraven franziu a testa.

— Eu perguntei. Ela disse que teve um pressentimento. A pessoa que ligou não lhe contara sobre a espingarda, apenas que o ex-marido dela havia entrado e feito ameaças.

— Nosso pai costumava ter esses flashes de visão, — Jon lembrou. — Isso salvou sua vida em mais de uma ocasião. Pressentimentos inquietantes, ele os chamava.

— Como na noite em que minha família morreu, — Kilraven disse, sentando-se pesadamente numa poltrona em frente da televisão sem som. — Ele foi colocar gasolina no carro porque no dia seguinte tinha que viajar para fora da cidade pela Agência. Poderia ter ido a qualquer hora, mas foi naquela hora. Quando voltou...

— Você e metade da força policial da cidade estavam lá dentro, — Jon estremeceu. — Eu gostaria que eles tivessem te poupado disso.

Os olhos de Kilraven ficaram terríveis.

— Eu não consigo tirar aquilo da minha cabeça. Vivo com isso noite e dia.

— Assim como papai. Ele bebeu até morrer. Pensou que se não tivesse ido colocar gasolina elas poderiam ter vivido.

— Ou ele poderia ter morrido. — Ele estava se lembrando do discurso de Alice Mayfield Jones na semana anterior. — Alice Jones me deu uma bronca por causa dessa palavra “Se”,³ — sorriu tristemente. — Acho que ela está certa. Não podemos mudar o que aconteceu, — ele olhou para Jon. — Mas eu daria dez anos da minha vida para pegar os caras que fizeram isso.

— Nós vamos pegá-los, — Jon disse. — Eu prometo a você, nós vamos. Já jantou? — ele acrescentou.

Kilraven balançou a cabeça.

— Sem apetite, — ele olhou para a pintura de Winnie. — Você lembra como Melly usava o lápis? — Perguntou calmamente. — Mesmo aos três anos, tinha um grande talento... — Ele parou de modo abrupto.

Os olhos negros de Jon se suavizaram.

— Essa é a primeira vez que escuto você dizer o nome dela em sete anos, Mac, — ele disse gentilmente.

Kilraven fez uma careta.

— Não me chame...!

³ Referência a “bronca” que a Alice deu em Kilraven no capítulo 8 do livro *“O Rebelde”* (Homens do Texas 42).



— Mac é um apelido perfeito para McKuen, — ele disse, com teimosia. — Você recebeu esse nome por causa de um dos maiores poetas dos anos setenta, Rod McKuen. Eu tenho um dos seus livros de poemas aqui em algum lugar. Muitos deles foram transformados em música.

Kilraven olhou para as estantes cheias. Havia caixas de livros empilhados no canto.

— Como você consegue ler tudo isso? — ele perguntou, horrorizado.

Jon olhou para ele.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta. Você tem ainda mais livros do que eu. A única coisa que você tem mais do que livros são CDs de jogos.

— Isso compensa por uma vida social, eu acho, — ele confessou com um sorriso tímido.

— Eu sei, — Jon fez uma careta. — Afetou a nós dois. Eu tenho receio de me envolver com uma mulher depois do que aconteceu.

— Eu também, — Kilraven confessou. Ele estudou a pintura. — Fiquei furioso com isso, — ele disse, indicando o quadro. — O desenho é exatamente como o de Melly.

— Ela era uma doce e linda criança, — Jon disse baixinho. — Não é justo colocá-la tão longe em suas lembranças como se ela tivesse se perdido para sempre.

Kilraven soltou um longo suspiro.

— Eu acho que sim. A culpa tem me comido vivo. Talvez Alice esteja certa. Talvez apenas achemos ter o controle da vida e da morte.

— Acho que sim, — Jon sorriu. — Tenho sobra de pizza na geladeira e soda. Tem um super jogo de futebol passando na televisão. A Copa do Mundo vem por aí no próximo verão.

— Bem, para quem quer que eu torça perderá, como sempre, — ele replicou e se sentou no sofá. — Então, quem está jogando? — Perguntou, apontando para a televisão.

WINNIE ESTAVA COM O coração doente quando deixou a festa para ir para casa. Deixara Kilraven furioso, e logo quando ele estava prestes a deixar Jacobsville. Provavelmente não o veria novamente, especialmente agora.

— O que aconteceu com você? — Sua cunhada, Keely, perguntou quando entrou na cozinha onde a mulher mais nova estava fazendo pipoca.

— O que você quer dizer? — Winnie perguntou, tentando blefar.

— Não me venha com essa, — Keely colocou os braços ao redor dela e a abraçou. — Vamos, conte tudo para Keely.

Winnie explodiu em lágrimas.

— Eu dei a Kilraven um quadro. Ele não devia saber que era meu. Mas ele sabia! Ele olhou direto para mim, como se me odiasse, — ela fungou. — Eu arruinei tudo!

— A pintura do corvo? — Keely perguntou. — Era linda.

— Eu achei que ficou muito boa, — Winnie replicou. — Mas ele me olhou como se quisesse fazer um buraco em mim, então saiu da festa e não voltou mais.

— Talvez ele não goste de corvos, — a outra mulher sugeriu gentilmente. — Algumas pessoas têm medo de pássaros.

Winnie riu, balançando a cabeça em agradecimento a Keely por ter colocado um lenço de papel em suas mãos. Ela secou os olhos.



— Kilraven não tem medo de nada.

— Eu acho que não. Mas ele se arrisca, entretanto, — ela franziu a testa. — Você não mandou reforço para ele após um atentado a balas? Estavam falando sobre isso no trabalho. Uma das nossas garotas é parente da Shirley, que trabalha com você na central de operações 911, — ela lembrou.

Winnie fez uma careta. Tirou a bolsa do ombro, jogou-a no balcão e sentou-se à mesa.

— Sim, eu fiz isso. Não sei o motivo. Só sei que tive um pressentimento terrível de que algo ruim ia acontecer se não o fizesse. A pessoa que ligou não disse nada sobre o criminoso ter uma arma. Mas ele tinha uma espingarda carregada e estava tão bêbado que não se importaria se matasse sua ex-mulher e sua filhinha. E Kilraven foi até ele.

Ambas estavam lembrando de um incidente anterior, quando Winnie era nova no trabalho e falhou ao não informar uma arma envolvida em uma disputa doméstica. Kilraven estava naquele caso, e lhe deu um sermão pelo seu erro. Ela era muito mais cuidadosa agora.

— Como você sabia? — Keely insistiu.

— Eu realmente não poderia dizer. — Winnie sorriu. — Venho sentindo essas coisas por toda a minha vida, sabendo coisas que não tinha razão alguma para saber. Minha avó costumava colocar a mesa para visita quando nem fazíamos ideia que alguém viria. Eles apareciam exatamente quando ela pensava que viriam. A segunda visão, ela a chamava.

— Um dom. Ouvi dizer que a esposa de Cash Grier, Tippy, o tem.

— Assim como eu, — Winnie encolheu os ombros. — Eu não *sei*, no entanto. Só tenho esses pressentimentos. Geralmente, são pressentimentos ruins. — Ela olhou para Keely. — Tive um o dia todo. Não consigo me livrar dele. E não acho que a reação de Kilraven ao meu presente seja a razão. Eu me pergunto...

— Quem está vindo pela estrada? — Bonne Sinclair perguntou, juntando-se a elas. Ele roçou um beijo contra a boca de Keely. — Esperando alguém? — Perguntou a ela, incluindo Winnie na pergunta.

— Não, — Keely disse.

— Eu também não, — Winnie respondeu. — Não é o Clark?

Bonne balançou a cabeça.

— Ele voou para Dallas essa manhã para uma reunião com alguns compradores de gado para mim. — Ele franziu a testa enquanto olhava pela janela. — Carro velho, — observou. — Conservado, mas velho. Têm duas pessoas nele. — Seu rosto contraiu quando uma mulher desceu do banco do motorista e foi até o lado do passageiro. Ela ficou iluminada pelas luzes de segurança, pois já estava escuro. Boone a reconheceu apenas pelo jeito de andar. Ela falou com alguém no carro e pegou uma maleta pela janela. Sorriu, acenou com a cabeça e virou-se para a casa. Hesitou apenas por um minuto antes de começar a subir os degraus da frente. Boone lhe deu uma boa olhada, então. Ela era, ele pensou, a cara de Winnie. Seu rosto endureceu.

Keely sabia que alguma coisa estava acontecendo pelas expressões deles. Winnie estava olhando pela janela ao lado de Boone, seus olhos negros brilhando como sirenes. Antes que Keely pudesse fazer uma única pergunta, Winnie explodiu.

— Ela! — Exclamou. — Como ela ousa vir aqui! Como ela ousa!



CAPÍTULO 2



WINNIE SAIU CORRENDO para o corredor. Seu rosto estava tenso, com raiva.

— Quem é ela? — Keely perguntou a Boone, preocupada. Seu rosto tinha ficado rígido.

— Nossa mãe, — disse ele amargamente. — Nós não nos vemos desde que ela foi embora. Ela fugiu com o nosso tio e se divorciou do nosso pai para se casar com ele.

— Oh, querido, — Keely disse mordendo o lábio. Ela olhou para sua expressão de raiva. — Acho que vou lá para cima. Será melhor vocês dois conversarem com ela a sós.

— Eu estava pensando a mesma coisa. Contarei tudo para você mais tarde, — Boone disse suavemente, beijando-a.

— Certo.

WINNIE JÁ TINHA se adiantando para abrir a porta da frente. Ela olhou para a versão de si mesma, com o ódio fervilhando.

— O que você quer aqui? — ela exigiu furiosa.

A mulher, alta e distinta, com cabelos loiros salpicados de cinza e bem penteados, vestindo um terninho escuro, piscou como se o ataque fosse inesperado. Ela franziu o cenho.

— Winona? — perguntou ela.

Winnie virou-se e disparou de volta para a sala de estar.

Os olhos de Boone se estreitaram.

— Se você está aqui à procura de dinheiro — ele começou num tom frio.

— Eu tenho um bom trabalho — ela respondeu perplexa. — Por que iria querer seu dinheiro?

Ele hesitou, mas só por um momento. Ficou de lado, o rosto rígido, e deixou-a entrar pela porta. Ela estava carregando uma maleta. Olhou ao redor, como se não reconhecesse o lugar. Fazia muito tempo desde que tinha vivido ali.

Ela virou-se para Boone, muito séria e solene.

— Eu tenho algumas coisas para você. Elas pertenciam ao seu pai, mas seu tio as levou quando ele... Quando ele e eu — corrigiu, forçando as palavras através de seus dentes — fomos embora daqui.

— Que tipo de coisas? — Boone perguntou.

— Relíquias de família, — respondeu ela.

— Por que nosso tio não veio com você?

Suas sobrancelhas se arquearam.

— Ele morreu há um mês. Ninguém te contou?

— Sinto muito, — disse ele com firmeza. — Deve ser triste para você.

— Eu me divorciei de seu tio há doze anos, — disse ela secamente. — Ele estava morando com uma mulher de baixo nível que ganha a vida com tráfico de drogas, vendendo metanfetamina nas ruas. Ela é uma viciada também. — Ela apontou a maleta. — Eu disse a ela que essas coisas pertenciam à família de seu namorado e que



os procedimentos legais poderiam ser tomados se não a entregasse. — Sua expressão era determinada. — Elas pertencem a esse lugar.

Ele a guiou para a sala de estar. Winnie estava sentada ereta em uma poltrona, tão acolhedora como uma cobra.

A mulher mais velha sentou-se graciosamente no sofá, com os olhos indo para a cornija, sobre a qual pendia uma pintura do falecido pai de Boone, Winnie e Clark. Seu olhar permaneceu sobre ela tristemente, mas apenas por alguns segundos. Colocou a pasta sobre a mesa de café e abriu-a. Ela tirou vários itens, alguns feitos de ouro, incluindo peças de joias que valiam o resgate de um rei.

— Pertenciam a sua bisavó, — disse ela aos outros ocupantes da sala. — Ela era uma moça bem-nascida, espanhola de Andaluzia, que veio para cá com o pai vender a um fazendeiro um garanhão premiado. Seu bisavô trabalhava como capataz nesse rancho. Ele tinha muito pouco dinheiro, mas sonhava grande e era um trabalhador. Ela se apaixonou por ele e se casaram. Foi com sua herança que comprou esta terra e construiu a casa que originalmente estava assentada sobre ela — ela sorriu. — Eles diziam que ela era mais corajosa que qualquer um dos cowboys, e que realmente enfrentou uma vez um touro que tinha chifrado seu marido, usando a mantilha como capa. Salvou sua vida.

— Há um quadro dela no quarto de hóspedes do andar de cima — Boone disse calmamente, levantando um dos broches em suas mãos fortes e bronzeadas.

— Por que você se deu ao trabalho de trazê-las de volta? — Winnie perguntou friamente.

— Elas foram vendidas para comprar drogas, — ela respondeu simplesmente. — Eu me sentia responsável por elas. Bruce as levou quando fomos embora. — Sua face enrijeceu. — Ele se sentiu deliberadamente deixado de fora do testamento de seu avô. Ficou furioso quando seu pai herdou o rancho. Queria se vingar.

— Então ele a corrompeu e a forçou fugir com ele, — Winnie disse com um sorriso gelado.

— Eu não fui obrigada, — a mulher mais velha disse gentilmente. — Eu era ingênua e estúpida. E não espero ser bem vinda novamente a família porque devolvi algumas peças de herança. — Pegou sua bolsa e se levantou. Seus olhos iam de seu filho para a filha. — Clark está?

Boone sacudiu a cabeça.

— Tinha um encontro.

Ela sorriu com tristeza.

— Eu gostaria de vê-lo. Faz tanto tempo.

— A escolha foi sua, não foi? — Winnie acusou. Levantou-se também, os olhos escuros faiscando. — Papai te odiava por abandoná-lo e eu pareço com você, não é? *Eu* paguei pela dor dele. Paguei por isso todos os miseráveis dias em que ele esteve vivo.

— Sinto muito, — a mulher mais velha disse pausadamente.

— Sente muito. Sente muito! — Winnie ergueu a blusa e se virou. — Quer ver o quanto você deve realmente sentir?

Boone perdeu o fôlego quando viu as marcas em suas costas. Havia cicatrizes. Duas delas. Corriam ao longo de sua coluna em trilhas brancas.

— Você nunca me contou que ele tinha feito isso! — Boone acusou furioso.

— Ele disse que se eu contasse, você e Clark teriam lembranças semelhantes, — ela interrompeu, puxando a blusa para baixo.

A mulher mais velha estremeceu. Assim como Boone.



— Eu queria vê-la há anos, — disse Winnie extremamente corada. — Eu queria te dizer o quanto te odiei por fugir, nos abandonando!

Ela só balançou a cabeça.

— Eu não culpo você, Winona — ela disse com uma voz firme e calma. — Eu fiz uma coisa terrível, a todos vocês. — Deu um longo suspiro e sorriu tristemente. — Você pode não acreditar, mas tive que pagar um preço, também.

— Bom, — Winnie cortou. — Fico feliz! Agora, vá embora, por favor. E não volte!

Ela virou e subiu correndo a escada.

Boone acompanhou sua mãe até a porta e a abriu para ela. Sua expressão era implacável. Mas os seus olhos estavam curiosos, principalmente quando viu que tinha um passageiro em seu carro. Não era um carro novo, mas era bem conservado. Ele observou suas roupas. Não eram de lojas luxuosas, mas funcionais, sem serem baratas. Seus sapatos eram de solado grosso e de amarrar. Ela estava impecavelmente limpa, inclusive suas unhas. Ele se perguntou o que ela faria para viver. Parecia ser uma mulher sensata.

— Obrigado por nos devolver as peças, — disse ele depois de um minuto.

Gail Rogers Sinclair olhou para ele com orgulho silencioso.

— Você se parece com seu pai, como ele era quando nos casamos. — Ela franziu o cenho. — Eu não li que você se casou este ano?

— Sim. O nome dela é Keely. Ela trabalha para um veterinário local.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sua mãe foi morta.

Ele piscou.

— Sim.

— Pelo menos o crime foi rapidamente resolvido, — respondeu ela. — Este novo assassinato em Jacobsville está recebendo muita atenção dos federais. Não acho que vai ser tão fácil pegar o criminoso. — Ela procurou seus olhos. — Pode haver uma ligação com o caso de seu tio, — disse ela calmamente. — Não tenho certeza ainda, mas isso poderia significar uma má publicidade para vocês três. Vou tentar manter segredo, mas essas coisas sempre encontram uma maneira de vir à tona. Há sempre um repórter engenhoso com uma reputação a construir.

— Isso é verdade. — Ele estava curioso com sua familiaridade com o caso. — Quão envolvida você está nisso? — Ele quis saber.

— É necessário que eu esteja, mas você não, — ela disse, tornando as palavras gentis com um sorriso. — Eu sei que Winnie trabalha como atendente na central de emergência. Estou muito orgulhosa dela. É uma coisa generosa que ela faz, trabalhando para seu sustento, mesmo que não precise.

— Sim. Como nosso tio está envolvido no assassinato?

— Não sei ainda. O caso ainda está sob investigação. Turbulento — acrescentou. — Muito, muito turbulento, e pode envolver algumas pessoas importantes antes de terminar. Mas isso não deve causar problemas para vocês três, — acrescentou. — O assassino não tem nada a temer de vocês. — Ela olhou para o relógio. — Tenho que ir. Vim para conversar com um amigo, e estou atrasada. Sinto por não conseguir ver Clark. O que ele faz?

— Trabalha comigo no rancho, — disse Boone. Ele foi somando a atitude dela e sua indiferença em relação à sua riqueza e sua tristeza. — Algum dia, — disse ele — talvez precisemos conversar.

Ela sorriu para ele com olhos tranquilos.



— Não há nada mais a ser dito. Nós não podemos mudar o passado. Eu cometi erros que não posso corrigir ou reparar. Agora, só tenho meu trabalho e tento ajudar sempre que posso. Cuide-se. Foi muito bom ver vocês dois mesmo sob essas circunstâncias.

Ela olhou para ele um momento com tanta dor em seus olhos e no rosto que o fez se sentir culpado. Finalmente, ela virou-se e desceu os degraus em direção ao carro. Boone olhou para ela, carrancudo com as mãos nos bolsos. Ela entrou no carro, falou com uma pessoa mais baixa no banco do passageiro, ligou o motor e lentamente se afastou.

WINNIE DESCEU DEPOIS que o carro foi embora. Seus olhos estavam molhados, o rosto vermelho de mau humor, apesar de Keely tê-la confortado.

— Ela se foi, então. Já foi tarde!

Boone ficou pensativo.

— Eu gostaria que você tivesse me contado o que papai fez com você.

Ela conseguiu dar um fraco sorriso.

— Eu queria. Mas tinha medo do que ele poderia fazer. Ele realmente me odiava. Disse que eu era a imagem da minha mãe, mas queria ter certeza de que eu nunca iria querer seguir seus passos.

— Ele a mantinha na igreja toda vez que ela estava aberta — ele respondeu calmamente.

— Sim. — Ela colocou os braços ao redor de si mesma. — E ameaçou todos os meninos que vieram aqui me ver. Acabei com uma vida social inexistente, — suspirou. — Acho que sou muito reprimida.

— Você também é muito agradável — disse Boone. Ele colocou os braços em volta dela e abraçou-a carinhosamente. — Você sabe que apesar da infelicidade na nossa infância, nos saímos muito bem, não é?

— Você certamente, — ela disse enxugando as lágrimas e sorriu. — Eu amo Keely. Ela não é apenas minha melhor amiga, agora é minha cunhada.

Ele estava sombrio.

— Você salvou sua vida após a mordida da cascavel, — ele disse calmamente. — Ela teria morrido e eu teria sido o responsável. — Seu rosto endureceu. — Não posso imaginar porque eu acreditava em tais mentiras sobre ela.

— Tenho certeza que o detetive da sua ex-namorada foi convincente — ela disse. — Você não deve olhar para trás. Keely te ama. Ela nunca deixou de te amar, nem mesmo quando pensava que você a odiava.

Ele sorriu.

— Eu era um caso difícil.

— Bem, nós todos somos vítimas de nossa infância, suponho. Papai foi duro com você também.

— Ele não podia me dobrar, — lembrou. — Ficava furioso comigo, mas me respeitava.

— Isso provavelmente foi o que te salvou do mesmo tratamento que recebi, — ela suspirou. — Foi há doze anos, quando ela foi embora. Eu tinha dez anos. Dez anos.

— Eu era tecnicamente um adulto, — lembrou. — Clark estava no colégio. — Ele balançou a cabeça. — Ainda não entendo por que ela trocou nosso pai pelo nosso tio. Ele era um homem fraco, sem caráter e sem ética no trabalho. Não é nenhuma surpresa



para mim que estivesse traficando drogas. Ele sempre preferiu a maneira mais fácil de ganhar dinheiro. Papai pagou sua fiança da cadeia mais de uma vez por roubar.

— Sim. — Ela olhou para a herança de família sobre a mesa do café. — É surpreendente que nossa mãe as tenha trazido de volta. Ela poderia tê-las vendido por uma boa soma em dinheiro.

— Um bocado de dinheiro, — disse Boone. Ele franziu o cenho, recordando o que ela havia dito sobre a possível ligação do tio com as pessoas suspeitas no local do assassinato. Ele olhou para Winnie, mas não disse nada sobre isso. Ela já estava muito abalada. Poderia esperar. — Quem será que estava com ela no carro? — ele acrescentou de repente.

Ela se virou.

— Um namorado, talvez — disse ela secamente. — Eu poderia dizer que era um homem, lá de cima. Mas parecia muito baixo.

— Não é da nossa conta, — disse Boone. Ele pegou um broche com uma pequena pintura de uma linda garotinha espanhola, em meio à adolescência por seu olhar, toda vestida de preto com uma mantilha. Seu batom vermelho e uma rosa vermelha no cabelo sob a mantilha de renda preta eram as únicas coisas brilhantes na miniatura. Seu cabelo era longo, preto e brilhante. Ela tinha um pequeno sorriso meio estranho nos lábios. Misteriosa. Ele sorriu, olhando para ela. — Quem seria ela? — ele ponderou em voz alta.

— Vire-o. Talvez haja iniciais ou alguma coisa assim, — ela sugeriu enxugando os olhos com um lenço.

Ele fez e franziu a testa.

— Está marcado com um pedaço de fita: “Señorita Rosa y Carrera Sinclair”. — Ele assobiou. — Ela era nossa bisavó, pelo seu primeiro casamento! Eu deveria ter percebido, mas seu retrato que está lá em cima foi pintado quando já era mais velha.

Winnie olhou para ele, pegou-o de suas mãos e estudou o rosto adorável.

— Ela era muito bonita — ela riu. — E toureou com uma mantilha! Deve ter sido corajosa.

— Se o que me lembro de ter ouvido de papai sobre o nosso bisavô é verdade, ela tinha que ser corajosa.

— Verdade. — Ela devolveu o broche e olhou para os outros tesouros. — Tantos rubis, — pensou. — Deveria amá-los.

— Você deveria escolher alguns para usar, — sugeriu.

Winnie riu.

— E onde iria usar uma joia cara assim? — ela o repreendeu. — Trabalho na Delegacia de Jacobs. O que as meninas iriam pensar se me vissem com um desses no vestido? Shirley iria cair da cadeira de tanto rir.

— Você deveria sair mais, — disse ele melancólico.

Ela lhe deu um olhar longo e triste.

— Agora é que eu nunca vou sair. Kilraven irá embora depois do Natal, — ela disse. Seu semblante triste. — Dei a ele a pintura do corvo na festa. Ele olhou para mim como se eu tivesse cometido um assassinato bem embaixo do seu nariz e saiu sem sequer falar comigo. — Ela corou. — Nunca senti tanta dor...

— Pensei que os presentes fossem anônimos.

— E eram. Não sei como ele soube que era meu. Nunca contei a ele que eu pintava.



— Ele é uma pessoa curiosa, — comentou Boone. — Ele tem pressentimentos. Do tipo que você costuma ter, — acrescentou com um sorriso. — Mandando reforço quando pensou que ele estava indo atender uma briga doméstica de rotina, sem armas envolvidas.

Ela assentiu com a cabeça.

— Ele ficou furioso com isso, também. Mas salvou sua vida.

— Você realmente precisa ver a mulher de Cash Grier, Tippy. Ela tem intuições, também.

— Ela sabe das coisas, — respondeu Winnie. — Seja qual for o tipo de dom mental que isso signifique, não tenho sua precisão. Eu apenas me sinto desconfortável antes de algo ruim acontecer. Tal como hoje, — disse calmamente. — Eu me senti mal durante o dia todo. Agora sei por quê.

— Você se parece com ela. — Ele ia acrescentar que sua mãe costumava ter pressentimentos estranhos sobre coisas que depois acabavam acontecendo, mas não disse nada.

— Sim, — disse ela secamente e olhou para a joia. — Eu não deveria ter sido tão desagradável. Ela fez uma coisa boa. Mas nunca será capaz de nos compensar pelo abandono.

— Ela sabe disso. Disse que não veio para pedir perdão.

Winnie franziu o cenho.

— Por que ela veio?

— Ia encontrar alguém.

— Um namorado aqui no Condado de Jacobs? — ela perguntou secamente.

— Não, ela disse que era a negócios. — Ele franziu a testa também. — Sabe, ela parece saber muita coisa sobre aquele recente assassinato.

— Por que ela saberia?

Boone fez uma careta.

— Eu não ia dizer, mas parece que o nosso tio pode ter tido ligações com o caso.

Ela soltou um suspiro.

— Oh, isso é ótimo. Agora ele não é apenas o homem que roubou nossa mãe, é um assassino também!

— Não é esse tipo de envolvimento, — ele respondeu. — Acho que ele poderia ter alguma ligação com as pessoas envolvidas. Pelo que ela disse, ele era usuário de drogas pesadas.

— Não é de se estranhar. Nunca gostei dele, — confessou. — Ele estava sempre implicando com papai, tentando competir com ele em tudo. Isso me deixava triste porque ninguém parecia perceber que ele não era igual ao nosso pai nos negócios, no rancho ou em qualquer outra coisa.

— Nosso pai tinha algumas boas qualidades. Bater em você não era uma delas, — acrescentou friamente. — E se eu soubesse a respeito disso, teria batido nele até atravessar uma parede!

— Sei disso. Foi só uma vez, — ela disse baixinho. — E ele tinha bebido. Foi justamente depois que ele e nossa mãe se encontraram naquela época, quando ele pensava que ela queria voltar. Não foi muito depois que ela foi embora com o nosso tio. Ele voltou para casa quieto e furioso, e bebeu como um peixe por cerca de dois meses. Foi quando me bateu. Ele se arrependeu depois e prometeu nunca mais fazê-lo novamente. Mas me odiava, só porque eu parecia com ela.

— Sinto muito.



— Eu também, — disse ela com um suspiro. — É algo que me virou contra os homens, pelo menos quando se trata de casamento.

— Exceto com Kilraven.

Ela corou e olhou para ele.

— Ele provavelmente nunca mais vai falar comigo depois do que aconteceu na festa. Não entendo por que estava tão irritado, — ela suspirou. — Claro que não entendo por que pintei um corvo para ele, também. Não é um dos meus temas habituais. Gosto de flores. Ou retratos.

— Você é muito boa com retratos.

— Obrigada.

— Poderia ter seguido a carreira de retratista ou mesmo ilustradora.

— Nunca me dediquei, — respondeu ela. — Eu realmente amo meu trabalho, — acrescentou.

— Como Keely, — ele respondeu com um sorriso indulgente. — Não é uma coisa ruim, trabalhar quando não se precisa.

— Você deveria saber, — ela acusou rindo. — Você trabalha duro no rancho com seus homens. Esse repórter da “*Modern Ranching World*” teve que aprender a montar um cavalo só para entrevistá-lo sobre sua nova tecnologia verde, porque nunca conseguiria encontrá-lo a menos que ele viesse no rancho.

— Eles vão me colocar na capa, — murmurou. — Não me importo de fazer o artigo, acho que é bom para a imagem pública da pecuária. Mas não gosto da ideia de me ver olhando para mim mesmo de uma prateleira de revistas.

— Você é muito bonito, — ela disse. — E isso é bom para as vendas. Não que você vá conseguir vender a ideia da criação do bife humanitário para vegetarianos, — acrescentou com uma risada.

Ele deu de ombros.

— Enquanto as pessoas quiserem um delicioso e suculento bife em um restaurante, não há muita chance de que os fazendeiros se voltem para a criação de gado doméstico.

— Como é que é?

— Bem, você poderia colocar uma fralda em um bezerro e trazê-lo para dentro...

Winnie bateu nele.

— Estou indo para a cama, — ela disse. — E quando chegar lá em cima, vou contar para Keely o que você acabou de dizer.

— Não! — Ele lamentou. — Eu estava brincando sobre isso. Mas ela realmente o faria!

Ela riu.

— Não haveria espaço. Bailey é tão grande quanto um bezerro.

O velho pastor alemão olhou por cima de sua confortável cama de cachorro, perto da lareira e abanou o rabo.

— Viu? — Ela perguntou. — Ele sabe que é um bezerro.

Boone balançou a cabeça. Curvou-se para acariciar a pelagem do cão e olhou para Winnie.

— Você vai ficar bem?

— Claro. — Ela hesitou. — Obrigada.

— Por quê?



— Por ser meu irmão. Não deixe as joias dando bobeira por aí, — ela aconselhou. — Se Clark chega em casa e as vê, vai pedir algumas para dar a qualquer garota por quem esteja apaixonado no momento.

— Boa ideia, — ele disse sorrindo. — Vou colocá-las no cofre e na segunda feira vou até a cidade e deposito-as no cofre do banco.

— Ela poderia tê-las vendido e nós nunca saberíamos, — Winnie respondeu calmamente. — Eu me pergunto por que não fez isso? Ela não está dirigindo um carro novo. Suas roupas são bonitas, mas não são caras.

— Não se pode dizer o porquê, — ele disse.

— Ela disse algo sobre onde estava indo?

Boone balançou a cabeça.

— Só que iria encontrar um amigo.

— A essa hora? Quem será que ela conhece aqui? — Winnie meditou. — Ela costumava ser amiga de Barbara, que administra o café. Mas Barbara me disse anos atrás que não tinha ouvido uma palavra sobre ela.

— Pode haver algum recém-chegado, — disse Boone. — Não é da nossa conta, de qualquer maneira.

— Também acho. Bem, estou indo para a cama. Foi um dia muito longo.

— Para você, com certeza — disse simpaticamente. — Primeiro Kilraven, agora a nossa mãe.

— As coisas só podem melhorar, certo? — Ela perguntou sorrindo.

— Espero que sim. Diga a Keely que vou fazer algumas ligações e já subo. Durma bem.

Ela sorriu.

— Você também.

KILRAVEN TINHA ACABADO de estacionar na garagem de sua afastada casa alugada em Comanche Wells quando notou um carro sedan parado. Sempre excessivamente cauteloso, sacou sua 45 automática antes de abrir a porta do carro. Mas quando saiu e viu quem era seu visitante, colocou-a de volta no coldre.

— Que diabos você está fazendo aqui a essa hora da noite? — perguntou ele.

Ela sorriu.

— Temo que trazendo más notícias. Não poderia fazê-lo em seu telefone celular, então aproveitei a oportunidade e dirigi até aqui.

Ele parou perto do carro.

— O que está errado, Rogers? — Ele perguntou, porque sabia que tinha que ser algo importante para trazê-la de San Antonio.

Ela não o corrigiu. Seu sobrenome era Sinclair, mas tinha voltado a usar seu nome de solteira depois que se divorciou de Bruce Sinclair. Agora, usava o nome Gail Rogers. Encostou no carro e suspirou, cruzando os braços sobre o peito.

— É Rick Marquez, — disse. — Alguém o atacou em um beco perto de seu apartamento e o deixou quase morto.

— Bom Deus! Será que sua mãe sabe?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ela está no hospital com ele. Assustada até a morte. Mas ele parece pior do que está. Gravemente ferido e uma costela fraturada, mas vai sobreviver. Ele está louco da vida. — Ela riu. — Quem bateu nele vai desejar nunca ter ouvido seu nome.



— Pelo menos ele ficará bem, — disse Kilraven. Ele fez uma careta. — Este caso está ficando cada vez mais interessante, não é?

— Quem está por trás desses assassinatos parece sentir que a contagem de corpos já não importa.

— Ele está se sentindo acuado e está desesperado, — Kilraven concordou. Seus olhos se estreitaram. — Olhe a sua volta. Você corre tanto perigo quanto Marquez. No mínimo, deveriam colocá-la para fazer serviço administrativo até que tenham alguma pista sobre o que está acontecendo.

— Não vou ficar sentada numa mesa e deixar todos à minha volta correr riscos, — ela respondeu calmamente.

— Ainda...

Ela levantou a mão.

— Desista. Sou teimosa.

Ele suspirou.

— Tudo bem. Mas seja cautelosa, ok?

— Claro que serei. Os legistas não descobriram nada de interessante sobre o corpo encontrado aqui?

— Alice Jones está tratando do caso. Ela tem um pedaço de papel que está trazendo segredos à tona, mas não disse nada de novo. O Senador Fowler está realmente colaborando. Chocou-o que uma de suas empregadas aparecesse morta. Alguém tentou fazer com que parecesse suicídio, mas não fizeram sua lição de casa. Tinha a pistola na mão errada.

— Ouvi sobre isso, — disse ela. — Desleixado. Muito desleixado.

— Isso é o que me preocupa. — Ele mordeu o lábio inferior. — Vou pedir um tempo para trabalhar neste caso. Agora que o nosso mais novo senador Will Sanders parou de colocar obstáculos em nosso caminho, talvez possamos dar um tempo. Com Marquez fora, você vai precisar de alguma ajuda. E tenho bons contatos.

— Eu sei. — Ela sorriu. — Nós poderíamos realmente resolver seu caso. Espero que sim.

— Eu também. — Seu rosto estava tenso com a dor. — Passei os últimos sete anos à espera de algo para ajudar a desvendar o caso. Talvez este último assassinato seja isso.

— Bem, será lento — disse ela. — Não estamos nem perto de identificar o homem encontrado morto em Jacobs ou as pessoas que mataram a empregada do Senador Fowler. Agora temos o ataque de Marquez para trabalhar também. — Ela balançou a cabeça. — Eu deveria ter arrumado um emprego para assar bolos em um restaurante.

Kilraven lhe deu um olhar de surpresa simulada.

— Você sabe cozinhar?

Ela olhou para ele.

— Sim, sei. Com o meu salário, quem pode se dar ao luxo de comer fora?

Ele riu.

— Venha trabalhar para mim. Tenho uma ajuda de custo.

— Não, obrigada — ela disse, colocando as mãos para cima. — Já ouvi falar de algumas de suas façanhas.

— Mentiras, — ele disse. — Inventadas pelos colegas invejosos.

— Pendurar-se em um helicóptero com uma mão, atirando com uma arma automática, sobre um *oceano* — ela relatou, enfatizando a última palavra.

— Não fiz isso, — disse com altivez.



Ela apenas olhou para ele.

— De qualquer forma, eu não estava pendurado pela minha mão — ele hesitou e então sorriu. — Enrolei uma das pernas numa rede de carga e fiquei pendurado!

— Estou indo para casa, — ela disse com uma risada.

— Mantenha as portas trancadas, — aconselhou com firmeza.

— Pode apostar que sim.

Ela sentou ao volante e fechou a porta. Ao lado dela, uma pessoa envolta nas sombras acenou. Ele acenou de volta. Imaginou quem seria seu companheiro. Não conseguia vê-lo claramente na escuridão, mas parecia jovem. Talvez um estagiário, pensou. E andou em direção à sua casa.



CAPÍTULO 3



KILRAVEN SENTIU-SE DESCONFORTÁVEL quando lembrou o quanto Winnie Sinclair ficara chateada na festa de Natal. Quando se recuperou de sua raiva inicial, percebeu que provavelmente ela não poderia saber da fascinação de sua filha por corvos. Afinal, quem poderia ter dito a ela? Só ele e Jon sabiam. Bem, sua madrasta — a mãe de Jon — sabia. Mas Cammy não tinha nenhum contato com Winnie.

Havia uma outra coisa. Como ele sabia que Winnie tinha pintado o retrato para ele? Tudo foi feito em segredo. Era perturbador que se sentisse tão certo, e que *estivesse* certo. As lágrimas dela ao ver seu rosto zangado haviam feito a conexão para ele. Kilraven estava arrependido de seu comportamento. As mortes ainda lhe eram perturbadoras. Ele não conseguia encontrar a paz. Em sete anos, a dor não diminuía.

Winnie tinha sentimentos por ele. Em outro tempo, outro lugar, isso o teria lisonjeado. Mas não tinha nenhum interesse em mulheres ultimamente. Tivera um encontro com Gloryanne Barnes antes de ela se casar com Rodrigo Ramirez, mas aquilo não fora nada além de amizade e paixão. Winnie, entretanto, poderia ser um caso diferente. Era por isso que tentava não demonstrar sua atração por ela. Era por isso que a evitava. Se ao menos, ele pensou, evitando-a o impedisse de querer ficar mais íntimo dela.

Ele voltaria para San Antonio em breve. Iria tirar uma licença e tentaria ajudar a resolver o caso arquivado que o assombrava por sete longos anos. Talvez conseguisse finalmente ter paz se o assassino pudesse ser trazido à justiça.

Ainda bem que aquele Senador Fowler e seu protegido, Senador Sanders, haviam parado de lutar com eles sobre reabrir o caso. Era ruim que alguns políticos poderosos pudessem estar envolvidos, mesmo que às margens do crime. Seus nomes fariam deste um caso altamente notório, e os tabloides teriam um dia de campo. Kilraven encolheu-se involuntariamente ante o pensamento de ver as fotos da autópsia enquanto estava na fila do supermercado, onde os tabloides eram exibidos no caixa. Hoje em dia, alguns repórteres não pensavam nem um pouco no direito de privacidade da família. Afinal, um furo de reportagem ainda era um furo de reportagem.

Kilraven jogou o caso para o fundo de sua mente, como tentava ao máximo todos os dias. Ele tinha apenas alguns dias restantes em Jacobsville. Iria fazer seu trabalho, então arrumaria as malas e iria para casa. Nesse meio tempo, tentaria explicar a Winnie Sinclair por que sua atitude em relação a ela havia sido tão violenta na festa de natal. Não queria encorajá-la, mas não podia partir com a imagem da expressão magoada dela em sua mente.

WINNIE ACABARA DE passar uma angustiante meia hora encaminhando dois carros da polícia a um impasse numa loja de conveniência. Aliás, aquela era uma das únicas três lojas de conveniência em toda a cidade. O perpetrador, um jovem marido com um histórico de más decisões, ficara bêbado e decidira ganhar um dinheiro rápido para comprar um casaco bonito para sua esposa. Quando o balconista sacou uma arma,



o rapaz atirou e atingiu o funcionário no peito. Ele havia se escondido na loja com o homem ferido quando os fregueses chamaram a polícia.

Winnie enviou um oficial de polícia de Jacobsville para a cena. Outro policial entrou em contato para dizer que estava indo em auxílio do primeiro oficial. Aquilo era algo comum. Os policiais cuidavam uns dos outros, assim como os despachantes faziam.

Não havia nenhum negociador de reféns propriamente dito, mas Cash Grier preencheu o cargo por seu departamento. Ele falou com o jovem para largar sua arma. Graças a Deus o rapaz não havia bebido o suficiente para ignorar o chefe e sair atirando. Cash o desarmara e depois pedira à Winnie que dissesse aos paramédicos para entrar. Era rotina os paramédicos serem chamados e esperarem do lado de fora numa situação perigosa até que os oficiais da lei certificassem que era seguro para eles entrar. Era apenas mais um exemplo de como os serviços de emergência cuidavam uns dos outros.

O BALCONISTA ESTAVA GRAVEMENTE ferido, mas iria sobreviver. O jovem foi encaminhado ao centro de detenção para ser fichado e aguardar a acusação. Winnie ficou feliz por eles terem sido capazes de evitar uma tragédia.

Ela dirigiu seu pequeno VW de volta ao rancho e se sentiu feliz. Fora difícil atravessar o dia após o evidente desprezo recebido de Kilraven na festa de Natal. Ainda estava sofrendo e não apenas por aquilo. A visita de sua mãe havia lhe deixado ainda mais incomodada.

Quando chegou em casa, encontrou Keely e Boone esperando por ela na sala.

— Tem um parque de diversões na cidade. Nós estamos indo, — Keely disse, — e você virá conosco. Você precisa de um pouco de descanso e diversão depois de toda aquela excitação no trabalho.

— Como você sabia...? — Winnie exclamou.

— Boone tem um rádio transmissor, — Keely salientou, sorrindo.

Boone sorriu também.

Winnie riu, tornando a vestir o casaco que acabara de tirar.

— Ok, estou dentro. Vamos arremessar moedas e ganhar pratos.

Boone jogou as mãos para o alto.

— Querida, você poderia comprar aqueles pratos por cinco centavos cada no *Dish Barn*, no centro!

— É mais divertido se você ganhá-los, — disse Winnie empertigada. — Além do mais, eu quero um algodão doce e um passeio no Octopus!

— Eu também, — disse Keely. — Venha, querido, — ela chamou a Boone, enquanto passavam pela porta dos fundos. — Vai acabar todo o algodão doce!

— Não precisa se preocupar, — ele disse, trancando a porta. — Eles farão mais.

O PARQUE DE DIVERSÕES ESTAVA BARULHENTO e colorido, e a música era inebriante. Winnie comeu algodão doce e andou no Octopus com Keely, rindo enquanto o vento varria o cabelo delas e a música soava entre as luzes brilhantes.

Mais tarde, com o tornozelo afundado na serragem, Winnie parou diante da cabine de arremessar moedas de um centavo e o vendedor lhe deu um punhado de moedas em troca de sua nota de dois dólares. Na verdade ela estava jogando moedas



de cinco ou dez centavos, não de um, mas Winnie sempre pensava no jogo em termos de se arremessar as menores moedas de troco.

No exato momento em que contemplava a trajetória certa para pousar uma moeda num prato, ela viu o Dr. Bentley Rydel parado muito perto de Cappie Drake. Atrás deles e se aproximando estava o Oficial Kilraven, ainda de uniforme. Winnie parou para olhar para ele. Ele conversava com o casal e sorria. Mas então viu Winnie por sobre a cabeça deles e seu sorriso desapareceu. Kilraven se virou abruptamente e caminhou imediatamente para fora do parque de diversões. Ela sentiu seu coração afundar ao nível do solo. Bem, ele havia deixado sua opinião a seu respeito bem clara, pensou miseravelmente. Kilraven não a perdoara pela pintura. Winnie voltou para a cabine, mas sem nenhum entusiasmo real. A noite fora estragada.

CASH GRIER CHAMOU Kilraven alguns dias depois e pediu sua ajuda. Cappie Drake e seu irmão estavam em perigo. Seu irmão fora machucado pelo ex-namorado violento de Cappie, recém-saído da prisão por uma condenação de agressão proveniente de um ataque a ela. Agora ele parecia estar à procura de sangue. Eb Scott disponibilizou homens para vigiar Cappie, mas Kell iria precisar de alguma proteção; Ele estava num hospital de San Antonio onde acabara de sofrer uma cirurgia para remover um estilhaço de bomba que o paralisara anos atrás. Cash pediu a Kilraven que fosse até lá e mantivesse o olho em Kell até que a polícia de San Antonio conseguisse pegar o criminoso.

Kilraven foi com prazer. Era um alívio poder sair da cidade, mesmo que por alguns dias. Mas logo tudo estava terminado e ele estava de volta a Jacobsville mais uma vez, combatendo seus sentimentos por Winnie. Até agora não estava mais perto de uma solução para o seu problema. Não sabia como iria lidar com o desconforto que sentiria ao deixar Winnie Sinclair para trás para sempre. E ainda havia aquela estranha coincidência com a pintura. Ele realmente precisava saber por que ela pintara aquilo.

Naquele meio tempo, Alice Jones ligara pra ele com algumas notícias chocantes. O pedaço de papel encontrado na mão do homem morto em Jacobsville continha o número do celular de Kilraven. Agora ele sabia que estivera certo ao pedir aquela dispensa para trabalhar em seu caso não solucionado. O homem sabia algo sobre os assassinatos e tentara entrar em contato com Kilraven, quando fora morto. Aquilo era uma brecha que poderia desvendar o caso, se conseguissem identificar a vítima e seus contatos.

NA SEMANA SEGUINTE Winnie trabalhou num turno para o qual não estava escalada, substituindo Shirley que estava de licença, doente. Quando saiu aquela tarde, para sua surpresa, encontrou Kilraven esperando por ela na porta.

Ela realmente ofegou em voz alta. Os olhos prata dele estavam brilhando enquanto a encarava.

— Oi, — ela gaguejou.

Ele não respondeu.

— Entre no seu carro e me siga, — ele disse com tranquilidade.

Kilraven caminhou para o seu carro patrulha. Ele estava tecnicamente fora de serviço, mas ainda de uniforme. Os oficiais em Jacobsville levavam seus carros para casa, assim estariam preparados a qualquer hora que precisassem ser acionados.



Entrou no seu carro e esperou até que Winnie se ajeitasse em seu VW. Ele partiu e ela dirigiu atrás dele. Olhando para um lado, Winnie notou duas das operadoras que estavam no intervalo encarando-os e sorrindo. *Ai, meu Deus, ela pensou, agora haverá fofocas.*

Kilraven dirigiu para fora da cidade e desceu a longa e empoeirada estrada que conduzia à sua casa alugada. A estrada serpenteava passando pela casa dele para se juntar a uma estrada pavimentada a mais ou menos um quilômetro à frente. Sua casa era a única naquele pequeno trecho. *Ele deve gostar de privacidade,* Winnie pensou, *porque aquilo certamente não estava na rota principal de ninguém.*

Ele parou na porta da frente, desligou o motor e saiu do carro. Winnie fez o mesmo.

— Vou fazer café, — disse depois de destrancar a porta, e a conduziu para a cozinha.

Ela olhou ao redor, curiosa com a total ausência de qualquer coisa pessoal no ambiente utilitário. Bem, exceto pela pintura que fizera pra ele. Ela estava deitada no balcão, com a parte da frente para cima.

Winnie se sentiu desconfortável com a falta de conversa trivial dele. Pôs sua bolsa no balcão próximo à porta que dava para o corredor que levava à sala de estar.

— Como está Kell Drake? — Ela perguntou.

Kilraven se virou, curioso.

— Ficamos sabendo pela Barbara na semana passada, — ela disse, mencionando o café onde todo mundo comia. Barbara era a mãe adotiva do detetive de homicídios de San Antonio, Rick Marquez. — Ela está com o Rick na casa dela. Ele está melhorando, mas com certeza quer encontrar quem quer que o atacou, — ela adicionou com severidade.

— Nós também. Ele é um pássaro durão, ou estaria morto. Alguém realmente está tentando encobrir este caso, — adicionou.

— Sim. Pobre Rick. Mas e o Kell?

— Tudo terminou bem, exceto pelas escoriações. Ele vai andar novamente, — Kilraven disse. — Acho que também ficou sabendo que pegaram Bartlett em flagrante batendo em Cappie Drake, — adicionou. — Parece que Marquez e um oficial uniformizado tiveram que puxar o Dr. Rydel de cima do homem⁴. — Ele riu.

— Nós, uh, ouvimos isto, também, — ela disse, divertida. — Foi um dia antes de Rick ser atacado de surpresa por aqueles assassinos. Pobre Cappie.

— Ela ficará bem. Ela e Rydel se casarão no futuro próximo, pelo que ouvi falar.

— Foi trabalho rápido, — ela comentou.

Ele encolheu os ombros.

— Algumas pessoas sabem o que querem mais rápido que outras pessoas o fazem. — Ele terminou de pôr o café e virou para olhar pra ela. — Como você toma seu café?

— Puro, — ela disse.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Eu geralmente não tenho muito tempo de ficar por aí adicionando coisas no café, — ela assinalou. — Tenho sorte de ter tempo pra tomar um gole ou dois antes dele esfriar.

⁴ Referência à cena que se dá no capítulo 9 do livro *“Indomável”* (Homens do Texas 43).



— Pensei que Grier tinha te dado uma daquelas máquinas onde você põe uma xícara de café nela para mantê-lo quente, — ele disse. — De Natal.

— Não tenho um lugar para colocá-la onde não poria em risco os aparelhos eletrônicos na minha estação, — ela disse. — Não conte a ele.

— Eu nem sonharia com isto. — Kilraven preparou duas canecas, puxou uma cadeira da mesa e sinalizou para que ela se sentasse numa outra. Ele sentou com as pernas muito abertas e a encarou.

— Por que um corvo? — Perguntou abruptamente. — E por que aquelas cores para a borda de miçangas?

Winnie mordeu o lábio inferior.

— Eu não sei.

Kilraven a encarou incisivamente, como se não acreditasse nela.

Ela corou.

— Eu realmente não sei, — enfatizou. — Nem sequer comecei pintando um corvo. Ia fazer uma paisagem. O corvo estava na tela. Apenas pinteí todas as demais coisas, — ela adicionou. — Isso parece loucura, eu acho, mas escultores famosos dizem que é assim que eles fazem as estátuas, apenas tiram com o cinzel tudo o que não faz parte delas.

Ele ainda não falara.

— Como sabia que era eu? — Winnie perguntou, infeliz. — Os presentes deveriam ser secretos. Eu não conto às pessoas que a pintura é o meu *hobby*. Como você sabia?

Kilraven se levantou depois de um minuto, desceu o corredor e voltou com um pedaço de papel enrolado. Ele lhe entregou e voltou a sentar.

A tomada de ar dela foi audível. Winnie segurou o desenho com as mãos que estavam um pouco instáveis.

— Quem fez isto? — Ela exclamou.

— Minha filha, Melly.

Seus olhos se ergueram para os deles. Kilraven nunca falara sobre quaisquer membros de sua família, exceto sobre seu irmão.

— Você não fala dela, — ela disse.

Os olhos dele foram para a pintura na mesa. Eles estavam entorpecidos e vagos.

— Ela tinha três anos quando pintou isto, na pré-escola, — disse tranquilamente. — Foi a última coisa que ela fez. Naquela tarde, ela e sua mãe foram à casa do meu pai. Iriam jantar com ele e minha madrastra. Meu pai foi colocar combustível para uma viagem que faria no dia seguinte. Cammy não havia retornado das compras para casa ainda.

Ele parou. Não estava certo se conseguiria dizer isto, mesmo agora. Sua voz falhou.

Winnie teve uma premonição. Apenas isto.

— E?

Ele parecia mais velho.

— Eu estava trabalhando como agente secreto com o DP⁵ de San Antonio, antes de me tornar um Federal. Meu parceiro e eu estávamos a apenas um quarteirão da casa quando o chamado veio do rádio. Reconheci o endereço e cheguei lá cantando os pneus. Meu parceiro tentou me parar, mas ninguém poderia tê-lo feito. Já haviam dois

⁵ **DP:** Departamento de Polícia



oficiais uniformizados na cena. Eles tentaram me agarrar. — Encolheu os ombros. — Eu era maior do que eles dois. Então vi Melly e minha esposa antes que os investigadores da cena do crime e o médico legista chegassem lá. — Ele levantou da mesa, virou e se afastou. Estava muito agitado para olhar para Winnie. Foi em direção à cafeteira e a desligou, despejando café em duas xícaras. Ele ainda hesitava. Não queria levantar as xícaras até que tivesse certeza que conseguiria segurá-las. — O assassino, quem quer que fosse, usou uma espingarda nelas.

Winnie ouvira oficiais falando sobre seus casos ocasionalmente. Ouvira as operadoras falarem também, porque algumas delas eram casadas com pessoas ligadas à execução de lei. Sabia o que uma espingarda podia fazer com um corpo humano. Só de pensar em uma sendo usada numa criança... Ela engoliu com dificuldade, e engoliu novamente. Sua imaginação criou algo que imediatamente empurrou para a parte de trás de sua mente.

— Eu sinto muito, — Winnie disse num tom sufocado.

Finalmente Kilraven levantou as xícaras e as colocou na mesa. Sentou com as pernas abertas na cadeira outra vez, mais calmo agora.

— Nós não conseguimos encontrar a pessoa ou pessoas que fizeram isto, — disse secamente. — Meu pai ficou louco. Ele tinha esses pressentimentos, como você tem. Ele tinha saído de casa para colocar gasolina no carro. Isso poderia ter esperado até a manhã seguinte, mas ele pressentiu que devia ir exatamente naquela hora. Mais tarde ele disse que se estivesse em casa poderia ter sido capaz de salvá-las.

— Ou poderia estar deitando bem ao lado delas, — Winnie disse, direta.

Kilraven olhou para ela de um jeito diferente.

— Sim, — concordou. — Foi o que pensei também. Mas ele não conseguia viver com a culpa. Começou a beber e não conseguiu parar. Morreu de ataque cardíaco. Disseram que o álcool poderia tê-lo causado em parte, mas acho que ele morreu de angústia. Meu pai amava Melly. — Ele parou de falar e bebeu o café. Queimou sua língua. Aquilo ajudou. Kilraven não havia falado sobre aquilo com um estranho, nunca.

Os suaves olhos escuros dela deslizaram sobre o rosto dele calmamente.

— Você acha que isto pode estar ligado ao corpo que encontraram no rio, — ela disse devagar.

Suas sobrancelhas escuras se ergueram.

— Eu não disse isto.

— Você está pensando nisto.

Seu largo peito subiu e desceu.

— Sim. Achamos um pequeno pedaço de papel apertado no punho do homem. Deu um pouco de trabalho, mas o laboratório forense da Alice Jones conseguiu decifrar a escrita. Era o número do meu celular. O homem estava vindo aqui falar comigo. Ele sabia algo sobre a morte da minha filha. Tenho certeza disto.

Morte da sua filha. Ele não disse “sua esposa e filha”. Winnie se perguntou por quê.

As mãos grandes dele envolveram a caneca branca quente. Seus olhos possuíam um vazio que Winnie reconheceu. Ela o vira em militares veteranos. Eles o chamavam de *o olhar de mil jardas*. Era o olhar de homens que viram a violência, que lidaram com ela. Eles nunca mais eram os mesmos novamente.

— Com quem ela se parecia? — Winnie perguntou com suavidade.

Kilraven piscou. Não era uma pergunta que antecipara. Sorriu ligeiramente.

— Com Jon, na verdade, e com meu pai, — ele disse, rindo. — Ela tinha cabelo preto longo até a cintura e olhos como ébano líquido. Era inteligente e de natureza



doce. Nunca falava com estranhos... — Ele parou, abaixando o olhar para a xícara de café e forçou-a a subir até seus lábios para dissolver o bolo em sua garganta. Melly, rindo, estendendo seus braços para ele. *“Eu amo você, Papai! Sempre se lembre disso!”* Aquela cena dela, rindo, foi encoberta por uma de Melly sem vida, a imagem de um pesadelo coberta de sangue...

— Deus querido! — Ele disparou, e sua cabeça se curvou.

Winnie era cautelosa com a maioria dos homens. Ela era tímida e introvertida, e nunca tomava a iniciativa. Mas se levantou de sua cadeira, puxou-o em sua direção e trouxe a cabeça dele para os seus seios.

— A emoção sincera nunca deveria envergonhar ninguém, — ela sussurrou contra o cabelo dele. — É muito pior fingir que não nos importamos, do que admitir que o fazemos.

Winnie sentiu o grande corpo dele tremer. Esperava que se afastasse, que a empurrasse para longe, que recusasse seu conforto. Kilraven era um homem tão durão, capaz, cheio de fogo, espírito e coragem. Mas ele não resistiu a ela. Não por um minuto, de qualquer maneira. Seus braços circularam a cintura dela e quase a esmagaram à medida que ele cedia, momentaneamente, à necessidade de conforto. Aquilo era algo que ele nunca fizera. Tinha até mesmo afastado Cammy, anos atrás, quando ela o ofereceu a ele.

Winnie deitou sua bochecha contra o espesso e suave cabelo preto dele e simplesmente ficou ali, segurando-o. Mas então ele de fato a empurrou para longe, abruptamente, e se levantou, afastando-se dela.

— Mais café? — Perguntou num tom áspero.

Ela forçou um sorriso.

— Sim, por favor. — Ela se moveu para a mesa e levantou sua própria xícara, deliberadamente dando a ele tempo de retomar o controle que brevemente perdera. — Este esfriou.

— Mentirosa, — Kilraven murmurou quando ela se juntou a ele na cafeteira e tomou a xícara dela. — Você queimaria seu lábio se bebesse isto.

Ela olhou para ele com um sorriso.

— Eu estava sendo politicamente agradável.

— Você estava mentindo. — Ele colocou a xícara no balcão e ergueu Winnie inteira contra ele. — Que doçura você é, — ele rangeu enquanto sua boca repentinamente esmagava a dela.

A força do beijo a chocou. Ele não conduzira a situação para aquilo. Era paixão urgente, febril, tão intensa que a insistência de sua boca chocou seus lábios fazendo-os se separar, dando a ele acesso a cálida doçura lá dentro. Winnie não era uma mulher que incitava paixão. De fato, o que provara dela a tornara fria. Ela não gostava da arrogância, da agressividade da maioria dos homens que namorara. Mas Kilraven era sincero na paixão como era em outros aspectos. Ele gostava de beijá-la e não fingia que não gostava. Seus braços a forçaram para dentro da rígida curvatura de seu corpo e ele sorriu quando a sentiu derreter contra ele, impotente e submissa, enquanto esmagava sua boca contra a dela.

Os braços dela desceram sob os dele e o circularam. O cinto de utilidade era desconfortável. Ela sentia a coronha das automáticas dele em suas costelas. Seus braços estavam machucando. Mas Winnie não se importou. Aguentou o máximo que pode e estremeceu com o que deve ter sido desejo. Nunca sentira isto. Não até agora, com o último homem na Terra pelo qual deveria se permitir sentir aquilo.



Kilraven sentiu sua tímida resposta com espanto. Esperara que uma *socialite* como Winnie tivesse estado com homens desde sua tenra adolescência. O estilo do mundo nos últimos tempos era a experiência. A virtude não contava para nada na maioria dos círculos sociais. Mas esta pequena violeta era inocente. Ele pôde sentir isso quando ela se esforçou para se afastar da súbita rigidez de seu corpo, quando tremeu quando ele tentou se aprofundar em sua boca.

Curioso, ergueu a cabeça e olhou para o rosto corado e os olhos arregalados de Winnie. Inocência. Ela não conseguia nem ao menos fingir sofisticação.

Suavemente, Kilraven a moveu cuidadosamente para fora de seus braços. Sorriu para diminuir a dor que lhe causava.

— Você tem sabor de maçãs verdes, — ele disse enigmaticamente

— Maçãs? — Ela piscou, e tragou. Ainda podia sentir o gosto dele em sua boca. Fora maravilhosa a sensação de ser mantida tão perto daquela cálida força. — Eu não como uma maçã há... bem... um tempão, — ela gaguejou.

— Foi uma figura de linguagem. Aqui. Coloque seu casaco. — Ele a ajudou a colocar os braços dentro dele. Depois lhe entregou a xícara.

— É para eu ir embora e levar isto comigo? — Ela perguntou abertamente.

— Não. Só vamos beber isto aqui lá fora. — Ele ergueu sua própria xícara e a conduziu porta afora, passando pela grande varanda, descendo os degraus e saindo em direção a uma mesa de piquenique que havia sido colocada lá, com seus rudes bancos de madeira, pelo proprietário.

— Vamos beber café aqui fora? — Ela perguntou, surpresa. — Está congelando!

— Eu sei. Sente-se.

Winnie sentou, usando a xícara para aquecer as mãos.

— O frio está um bocado cortante, — ele comentou.

Um carro de xerife passou. Ele buzinou. Kilraven acenou.

— Vou embora na semana que vem, — ele disse.

— Sim. Você nos contou.

Um carro de polícia de Jacobsville passou zunindo, logo atrás do carro do xerife. Ele buzinou também. Kilraven ergueu a mão. A poeira subiu e desceu em seus rastros, depois se assentou.

— Eu tinha um período de licença médica e um tempo de férias sobrando. Só posso usar um pouco durante este ano, claro, porque ele está quase acabando. Mas terei algumas semanas não remuneradas para fazer algumas investigações. — Ele sorriu. — No estado em que a economia se encontra, não acho que vão se importar com isso.

— Provavelmente não. — Ela bebericou o café. — Exatamente o que você faz quando não está representando ser um oficial de polícia? — Ela perguntou educadamente.

Ele apertou os lábios e seus olhos prata cintilaram.

— Eu poderia te dizer, mas então eu teria que...

Um som alto abafou o resto. Desta vez era um caminhão de bombeiro. Eles acenaram. Kilraven acenou de volta. E Winnie também.

— Teria que o quê? — Ela perguntou.

— Bem, não seria bonito.

— Isso só dificulta as coisas, Kilraven, — ela assinalou. Franziu as sobrancelhas. — Você não tem um primeiro nome?

— Claro. É-...



Outro som alto abafou aquilo, também.

Eles dois se viraram. Cash Grier estacionou ao lado da mesa de piquenique e abaixou o vidro da janela do lado do motorista.

— Não está um pouco frio para ficar bebendo café aqui fora? — Ele perguntou.

Kilraven lhe deu um olhar torto.

— Todo mundo no EOC⁶ me viu ir embora com Winnie, — ele disse complacentemente. — Até agora, passaram dois carros de polícia e um caminhão de bombeiro. E... oh... olhe, lá vem o Departamento de Polícia de Willow Creek. Um pouco fora de sua jurisdição, não está? — Ele gritou para o motorista, que era da região norte do Condado de Jacobs. Ele apenas sorriu, acenou e continuou dirigindo.

Winnie não havia percebido quanto tráfico passara por ali até então. Ela desatou a rir. Não era de admirar que Kilraven quisesse sentar ali do lado de fora. Ele não iria permitir que fizessem fofoca dela. Aquilo a tocou.

— Se eu fosse você, a levaria ao Café da Barbara para ter esta conversa, — Cash disse a ele. — É muito mais reservado.

— Reservado? — Kilraven exclamou.

Cash apontou para a estrada. Havia, numa fila, dois carros de xerifes, um veículo da polícia estadual, um caminhão de bombeiro e de resgate, uma ambulância e, por incrível que pareça, um daqueles caminhões do corpo de bombeiros com escada. Todos eles tocaram a buzina e acenaram ao passar, criando uma nuvem de poeira.

Cash Grier balançou a cabeça.

— Agora, que vergonha! Vocês ficarão todos cheios de poeira. Talvez devesse levá-la de volta para dentro, — ele disse com uma expressão angelical.

— Você sabe o que pode fazer, — Kilraven lhe disse. Ele se levantou e estendeu a mão para pegar a xícara de Winnie. — Vou colocar essa xícara na pia e então vamos embora.

— Estraga prazeres. — Cash suspirou. — Agora todos nós teremos que voltar ao trabalho!

— Posso sugerir um lugar para fazer isto, — Kilraven murmurou.

Cash piscou para Winnie, que não conseguia parar de rir. Ele entrou no carro e partiu.

Winnie levantou, suspirou e procurou as chaves do carro no bolso de seu casaco. Aquela havia sido, em alguns modos, a hora mais memorável de sua vida. Sabia coisas sobre Kilraven que ninguém mais sabia, e se sentiu próxima à dele. Esta foi a primeira vez na relação turbulenta deles que sentiu qualquer esperança para o futuro. Não que ficar mais íntima dele iria ser fácil, disse a si mesma. Especialmente não com ele em San Antonio e ela em Jacobsville.

Kilraven voltou para fora, trancando a porta atrás dele. Olhou ao redor enquanto dançava graciosamente degraus abaixo e se juntava a ela.

— O quê, nenhum engarrafamento? — Ele exclamou, movimentando a cabeça em direção à estrada deserta. — Talvez tenham acabado-se os curiosos⁷.

Assim que ele disse aquilo, um cortejo fúnebre apareceu, encabeçado por ninguém mais senão o sofredor de longa data Macreedy. Ele era famoso por se perder enquanto conduzia procissões. Ele não tocou a buzina. De fato, Macreedy *realmente*

⁶ **EOC**, Emergency Operations Center (Centro De Operações De Emergência)

⁷ **Curiosos (no original, "rubberneckers")**: essa palavra, em inglês, é uma referência específica àqueles motoristas curiosos que dirigem devagar para ver um acidente na estrada, causando grandes engarrafamentos.



parecia perdido. A procissão continuou estrada abaixo com Winnie e Kilraven olhando-a fixamente passar.

— Não me diga que ele está perdido em outro cortejo fúnebre, — ela lamentou. — O Xerife Hayes Carson vai fritá-lo e servi-lo com torradas se ele fizer isto de novo.

— Não é brincadeira, não — Kilraven concordou. — Já houve a ameaça de uma ação judicial por uma família. — Ele balançou a cabeça. — Hayes realmente precisa pôr aquele menino atrás de uma escrivaninha.

— Ou tomar as chaves do carro dele, — ela concordou.

Ele olhou para ela com uma expressão estranhamente afetuosa.

— Vamos. Você vai pegar um resfriado.

Ele a acompanhou de volta ao carro, elevando-se sobre ela.

— Você percorreu um longo caminho desde aquele dia em que foi chorando pra casa porque se esqueceu de me dizer que um suspeito estava armado.

Ela sorriu.

— Eu tive sorte. Você poderia ter morrido por minha causa.

Ele hesitou.

— Estas premonições, elas são comuns em sua família?

— Não sei muito sobre minha família, — confessou. — Meu pai ficou muito distante depois que minha mãe nos deixou.

— Você teve algum contato com seu tio? — Ele perguntou.

Ela o olhou boquiaberta.

— Como você sabe sobre ele?

Kilraven não queria confessar o que sabia sobre o homem. Ele encolheu os ombros.

— Alguém mencionou o nome dele.

— Nós não temos nenhum contato com ele. Não tínhamos, — ela corrigiu. — Ele morreu um mês atrás. Pelo menos foi o que nos disseram.

— Sinto muito.

Seus olhos escuros ficaram frios.

— Eu não. Ele e minha mãe fugiram juntos e deixaram meu pai com três crianças para cuidar. Bem, duas crianças na verdade. Boone estava no exército àquela altura. Eu pareço com minha mãe. Papai odiava isto. Ele me odiava. — Ela mordeu a língua. Não queria ter dito tanto.

Mas Kilraven lia aquilo em sua expressão.

— Todos nós temos momentos cruciais em nossas vidas, quando uma decisão conduz a um futuro diferente. — Ele sorriu. — No Século XVI, Henrique VIII⁸ apaixonou-se por uma jovem moça e decidiu que sua esposa católica, Catarina de Aragon, era muito velha para lhe dar um filho sequer, então passou anos buscando um modo de divorciar-se dela e casar com a jovem sobre quem estava certo que podia conceber um herdeiro do sexo masculino. No fim, ele destruiu a Igreja Católica na Inglaterra para realizar isto. Casou-se com Ann Boleyn⁹, uma protestante que havia sido uma das damas de companhia de Catarina, e a partir daí a Igreja Anglicana nasceu. A criança daquela união não foi um menino, mas sim Elizabeth, que se tornou rainha da Inglaterra depois de seu irmão e sua meia irmã. Tudo isso, pelo amor de uma

⁸ **Henrique VIII** (1491-1547), rei da Inglaterra no século XVI.

⁹ **Anne Boleyn** ou **Ana Bolena**, Marquesa de Pembroke (1507-1536), segunda mulher de Henrique VIII, mãe da Rainha Elizabete I.



mulher. — Ele comprimiu seus lábios e seus olhos cintilaram. — Como se constatou mais tarde, ele não conseguiu obter um filho de Ann Boleyn também, então armou uma forma para acusá-la de adultério e cortar sua cabeça. Dez dias depois, se casou com uma mulher que conseguiu dar um filho a ele.

— Que miserável! — Ela exclamou, ultrajada.

— É por isso que elegemos oficiais em vez de reis com poder absoluto, — Kilraven lhe disse.

Winnie balançou a cabeça.

— Como você sabe de tudo isso?

Ele se inclinou para baixo.

— Você não deve mencionar isto, mas tenho um diploma em história.

— Incrível!

— Só que me especializei em história escocesa, não inglesa. Eu sou uma das poucas pessoas que acham que James Hepburn, o Conde de Bothwell, recebeu um tratamento injusto da história por se casar com Maria Stuart, rainha da Escócia. Mas não diga isso em voz alta.

Ela riu.

— Tudo bem.

Kilraven abriu a porta do carro pra ela. Antes dela entrar, ele puxou uma longa mecha de seu cabelo loiro sobre sua grande mão, estudando sua suavidade e a linda cor clara.

Os olhos dela deslizaram para o rosto dele.

— Seu irmão usa o cabelo longo, num rabo-de-cavalo. Você mantém o seu curto.

— Isto é uma pergunta?

Ela acenou com a cabeça.

— Jon é particularmente intenso em relação ao lado Nativo Americano de sua ascendência.

— E você não?

Seus olhos estreitaram.

— Eu não sei, Winnie, — disse em voz baixa, fazendo seu nome soar estranho, doce e diferente. — Talvez eu esteja me escondendo dele.

— Você não, — ela disse com convicção. — Não consigo vê-lo se escondendo de qualquer coisa.

Aquele suave orgulho em seu tom o fez se sentir mais alto. Kilraven soltou o cabelo dela.

— Dirija com cuidado, — ele disse.

— Vou dirigir. A gente se vê.

Ele não disse mais nada. Mas acenou com a cabeça.

Com seu coração voando em sua garganta, Winnie entrou no carro e foi embora. Não foi até que chegasse em casa que percebeu que ainda não sabia o primeiro nome dele.



CAPÍTULO 4



WINNIE VOLTOU AO trabalho na manhã seguinte praticamente andando nas nuvens. Kilraven a beijara. Não apenas isso, ele parecia gostar dela. Talvez San Antonio não fosse tão longe. Ele poderia visitá-la. Poderia levá-la a um encontro. Tudo era possível.

Colocou a bolsa no guarda-volumes e caminhou até a sua sessão. Era no formato de um semicírculo, e continha uma bancada de computadores. Bem em frente a ela ficava um computador; atrás dele um monitor. Esse era o rádio por onde ela podia entrar em contato com qualquer policial, bombeiro ou paramédico, embora seu trabalho fosse com policiais. Havia sessões separadas para bombeiros, polícia e paramédicos. Os bombeiros tinham uma telefonista, os paramédicos tinham duas. Ela e Shirley, que ficava em uma bancada diferente, controlavam todo o movimento dos policiais do Condado de Jacobs. Ao seu lado ficava um monitor para o CNIC, o Centro Nacional de Informações Criminais. Atrás da tela do computador, em uma prateleira, ficavam outras três telas de computador. Uma indicava a localização das unidades e o seu status atual. A do meio era o DAC, ou **D**espacho com **A**ssistência **C**omputadorizada, que fornecia informações como código de área e localização. Esse computador também indicava quais casos eram prioritários, os hidrantes mais próximos em caso de incêndio, o nome e o endereço de um chaveiro e até mesmo uma caixa postal eletrônica, para entrar em contato com o departamento de polícia. A prateleira também continha telas para nomes e telefones dos funcionários, incluindo celulares e transmissores eletrônicos de mensagens. Havia um terminal de dados móveis de onde a telefonista podia enviar mensagens para os computadores dos oficiais que ficavam nos carros. A terceira tela de computador era o próprio telefone, o coração e a alma do escritório, onde o medo, o desespero e o pânico eram gentilmente respondidos diariamente.

Essa informação era repassada por meio de dois transmissores. O trabalho deles era receber as ligações, colocá-las no computador e enviá-las para o departamento certo: bombeiros, polícia ou paramédicos. Uma vez detectada a situação, o computador decidia qual era a agência ou agentes apropriados para a emergência. Para um acidente doméstico com ferimentos, a polícia era enviada para deixar tudo em ordem e uma ambulância estacionaria na área até tudo estar seguro para a entrada dos paramédicos na residência. Com frequência o bandido ainda estava na casa e oferecia perigo a todos que tentassem ajudar a vítima. Mais oficiais morriam atendendo chamadas domésticas do que qualquer outra atividade do ramo.

Winnie havia acabado de enviar um oficial à cena de um acidente de moto, junto com os bombeiros e o resgate, e estava esperando por mais informações.

Entre uma ligação e outra, Shirley aproximou-se enquanto o supervisor conversava com um visitante.

- Você ficou sabendo da novidade no assassinato?
- Que novidade?
- Eles encontraram o número do celular de Kilraven na mão da vítima.
- Oh, isso. Sim, Kilraven me contou.



Os olhos de Shirley brilharam.

— Ele sabia? Ele contou enquanto vocês estavam sozinhos na casa dele?

— Como você sabe que fomos a casa dele? — Winnie perguntou corando.

— Algumas pessoas ficaram sabendo. Um assistente do xerife, o chefe Grier, um bombeiro, o dono da funerária...

Winnie riu.

— Eu devia saber.

— Eles só mencionaram que você e Kilraven estavam tomando café em uma mesa de piquenique, do lado de fora, no vento gelado — Shirley acrescentou.

— Kilraven achou que o povo não comentaria se fizéssemos assim.

— Como se fosse possível — Shirley deu um risinho. — Sobre o que vocês conversaram? — ela acrescentou curiosa.

— Sobre o assassinato — Winnie respondeu com um sorriso. — É verdade, — ela acrescentou quando viu a expressão da colega de trabalho. — Você lembra que a governanta do senador Fowler morreu misteriosamente depois de dar algumas informações à Alice Jones, a investigadora de San Antonio, sobre a vítima? A fofoca é que o assassinato pode estar ligado aos outros assassinatos em San Antonio. — Era melhor dizer isso a Shirley. Não diria de maneira alguma que a família de Kilraven poderia estar envolvida.

— Puxa! — Shirley exclamou suavemente.

— Volte ao trabalho, — Winnie sussurrou, deu um sorriso e virou-se antes de Maddie Sims se aproximar delas. A mulher mais velha nunca reclamava por elas conversarem durante as operações, mas gostava que prestassem atenção no trabalho. Ela descobriria o que faziam de qualquer modo porque tudo ficava gravado. Mas Maddie seria diplomática em relação ao assunto.

Winnie sorriu enquanto Maddie passava. Uma mensagem do oficial de polícia encarregado do acidente estava chegando, pedindo reforços e um carro de polícia. Ela voltou sua atenção ao computador e começou a digitar os números.

FOI UMA NOITE AGITADA. Houve uma tentativa de suicídio que, felizmente, foi interrompida a tempo. Chegaram ligações de pessoas doentes, um incêndio doméstico, várias batidas de carros, dois acidentes domésticos, um animal selvagem na pista e três motoristas bêbados; apenas um terminou em prisão. Com frequência ligações de motoristas bêbados eram recebidas, mas não havia uma boa descrição do veículo ou da direção tomada por ele, e era um grande município. Ocasionalmente, um cidadão atento fornecia a placa do carro, mas não sempre. A menos que um carro de patrulha estivesse no local, era difícil efetivar a prisão. Você não podia tirar um oficial de um acidente, um roubo ou um homicídio, ela meditou, para colocá-lo atrás de um motorista embriagado, não importa o quanto os oficiais adorariam capturar um.

No intervalo, ela e Shirley conversaram preocupadas sobre a agressão a Rick Marquez.

— Eu espero que ele não seja atacado novamente quando voltar ao trabalho. Alguém quer muito que esse caso seja deixado de lado, — Shirley disse.

— Sim, — Winnie concordou. — E isso parece ser apenas a ponta do *iceberg*. Nós ainda temos aquela vítima de assassinato no nosso distrito. A empregada do senador Fowler contou algo a Alice Jones e a pobre mulher foi assassinada de um modo que fez



com que parecesse suicídio. Agora Rick sofreu um atentado, e ele está ajudando nas investigações.

— Ele tem sorte por ser um cabeça dura, — Shirley disse.

— E por sua parceira ter ido procurá-lo quando ele não apareceu para olhar uns papéis que ela havia encontrado. Sim, eu soube disso por Keely, — Winnie disse. — O xerife Hayes, — ela acrescentou com um sorriso, — é o melhor amigo de Boone, então eles sabem mais do que a maioria das pessoas. Bem, exceto por nós — ela acrescentou zombeteira. — Nós sabemos de tudo.

— Quase tudo, de qualquer forma. Sabe, costumávamos viver em um município tão tranquilo, — Shirley suspirou. — Então Keely perdeu a mãe para um assassino que era amigo do pai dela. Agora encontramos uma pessoa morta em nosso rio e sua própria mãe não o reconheceria. Está ficando um lugar perigoso para se viver.

— Todo lugar é perigoso, mesmo cidades pequenas — ela respondeu com um sorriso. — São os tempos modernos.

— Acho que sim.

Elas comeram uma sopa caseira com pão de milho, cortesia de uma das atendentes. Era bom ter algo para comer além de comida para viagem, que ficavam passadas rapidamente em turnos de dez horas. As operadoras só trabalhavam quatro dias por semana, não necessariamente seguidos, mas ficavam superestressadas. Todas elas amavam o emprego, ou não o estariam fazendo. Salvar vidas, que era uma atividade diária, era uma benção. Mas os dias de folga eram bons, pois assim tinham a chance de se recuperarem só um pouquinho das exasperantes séries de situações desesperadoras na qual tinham que assistir as autoridades apropriadas. Winnie nunca gostara tanto de um emprego. Ela sorriu para Shirley e pensou que belo grupo de pessoas com quem trabalhava.

KILRAVEN ESTAVA CERCANDO o irmão para conseguir informações. Era, como de costume, uma missão impossível. Jon tinha os lábios ainda mais cerrados do que Kilraven.

— É uma investigação em andamento, — ele insistiu erguendo as mãos para o alto. — Eu não posso discuti-la com você.

Kilraven, confortavelmente sentado em uma das cadeiras do escritório de Jon, o encarou com raiva nos olhos prateados.

— É de sua sobrinha e sua cunhada que estamos falando — ele disse friamente. — Eu posso ajudar. Deixe-me ajudar.

Jon sentou-se na ponta de sua mesa. Ele estava impecável, desde os sapatos negros engraxados até os longos e elegantes dedos que sempre estavam bem cuidados. O cabelo preto estava preso em um rabo de cavalo que alcançava a cintura. O rosto dele tornou-se solene.

— Tudo bem. Mas se Garon Grier perguntar, direi que você me forçou a dar informações.

Kilraven deu um risinho.

— Devo bater em você para a coisa ser mais real? — Ele apontou seu pé calçado numa grande bota. — Eu topo.

— Adoraria ver você bater em mim, — Jon devolveu.

— Vamos, vamos, fale.

Jon suspirou.



— Eu não sei muito, mas direi mesmo assim. — Ele apertou o interfone. — Senhorita Perry, me traga o arquivo Fowler, por favor.

Houve uma pausa. Uma voz feminina suave, fria e sarcástica respondeu.

— As cópias estão no seu armário fichário, senhor Blackhawk — ela disse docemente. — Perdemos a senha novamente?

O rosto de Jon ficou duro.

— O que eu estou perdendo rapidamente é a minha paciência. Para a sua informação, Garon pegou os arquivos para mostrar ao agente Simmons. Eles estão no seu armário fichário.

Houve um silêncio mortal. Um armário foi aberto e fechado, em seguida saltos altos impacientes entraram marchando na sala de Jon, junto com um rosto agradável, olhos azuis e cabelos preto-azeviche curtos.

Ela colocou uma pasta na mesa.

— Nós temos sim cópias eletrônicas disto, protegidas por senhas, se a sua senha alguma vez se apresentar novamente — ela disse docemente.

Jon a encarou.

— Você chegou uma hora atrasada para o trabalho dois dias essa semana, senhorita Perry — ele falou, a voz tão suave quanto a dela. — Até agora, não reporte isso a Garon.

Ela enrijeceu. Os olhos azuis tinham sombras sob eles. Ela não ofereceu uma justificativa.

— Talvez ajudaria a sua presente atitude se você soubesse que a senhorita Smith tem uma extensa folha corrida, da qual minha mãe não está ciente. Com a sua, digamos, propensão a vasculhar arquivos protegidos, eu deveria pensar que você conseguiria descobrir o resto da informação sozinha. Se, — ele acrescentou com completo sarcasmo — conseguir manter o seu emprego atual tempo o suficiente para procurar.

Ela ficou vermelha. Os olhos azuis disparavam adagas de gelo nele, mas sua voz estava suave ao falar.

— Eu estarei em minha mesa se precisar de mais alguma coisa, senhor Blackhawk. — Ela saiu sem nem mesmo olhar para Kilraven. Suas costas estavam tão rígidas quanto sua expressão.

Jon ficou em pé e fechou a porta atrás dela com um pouco de força. Seus próprios olhos, como líquido negro, estavam queimando.

— Desde que minha mãe mandou Jill Smith aqui para flertar comigo, tem sido assim.

— Você mandou prender a senhorita Smith por assédio sexual, — Kilraven disse com mal contida diversão. — E a fez sair algemada, se me recordo?

Jon deu de ombros.

— Um homem não está mais seguro sozinho em seu próprio escritório ultimamente.

— Eu aposto que você está protegido daquela mulher em particular, — Kilraven respondeu indicando a direção tomada por Joceline Perry.

— A maioria dos homens está.

— Se importa em dizer por quê?

Jon voltou à sua mesa e pegou a pasta com o arquivo.

— Ela tem um filhinho, de mais ou menos três anos de idade. O pai dele morreu do exterior a serviço do exército. Ela pode congelar um homem que está a um quarteirão de distância.



— Não necessariamente no seu caso, mano. Você já está congelado.

Jon o encarou.

— Não me chame por esse apelido ridículo, por favor.

— Desculpe-me, sua graça.

Jon o encarou ainda mais.

Kilraven ficou sério.

— Tudo bem, tentarei agir com mais decoro. Mamãe ainda está falando com você?

— Apenas para dizer como a pobre senhorita Smith está sofrendo com minha rejeição. Eu tentei dizer que sua nova candidata a minha afeição está a um passo de ser uma prostituta, mas ela não me ouve. A mãe da senhorita Smith é a melhor amiga dela, então obviamente a filha é tão pura quanto a neve.

— Ela pode não ser, mas você certamente é. — Seu irmão sorriu.

Os olhos de Jon se estreitaram.

— E você certamente seria se não tivesse sido induzido a se casar com Monica.

A expressão divertida de Kilraven caiu.

— Acho que sim. Nunca planejei me casar em primeiro lugar, mas ela sabia como conquistar um homem. Engraçado, eu nunca nem ao menos me perguntei o porquê, até que já estávamos casados e ela estava grávida de Melly. Ela tinha amigos, *homens*, que realmente apareciam de vez em quando em casa para vê-la.

— O que não deu muito certo.

— Eu era jovem e ciumento. Ela tinha experiência, mas eu não. — Ele deu a seu irmão uma silenciosa avaliação. — Você ainda poderia encontrar a mulher ideal. Não acha que você está velho o suficiente para considerar se casar?

— Nenhuma mulher conseguiria viver comigo. Eu sou casado com o meu emprego. E quando não estou no trabalho, sou casado com o rancho.

— Eu sinto falta do lugar de vez em quando, — Kilraven murmurou. — Acho que vou me esquecer de como se monta um cavalo eventualmente.

— Isso é uma piada?! Você tem mais troféus do que eu.

Os dois eram excelentes cavaleiros. Na juventude, participaram de rodeios e permaneceram imbatíveis no *bulldogging*¹⁰ no sul de Oklahoma até se aposentarem da arena.

— Mas tudo isso não tem nada a ver com o assunto, — Jon disse. Ele entregou o arquivo a Kilraven. — Você terá que ler aqui mesmo no escritório e não poderá tirar cópias.

— Tudo bem. — Ele começou a ler. Jon atendeu a uma ligação. Quando terminou, Kilraven já tinha informações para formar uma hipótese.

— O protegido do senador Fowler, senador Will Sanders, tem um irmão, Hank, um dos criminosos mais perigosos e que tem as mãos em todas as operações ilegais da cidade, — Kilraven murmurou enquanto lia. — Duas acusações de tentativa de assassinato, nenhuma foi concluída por falta de evidências que o provassem culpado, e pelo menos uma acusação de estupro.

— Pela qual conseguiu uma suspensão da sentença quando a moça mudou o depoimento. — Os olhos de Jon se estreitaram pensativamente. — De fato, o irmão

¹⁰ **Bulldogging:** Também conhecido como "*derrubadas*", o *Bulldogging* é praticado por dois competidores que tem como objetivo virar e derrubar ao chão o animal no menor espaço de tempo. Um cavaleiro cerca o animal enquanto o outro desmonta de seu cavalo, em pleno galope em cima da cabeça do boi, agarrando-o pelos chifres e torcendo-os para que ele caia ao chão. Vence quem derrubar o animal no menor tempo e o sincronismo entre os dois cavaleiros é essencial.



dele, o senador Fowler, tem uma acusação legal de estupro que foi deixada de lado por falta de provas. Ele gosta de virgens e já que um bom número de mulheres é experiente mesmo em plena adolescência, ele as procura cada vez mais jovens.

— Perverso, — Kilraven murmurou. — A vítima neste caso tinha catorze anos. Catorze anos! Ele deu uma substância ilegal a ela e a estuprou em um quarto na sua própria casa. Ele até mesmo filmou para a diversão dos amigos. — Franziu a testa. — Você recorda a morte de uma garota há sete anos? Foi pouco antes de Melly... — ele pigarreou. — A garota foi encontrada em uma situação semelhante a da vítima em Jacobsville. Eu sempre achei que havia uma conexão, mas nunca conseguimos provar nada.

— Provavelmente apenas coincidência, — Jon concordou. — Elas acontecem.

Kilraven colocou o arquivo na mesa de Jon com profundo desdém.

— Ele filmou a si próprio estuprando uma garota de catorze anos. E eles não conseguiram provar? Havia um filme!

— Não é mais chamado de filme e sim de imagem digital, mas entendi o que você quis dizer. Não, eles não conseguiram provar. O filme foi apagado da filmadora na sala de provas da delegacia por pessoas desconhecidas, convenientemente antes do julgamento. Não podemos acusar ninguém, mas o senador Fowler tem um empregado de longa data que cumpriu pena por um crime violento. Ele é violentamente protegido por ambos os irmãos, e tem um primo que trabalha para o DPSA¹¹.

— Que conveniente. Podemos colocar um pouco de pressão sobre o policial? — Kilraven perguntou.

Jon lhe deu um olhar atravessado.

— Nós já temos muito problemas. Ele está sendo vigiado por assuntos internos. Isso terá que bastar. Agora, voltando ao caso da garota de catorze anos, o promotor assistente do caso ficou andando pra cima e pra baixo e usando uma linguagem tão vulgar que *ele* quase foi preso em seu próprio escritório quando lhe contaram. Isso aconteceu logo após os pais da garota terem ligado pra dizer que não a deixariam testemunhar.

— Eles não queriam que o caso fosse à julgamento? — Kilraven exclamou.

A expressão de Jon foi eloquente.

— Uma semana depois disso, o pai da garota estava dirigindo um Jaguar novo, um dos modelos esportivos mais caros, e tinha liquidado todas as suas dívidas de jogo.

Kilraven ficou quieto.

— Esses carros custam uma fortuna. O relatório diz que o pai da menina trabalhava como um contador de nível médio.

— Exatamente.

— Se Melly tivesse catorze anos e alguém fizesse isso com ela, eu teria movido céus e terra para prender o homem. Isso se eu não quebrasse o pescoço dele primeiro.

— Eu digo o mesmo. O dinheiro fala muito, em alguns casos.

— Na maioria deles. — Kilraven ficou pensativo. — A mulher do senador começou os procedimentos para o divórcio há alguns anos, mas parou em seguida e começou a beber. O seu marido ainda tem amantes e ela parece não conseguir ficar livre dele. Eles têm uma casa de praia em Nassau, onde ela passa a maior parte do tempo.

¹¹ **DPSA:** Departamento de Polícia de San Antonio.



— E a família do senador tem um rancho que fica perto de Lawton, — Jon respondeu citando o nome da cidade em Oklahoma onde os dois haviam nascido.

— Talvez a mulher saiba algo sobre o seu cunhado que queira compartilhar, — Kilraven pensou alto.

— Não vá importunar o senador ou a sua mulher, — Jon disse firme. — Finalmente descobrimos algo que poderia nos dar uma pista do nosso próprio caso arquivado. Garon Grier tem um agente secreto trabalhando nisso também. Se você assustar alguém, podemos perder tudo o que conseguimos. Sem mencionar que poderíamos enfrentar uma pressão real do alto escalão.

— Estou de licença do trabalho, — Kilraven apontou.

— Sim, mas você ainda tem um chefe que não vai gostar do seu envolvido em um caso que não está relacionado ao seu atual emprego.

— Eu tenho um chefe ótimo. Ele entenderia.

— Claro que sim, mas ele ainda o demitiria.

— Eu já fui demitido antes.

— E já foi repreendido também. Não amontoe tantos deméritos, escoteiro — Jon provocou. — Você será chutado de qualquer cargo federal.

Kilraven suspirou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Acho que eu poderia ser um policial de cidade pequena em Jacobsville a vida inteira, se precisasse.

— Você nunca conseguiria. Cash Grier disse a Marquez que já está a um passo de enfiá-lo num barril e jogá-lo no Rio Grande¹².

— Ele teria que me colocar no barril primeiro e percorrer toda a estrada até Rio Grande. No momento em que chegasse lá, eu já teria me libertado do barril, me apropriado da caminhonete dele e feito as autoridades locais prendê-lo por sequestro.

Jon não disse nada. Ele apenas sorriu. Conhecia o irmão bem o suficiente para acreditar.

— Dito isso, ele é um bom homem para o qual trabalhar. Compra brigas por seus oficiais.

— Assim como Garon Grier, aqui.

Kilraven concordou.

— Os dois são homens bons. — Ele franziu a testa. — Eles não têm mais dois irmãos?

— Sim. Um deles também trabalha com a lei.

— Como os irmãos Earp¹³ — Kilraven brincou.

— Eles eram cinco. Só existem quatro irmãos Grier. — Ele ficou em pé. — Ainda estamos seguindo as pistas da vítima de assassinato, — disse. — Eu mandei a senhorita Perry checar os arquivos da condicional para ver se achávamos algo compatível lá. Talvez a vítima tivesse acabado de sair da prisão e estivesse entre um trabalho e outro quando foi assassinada.

¹² O **Rio Grande** é um dos maiores rios da América do Norte, e serve de fronteira entre os Estados Unidos da América e o México, onde é conhecido como *Río Bravo del Norte*. O rio é utilizado por muito imigrantes ilegais que, com a ajuda de coitotes, passam ilegalmente para os Estados Unidos.

¹³ **Irmãos Earp**: Esses cinco irmãos — Wyatt, Virgil, Morgan, James e Warren — se tornaram figuras lendárias do Velho Oeste Americano, sendo Wyatt o mais conhecido por ser o temido xerife que trabalhou em Tombstone, Arizona, onde sobreviveu ao tiroteio do Curral OK. Tem inclusive um filme sobre o fato, com Kurt Russel no papel de Wyatt Earp, chamado *"Tombstone, a Justiça está Chegando"* (1993).



— Será fácil identificá-lo se ele tiver uma ficha criminal, — Kilraven concordou. — E se eles tiraram uma amostra para comparação dele, o que eu acredito que fizeram, Alice Jones poderá usar toda aquela parafernália de alta tecnologia no laboratório forense para descobrir a sua identidade.

Jon concordou.

— DNA é uma benção em casos onde o corpo não pode ser identificado pelos meios convencionais.

— Torna o nosso trabalho mais fácil, — foi a suave resposta. — Mas o bom trabalho policial ainda consiste em gastar os sapatos de couro. Falando nisso, quero conversar com Marquez. Ele pode ter visto os seus atacantes.

— Nós já perguntamos. Ele não viu.

— Quero falar com ele mesmo assim.

— Ele ainda não voltou ao trabalho. Está na casa de sua mãe em Jacobsville.

— Obrigado, — Kilraven disse secamente. — Eu já sabia disso, afinal moro em Jacobsville.

Os olhos pretos de Jon brilharam.

— Fiquei sabendo que você recebeu uma visita recentemente em sua casa. Uma loira.

— Bom Deus! Você ficou sabendo disso até mesmo aqui?

— Você foi visto por um número substancial de pessoas uniformizadas.

— Que dirigiram até a minha casa só para me espionar, — Kilraven disse com falso desgosto. — Onde esse mundo vai para quando um homem não pode nem tomar uma xícara de café com uma convidada?

— Uma xícara de café numa mesa de piquenique, do lado de fora da casa, numa temperatura congelante. Alguma coisa errada com o sofá da sua sala de estar?

— Se as pessoas não conseguem te ver, ficam pensando *o que está acontecendo* e geralmente estão erradas. Eu não queria que Winnie fosse assunto de fofocas, — ele disse reservadamente. — Ela é inocente.

As sobranceiras de Jon se arquearam sobre os olhos brilhantes.

— E como você teria descoberto isso?

Kilraven o olhou de cara feia.

— Da maneira mais comum.

Jon torceu os lábios.

— Imagine só!

— Não é nada sério, — veio a resposta curta. — Ela é uma amiga. Algo do tipo. Mas pedi que viesse até a minha casa porque eu queria saber o motivo de ela ter pintado aquele quadro que era idêntico ao desenho do corvo que a Melly fez.

Jon piscou. Recordava a noite que o irmão lhe visitara com a pintura.

— E?

— Winnie disse que começou a pintar uma paisagem, — Kilraven respondeu com a expressão confusa, — Ela não sabia por que havia pintado um corvo, ou usado aquelas cores nas miçangas. E também não sabia como eu descobri que havia sido ela. Eu nunca havia lhe dito que o nosso rancho se chama "*O Orgulho Do Corvo*".

— Esse tipo de coisa acontece na nossa família, — Jon o lembrou. — Nosso pai tinha um primo que era conhecido por suas visões sobre o futuro.

Kilraven concordou.

— Eu me pergunto de onde vem o dom de Winnie. Ela não sabe. Engraçado, — ele acrescentou, — mas Gail Rogers, a detetive que está me ajudando com o nosso caso,



tem essas premonições. Ela foi vítima de fofocas quando prendeu um suspeito que ninguém mais conectara ao caso.

O interfone tocou. Jon o atendeu.

— O agente Wilkes está a caminho com o agente Salton, e todos vocês devem comparecer a uma reunião no escritório do agente especial adjunto no comando, Grier, em dez minutos, — Joceline disse com uma voz doce como açúcar. — Você gostaria de café e *donuts*¹⁴?

Jon ficou surpreso, como deveria. A senhorita Perry nunca se oferecia para buscar lanches.

— Isso seria bom.

— Tem uma loja chamada *Dunkin' Donuts* logo na esquina, — ela o lembrou. — Se eu fosse você, correria.

— Correria? — ele repetiu.

— Sim, porque a descrição do meu emprego me manda digitar, arquivar e atender ao telefone. Não ser uma entregadora, — ela acrescentou docemente. Em seguida desligou.

— Um dia, e que Deus me ajude, ela me levará a beber e você terá que pagar minha fiança e me tirar de alguma prisão onde estarei cercado por usuários de drogas malucos enormes, — Jon gritou.

Kilraven deu um tapinha no ombro dele.

— Calma, calma, não deixe a sua pressão sanguínea ultrapassar o seu bom senso.

— Se eu tivesse bom senso, já teria pedido transferência para outro lugar, de preferência no território Yukon! — ele disse alto o suficiente para que a senhorita Perry ouvisse quando ele abriu a porta do escritório.

— Oooh, ursos polares moram lá, — ela disse alegremente. — E eles comem pessoas, não comem?

— Só nessa sua cabeça, senhorita Perry, — ele devolveu.

— Mau humor, mau humor, — ela chiou.

Jon quase tremia de tanta raiva. Kilraven conteve uma gargalhada.

— Eu ligo para você, — ele disse ao irmão. — E obrigado pela informação.

— Só não aja sem pensar nem entre em confusão com isso, — Jon disse firme.

— Você me conhece, — Kilraven disse com falso espanto. — Eu nunca faço nada precipitadamente!

Antes que Jon pudesse responder, Kilraven saiu pela porta.

RICK MARQUEZ AINDA tinha o braço numa tipoia e parecia um homem de pé num formigueiro.

— Não querem me deixar voltar a trabalhar ainda, — ele reclamou com Kilraven. — Eu consigo atirar com uma mão!

— Você não teve que atirar em ninguém há anos, — Kilraven lembrou.

— Bem, esse é o ponto da coisa. Eu poderia sentar em uma mesa e atender telefonemas, mas oh, não, preciso estar 100 por cento antes de voltar ao trabalho!

— Você pode usar o seu tempo livre.

— Ah, é? Para quê? Molhar as plantas da mamãe?

Kilraven observou os arbustos mortos na varanda.

¹⁴ **Donuts:** Rosquinha de massa frita geralmente recheada com geleia ou creme.



— Eles parecem mortos pra mim.

— Não esses aí. Aqueles ali, — ele deixou Kilraven entrar na sala de estar, onde vasos de plantas enormes cobriam quase todas as paredes.

Kilraven arqueou as sobrancelhas.

— Ela planta bananas e café dentro de casa? — ele exclamou.

— Agora, como é que você reconhece um cafeeiro¹⁵? — Marquez perguntou com evidente suspeita. — A maioria das pessoas entra aqui e pergunta que planta é essa.

— Qualquer um pode reconhecer uma bananeira.

— Sim, mas não um cafeeiro. — Os olhos de Rick se estreitaram. — Já estive perto de cafeeiros em algum lugar onde eles não cresciam em vasos?

Kilraven deu um risinho.

— Vamos apenas dizer que não sou um estranho no assunto, e deixar as coisas como estão.

Rick estava pensando que o café crescia em alguns dos lugares mais perigosos do planeta. Kilraven tinha a aparência de um homem que estava familiarizado a eles.

— Conheço essa expressão, — Kilraven disse imperturbavelmente. — Mas eu já disse tudo o que iria dizer.

— Sei quando sou derrotado. Café?

— Adoraria. — Ele encarou Rick de maneira zombeteira. — Vai colher os grãos frescos?

Rick lançou um olhar curioso aos grãos vermelhos.

— Eu tenho mesmo um moedor em algum lugar.

— Sim, mas você precisa secar os grãos e torr-los antes de moer.

— Tudo bem, agora você realmente está me deixando curioso, — Rick lhe disse.

Kilraven não disse uma palavra. Apenas continuou andando.

Eles entraram na cozinha onde Rick fez café e Kilraven pegou as xícaras. Sentaram-se à mesa da cozinha de Barbara, coberta por uma toalha xadrez vermelha combinando com as cortinas nas janelas. O cômodo era iluminado, bem arejado e bonito, assim como a própria Barbara.

— Sua mãe tem bom gosto, — Kilraven comentou. — E ela é uma ótima cozinheira.

Rick sorriu.

— Não é uma mãe ruim, também, — ele deu um risinho. — Provavelmente estaria sentado numa cela em algum lugar se ela não tivesse me adotado. Eu era uma criança difícil.

— Eu também, — Kilraven afirmou. — Jon e eu dávamos trabalho aos nossos pais. Certa vez nós ficamos bêbados em uma festa, começamos uma briga e terminamos na prisão.

— O que seus pais fizeram?

— Minha mãe sempre pagava nossa fiança. Nosso pai, entretanto, era agente do FBI, — acrescentou em voz baixa. — Ele disse a ela que correr em nossa defesa poderia nos fazer pensar que conseguiríamos escapar de qualquer coisa e poderíamos acabar em problemas mais sérios. Então nos deixou lá por vários dias e nos fez penar um bocado.

— Ai! — Rick disse, estremecendo.

¹⁵ **Cafeeiro**: Arbusto da família das Rubiáceas, que produz o café.



— Ficamos muito menos inclinados a criar confusão depois disso e eu só me lembro de ter ficado bêbado e trocado as pernas uma única vez em minha vida adulta. — Isso acontecera quando a mulher e a filha haviam morrido, mas ele não mencionou aquilo. — Claro, ficamos loucos com o papai. Mas agora, pensando melhor no que aconteceu, estou certo de que ele fez a coisa certa.

— A vida nos ensina duras lições, — Rick concordou.

Kilraven acenou com a cabeça.

— E uma dessas lições é que não devemos ir sozinhos a um encontro com um informante em potencial. Nunca.

Rick corou.

— Foi a primeira vez que isso aconteceu, — ele disse se defendendo.

— Sempre existe uma primeira vez. Quando eu era um novato, durante o meu primeiro mês com o DP¹⁶ de San Antonio, um dos detetives foi a um encontro secreto com um chefe do crime e acabou no necrotério. Ele era amigo do meu pai.

— Isso realmente acontece. Mas se nós não arriscarmos de vez em quando, não conseguimos pistas.

— É verdade.

— Não que eu não goste da companhia—estou enlouquecendo aqui — Mas por que você está aqui?

Kilraven desceu o olhar para a xícara de café.

— Por dois motivos. Primeiro, quero saber se você conseguiu dar uma olhada nos seus agressores.

— Eles me pegaram de surpresa, — Rick disse com desgosto. — Nem sei se foi um cara ou dois. Acordei no hospital. — Ele arqueou as sobrancelhas. — Segundo motivo?

— Quero saber o que você sabe sobre o irmão do senador Will Sanders, Hank.

— Ele. — Rick sentou-se na cadeira novamente. — Ele fazia parte da força de operações especiais da marinha dos Estados Unidos. Condecorado na Operação Tempestade No Deserto, — disse, surpreendendo Kilraven. — Desde que saiu, entretanto, tem feito verdadeiros progressos em dominar os subúrbios de San Antonio. Mas o irmão dele, o senador, é o verdadeiro estranho.

— Estranho, como?

Os olhos de Rick brilharam.

— Ele tem um parafuso a menos.

— Louco?

Rick balançou a cabeça.

— Estúpido, — corrigiu. — Ele não parece ter malícia, mas é protetor em relação ao irmão mais novo e é sempre uma armação. A polícia não gosta de Hank, é por isso que sempre o prende por coisas que ele não fez.

— Dá um tempo!

— Pelo que eu ouvi falar, o senador usa seu irmão para serviços subalternos como intimidar outros políticos ou atrair adolescentes para a casa dele para encontrar o senador. O mais incrível é que ele nunca foi acusado de nada, — acrescentou. — Exceto aquele crime de estupro estatutário, que foi dado como encerrado.

— Jon me falou sobre o caso. Como é que ele não se tornou um prato cheio para a mídia?

¹⁶ **DP:** Departamento de Polícia



— O senador emprega um velho ex-gangster que, por sua vez, emprega leões de chácara profissionais. Um deles foi enviado para fazer ameaças veladas às famílias de jornalistas.

— Isso é muito baixo, — Kilraven disse friamente.

— Claro que é, mas funciona. Temos tentado cooperar com os jornalistas para pegar o cara, mas é difícil encontrar um que tope colocar a família em risco para prender aquele que é a mão direita do senador. Você deve ter ouvido falar sobre o que aconteceu recentemente com a jovem que trabalhava para o senador Fowler, quando ela divulgou informações à Alice Jones sobre a vítima de assassinato em Jacobsville. Ninguém foi acusado naquele caso ainda, e provavelmente ninguém será.

— Ouvi falar que o senador Sanders estava na festa na casa do senador Fowler quando Alice Jones fez as perguntas, — Kilraven disse. — E provavelmente percebeu o que estava acontecendo. Ele pode ser estúpido, mas também é astuto.

— A maioria dos políticos é. Acho que vamos descobrir que o irmão mais novo do senador Sanders está envolvido até o pescoço nesse caso, de algum jeito. O que eu não sei, ainda, é exatamente como.

— O tio de Winnie Sinclair foi mencionado com tendo um envolvimento periférico.

Rick concordou. Os olhos dele se estreitaram ante a expressão imperturbável de Kilraven.

— Eu não disse nada sobre o assunto. A detetive com a qual estamos trabalhando no caso mencionou isso pra mim.

— Ela veio me ver recentemente.

O rosto de Rick tornou-se pensativo.

— Eu espero que ela não esteja correndo perigo, — ele disse. — Ela está mais ligada a investigação do que eu, passa grande parte do seu tempo livre olhando os relatórios, procurando pistas. Está furiosa por ter sido afastada do caso e rebaixada ao tráfego.

— O senador Fowler interveio para que ela fosse reintegrada, em seu favor, — Kilraven respondeu. — E ele conversou com seu protegido, senador Sanders, sobre os riscos políticos de tentar atrapalhar uma investigação de assassinato, não importando se o irmão mais novo dele estava envolvido ou não.

— Eu só espero que ela não pressione demais, — Rick disse. — Gail é uma ótima detetive, com um histórico honorável no departamento. Ela tem muitos problemas pessoais, mas isso nunca afetou a sua performance no trabalho.

— Todos nós temos um montão de problemas pessoais.

Rick torceu os lábios.

— Os seus parecem ser loiros.

Kilraven o encarou.

— Ela não é um problema pessoal. É só uma amiga.

— Se você diz.

— Eu digo. — Ele bebeu o café. — Vou tirar uns dias de folga para trabalhar no caso arquivado. Eu pensei que poderia ir até San Antonio para vê-la.

— Mande lembranças minhas e diga a ela que eu juro nunca mais me encontrar com assim-chamados informantes em becos tarde da noite, — Rick avisou, indicando seu braço na tipoia.

Kilraven deu um risinho.

— Pode deixar.



CAPÍTULO 5



JON ESTAVA NO meio de uma chamada de longa distancia sobre um caso pendente quando Joceline colocou sua cabeça na porta. Seus olhos azuis tinham um brilho neles, algo raro naqueles dias, mas quando ela percebeu que ele estava no telefone, pousou a mão na maçaneta e voltou.

Curioso, ele finalizou a chamada e caminhou até a outra sala.

— Alguma novidade? — perguntou.

Ela assentiu e mostrou um pedaço de papel.

Ele o pegou. Seus olhos castanhos brilharam surpresos.

— Dan Jones? — Ele olhou para ela. — Quem é Dan Jones e porque estou lendo a folha corrida dele?

— Ele é a sua vítima no *Little Carmichael River* em Jacobsville — ela disse. — Eu chequei os registros do estado das pessoas que foram colocadas em condicional recentemente, reduzi para dez possíveis suspeitos que não fizeram contato ultimamente com seus agentes de condicional e solicitei testes de DNA que foram enviados para Alice Jones para comparar com os vestígios de DNA que foram encontrados na vítima. E lá estava ele. Dan Jones.

Jon sorriu. Era raro para ele fazer aquilo e extraordinário que sorrisse para Joceline, que era o seu castigo. Ela o encarou e não o reconheceu; seu sorriso o fez parecer tão diferente. Seus olhos negros faiscaram. Seus brancos e perfeitos dentes resplandeceram.

— Lembre-me de solicitar um aumento de salário para você, Srta. Perry — ele disse. — Citarei sua contribuição no caso, também.

— Obrigada, — ela gaguejou.

— Dan Jones... — Ele virou e foi para seu escritório, enquanto sua mente estava trabalhando em alta velocidade. — Poderia ligar para meu irmão imediatamente?

— Sim, senhor.

KILRAVEN ARDEU EM CHAMAS com a novidade, assim que seu irmão lhe contou. Ele passou as próximas duas horas tentando encontrar a parceira de Rick Marquez, Gail Rogers. Ela tinha ido à cena de um suicídio, a despachante disse, e lhe dera o endereço depois que ele informou, não muito honestamente, que estava trabalhando no caso. Os oficiais à paisana na porta do apartamento tentaram parar Kilraven, mas ele simplesmente apresentou seu distintivo federal para eles e continuou andando.

A vítima estava estendida sobre o sofá. Havia uma enorme faca cravada em suas costas.

Kilraven olhou para a sargento detetive.

— Pensei que haviam dito que você estava em uma cena de suicídio, Rogers, — ele observou.

— Certo. Suicídio. Obviamente ele se atacou pelas costas, — ela girou os olhos.

— Com certeza. Dá pra fazer, só precisa ter braços realmente compridos, — Alice Jones – cujo último nome agora era Fowler – disse, enquanto entrava na sala com um saco de evidências que havia coletado. Atrás dela, estava o fotógrafo que registrava a



cena. Um outro técnico em cena de crime estava utilizando um sistema de coleta a vácuo para colher traços de evidência como cabelo e fibras do carpete em volta do corpo, enquanto outros procuravam traços de sangue e fluídos corporais nas superfícies próximas com luzes ultravioletas. — O que você está fazendo aqui, bagunçando a minha cena de crime, Kilraven? — Ela acrescentou com um largo sorriso. — Isso não é um suicídio federal.

— Em minha opinião, isso não é um suicídio. Ponto. — Kilraven rebateu.

— A esposa dele disse que sim, — Alice murmurou. — Na verdade, ela o viu fazer cometê-lo.

Seus olhos se estreitaram.

— Ela viu?

— Sim. Um pouco antes do gato de duas cabeças voar pela janela e a atacar.

Kilraven assobiou.

— Eles a levaram para a cidade, — a detetive falou, — direto para o hospital.

— Para uma avaliação psiquiátrica? — ele perguntou.

— Para desintoxicação. Pelo visto, ela inalou metanfetamina suficiente para colocar dois homens no necrotério.

— Pessoas que fabricam metanfetamina deveriam ficar penduradas pelo nariz até apodrecer, — ele falou friamente.

— Crie uma necessidade e em seguida a supra, é como segue a canção, — Gail disse solenemente. Seus olhos negros estavam frios. — Meu ex-marido conhecia todas as drogas que um homem podia conhecer e usava a maioria delas. Eu não fazia a menor ideia até estarmos em lua de mel e ele tentar me convencer a usar. Eu o deixei naquela mesma semana.

— O amor nos cega, — Alice acrescentou.

— Você deve saber “recém-casada Alice”, — ele provocou.

Ela sorriu.

— Harley e eu temos bezerros, — ela disse. — Seu chefe, Cy Parks, nos deu um touro reprodutor e várias novilhas, e eras novilhas cheias.

Kilraven piscou.

— Como é que é?

— Bem, se uma novilha é chamada de *vazia* quando não está grávida, não faz sentido que chame de *cheia* quando ela está?¹⁷ — Alice perguntou.

Kilraven apenas balançou a cabeça.

— Aprendemos algo novo todos os dias...

— Sabe qual é a diferença entre um touro e um boi? — Ela continuou com um sorriso arrogante.

Ele lhe deu um olhar divertido.

— Sou proprietário de metade do maior rancho de criação de gado em Lawton, Oklahoma, Alice. Eu cresci no lombo de um cavalo.

— Cresceu mesmo? — Ela exclamou.

— Meu irmão me contou as novidades sobre Dan Jones, — Kilraven disse a ela. — Bom trabalho!

¹⁷ **Nota da revisora Suelen Mattos:** Esse trecho foi escrito com o intuito de ser engraçado, com a confusão dos termos relacionados à criação de gado feita pela Alice. Pra quem não está habituado a tais termos essa "graça" meio que se perde. É o seguinte: há 3 tipos de denominação para novilhas. **Novilhas Vazias**, quando elas não estão prenhes; **Novilhas Prenhez** quando elas estão e **Novilhas Recém Paridas**, quando elas já pariram. A graça aí está no fato de Alice se referir as novilhas prenhes como **Novilhas Cheias** em vez de **Novilhas Prenhez**.



— Eu te disse que tinha talento, — Alice o lembrou. — É incrível que eu ainda não tenha sido chamada para trabalhar como consultora técnica destes programas sobre autópsias na televisão. — Ela franziu a testa pensativa. — Caramba, estou surpresa que eles não estejam atrás de mim para estrelar um deles. Eu sou jovem, sou linda, sou... Tem alguém aí me ouvindo? — Ela abriu os braços.

— Estamos tentando não ouvir, Alice — disse Kilraven com um sorriso irônico.

— Ótimo. Eu simplesmente irei resolver os crimes sozinha, sem apreço, sem amor...

— Devo contar ao Harley que você disse isso? — Ele perguntou.

Ela fez uma careta para ele e saiu da sala.

— Este exame de DNA realmente foi um ótimo trabalho, Alice — ele disse a ela.

— Não adianta tentar me bajular, Kilraven, não estou ouvindo!

— Foi um bom trabalho, mas não ajuda muito ainda, — disse a detetive Rogers um minuto depois. — Temos um nome e um pedaço de papel, mas temos muito trabalho pela frente, se quisermos ligá-lo a alguém.

— Bom, nós chegaremos lá. Queria saber se você teve alguma sorte com o interrogatório das testemunhas no entorno do motel onde a vítima vivia.

— Ninguém sabe nada, — suspirou. — Bem, deixe-me reformular, ninguém sabe nada *de graça* e estou quebrada até o dia do pagamento.

— Posso bancar estas despesas, se você estiver disposta a voltar lá, — ele disse.

— Odeio pagar informantes, mas realmente não vejo outra forma de conseguirmos informações sobre este caso. E não estou muito certa se dirão algo se pagarmos por isso, — acrescentou. — Um dos caras com quem conversei disse que nós estávamos pondo nossos narizes em lugares que mesmo policiais não deveriam ir.

— Isso parece interessante.

— Eu levaria balas, se fosse até lá — Alice sugeriu do outro quarto.

— Eu sempre levo balas, — Kilraven informou a ela.

— Quando eu terminar aqui, — Rogers disse, — podemos voltar ao motel e ver se algumas fotos de Ben Franklin em dinheiro abrirão algumas bocas.

— Então vamos. Até mais, Alice — ele disse para a mulher que estava no quarto ao lado, que acenou em sua direção.

O MOTEL ONDE DAN estivera vivendo era decadente, um estabelecimento pequeno e triste no lado errôneo da cidade. O preço baixo era a única coisa que atraía os pobres. Por outro lado, os hóspedes tinham que dividir o espaço com uma porção de pequenos e peludos roedores ou insetos de longas patas.

Havia cinco homens vivendo no motel, apenas dois deles moravam lá há muito tempo. Um deles conhecia Dan Jones, porém foi preciso ver várias fotos de Ben Franklin para entrar em seu quarto e várias outras para superar seu senso de sobrevivência.

Ele era idoso, parecia meio morto de fome e usava óculos tão grossos que Kilraven duvidava até mesmo de sua capacidade de enxergar seus visitantes.

— Ele estava envolvido com pessoas ruins, — o velho lhes disse. — Ruins de verdade. Disse que não poderia ficar em um lugar por muito tempo, porque estavam tentando calá-lo. Ele sabia coisas, entende. Não quis dizer o quê, mas disse que queria seguir em frente e não o deixavam. Tinha uma garota, uma boa garota, ele disse. Era religiosa mesmo e ele queria ir à igreja com ela. Ele gostava disso. Disse que achava



que poderia consertar algumas coisas que fez. — O velho balançou a cabeça. — Eu sabia que ele não viveria. Uma vez que dissesse aquele nome, eu sabia que iriam matá-lo. — Ele deu a Kilraven um olhar duro. — Você apenas certifique-se de dizer que eu nunca disse nada ou me encontrarão em algum beco.

— Não direi a ninguém, — Kilraven prometeu. — Que nome ele disse?

O homem hesitou.

— Que nome?

Ele suspirou.

— Hank Sanders, — ele finalmente falou.

A mandíbula de Kilraven se enrijeceu.

— O irmão mais novo do Senador Sanders, — ele murmurou.

— O próprio. A lei não pode tocá-lo. Ele tem amigos poderosos. Veja, nunca vão pegar os caras que mataram Dan. Eles podem encobrir qualquer crime que quiserem. Cuide-se ou eles vão te pegar também.

— Ninguém inteligente mata um policial, — Kilraven disse a ele.

— Sim, bem, esses caras não constroem foguetes, — foi sua resposta irônica.

Kilraven entregou-lhe outra nota de Franklin e saiu com a detetive.

— E agora? — Ela perguntou com um suspiro.

— E agora, mesmo. Como é que vamos investigar o irmão de um senador por um possível homicídio?

— Ligar para alguns repórteres...?

— Oh, não, — ele interrompeu. — Não serei um petisco nos noticiários noturnos. Quando reabrirem esse caso arquivado haverá fotos da autópsia da minha esposa e minha filha em todos os tabloides daqui até New York, — acrescentou ele, sombrio. — Agora, temos que manter isso entre nós. Vou ver o que posso desenterrar sobre o irmão do senador. Talvez você possa ver se algum dos seus informantes sabe algo sobre Dan Jones e seus amigos.

— Farei isso. — Ela ficou quieta e pensativa por um minuto. Permaneceram fora do motel no ar da noite fria junto ao letreiro de neon onde faltavam duas letras da palavra *motel*, o que parecia destacar a decadência do edifício antigo e necessitado de reparos que o proprietário obviamente não poderia ou não iria fazer.

— Espero nunca acabar num lugar como este, — Kilraven disse grunhindo.

— Eu também, embora tenha vivido em lugares piores nos anos passados, — ela disse com um sorriso suave. Olhou para o céu escuro. — Quero fazer algo perigoso.

— Como se jogar de um prédio ou coisa assim? — Perguntou a ela com um brilho no olhar.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, quero reabrir o caso dessa adolescente que foi encontrada em uma condição semelhante à de Jacobsville, vítima de assassinato, há sete anos.

Kilraven ficou imediatamente sombrio.

— Você acha que pode haver uma ligação com o nosso caso não resolvido?

Ela assentiu com a cabeça.

— É só um palpite. Não tenho informação privilegiada ou qualquer outra coisa, mas tenho uma intuição...

— Tenho uma amiga em Jacobsville que tem o mesmo tipo de intuição. Salvou minha vida uma vez, — ele lembrou, pensando em Winnie.

— A minha pode acabar em tragédia, — ela disse com uma súbita premonição. — É muito arriscado. Mas acho que poderia ser uma peça no quebra-cabeça.



Os olhos dele se estreitaram.

— Você acha que pode haver uma relação com o senador.

— Não tenho qualquer evidência que aponte para ele. Apenas um palpite. Ela era muito jovem, — lembrou. — Saiu supostamente para encontrar um rapaz que estava namorando e apareceu morta em uma condição indescritível, um pouco antes de você perder sua família, e igual ao nosso misterioso Dan Jones quando o corpo dele foi encontrado. Pode ser uma coincidência. Por outro lado...

— Não custa tentar, — ele concordou.

— Vou reabrir este caso. E você, preste atenção a sua volta, — ela acrescentou com um sorriso. — Odiaria ter que identificá-lo pelo seu DNA.

— Meu irmão também, — respondeu sorrindo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Manterei contato.

WINNIE SABIA QUE ALGO estava acontecendo com Kilraven, mas não sabia exatamente o quê. Ele tinha ido a San Antonio ver seu irmão e a parceira de Marquez. Antes disso, passou um tempo com Rick em sua casa. Ela gostaria de conhecer Kilraven o suficiente para lhe perguntar o que estava acontecendo. Elas não conseguiram nenhuma informação interna no despacho e aquilo sozinho era perturbador. Geralmente ficavam sabendo de algumas coisas sobre qualquer caso que estava sendo investigados, mesmo aqueles em San Antonio.

Ela ainda estava flutuando no ar por causa daquele beijo forte e doce, e esperando que não fosse apenas um incidente isolado. Kilraven foi o primeiro e único homem pelo qual já sentira aquelas sensações. Tinha esperança que ele se sentisse da mesma maneira. Mas ele não havia telefonado para ela ou aparecido no Café Barbara, onde Winnie almoçava quase todos os dias. Na verdade, Kilraven era notado por sua ausência.

Os feriados acabaram. Ela e Keely tinham tirado os bonitos e antigos enfeites de Natal e os embalaram, junto com os outros enfeites e a árvore. A casa parecia fria e nua. Jacobsville ainda tinha sua decoração, sinos e árvores de Natal nos postes de luz, juntos com as guirlandas de cipreste e azevinho. Mas esses enfeites artificiais geralmente não eram retirados até a metade de janeiro. Eles deixavam Winnie triste. Ela esperara poder ver Kilraven durante os feriados. Mas se o caso não resolvido dele estivesse esquentando, entenderia se Kilraven quisesse estar no meio dele.

Winnie deveria ter percebido o quão obcecado ele era em relação ao passado. Mas não percebeu.

KILRAVEN MAL HAVIA notado o dia de Natal. Jon apareceu por lá e trouxe para ele um prendedor de gravatas de diamante. E ele retribuiu o presente com uma rara gravura de cavalos correndo que Jon estava procurando. Kilraven tinha encontrado na Internet meses atrás e comprou-o, depois o emoldurara e guardara em seu armário para o grande dia.

— Você nunca monta uma árvore no seu apartamento? — Jon exclamou, olhando em volta para o apartamento sem enfeites. Não havia sequer uma fotografia, quadros, nada pessoal. Apenas equipamentos de ginástica em um quarto, computadores e monitores de trabalho em outro, consoles de jogos, móveis para suprir as necessidades



básicas na sala de estar e sala de jantar e uma cozinha totalmente equipada, onde Jon às vezes preparava pratos elaborados para eles dois.

— É apenas um lugar para dormir. Estive bastante ocupado perseguindo pistas.

Jon estreitou os olhos.

— O que fiquei sabendo é que você tem levado pessoas à loucura tentando convencê-las a trabalhar no seu caso não resolvido em vez de nos prementes novos assassinatos.

— Ei, é a primeira novidade no caso que tivemos em sete anos — ele disse na defensiva, mantendo seu rosto rígido. — Isso deveria ter sido resolvido antes!

— Não vou discutir isso, mas você sabe como é dar o seu melhor para solucionar duas dúzias de casos ao mesmo tempo, todos com familiares magoados que querem sangue, e lágrimas dos criminosos.

— Eu sei, — Kilraven disse firmemente. — Mas isso é pessoal.

Jon se aproximou.

— Não comece com a obsessão de novo, — ele disse calmamente. — Ela dominou três anos da sua vida após o ocorrido. Não quero ver você cair novamente nesse abismo.

— Eu vou resolver isto, — disse ao irmão. — Custe o que custar. Quem quer que tenha matado minha garotinha vai pagar com seu próprio sangue!

Jon entendia como ele se sentia. Não sabia o que dizer. Era uma questão muito pessoal.

— Eles tiveram semanas! — Ele explodiu. — Sabiam o nome do cara, onde morava, que ele estava envolvido com uma mulher que trabalhava para o Senador Fowler, que frequentava uma igreja próxima... Pelo amor de Deus, haviam membros da igreja, outros funcionários que trabalhavam para o Senador, as pessoas que moravam no motel onde ele ficava...!

— Eu fiquei sabendo sobre o morador que foi, digamos, compensado por informações, — disse Jon secamente. — Isso não é um bom trabalho policial.

— Ei, de qualquer forma funciona! — Ele disparou de volta. — Ele era o único homem que minha detetive encontrou disposto a dizer qualquer coisa e ele morria de medo até de sussurrar certos nomes.

— Como o nome do irmão mais novo do Senador? — Jon perguntou.

— Exatamente.

Jon enfiou as mãos nos bolsos.

— Mac, não estou dizendo que é uma má ideia, mas se o caso alguma vez for a julgamento, aquele informante pago vai voltar para assombrá-lo. Um elo quebrado numa corrente de evidências pode deixar um assassino solto.

Os olhos prateados de Kilraven estavam implacáveis.

— Quem disse que ele sequer irá a julgamento? — Ele perguntou em um tom tão suave com uma ameaça que fez Jon ficar arrepiado.

— Se você agir fora da lei, vai para a prisão, — Jon disse calmamente. — Não faça isso. Nem sequer pense nisso. Nós temos a lei a nosso favor e ela funciona.

— Nem sempre.

— A justiça pelas próprias mãos tem sido conhecida por matar inocentes, — Jon lembrou. — Você não quer apontar o gatilho e o dedo para a pessoa errada, não é?

A expressão de Kilraven era como pedra.

— Eu quero justiça.

— Ótimo. Eu também. Pare de falar como um 'fora da lei' do Velho Oeste.



Kilraven levantou uma sobrancelha.

— Você já leu uma história real do velho oficial da fronteira do Texas no início de 1800? — Jon perguntou.

— Quem não leu?

— Um texano com um distintivo podia entrar numa cidade atravessando a fronteira e os moradores fugiriam gritando só de ver seu distintivo, — ele respondeu.

— Naqueles velhos tempos devia ser difícil permanecer vivo, — Kilraven defendeu.

— Você está perdendo o foco.

— Que é?

— Você pode levar uma ameaça tão longe que ao invés de fazer respeitar a lei, acaba criando pânico e medo.

— De qualquer forma funciona, — o homem mais velho repetiu.

Jon suspirou irritado.

— Posso falar com você sobre uma dúzia de outros assuntos e você é a alma da racionalidade. Sobre este aqui, você não é nem mesmo coerente.

— Olhe as fotos da autópsia. Eu te darei coerência.

Jon se aproximou e colocou sua grande mão no ombro do irmão.

— Ninguém sabe melhor o que você passou do que eu, — ele disse calmamente.

— Vou ajudá-lo, de todas as maneiras que puder. Mas se você der um passo fora da lei, ninguém será capaz de ajudá-lo. Entendeu?

Kilraven amoleceu apenas por um minuto. Jon era um cara difícil, mas realmente se preocupava com seu irmão, e Kilraven sabia. Ele conseguiu dar um sorriso.

— Eu poderia ter tido alguém muito pior como irmão do que você — ele disse.

Jon deu uma risadinha.

— Sim. Eu também.

Era o mais próximo que eles chegavam a expressar o verdadeiro carinho que tinham um pelo outro. Nenhum deles era conhecido por demonstrações públicas de emoções particulares.

AGORA ERA JANEIRO, frio, árido e seco. Kilraven olhou para o horizonte aplainado com seu céu cinzento e árvores secas exibindo seus galhos nus sobre a terra gelada. Parecia morto, da mesma forma que Kilraven se sentia morto por dentro. Ele sentia muito por não ter ao menos ligado para Winnie durante os feriados, mas cada nova pista sobre o caso o manteve andando de um lado para o outro e esperando chamadas telefônicas. Não que tenha esperado por muito tempo. Agora, todo detetive de homicídios em San Antonio reconhecia o número de seu celular e desligavam no minuto em que ele brilhava em suas telas.

— Droga! — Murmurou, atirando o telefone em seu sofá de couro após sua última tentativa de comunicação onde um clique rápido foi logo seguido por um sinal de ocupado.

Mal havia atingido o sofá quando começou a tocar.

Ele agarrou o aparelho. Talvez um dos detetives fosse vidente.

— Alô? — ele disse.

— Tenho novidades, — disse Jon presunçosamente. — Lembra que eu disse que a Sra. Perry estava pesquisando os associados conhecidos de Dan Jones?

— Sim. Você encontrou alguma coisa?



— Encontrei. O irmão do Senador está associado com o Sr. Jones, — ele respondeu.

— A conexão. Finalmente!

— Ok, mantenha-se aí mesmo, — Jon disse com firmeza. — Você não pode aparecer e estragar toda a investigação. Temos que ir devagar, para reunir provas.

— Droga!

— Eu sei como você está impaciente, — Jon disse-lhe calmamente. — Mas não quer que a gente estrague um caso de assassinato com intimidações e ameaças, não é? Kilraven ficou em silêncio.

— Ou quer?

— Claro que não, — ele disse com um suspiro profundo.

— Bom. Agora respire fundo e me prometa que não vai correr até o covil do irmão malvado e começar a bater nele até atravessá-lo pelas paredes tentando arrancar a confissão dos assassinatos dele.

Kilraven soltou a respiração.

— Eu prometo.

— Temos que cercá-lo. Primeiro vamos descobrir exatamente quais serviços Dan Jones era conhecido por fazer para ele, e se de alguma forma eles estavam envolvido em alguma intimidação ou coisa pior. Depois, temos de encontrar testemunhas que viram isso e estejam dispostas a falar.

— O informante do motel pode saber mais.

— Qualquer coisa que começa com suborno é um banquete para a defesa do criminoso, — disse Jon severamente.

Kilraven se acalmou.

— Acho que sim, — ele disse irritado.

— Você sabe que sim. O que você pode fazer é encontrar uma maneira de falar com a mulher do Senador, — Jon acrescentou. — Sabemos que ela tem medo do irmão de seu marido. Não sabemos por quê. Precisamos de uma forma de arrancar a informação dela sem levantar suspeitas.

— Eles têm uma casa de praia nas Bahamas, — disse Kilraven. Seus olhos se estreitaram. — Eu poderia voar até lá...

— Ela não vai falar com você, — disse Jon. — Eu sei, porque já tentei. Tem que ser uma mulher.

O coração de Kilraven saltou.

— Os Sinclair têm uma propriedade em Nassau.

— Sim, eles têm — disse Jon. — Na verdade, essa propriedade é vizinha à casa de praia do Senador. A Sra. Perry conseguiu essa informação para mim.

— E o nosso rancho em Lawton fica perto da casa do Senador, no local onde seu avô nasceu. Eles passam férias lá também, algumas vezes. Winnie Sinclair poderia estar disposta a ajudar. Poderíamos ir lá juntos.

A voz de Jon congelou.

— Se você levá-la para Nassau e partilhar sua casa de praia, ela seria motivo de fofoca em Jacobsville. Sua reputação é impecável. Seria uma vergonha manchá-la.

Kilraven estava pensando, não muito racionalmente.

— Poderíamos realizar uma bela cerimônia na Prefeitura um dia antes de partirmos para as Bahamas, seguida de uma bela anulação no dia em que voltássemos para casa.

Jon olhou para ele.



— Esta mulher é louca por você, pelo que ouvi falar. Até mesmo você não poderia ser tão insensível ao ponto de pensar em se casar com ela temporariamente apenas para ajudar numa investigação de assassinato!

— Eu estava brincando, — Kilraven mentiu. — Olha, eu poderia pedir a ela para voar até lá, encontrar a esposa do Senador acidentalmente e convidá-la para um almoço ou algo assim. Ela poderia ser capaz de descobrir algo que nós não conseguimos.

— E poderia colocá-la na linha de fogo também, — Jon argumentou.

Kilraven franziu os lábios.

— Mais uma razão que eu deveria estar à mão, só por via das dúvidas.

Jon jogou as mãos para o alto.

— Não consigo conversar com você!

— Claro que consegue. É uma ótima ideia. Vou trabalhar nisso.

— Não foi isso que eu quis dizer, — Jon disse. — Mac, você não pode usar pessoas que se preocupam com você.

— Por que não? Todo mundo faz isso, — seu rosto se endureceu. — Minha filha está morta. Alguém a matou e fugiu como se nada tivesse acontecido. Eu quero que alguém pague pelo que fez a ela. Alguém vai pagar por isso, não importa o que eu tenha que fazer para conseguir uma prisão neste caso!

— Não importa quem você tenha que sacrificar para fazê-lo? — Jon perguntou suavemente.

— Você está deturpando o que eu disse.

— Não é verdade.

Kilraven deu os ombros.

— Winnie tem uma queda por mim. Ela é jovem demais para sentir algo mais forte do que isso, — ele disse desconsiderando os sentimentos dela. — Ela ficaria emocionada em ter uma licença de casamento nas mãos, mesmo que fosse por apenas um par de semanas. Nós resolveríamos o caso, obteríamos a anulação e voltaríamos para nossas próprias vidas.

— Mac...!

— Como se fosse um encontro, só que viveríamos juntos por algum tempo.

— Ela tem um irmão que come cobras vivas, — Jon atirou de volta. — Eu sei quem é Boone Sinclair. Você não vai querê-lo no seu pescoço. Ele serviu no Iraque e tem habilidades que poderiam se igualar às suas. Ele é muito protetor com sua irmã.

— Não vou machucar Winnie, — Kilraven se irritou. — Pelo amor de Deus, vamos tirar umas férias juntos. Que mal há nisso?

— Umas férias onde você vai usá-la como isca para pegar a mulher do Senador.

— Você disse que nós não conseguiremos fazê-la falar porque somos homens. Ok, Winnie é mulher.

— Você nem mesmo sabe se ela vai aceitar isso, — Jon disse. — Mas se pedir a ela, pelo amor de Deus, diga a verdade. E também diga que é arriscado. Porque é. Você poderia estar colocando a vida dela em risco.

— Só por falar com a esposa de um Senador? — ele zombou. — Não seja tão alarmista.

— Eu tenho que ser. Você não está pensando direito. É muito cabeça dura quando se trata deste caso para ser lógico.

— E você é muito lógico para sentir desejo de vingança.

Jon sacudiu a cabeça.



— Não, não sou. Eu também as vi, — ele acrescentou calmamente. — Melly era uma criança muito especial. Posso não ter gostado de sua mãe, mas eu a amava. Assim como você. Não quero que alguém escape depois de tê-la matado também.

Kilraven relaxou um pouco.

— Vou conversar com Winnie.

— Faça isso. Mas seja honesto. Ok?

— Ok.

POR TODO O CAMINHO ATÉ JACOBSTOWN, ele ficou pensando em maneiras de convencer Winnie sem lhe dizer muito. Jon era todo profissional, mas o coração de Kilraven estava sangrando novamente pela lembrança do que vira há muito tempo, naquela noite chuvosa, quando interceptou uma chamada de homicídio e encontrou sua família morta. Tivera pesadelos durante todos esses anos. Ouvia Melly chamá-lo, gritar para ele salvá-la, e ele tentava se levantar, mas estava preso por cordas e não conseguia se soltar. O mesmo sonho, noite após noite, com seus gritos em seu ouvido.

Ele mergulhou de cabeça numa garrafa de uísque por várias semanas depois da fatalidade. Jon o salvou de ir ainda mais fundo, colocando-o num centro de tratamento. Felizmente, seus patrões entenderam seu comportamento. Aconselhamento e tempo lhe deram a oportunidade de fingir para o mundo que havia superado as mortes, que estava bem ajustado e pronto para voltar ao trabalho. Nada estava mais longe da verdade, mas aprendeu a esconder seus sentimentos. Ele era bom nisso agora.

Aceitou alguns dos trabalhos mais perigosos que pôde encontrar em um esforço fútil de tirar as horríveis fotos de sua mente. A CIA o aceitara com reservas, mas percebeu que ele era um achado com o seu conhecimento de línguas estrangeiras. Assim como seu irmão, Jon. Ele falava persa e vários dialetos árabes, além de espanhol, francês, russo, alemão e até mesmo Lakota Sioux. Sua cor favorecia os contatos, ele era moreno azeitonado e tinha olhos escuros o suficiente para se passar por alguém do Oriente Médio, e ele se passara, trabalhando disfarçado e algumas vezes com governos estrangeiros para obter informações vitais à segurança nacional.

Sua especialidade se tornara casos de sequestro, que fora a razão de ele ter ido como agente secreto para Jacobstown na época em que o General Emilio Machado desapareceu e apareceu no México. O general capturara primeiro Gracie Marsh e depois Jason Pendleton num esforço para recuperar o seu governo na América do Sul. Ele era amigável para com os EUA e não era como o tipo de tirano que detinha o poder ali, agora. Kilraven estivera procurado por ele, mas não havia percebido onde ele estava até que se envolveu com Rodrigo Ramirez do DEA¹⁸ em um caso de drogas. E *voilà*, lá estava Machado. E ele resolvera o caso.

Agora tinha algo muito mais pessoal para perseguir durante sua licença do trabalho. Tudo o que precisava eram as ferramentas necessárias para resolvê-lo. Uma delas era Winnie Sinclair. E iria conseguir que ela o ajudasse. Não importava o que tivesse que fazer — mesmo que isso significasse usar os próprios sentimentos dela por ele durante o processo. A única coisa que importava era trazer o assassino de sua filha à justiça de qualquer forma que pudesse.

Ele ainda podia vê-la, no último dia de sua pequena vida. Ela havia começado a caminhar em direção ao carro onde sua mãe esperava impacientemente para levá-la

¹⁸ **DEA (Drug Enforcement Agency):** Departamento Antidrogas; Agência de Combate as Drogas (nos Estados Unidos)



para a creche. Mas se virou de repente. Correu de volta para Kilraven com seu cabelo preto voando, rindo, com os braços estendidos. Ele a pegou nos braços, girando e a beijou.

— Eu te amo, papai — ela sussurrara, e o beijara de volta. — Lembre-se sempre disso.

Ele mal conseguia ver a estrada por causa do filme passando em seus olhos. *“Lembre-se sempre disso”*. Aquelas eram as palavras mais dolorosas de todas agora, porque se lembrava o que havia acontecido poucas horas depois. Nunca mais veria aqueles olhos negros brilhando, ouviria aquela risada musical ou abriria seus braços para Melly. Ele respirou asperamente e engoliu o bolo em sua garganta. Suas mãos ficaram brancas onde segurava o volante. Três anos de idade e algum impiedoso intruso a matara. De alguma forma, ele jurou, um dia alguém iria pagar o preço por esse assassinato. E ele faria isto acontecer. Não se importava se isso lhe custasse seu emprego ou até mesmo sua vida. O assassino seria levado à justiça.



CAPÍTULO 6



WINNIE DECIDIU ALMOÇAR no Café da Barbara antes de ir para casa. Ela dividira seu turno na divisão, trabalhando cinco horas de suas dez horas do turno antes da meia-noite e voltando às três horas da manhã para pegar o resto. O EOC¹⁹ havia sido organizado de modo que cada operador trabalhasse um turno de dez horas, assim alguém estaria chegando quando alguém estivesse saindo, não havendo sobreposição. Isso permitia que os operadores de entrada soubessem o que estava acontecendo e não fossem necessárias longas explicações de situações existentes ou em desenvolvimento.

Ela adorava o seu trabalho. Havia momentos em que ela estava tão estressada que tinha que fazer pausas na sala de descanso da EOC, um lugar reservado para pessoas que precisavam de um breve momento de solidão para acalmar os ânimos depois de um período agitado. Era um trabalho de alta pressão, com vidas em jogo. O treinamento havia sido intenso, mas depois de seu estágio ela se sentia capaz de lidar com quase todas as situações que surgiam. E se ela precisasse de ajuda, tinha tudo ao seu redor. Essas pessoas dedicadas e de bom coração faziam com que ela se sentisse orgulhosa por fazer parte do grupo.

— Você parece cansada — Barbara disse ao colocar um prato de salada e um sanduíche de queijo grelhado na frente de Winnie, junto com uma xícara de café quente. Winnie colocou creme e açúcar no café, algo que ela só fazia quando tinha queijo grelhado.

— Péssima noite — ela respondeu com um sorriso pálido — Eu trabalhei no turno da divisão para substituir um dos nossos operadores que teve uma morte na família. Foi agitado. Muito mais do que o habitual.

Barbara sentou-se com ela por um minuto.

— O menino Tate? — ela perguntou suavemente.

Winnie hesitou, e depois assentiu. Era inútil negar o seu envolvimento. Em Jacobsville, todo mundo sabia o que estava acontecendo. Além disso, sairia no jornal no dia seguinte. Operadores nunca falavam sobre os incidentes no trabalho de outra forma.

— Trágico — disse pesadamente — Coitada da mãe dele.

— Ela tem amigos. Ela vai superar.

— Sim, mas foi tão absurdo — disse Winnie.

Barbara colocou a mão suavemente sobre a dela.

— Nada é realmente absurdo. Às vezes, só não entendemos a razão das coisas acontecerem. Como Rick ficar brigando — ela balançou a cabeça — Graças a Deus ele tem uma cabeça dura.

Winnie assentiu.

— Ele teve sorte. Mas este menino tinha apenas quinze anos — disse Winnie — Ele achou que seria engraçado roubar um carro e ir passear com ele. Ele atropelou uma criança de dez anos, deixando-a aleijada para toda a vida, e depois não pôde evitar a culpa e se matou — ela balançou a cabeça — Eu não entendo nada.

¹⁹ **EOC**, Emergency Operations Center (Centro De Operações De Emergência)



— Isso é o que eu quero dizer — disse Barbara — Eu não acho que fomos feitos para entender — ela olhou para cima — Você precisa de consolo.

— Seria preciso mais do que uma salada e café.

— O que você acha de algo com um metro e oitenta de altura e muito bonito?

— Desculpe?

— Que tal trazer-me o que ela está tomando? — Kilraven perguntou enquanto ele puxava uma cadeira e sentava-se ao lado de Winnie, cujo coração saltou para garganta, mesmo estando tão cansada — Exceto que quero o meu café preto.

Barbara sorriu.

— Já trago.

Ela saiu e Kilraven deu a Winnie uma ousada avaliação. Ela estava vestindo uma calça escura com uma camisa pólo azul, e o cabelo loiro em uma trança elegante. Ela parecia muito jovem, cansada e desiludida.

— Eu ouvi — disse Kilraven.

Ela o encarou. Ele estava usando calça e camisa preta com um casaco de lã. Ele parecia caro e sofisticado fora do uniforme. Ela conseguiu dar um sorriso.

— Estamos todos ainda nos recuperando. Até as ambulâncias chegarem lá, tínhamos esperança.

— Você fez todo o possível. Foi um bom esforço.

— Nós fizemos todo o possível e ainda assim ele morreu.

— Isso não é sua culpa — ele respondeu calmamente — As pessoas morrem. Nós morreremos algum dia.

Ela conseguiu dar um sorriso cansado.

— É o que dizem.

Barbara voltou com a salada, sanduíche e café.

— Você tem que aprender a não levar a coisa tão a sério, querida — ela disse a Winnie suavemente.

O carinho foi reconfortante. Winnie suspirou.

— Eu vou tentar.

— Não é ruim ter um coração — exclamou Kilraven.

— Sim, é — Winnie murmurou. Ela deu um longo suspiro e afastou seu prato — Está tudo bem, Barbara, eu só estou com sono e cansada. Eu quase fui direto para casa, mas eu não havia comido nada desde o jantar.

— Você tem uma cantina no EOC — Kilraven apontou.

— Sim, mas para comer, você tem que ter tempo para comer — ela o lembrou — Essa não foi a única emergência que tivemos. Foi a noite mais movimentada que tivemos neste mês.

— Foi uma lua cheia — disse Kilraven enquanto comia a salada.

— Foi — Barbara exclamou — Mas o que isso tem a ver?

— Sei lá — disse ele — Mas isso realmente traz o pior em algumas pessoas.

Barbara apenas balançou a cabeça.

— Se você precisar de alguma coisa, me avise.

NÃO ESTAR DERRUBANDO utensílios ou derramando café de tanto nervosismo devido à presença de Kilraven, era uma indicação de como Winnie estava deprimida. Ela tomou um gole de café e olhou vagamente para a sua salada.

Depois de um minuto, ela olhou para ele e franziu a testa.



— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou de repente — Nós soubemos que você estava trabalhando com detetives de San Antonio para encontrar ligações com o nosso corpo no *Little Carmichael River*.

— Eu estava, e eu estou — disse ele — Preciso de um favor.

O coração dela deu um salto.

— O quê?

— Agora não. Termine o seu café e vamos dar um passeio.

Ela olhou ao redor observando as pessoas que frequentavam o lugar. Eles estavam comendo e atirando olhares disfarçados à Winnie e Kilraven.

— Se eu for para um passeio com você, seremos o comentário da cidade durante todo o final de semana — disse ela.

Ele riu.

— Eu não me importo — ele a encarou — E você?

Ela encolheu os ombros.

— Acho que não.

— Enquanto eles estão falando de nós, estão deixando alguém sozinho — ele ressaltou.

— Acho que sim — ela terminou seu café — Você acha que conseguirá solucionar o caso? — ela perguntou abruptamente.

O rosto dele ficou tenso.

— Eu acho que sim. Nós temos uma vantagem. É pequena, mas pode pagar dividendos no caminho. Antes que isso termine, alguns gigantes serão derrubados.

Ela inclinou a cabeça.

— Agora estou curiosa.

— Bom. Vamos indo — engoliu o resto do seu café e pegou a guia do almoço dela, ignorando os seus protestos. Então ele guiou-a para fora e foi em direção a um modelo antigo de carro esporte, um Jaguar preto.

Ela ficou surpresa. Acostumada a vê-lo com uma viatura, isto era novo.

— Não me diga que você nunca viu um — ele riu.

— Claro que sim. Mas eu nunca imaginei você conduzindo um.

— Só por curiosidade, o que você me imagina dirigindo? — ele perguntou enquanto abria a porta do passageiro para ela.

— Uma viatura — disse ela com um sorriso.

Ele riu.

— Ponto para você, senhorita Sinclair — ele começou a abrir a porta e então hesitou, franzindo a testa — Sinclair. Você conhece sua história familiar?

— Mais ou menos — ela disse, desconcertada — Meu povo veio da Escócia.

Os olhos dele brilharam.

— Por que você acha isso divertido?

— Senhor Bothwell se casou com Maria, Rainha dos Escoceses, após a morte suspeita de seu marido, lorde Darnley. A mãe de Bothwell era uma Sinclair.

— Por que vocês estão tão interessados em Bothwell? — ela perguntou.

Ele franziu os lábios.

— Meus antepassados eram Hepburns.

— Bem, não é um mundo pequeno? — ela exclamou.

— Ficando menor a cada dia.

Ele deu a volta e inclinou-se na direção dela para confirmar se ela havia fixado o cinto de segurança de uma vez. E ele prendeu o seu próprio.



— Aonde estamos indo? — ela perguntou.

— Para algum lugar sem câmeras de vídeo e uma audiência — disse ele com um gesto desagradável para os rostos espiando do café.

— Nós poderíamos ir para a minha casa — disse ela.

— Keely pode estar no trabalho, mas espero que os seus irmãos estejam em algum lugar ao redor da casa.

— Boone está. Clark está em Iowa comprando gado para Boone.

— Ótimo. Eu quero falar com você sem uma audiência.

Ela apertou a bolsa.

— Tudo bem. Vou tentar ficar acordada.

— Pobre garoto — disse simpático — Você trabalha duro para ganhar um salário mínimo. Você não tem que trabalhar em tudo, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Todos nós fomos criados com uma forte ética de trabalho. Nós não somos o tipo de pessoa que joga cartas ou vai a festas.

— Seu pai está morto há algum tempo, não é?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ele era um homem bom, de muitos costumes. Mas ele tinha algumas falhas terríveis. Suponho que elas eram muitas, porque a nossa mãe fugiu com o seu irmão. Ele nunca superou isso.

— Isso é acabar com o orgulho de um homem — ele teve que concordar. Ele observou o rosto dela — Tem a curiosidade de saber onde ela vive, ou com quem?

— Não — ela deixou escapar. Ela corou ao perceber a própria falta de controle.

— As pessoas cometem erros, Winnie — ele disse suavemente.

A ausência de sua mãe ainda incomodava.

— Sim, elas cometem, e nós supostamente temos que perdoá-los. Eu sei disso. Mas eu poderia ser feliz a minha vida inteira sem vê-la novamente.

— Ela se casou novamente?

Ela olhou para ele, franzindo o cenho.

— Casou novamente?

— Você disse que ela era casada com seu tio. Seu tio morreu.

— Espere um minuto — ela disse — Como você sabe disso?

— É um dos motivos pelo qual eu vim aqui falar com você. Seu tio pode estar envolvido no caso.

— Boone disse algo sobre isso, mas não que ele estava realmente envolvido. Nosso tio era um assassino? — ela exclamou horrorizada.

— Nós não acreditamos que ele tenha matado o homem — ele disse rápido — Mas eles encontraram uma garrafa térmica no local onde o carro caiu no *Little Carmichael River*. Era igual a que o seu tio dizia ter em casa. Um detetive de San Antonio que está trabalhando conosco neste caso foi a casa dele para verificar. Ele falou com a sua companheira de quarto.

Winnie estava atordoada. Nunca lhe havia ocorrido que seu tio pudesse estar envolvido no assassinato.

— A sua companheira de quarto — ela pestanejou. Em seguida olhou para ele — Nossa mãe disse que a companheiro de quarto dele era viciado em drogas.

Ele pareceu surpreso.

— Isso é certo. Acho que ela tinha que ir lá para recuperar as jóias de herança, certo? Enfim, o nosso detetive também pagou a companheira de quarto uma visita e



checou a garrafa térmica. A mulher não estava muito lúcida, mas conseguiu identificar uma fotografia da garrafa térmica.

— A garrafa térmica de meu tio estava na margem do rio ao lado do carro de uma vítima de assassinato, e você não acha que ele está envolvido? — Ela perguntou atordoada pela falta de sono e pelo choque.

Ele respirou fundo.

— É por isso que eu disse que ele talvez pudesse estar envolvido. Acho que ele pode ter conhecido o assassino.

Ela sentou na cadeira, pensando na conexão e interligação de vidas. Ela franziu a testa.

— Você acha que o meu tio foi assassinado? — ela perguntou.

Ele não falou por um tempo.

— Essa não é uma questão interessante. Nós não consideramos que sua morte não pudesse ter sido natural. Ele era usuário de drogas pesadas.

— O irmão do xerife Hayes morreu de overdose — disse ela — Então, a irmã da esposa de Stuart York morreu. Eles receberam uma forma pura da droga em vez de uma diluída e não perceberam.

— Nós vamos analisar o fato — ele disse.

Winnie olhou para a bolsa em seu colo.

— Tantas pessoas mortas. Eles tinham conhecimento de algo que lhes causou a morte.

— Eu não sei, Winnie — disse ele calmamente — Mas eu vou descobrir.

Ele passou por um parque na estrada de pequeno porte. Estava deserto nesta época do ano. Era um lugar bonito nas outras estações, ao lado de um afluente do *Little Carmichael River*, onde as crianças brincavam quando o tempo estava quente. As árvores estavam nuas e gritantes contra um céu cinzento. O mundo inteiro parecia morto. Mesmo a grama.

— Vai fazer frio, mas eu não acho que isso será uma atração turística — ele riu enquanto eles saíam do carro.

Winnie puxou seu casaco cinza para perto, pois o vento era forte e frio. Ela caminhava ao lado de Kilraven, que usava uma jaqueta de lã escura. Ela notou que ele estava usando botas pretas, tão polidas que refletiam o céu. Ela sorriu. Ele era exigente.

— Por que você está sorrindo? — perguntou ele.

— Suas botas — disse ela — Não há um cisco sobre elas. Você é elegante para um pecuarista que virou policial.

Ele riu.

— Eu acho que sim.

Ela se perguntou sobre o motivo, mas era muito educada para perguntar.

Ele olhou para ela com um leve sorriso.

— Você está curiosa, mas não vai perguntar. Eu gosto disso em você.

— Obrigada.

Ele colocou as mãos nos bolsos e olhou para o riacho borbulhando entre os baixios.

— Minha mãe era branca — ele disse bruscamente — Ela deixou o meu pai quando eu tinha uns dois anos. Ela me levou com ela, mas ela gostava de festas. Ela não podia pagar uma empregada, mas não considerava que era perigoso deixar uma criança sozinha. Na verdade, ela parecia esquecer que estava comigo algumas vezes. Meu pai veio me procurar depois que ele recebeu um telefonema da polícia de uma



pequena cidade nos arredores de Dallas. Um vizinho ouviu gritos de dentro de uma casa abandonada que minha mãe tinha alugado. A polícia chegou e encontrou um cartão com o nome e o número de telefone dele, e ligaram.

Ela esperou. Ela não insistiu.

Ele respirou fundo.

— Minha mãe tinha ido a uma festa com um homem, aparentemente um que gostava de álcool e não gostava muito de mulheres. Ele a espancou até a morte. Eu acho que ele só não me matou porque percebeu que eu era muito jovem para identificá-lo. Ele trancou a porta e deixou-nos do lado de dentro. Eu comecei a gritar de fome dois dias depois.

— Bom Deus — ela sussurrou.

Ele olhou para ela com olhos vazios.

— Meu pai me levou para casa e cuidou de mim. Ele estava vivendo com uma mulher mais jovem que adorava crianças. Ela cuidou de mim como se eu fosse a única criança na Terra — ele riu — Ele se casou com ela, e eles tiveram Jon. Mas eu nunca me senti como se eu fosse seu meio-irmão. Minhas primeiras lembranças são de Cammy. Minha madrasta.

— Cammy?

— O nome dela é Camelia, mas ninguém a chama assim — ele suspirou — Ela é muito conservadora, profundamente religiosa, assim Jon e eu tive uma educação rígida. Nosso pai ficava fora da cidade, às vezes fora do país trabalhando para o FBI, por isso Cammy praticamente criou nós dois — ele olhou para ela com algum divertimento — Ela provavelmente faria picadinho de você, canarinho. Ela é difícil de engolir, pelo menos foi o que disse a nossa ex-namorada.

— Nossa? — ela perguntou.

— Jon e eu já tivemos uma ligação com a mesma garota. Isso terminou com uma briga bastante entusiasmada, da qual ambos saímos com dentes quebrados. A menina, previsivelmente, descobriu que estava realmente apaixonada por seu ex-namorado. Tarde demais para nos fazer algum bem — ele riu.

— Sua madrasta deve ser uma senhora simpática — ela comentou.

— Ela é. Difícil de conviver, mas agradável.

— Sinto muito por sua mãe.

— Sinto muito pela sua — respondeu ele. Ele se virou para ela e se aproximou. — Eu nunca contei a ninguém sobre a minha mãe.

Ela ficou lisonjeada. Ela sorriu.

— Eu nunca disse a ninguém sobre a minha tampouco. Apenas a família conhece a história.

— Ela parece com você? — ele perguntou curioso.

— Ela é muito bonita. E também é mais velha.

— Ela deve morar em algum lugar próximo daqui.

— Eu não sei — ela se retesou.

— Não faça isso — ele disse suavemente. Ele a puxou contra si — Nós estávamos fazendo progressos e, em seguida, você se transformou em uma planta sensível e fechou suas folhas para mim.

Ela sorriu.

— Desculpe — ela apoiou as mãos no peito largo, sobre o casaco. Ela podia sentir o calor do corpo dele mesmo através do tecido macio da camisa.



O toque o deixou em brasas. Sua respiração ficou alterada. O cheiro do corpo dela estava em suas narinas, seduzindo-o. Fazia anos desde a última vez em que ele sentira o corpo de uma mulher contra ele na escuridão, desde a última vez em que ele se sentira um homem de verdade. E lá estava ele com uma mulher que nem sequer sabia o que acontecia quando as luzes se apagavam, exceto para o que ela já havia lido ou ouvido.

Ela olhou para cima.

— O que há de errado?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Bem, eu estava considerando como seria bom te deitar na grama e... — ele limpou a garganta — Sinto muito.

Ela riu encantada.

— Você realmente sente?

Ele inclinou a cabeça.

— Não está ofendida?

— Oh, não. Eu tenho dúvidas profundas sobre como você sente e o que acontece — ela confidenciou — Eu quase descobri uma vez, mas meu irmão Boone entrou e jogou o menino das escadas da frente em uma poça de lama — ela suspirou — Eu tinha quinze anos. Boone achava que eu era jovem demais para ser alvo de um vaqueiro de vinte anos. Assim, o vaqueiro foi trabalhar para outra pessoa e eu voltei para a ignorância, e assim fiz a minha educação física.

Ele deu uma gargalhada.

— Bom para o Boone.

— Ele sempre cuidou de mim. Assim como Clark — ela suspirou — Nenhum deles sabia o que acontecera em casa quando eles foram embora, e eu não pude dizer. Meu pai odiava minha mãe, odiou mais do que nunca depois que se encontraram e conversaram algumas semanas depois que ela saiu. Ele veio para casa transtornado. Não nos disse o que aconteceu.

— Triste eles não terem se entendido.

— Eu teria gostado de ter uma mãe — ela concordou. Ela olhou para ele — Eu fui horrível com ela quando ela apareceu na casa. Eu poderia ter sido mais tolerante.

— É difícil perdoar as pessoas que nos magoam — ele disse.

Ela assentiu com a cabeça. Em seguida respirou fundo.

— Tudo isso é muito interessante, mas não tem muito a ver com o porquê de você ter vindo me procurar, não é?

Ele segurou o rosto dele e o inclinou em sua direção.

— Talvez não — ele olhou para a boca dela por um longo tempo, até que seu coração disparou — Desculpe — ele murmurou enquanto inclinava a cabeça — Mas eu estou tendo sintomas de abstinência...

Sua boca atingiu a dela como uma parede, abrindo e torcendo, com fome e insistente, quente contra o frio que girava em torno deles na margem do córrego. Ela derreteu nele, deslizando os braços ao redor de seu ombro largo. Seus dedos cravavam suas costas, sentindo os músculos sólidos, se afogando na fome que crescia nela sem esforço algum.

Ele gostava de sua resposta. Foi imediato, afetado, totalmente rendido. Ele amava o jeito que a sentia em seus braços. Ele puxou-a para mais perto, sentindo o aumento repentino do desejo familiar em seu corpo poderoso, e sem conseguir esconder dela.



Ela suspirou ao senti-lo. Ela tentou recuar, mas as mãos dele a seguraram e ele colocou o quadril ao dela.

Ele levantou a cabeça e observou os olhos grandes e chocados. Ele não disse uma palavra. Mas ele não quis deixá-la recuar, tampouco.

— Você não deve...! — ela sussurrou.

— O que aconteceu com toda aquela conversa sobre querer saber o que se sente? — ele perguntou franzindo os lábios. Ele não estava sorrindo, mas seus olhos estavam.

— Bem, eu quero — ela balbuciou — Mas não agora.

— Não agora.

Ela assentiu com a cabeça. Em seguida corou.

Ele riu maldosamente e deixou-a se afastar a uma distância discreta. Ele gostava do rubor dela. Ele gostava de um monte de coisas nela.

— Frangote — ele brincou.

— Có-có-córicó — ela imitou uma galinha e sorriu para ele.

— Na verdade — ela disse passando os braços ao redor da cintura dela — Eu estava pensando em um modo de matar a sua curiosidade.

— Estava?

— Não em excesso — ele disse com cautela. Seria muito fácil ir de cabeça e ter que reparar os danos depois — Você tem uma casa de veraneio em Nassau.

A mudança súbita no assunto bateu como um tijolo na cabeça dela.

— Uh, sim.

— Na fronteira de uma propriedade pertencente ao senador do Texas.

— Sim, é verdade.

— A mulher dele não é apaixonada por ele. Ele gosta de brincar com as meninas mais jovens e fere o seu orgulho, então ela vai para a casa de verão para fugir dos holofotes da mídia. E do senador.

— Isso é o que eu ouvi falar.

— Alguma vez você já a viu? — ele perguntou de repente, esperançoso.

— Na verdade, eu a conheço — respondeu ela — Nós fomos a uma festa uma vez, proporcionada pela embaixada americana, e eu fui a festas na casa dela, antes de seu marido ser um senador. Ela é muito agradável.

Ele sorriu.

— Gostaria de ir até Nassau comigo e ficar na casa de verão, enquanto vemos se ela pode falar ainda mais sobre o cunhado?

Ela esfriou de uma vez e se afastou.

— Eu não sou assim.

— Desculpe-me? — ele perguntou desconcertado.

— Eu flerto um pouco com você e talvez pareça que eu sou moderna e esteja tentando seduzir você. Mas eu não estou. Eu não posso, eu quero dizer, e eu não vou. Meu irmão iria matá-lo — acrescentou ela, corando.

Ele entendeu de uma vez e desatou a rir.

— Não é engraçado — ela murmurou em um tom ameaçador.

— Não é por isso que eu estou rindo. Eu não tenho um fim de semana ilícito em mente — garantiu ele. Seus olhos sorriam também — Eu sou muito conservador mesmo, caso você não tenha notado. Eu não tenho casos com mulheres. Na verdade — ele disse com um suspiro — Eu só tive uma mulher e estava casado com ela.

Ela corou.

— Oh.



— Então eu penso tanto na minha reputação quanto na sua — ele acrescentou — Eu estava pensando que poderíamos nos casar no escritório do juiz. Apenas para a viagem — disse enfaticamente — Eu não estou no mercado para uma mulher ou para uma nova família. Eu não posso. Eu não correrei o risco de novo. Mas nós podemos ficar casados tempo suficiente para fazer a investigação.

Ela o encarou.

— Nos casamos para que você possa fazer algumas perguntas à esposa do senador, nas Bahamas? — ela perguntou confusa.

Ele riu.

— Parece ruim quando você coloca dessa maneira.

— Mas é o que você quer fazer.

— Não, não é — ele a olhou pensativamente — Eu não vou falar o que eu gostaria de fazer. Mas é por isso que eu acho que devemos nos casar. Apenas no caso.

Ela arqueou as sobrancelhas. Seus olhos piscaram.

— Apenas no caso de o quê?

— No caso de eu não conseguir resistir à tentação e fazer o que eu gostaria de fazer — ele disse ironicamente — Nesse caso não seria uma anulação, seria um divórcio.

Ela inclinou a cabeça para ele.

— Você pode gostar de mim.

— Tenho certeza de que sim. Mas eu não vou me casar de novo.

— Você disse que queria — ela ressaltou.

— Temporariamente — ele enfatizou.

— Você está com medo que eu fique grávida se fomos lá temporariamente como um casal não casado — ela meditou.

Ele a encarou.

— Eu não deixo as mulheres temporariamente grávidas.

— Você certamente não faria isso porque eu acredito fortemente que se os bebês são feitos, eles devem nascer — ela disse com firmeza.

Ele suspirou.

— Winnie, eu tive um trauma há sete anos — disse ele — A única coisa que eu quero fazer é descobrir quem matou minha mulher e minha filha. Eu não estou emocionalmente pronto para um novo relacionamento de qualquer espécie.

Ela sentiu as portas se fecharem. Ele foi brutal. Mas talvez ele sentisse que precisava ser. Ele não queria dar-lhe falsas esperanças.

Os olhos dele se estreitaram.

— Você estava com essa aparência naquela manhã quando encontrou a mim e ao xerife Hayes na cama com seu irmão e Keely — ele disse.

— Desculpe-me?

— Você parou de brincar comigo — ele disse sombriamente — Você parou de olhar para mim com aqueles enormes olhos castanhos como se fosse morrer para me ter.

— Eu nunca olhei para você desse jeito — ela se defendeu — Eu achei você atraente. Assim como um monte de outras mulheres, eu apostei.

— Eu nem me importava quando outras mulheres faziam isso — ele disse surpreendentemente.

— É mesmo?



— Você é uma pequena violeta, florescendo sob uma escada — ele disse suavemente, tocando seu rosto com as pontas dos dedos enquanto a observava atentamente — Vinte e dois de meus trinta e dois anos, Winnie. Isso é quase uma geração.

— São só dez anos e eu sou madura para a minha idade.

Ele franziu os lábios.

— Mas não madura no sentido necessário, garota — ele insinuou.

Ela olhou para ele.

— Ninguém aprende as coisas sem que alguém o ensine — disse ela secamente — Meu pai e meu irmão mais velho fizeram de tudo para que ninguém chegasse perto o suficiente.

— Bom para eles — repetiu ele.

— Eu poderia ser uma femme fatale se pudesse aprender o básico — ela disse — Os livros não dizem nada. Eles assumem que você já sabe.

— Que tipo de livros você tem lido? — ele perguntou com falsa surpresa.

— Os meninos escondem o mesmo tipo sob seus colchões, eu imagino, mas eu preciso mais do que apenas imagens! Você está mudando de assunto — ela empurrou o peito dele — Eu não vou casar com você temporariamente. Você pode encontrar outra mulher para ir com você para a Bahamas e eu vou lhe emprestar a nossa casa de férias.

— Eu não vou me envolver com uma estranha — ele disse secamente.

— Você não vai se envolver comigo, tampouco, Kilraven — ela disse

— É por isso que estou tentando fazer com que você se case comigo!

Ela se afastou e caminhou na direção do córrego. Sentiu-se doente. Ele queria um casamento sem cordas, de modo que ele pudesse resolver o caso. Ela era um meio para chegar a um fim para ele. Ele não sentia nada por ela, realmente. Ele nunca sentiria. Ele vivia com fantasmas. Ela se sentia mais gelada pelo acontecimento do que pelo clima frio. Ela colocou os braços ao redor do corpo.

Ele olhou para ela com irritação crescente. Era como uma mulher que esperava por um maior envolvimento emocional. Tudo o que ele precisava era de sua companhia para que pudesse chegar à esposa do senador. Por que ela estava se fazendo de tão difícil? Era porque ela tinha sentimentos por ele, ele pensou irritado. Como se ele pudesse ter algum futuro com uma mulher recém saída da escola. Ele não queria filhos, portanto não havia sentido em ficar casado.

— Você está tornando tudo mais complicado — ele disse forçando as mãos nos bolsos — Por que não podemos simplesmente olhar para isso como uma brincadeira? Nos casamos, temos um feriado na praia e construímos algumas lembranças que não deixaram ninguém machucado.

Ela se virou e olhou para ele horrorizada.

— Nós poderíamos desfrutar um do outro — ele disse perdendo terreno.

— Nós podemos ter quartos separados e nos comportarmos como pessoas solteiras — disse ela — Ou eu não vou.

— Que tipo de férias infernais é essa?

— O único tipo que você terá comigo — ele devolveu irritada — Você acha que pode se divertir comigo e ir embora. Eu não fui criada assim. Eu não posso... Droga! Eu não vou! — ela virou-se — Você pode me levar de volta para o café, agora! — ela começou a caminhar na direção do carro.

Ele apenas olhou para ela.



— Que diabos eu posso dizer? — perguntou à árvore ao lado dele.

— É isso aí, fale com as árvores — ela murmurou, quando chegou a uma distancia que ele não pudesse ouvir — Tome cuidado. Elas podem começar a responder!



CAPÍTULO 7



KILRAVEN PENSOU NA reação dela. Talvez ela estivesse certa. Se eles pudessem ir juntos para Nassau e passarem alguns dias de sol, areia e mar e ele não a pressionasse a fazer algo que ela não queria, talvez eles pudessem construir uma relação de trabalho melhor. Trabalho, em cortejar a mulher do senador. Porque apesar de tudo que ele tinha dito, sua única intenção era descobrir se havia um esqueleto no armário do irmão do senador. Ele queria as pessoas que mataram sua família. Isso era mais importante que o futuro, os sentimentos de Winnie ou qualquer outra consequência. Talvez estivesse usando-a, mas ele não se importava. Era uma obsessão, assim como dissera seu irmão. Ele iria pegar o assassino, não importa quem tivesse que ferir para fazê-lo.

Ele andou atrás dela até o carro.

— Ok — ele disse enquanto destravava o carro e a ajudava entrar. — Vamos fazer do seu jeito. Mas se eu pular do telhado de sua casa de verão e morrer, você ficará com a consciência culpada.

— Não ficarei não — ela respondeu.

— Garota insensível.

Ela olhou para ele.

— E não usarei nada provocante o tempo todo.

— Que força de vontade incrível — ele murmurou — Bom para você.

Ela suspirou.

— E eu não contei para Boone. Você terá que contar.

O rosto dele congelou. Por essa ele não esperava. Conhecia Boone e sabia que ele tinha estado no exército. Ia ser complicado explicar para ele porque estava se casando com sua irmã mais nova. Não precisava que ninguém lhe dissesse que Boone ficaria com raiva.

— Certamente, você não está com medo dele — ela disse maliciosamente.

Ele suspirou.

— Não, com medo não — ele respondeu.

— Você pode dizer a ele que o motivo pelo qual você quer se casar comigo é para que possamos nos divertir no quarto das Bahamas e me usar para desencavar informações sobre a esposa do senador — ela continuou.

Ele olhou para ela.

— Você está distorcendo as coisas — ele murmurou.

— Ah... Eu estou distorcendo? — exclamou ela — Você quer se casar comigo por alguns dias para que possa obter informações que te levarão a quem matou sua família — ela disse séria — Eu não culpo você. Se fosse comigo, eu faria qualquer coisa para descobrir, também. Mas sou a única a ser usada. Isso parece sujo.

Agora ele realmente estava com raiva.

— Sujo?!

Ela fez uma careta.

— Foi só uma má escolha de palavras — ela disse lentamente.



Ele fechou a porta do passageiro sem dizer mais nada. Deu a volta, sentou-se ao volante e arrancou com o carro para a estrada. Seu rosto parecia esculpido em pedra.

Winnie sentiu as lágrimas ameaçarem cair. Ela não estava acostumada a confrontos desde a morte de seu pai. Não brigava com seus irmãos. Ela tinha um pouco de medo de Boone, mas não demonstrava. Os homens eram assustadores em seu temperamento. Ela olhou para Kilraven e pensou em geleiras. Sabia muito pouco sobre ele. A maioria das coisas que sabia era através de outras pessoas, embora eles fossem próximos de alguma maneira. Mas ele mantinha seus verdadeiros sentimentos para si mesmo. Parecia feliz em ser um solitário.

Ela olhou pela janela desconfortavelmente enquanto ele se aproximava rapidamente do Café da Barbara, onde seu carro estava estacionado. Ela já estava arrependida de suas palavras precipitadas. O quanto ficaria magoada ao se casar com ele, mesmo que fosse temporário? Era louca por ele. Talvez pudesse guardar lembranças suficientes para levá-las pelo resto de sua vida, porque sabia que nunca amaria outro homem como a este.

Mas ele não parecia pensar em fazer uma segunda proposta. Na verdade, ele a olhou como se quisesse nunca tê-la conhecido.

Queria pedir desculpas. Sabia que era inútil. Ela o tinha ofendido. Não que ele não tivesse a ofendido primeiro. Que tipo de mulher ele achava que era?

Ela franziu os lábios. Sabia que ele nunca proporia umas férias com ela se a esposa do senador não vivesse perto da casa de praia dos Sinclair. Ela era um meio para um fim e era impessoal. Ele gostava dela. Talvez gostasse de beijá-la. Mas não havia nenhum sentimento por trás disso, exceto talvez, uma atração física. A química estava definitivamente lá. Ele a sentia, tanto quanto ela. Mas ele não a amava. Talvez não pudesse amar alguém novamente. O trauma de sua perda o tinha transformado em um homem frio, que tinha medo de tentar novamente. Ele não queria outro filho. Não queria outra mulher, também. Winnie era um instrumento. Ele a usaria para obter as informações que precisava, a colocaria de volta na prateleira e esqueceria da sua existência. Doía saber disso.

Ele parou em frente ao Café da Barbara, onde ela havia deixado seu carro e continuou sentado com o motor ligado.

Ela queria dizer alguma coisa. Não conseguia pensar em nada que pudesse expressar suas emoções confusas.

Ele queria dizer algo também, mas estava com raiva. Qualquer coisa que dissesse seria exagerada.

Sua mão foi até a porta do carro.

— Obrigada pela carona — ela disse tensa.

Ela esperou por um minuto, mas ele não disse uma palavra. Sequer a olhou. Ela abriu a porta, saiu e a fechou atrás dela. Caminhou até seu próprio carro, sem olhar para trás. Mal podia vê-lo em meio às lágrimas quando ouviu o barulho do carro dele se afastando.

— VOCÊ PARECE MEIO MORTA — Keely disse gentilmente mais tarde, enquanto estavam preparando o jantar.

Winnie conseguiu dar um sorriso enquanto fazia uma salada de macarrão.

—É assim que me sinto.

— Quer falar sobre isso?



Winnie deu os últimos retoques na salada e cobriu a travessa antes de colocá-la na geladeira para esfriar.

— Não ajudaria — ela disse finalmente.

— Bem, se quiser falar, sabe onde me encontrar — disse Keely.

— Você é a melhor amiga que já tive — Winnie disse a ela — O melhor dia da minha vida foi quando Boone casou com você.

Ela a abraçou calorosamente.

— Eu poderia devolver o elogio. Você salvou minha vida quando a cascavel me mordeu. Pensei que não fosse sobreviver.

Winnie riu.

— Pobre velha serpente — ela disse lutando contra as lágrimas que o abraço tinha provocado.

— Ela nunca deveria ter me mordido, em primeiro lugar.

— Ela não teria, se você não tivesse sentada sobre ela — disse Winnie.

— Acho que sim.

— Você não vai dizer a Boone, se eu te contar? — ela perguntou.

Os olhos verdes de Keely brilharam. Ela tocou seu coração.

— Kilraven quer que eu me case com ele.

— Winnie! É uma ótima notícia...! — Keely começou.

Ela levantou a mão.

— Não é. Ele quer que eu me case com ele e passe alguns dias na nossa casa de verão em Nassau para que ele possa extrair informações da esposa do Senador Sanders sobre seu desonesto cunhado. Então, ele pedirá a anulação quando voltarmos. Se eu não estiver disposta a, como ele mesmo colocou desfrutar do nosso tempo juntos, nesse caso então poderemos solicitar um divórcio quando voltarmos para casa.

Keely ficou olhando para ela.

— Aquele demônio de olhos prateados — exclamou. — Espero que você o tenha mandado para aquele lugar!

— Não com todas as palavras — respondeu calmamente Winnie — Mas eu disse não.

— Bom para você. Não posso acreditar que ele te pediu para fazer uma coisa dessas!

— Nem eu.

— Pobrezinha — Keely disse — Sei como você se sente em relação a ele.

— Assim como ele — suspirou — Isso é parte do problema. Eu não deveria ter sido tão evidente.

— Você não consegue evitar isso.

— Bem, isso é verdade.

— Os homens são um monte de problemas. Mesmo o melhor deles.

Winnie recostou-se contra o balcão com os braços cruzados sobre o peito.

— Eu realmente pensei que ele estava começando a gostar de mim. Parecia. Então veio com esse plano absurdo — ela olhou para a amiga — Entendo como ele se sente. Ele amava a garotinha...

— Garotinha? — Keely exclamou — Ele já foi casado?

Os olhos de Winnie estavam tristes.

— Já. Alguém matou sua filha e sua esposa. A menina tinha apenas três anos de idade. Ela pintou um desenho. Parecia com o quadro que fiz para ele de presente de Natal.



Keely ficou quieta.

— Você realmente tem alguma coisa a mais em seu cérebro, Winnie.

— Devo ter — ela riu baixinho — Isso o deixou furioso. Por isso ele me levou até sua casa, para descobrir por que pinteí um corvo. Eu não entendi. Quando ele me mostrou a pintura a dedo, quase desmaiei.

— Não foi a primeira vez que fez conexões estranhas. Você soube que Kilraven estava em perigo e enviou reforço antes que ele pedisse.

— Estranho, não é?

— Não é estranho — Keely disse suavemente — É um dom. Você provavelmente salvou a vida de Kilraven quando enviou outra viatura para ajudá-lo.

— Ele me pareceu estranho depois disso.

— Acho que ele está confuso sobre o que sente — disse Keely — Um homem que passou por um trauma como esse tem que se esforçar muito para superá-lo.

— Ele teve sete anos.

— Sim, mas nunca o enfrentou realmente, não é? — Keely perguntou — Ele quer vingança. É para isso que vive. Mas a vingança é uma coisa vazia.

— Ele vai descobrir isso.

— Sim, vai. — Keely a abraçou — Mas isso não a ajuda, não é?

Winnie a abraçou de volta.

— Não muito.

— Dê-lhe tempo — sugeriu Keely — Basta estar lá quando ele precisar de alguém para conversar. Parece que ele contou coisas a você que não compartilhou com mais ninguém. Ele é realmente um solitário.

— Sim.

— Por que ele quer casar com você e ir para as Bahamas? — Keely perguntou.

— Nós teríamos que ficar na casa juntos. Ele estava preocupado com sua reputação — acrescentou brincando.

— A dele?

Winnie corou, quando lembrou o que ele dissera.

— Bem, a dele e a minha — ela emendou sem dar mais detalhes — Ele disse que não ficaria bem para nós, ficarmos juntos, sozinhos sem estarmos casados.

— Fala como se pertencesse a uma geração anterior — Keely exclamou.

— Olha quem fala. A mulher que se ofereceu para despachar meu irmão em um pacote porque achou que ele estava apenas querendo desfrutar de bons momentos — Winnie disse e sorriu.

Keely fez uma careta.

— Touché. Acho que Kilraven é como nós. Não muda com o tempo. Isso não é uma coisa ruim. Não gosto de homens promíscuos mais do que gosto de mulheres promíscuas, e não me importo se é um comportamento supostamente aceitável por todo mundo.

— Quer que eu te dê um palanque e um cartaz? — Winnie cogitou.

Keely riu.

— Pareço antiquada, não é? Eu não pregaria às pessoas minha opinião, não diria às pessoas o que acho que deveriam fazer. Mas nunca fui pela cabeça dos outros. Nem você.

— Nós vivemos em uma comunidade de dinossauros — Winnie apontou — Incluindo Kilraven.

Keely sorriu.



— Ele virá.

— Você acha mesmo? — Ela perguntou tristemente — Ele sequer olhou para mim quando me deixou no Café da Barbara. Simplesmente foi embora.

— Ele vai pensar nisso e então vai te ligar.

— Não há chance de isso acontecer.

Keely franziu os lábios.

— Aposto alguns pães caseiros.

— Você não sabe fazer pão caseiro — Winnie ressaltou.

— É por isso que sei que Kilraven estará de volta — ela respondeu — Espere e verá.

Winnie apenas sorriu. Mas não acreditava nisso.

KILRAVEN FOI VER JON. Ele estava furioso com a recusa de Winnie e era perda de tempo tentar fazê-la mudar de ideia. Talvez Jon tivesse alguma ideia.

Mas Jon não tinha. Pior, ficou sorrindo como se a coisa toda fosse uma piada.

— Não é engraçado! — Kilraven rosnou.

Jon olhou-o do sofá onde estava totalmente relaxado.

— Sim, é.

Kilraven sentou-se na poltrona. Estava passando um jogo de futebol de dois times europeus trocando chutes, cabeçadas e ombradas no imenso campo verde.

— Você tem que ver a coisa do ponto de vista dela — disse Jon suavemente — Ela teve uma vida protegida. Não sabe muito sobre os homens. Se você conhece seu irmão, Boone, já descobriu isso. Imagino que sua atitude protetora mantinha um monte de homens longe de Winnie, quando ela estava na época de começar a namorar. A maioria dos homens adultos tem medo de enfrentá-lo. Pelo que você me contou sobre ela, posso te garantir que Winnie não vai mesmo tentar.

Kilraven recostou na poltrona e cruzou as longas pernas. Ele soltou um suspiro de frustração.

— Esta é a melhor chance de eu me aproximar da esposa do senador para descobrir alguma coisa — ele disse — Tudo que eu quero que Winnie faça é ir até Nassau comigo por alguns dias.

— Não, você quer que ela se mude com você e que faça isso com naturalidade por alguns dias. Ela não aceita isso. É o tipo de mulher que não se contenta com nada menos do que o casamento, mas que seja uma união permanente e não uma mentira. Ela vê através de você. É isso que você não consegue aceitar.

Ele deu de ombros.

— É malditamente inconveniente.

— E o que mais?

Kilraven olhou para a tela da televisão.

— Ela é atraente.

— Mas você não quer algo permanente.

— Isso é uma parte.

— Existe outra parte?

Ele balançou a cabeça.

— Ela tem vinte e dois anos, Jon.

— Oh. Agora começo a ver a luz.



— Vinte e dois contra os meus trinta e dois anos — ele continuou — Ela já aprendeu sobre a lacuna entre as gerações com seus pais. Sua mãe era doze anos mais nova que seu pai. Ela fugiu com seu irmão mais novo. Winnie viu os perigos.

— Então porque é que ela ainda está interessada em você?

— Só Deus sabe. Eu sou um lobo velho e cansado — ele disse pesadamente olhando para seus sapatos. — Ela é inocente e não é superficial — ele riu — Engraçado. Quando a conheci, tinha essa ideia de que ela era uma debutante entediada brincando, fingindo ser ingênua. Mas estava muito longe da verdade. Ela é muito ingênua, mas ela não brinca e é mais verde que capim. Não sei como ela conseguiu permanecer inocente por tanto tempo nos círculos em que ela e sua família frequentam.

— O que nos leva de volta ao irmão mais velho Boone, que quebrará seus dentes por brincar com sua irmãzinha.

Kilraven sorriu.

— Acho que não posso culpá-lo. Foi uma coisa estúpida o que sugeri a ela. Ainda assim, não a levaria para Nassau e ficaria na mesma casa com ela, sem nenhuma cerimônia legal. Ela é uma mulher bem jovem. Não quero manchar sua reputação.

— Ou a sua — Jon ponderou.

Kilraven lançou um olhar para Jon.

— Pelo menos não preciso colocar as mulheres para fora do meu escritório da delegacia algemadas.

Ele deu de ombros.

— O que posso dizer? Ela tentou me atacar sobre a minha própria mesa — ele balançou a cabeça — Minha mãe precisa de terapia.

— Eu nunca teria dito isso — respondeu Kilraven. Ele sorriu — Mas estou feliz que você tenha dito.

— Devíamos ter ensinado a Cammy como reconhecer uma garota de programa.

— Agora é tarde — ele franziu os lábios — A Sra. Perry ainda te inferniza no escritório?

— Diga o que você acha — Jon franziu a testa — Não consigo entender o motivo. Eu a elogiei por fazer um bom trabalho de desenterrar informações sobre a nossa vítima de assassinato. E ela tem estado diferente desde então.

— Diferente, como?

— Você sabe, eu realmente não pensei nisso — disse Jon — Ela parou de me criticar. Sorri de vez em quando. Coisas assim.

— Cuidado.

Ele riu.

— Não há necessidade. Ela não está interessada em mim. Não gosta de homens.

— Ela tem um filho.

— É o mais estranho nisso. Ela parece ter medo dos homens, se chegam muito perto fisicamente.

— Onde está seu marido?

— Não era seu marido — Jon respondeu sombriamente — Ele foi para o exterior e foi morto. Talvez houvesse alguma violência na relação. Mas antes de se envolver com ele, não saía muito também.

— Ela pode ter outras preferências.

— Poderia, mas não tem. Ela continua a mesma.

— Do que o menino gosta?



— Não sei — disse Jon — Nunca o vi.

— Vocês não têm o dia do “traga seu filho para trabalhar”?

Jon olhou para ele.

— Nós temos um escritório do FBI, que não incentiva os funcionários a usá-lo como creche.

Kilraven levantou as duas mãos.

— Eu não gosto de crianças.

Kilraven estava dando-lhe um olhar estranho.

— Por quê?

— Simplesmente não gosto.

— Oh. Eu me lembro. A coisa do sabão.

— Não foi a coisa do sabão — Jon corrigiu — A criança escreveu palavras obscenas por todo o lado do passageiro do meu carro, e eu não percebi até que um dos meus colegas estava rolando de rir nos corredores.

— Eu pensei que você tivesse que estar sempre atento ao trabalhar para o FBI — disse Kilraven inocentemente.

— Atento? Quem olha para o lado do passageiro de seu carro todas as manhãs? — Jon perguntou zangado.

— O pessoal da CIA procurando por bombas — Kilraven respondeu.

— No seu caso, eu estaria verificando até a pintura a procura de C-4 — apontou seu irmão — Mas ninguém nunca tentou me explodir.

Kilraven riu.

— Nem era uma bomba de verdade — lembrou-se do incidente ao qual seu irmão estava se referindo — O envelope pardo onde a colocaram rasgou e você podia ver os fios do lado de fora.

— Sorte sua.

— Sorte para ele também. Ele só teve que responder a cinco das dez acusações por tentativa de homicídio. Poderia enfrentar a pena de um crime capital.

— Acredito que o advogado de defesa estava insinuando que precisávamos de um tipo de criminoso mais educado e olhando diretamente para você, quando disse isso?

— Isso custou a ele um par de estrelas de ouro em suas defesas como defensor público — Kilraven zombou — Um dos vagabundos que ele defendeu estuprou uma menina um dia depois de ser absolvido. O inútil sabia que ele era culpado, mas defendeu-o mesmo assim e o absolveu. Eu apenas fiz o Ministério Público saber que o defensor público tinha «encorajado» uma testemunha a não depor no julgamento em primeiro lugar. Ele levou uma reprimenda da Ordem dos Advogados — ele olhou para Jon — Pena não termos mais torturas e punições públicas.

— Você precisa parar com esse negócio da história escocesa do século XVI — avisou Jon. — Por que não lê algo moderno?

— Eu leio. Manuais de combate e livros sobre antiterrorismo.

Jon jogou as mãos para o alto.

MAS JON TINHA, PELO MENOS, convencido Kilraven de que não chegaria a lugar nenhum com Winnie, se continuasse com seu plano atual. Voltou para casa, para seu apartamento no centro da cidade para pensar sobre seu próximo movimento.

Era um apartamento bonito, espaçoso e aberto. Ele tinha três quartos, um dos quais usava como escritório. Nele continha todo o seu equipamento de alta tecnologia,



barras de levantamento de peso e acessórios de viagem, incluindo uma mala que mantinha pronta o ano todo. Caso ele fosse enviado em uma missão no exterior e avisado apenas alguns minutos antes. O que tinha acontecido no passado. Mas não aconteceria tão cedo porque ele estava oficialmente em licença.

Havia uma cama no quarto, uma mesa onde seu laptop ficava ligado à Internet, controlado e monitorado, para se certificar de que não havia invasão de hackers.

Havia um quarto de hóspedes ao lado deste com o mínimo de conforto. Era apenas um lugar para ficar, no caso de algum agente de fora da cidade precisar de um lugar seguro para dormir.

Seu próprio quarto era espartano. Apenas uma cama de casal, porque ele gostava de espaço para se virar, uma cômoda com gavetas e uma estante. A estante era quase do tamanho da cama e cheia de volumes históricos. Em um canto estava um telescópio Schmidt-Cassegrain grande, que ele raramente tinha tempo para usar.

Na sala havia um sofá espaçoso em couro branco e uma cadeira combinando. Em frente tinha uma TV de cinquenta polegadas com tecnologia de ponta, um receptor de satélite e três sistemas de jogo completo, o seu favorito era o Xbox 360*, que acessava com o Xbox Live. Ele tinha a maioria dos jogos mais recentes, mas o seu favorito era o *Call of Duty*, seguido da série *Halo*. Ele tinha uma espada e o jogo de feitiçaria — *Elder Scrolls IV: Oblivion* — e o jogava para variar.

Ele sentou no sofá e ligou a televisão. Tinha acesso, através do Xbox, a todos os filmes mais recentes para download. Tinha acabado de baixar o último filme do "*Star Trek*" antes de sair para ver Jon. Agora o colocou, tirou a tampa de um cooler de vinho que tinha pegado na geladeira e se instalou para assistir Kirk, Spock e McCoy começar tudo de novo por mais uma geração. Ele sorriu enquanto assistia. O original *Star Trek* era sua série retro de TV favorita.

NO DIA SEGUINTE, ele entrou em seu carro e dirigiu até Jacobsville novamente. Não tinha certeza de como iria convencer Winnie a ir para Nassau, mas tentaria uma última vez. Não podia se dar ao luxo de desistir agora, quando estava tão perto de descobrir uma pista vital que iria finalmente resolver o trágico assassinato de sua família.

Ele dirigiu até a porta da frente. Já tinha verificado com a central de emergência para ter certeza de que ela não estava trabalhando nesta manhã. Sua certeza foi confirmada, quando tocou a campainha e ela veio atender.

Ela o olhou com cautela. Estava vestida com jeans e uma camiseta vermelha que dizia "Xerife de Jacobsville é perseguido por cães e amaldiçoado pela sociedade".

Ele leu a camiseta e deu uma gargalhada.

Ela não tinha percebido que a estava usando, porque ainda estava bebendo sua primeira xícara de café do dia, assim a risada a surpreendeu. Então ela olhou para baixo e lembrou o que estava escrito na camiseta e riu também, quebrando o gelo.

— Onde diabos você conseguiu uma camiseta dessas? — Questionou.

— Mandei fazer — ela disse simplesmente — Foi depois de um dia realmente ruim, quando comecei a gritar por receber três chamadas diferentes por não ter enviado um oficial para lidar com um cachorro de rua — ela sorriu — Foi o dia em que a filial do banco foi roubada e todos os policiais estavam atendendo a essa ocorrência. Não tinha como alguém ir à procura de um cachorro de rua.



— Especialmente de um gigante Pastor Alemão Chihuahua que era cinza, preto, branco amarelado e tinha três pernas, era o que eles achavam — Kilraven citou o relatório.

— Foi isso — ela balançou a cabeça — Você fica pensando porque o depoimento de uma testemunha ocular é considerado tão valioso quando você recebe uma chamada assim.

— Exatamente.

Ela abriu a porta.

— Vamos entrar. Mas se você veio tentar me convencer a viajar com você, Boone está na sala de estar — era uma ameaça.

— Não vim. Mas, preciso falar com ele.

Surpresa, ela apontou para a sala ao lado.

Boone estava assistindo ao noticiário. Ele olhou para cima quando Kilraven entrou, franziu os lábios e desligou a televisão.

— Eu sei por que você está aqui — ele disse — E a resposta é não.

Kilraven afundou em uma poltrona em frente a ele.

— Ela tem mais de vinte e um anos — apontou. — Idade suficiente para decidir por si mesma.

Boone se inclinou para frente. Ele parecia assustador.

— Você quer alguém para ajudá-lo a abrir uma lata de minhocas. Esta é uma lata grande e pode conter jararacas, em vez de minhocas. Assim, pedindo a ela para ir com você, pode estar colocando sua vida em perigo.

O rosto de Kilraven era impassível.

— Eu conheço seus antecedentes. E acho que você deveria saber o meu. Passei os últimos anos como agente especial. Eles me enviam quando a situação é considerada muito perigosa para o pessoal não qualificado. Sou formado em cada método de combate conhecido pelo homem e alguns que eu criei enquanto estava em ação. Tive quatro parceiros, um dos quais, salvei três vezes da morte certa. Sou capaz de neutralizar uma bomba, construir uma, desarmar um homem armado, explodir uma ponte e recrutar homens para trabalhar para mim em alguns países que mal aparecem no mapa. Também sou um negociador hábil. Tenho treinamento em armamentos militares, artes marciais e minha especialidade é a improvisação. Não há um homem vivo com quem sua irmã estaria mais segura. Talvez, nem mesmo você. E se você acha que permitiria que alguém a machucasse, apesar de meu próprio interesse em resolver este caso, você está grosseiramente errado.

Ele se recostou e esperou que Boone respondesse.

Boone ficou surpreso com as admissões. Ele sabia muito pouco sobre Kilraven, exceto que ele trabalhava disfarçado por alguma agência federal. Agora sabia mais. Ele respeitava o homem que o enfrentava. Mas ainda estava inquieto sobre Winnie deixar se envolver neste processo.

Enquanto ele estava pensando no seu próximo argumento, Winnie entrou com duas canecas de café. Entregou uma para Kilraven e sentou-se ao lado de seu irmão.

— Você pode decidir o que quiser — disse ao irmão sem encará-lo e suas mãos tremiam — Mas eu vou com ele.

Kilraven e seu irmão tinham a mesma expressão perplexa.

— É perigoso — Boone disse suavemente.

Suas mãos tornaram-se estáveis. Ela tinha blefado, mas parecia ter funcionado. Boone não estava tentando dominá-la, como sempre fizera. Ela estava morrendo de



medo dele, mas continuava vendo os olhos de Kilraven quando contou como sua filha tinha sido morta. Aquele olhar, mais do que quaisquer palavras, mudou sua mente. Ela estava esperando, esperando que ele a convidasse novamente. Keely tinha razão. Kilraven tinha voltado.

— A vida é perigosa — Winnie disse — Eu conheço a esposa do senador Sanders e ela não vai achar estranho se eu aparecer na nossa casa de praia. Mesmo com um marido — palavra a fez corar um pouco. Ela sonhava, esperava, desejava que um dia Kilraven quisesse casar com ela. Nunca pensou que seria um casamento fingido. Mas, mesmo uns poucos dias era mais do que ela poderia ter esperado no curso normal das coisas. Ela tinha que ter ao menos a chance de que ele pudesse gostar dela o suficiente para continuarem juntos.

Boone olhou para Kilraven, que estava olhando para ela com um rosto impassível. Seus olhos prata, no entanto, estavam brilhantes, emocionados. Ele podia sentir a angústia do homem. Cash Grier tinha contado um pouco mais sobre o caso do que Winnie sabia. Ele não tinha coragem de interferir, mesmo que seu instinto pedisse para fazer isso. Enfim, se houvesse uma ameaça, ele saberia como lidar com ela. Como Kilraven. Não estava certo deixar os homens que tinham matado uma criança livres.

— Keely e eu podemos ficar ao seu lado se você precisar de testemunhas — ele disse finalmente.

Winnie sorriu para ele.

— Obrigada. Mas, primeiro, eu e ele precisamos discutir os parâmetros de nosso relacionamento — ela disse a Kilraven sem rodeios.

Ele sorriu.

— Tudo bem. Nós vamos até San Antonio e eu vou lhe mostrar como passar pelos Caçadores no *Halo: ODST*.

— Ninguém consegue passar por aqueles malditos Caçadores — zombou Boone.

— Eu consigo — disse Kilraven sorrindo.

— É melhor você me ensinar — Boone disse a Winnie sorrindo.

Ela riu.

— Isso é um trato. Só vou pegar meu casaco — ela não podia acreditar. Pela primeira vez em sua vida adulta disse a Boone o que iria fazer. Talvez tivesse coragem suficiente para dizer não. Mesmo se seus joelhos tremessem e seus dentes batessem enquanto dissesse isso!



CAPÍTULO 8



WINNIE E KILRAVEN ESTAVAM quase em San Antonio quando ele recebeu uma ligação no seu celular. Ele ativou o telefone colocando-o em viva-voz.

— Kilraven — ele disse.

— Marquez — veio a resposta — Eu achei que você gostaria de saber que está aberta a temporada de caça aos detetives que estão investigando o seu caso.

— Alguém foi assaltado? — Kilraven perguntou.

— Alvejado — Marquez disse categoricamente — Minha parceira. Eles a levaram para o Centro Médico Marshall. Estou no caminho agora.

— Estou bem atrás de você — ele desligou o telefone e olhou para Winnie — Desculpe, mas isso me preocupa. Ela é uma amiga minha.

— Vamos! — disse ela assentindo.

Ele pisou fundo no acelerador.

POR SORTE, ELE NÃO teve que parar e explicar porque estava quebrando limites de velocidade. Ele chegou ao hospital e estacionou tão perto da emergência quanto pôde. Ele e Winnie correram até a entrada.

Marquez esperava no corredor, parecendo melancólico. Ele olhou para cima quando eles entraram.

— Alguma novidade? — Kilraven perguntou.

Marquez balançou a cabeça.

— Tudo que eles me disseram é que a ferida não parecia letal — ele disse. Ele deu de ombros — Como se isso fosse uma garantia. Eu já vi muitas feridas inutilizarem um homem.

— Eu também vi — Kilraven disse calmamente.

Marquez deu uma olhada para Winnie.

— Oi.

— Oi — ela replicou.

— Você a conhece? — Kilraven perguntou. Quando Marquez franziu a testa, ele disse — Esta é Winnie Sinclair.

— Oh! — Marquez exclamou — Você trabalha na central da EOC²⁰ — ele adicionou, justo quando ela pensou que ele viria com algo sobre a família dela e sua riqueza.

Ela riu com prazer.

— Sim. Eu trabalho com Shirley. E eu almoço no café da sua mãe todos os dias. Ela é uma grande cozinheira.

— Ela é — Ele ia falar mais alguma coisa, mas o médico chegou, ainda com seu uniforme de cirurgia verde.

Marquez deu um passo à frente.

— E então?

O doutor riu.

²⁰ **EOC**, Emergency Operations Center (Centro De Operações De Emergência)



— Ela é difícil — ele disse — Nós tiramos a bala. Ela recuperou a consciência, olhou para mim e disse que era melhor eu remendá-la rápido para que ela fosse atrás do tolo que havia feito aquilo com ela.

Marquez riu.

— Isso é bem a cara dela. Ela vai ficar bem?

Ele assentiu.

— Alguns dias no hospital — ela também não vai gostar disso — e licença médica por mais duas semanas — ele encarou Marquez — Existe alguma chance de vocês dois desistirem de pegar criminosos na minha cidade? Eu poderia descansar.

— Reclamações, reclamações, quando nós damos a você a oportunidade de praticar o seu ofício e aperfeiçoá-lo — Marquez assinalou.

O médico riu.

— Espertinho.

— Quando posso vê-la?

— Dentro de uma hora. Eles vão levá-la para um quarto. Ela resmungou durante toda a cirurgia — ele balançou a cabeça — Gostaria que todos os meus pacientes agissem pelo menos com a metade da paciência que ela teve.

Ele se afastou.

— Nós esperamos com você — Kilraven observando Winnie para ter certeza de que ela concordaria — Eu me sinto responsável.

— Pelo quê? Foi minha a ideia, e dela, de reabrir o caso. Você foi o que concordou — Marquez recordou.

Kilraven ainda se sentia culpado. Ela era uma boa mulher. Uma boa investigadora. Ela o estivera ajudando. Ele não havia se dado conta do risco que ela estava correndo até agora. E ele quisera colocar Winnie na linha de fogo. E se ela fosse baleada? E se o criminoso tivesse uma melhor pontaria na próxima vez? Ele sentiu seu estômago doer.

Um barulho atrás deles anunciou a entrada de dois policiais uniformizados e outro detetive à paisana, que foram direto até Marquez para saber das condições da paciente. Eles relaxaram quando souberam que já havia acabado a cirurgia e que o prognóstico era bom.

— Essa é a Rogers — um dos policiais deu uma risadinha — Ela é durona como o pessoal do Exército!

— Você deve saber — Marquez brincou de volta — Ela foi sua oficial de treinamento antes de ser arremessada para os homicídios.

— Arremessada, o diabo — o detetive à paisana murmurou — Vocês patrulheiros podem fazer pausa para o café e dormir a noite toda. Nós temos que nos arrastar da cama cada vez que encontram um corpo, mesmo se não estamos de plantão.

— Sempre a postos, estes somos nós — Marquez sorriu.

O detetive olhou para Kilraven e franziu a testa.

— Eu não conheço você?

— Deveria — Kilraven disse, avançando com a mão estendida — Você me treinou quando eu trabalhei para o DPSA²¹.

— Kilraven? Deus, você envelheceu! — o homem brincou.

— Um bom vinho amadurece — Kilraven disse arrogantemente — E não fica velho.

— O que você está fazendo aqui? Você conhece Rogers?

²¹ **DPSA:** Departamento de Polícia de San Antonio.



Winnie ouvia, mas não participava da conversa. O nome de solteira de sua mãe era Rogers. Que estranha coincidência! Mas esse era um nome comum. De qualquer forma, ela sabia que não tinha relação com ela. Sua mãe não tinha parentes no Texas. Eles eram todos de Montana, e apenas primos.

— Marquez me chamou a caminho do hospital. Rogers vem trabalhando no meu caso com ele — Kilraven disse — Mulher teimosa. Saber o que aconteceu com Marquez só fez ela se aprofundar no caso. Ela é uma boa detetive.

O detetive lamentou.

— Aquele caso foi uma vergonha. Eu não estava nos homicídios na época, eu era apenas um patrulheiro, como você. Mas pelo menos um detetive largou o trabalho porque não conseguia continuar no caso. Ele disse que a cena partiu o seu coração.

— Partiu o meu também — disse Kilraven pesadamente.

O detetive deu um tapinha em seu ombro.

— Até mesmo os casos mais frios são resolvidos. Tenha paciência. Quando Rogers sair daqui, ela vai revirar San Antonio procurando por pistas. Eles desejam ter enviado um atirador melhor.

— Eles não terão uma segunda chance com ela, ou comigo — Marquez disse solenemente — Eu prometo a você.

— Ele é bom em seu trabalho — o homem de terno disse a Kilraven — mas ele persegue bandidos até mesmo quando está nu — Ele balançou a cabeça assim que Marquez começou a protestar — Envergonha todo o departamento.

— O assaltante roubou meu laptop no meu próprio apartamento! — Marquez protestou — O que eu deveria fazer? Vestir-me antes de persegui-lo?

— Você poderia ter pedido reforços, Marquez — veio a resposta.

— Eu pediria se não tivesse deixado o celular no carro!

— Viu? — o detetive disse a Kilraven — No nosso tempo, nós teríamos feito a chamada de um telefone fixo. Eu não acredito que você tenha um desses, não é garoto? — ele perguntou a Marquez alegremente.

Marquez olhou para ele.

— Quem precisa de um telefone fixo? É como carregar uma cabine telefônica!

— Você precisa de uma linha fixa para salvar a pele dos O.L — Winnie disse enquanto o policial local olhou para ela, surpreso. Ela havia usado o termo para oficiais da lei — Eu trabalho no centro de operações de emergência do nosso distrito. Eu sou uma operadora de 911.

— Belo trabalho, Kilraven — o detetive à paisana disse admirado enquanto ria para Winnie — Se você precisar ser salvo, aqui está ela.

Kilraven riu.

— Ela me salvou mesmo — ele disse — Mandou reforços antes de eu pedir, e poupou-me de levar um tiro na cara de um criminoso bêbado.

— Boa mulher — o detetive disse assentindo.

— Oh, ele vale o esforço — Winnie brincou, sorrindo para Kilraven — Nós de Jacobsville odiaríamos perdê-lo.

— Perdê-lo?! — o detetive perguntou surpreso — Você está trabalhando em cidades pequenas agora?

Kilraven balançou a cabeça.

— Eu estava trabalhando disfarçado em um serviço, desbaratando um sequestro.

— Eu ouvi falar. O general Machado estava envolvido, não estava? — Marquez perguntou.



Kilraven assentiu.

— Ele estava. A última coisa que ouvimos falar é que ele pegou o resgate que recebeu de Jason Pendleton e foi para a América do Sul retomar o controle do seu país.

— Mais poder para ele — o detetive disse sombriamente — Alguns bárbaros fazem parte da junta que o depôs. Minha sobrinha casou com um professor de lá. Ele é uma das pessoas que a oposição à Machado colocou na prisão. Ela espera poder gerar publicidade suficiente para poder soltá-lo, mas não teve sorte até agora.

— O que vocês acham de um café? — Marquez perguntou — Eu acordei às quatro da manhã para investigar uma tentativa de homicídio nos apartamentos do lado Sul. Eu estou prestes a dormir em pé.

— O que há de incomum a respeito disso? — o detetive perguntou com uma risada. Ele levantou ambas as mãos — Ok, eu paro. Na verdade, eu te pagarei um café, Marquez.

— Não, Hicks, eu te pagarei um — Marquez disse, movendo-se em direção a cantina — Isso fica incluído nas despesas!

Kilraven conduziu Winnie, sua mão pequena junto a sua mão grande, pelo corredor até a cantina. Ela estava tranquila entre os homens de uniforme. A sensação dos dedos dele entre os dela fez o seu coração acelerar. Ela olhou dentro dos calorosos olhos prateados que sorriam para ela. Ela se sentiu mais próxima a ele do que nunca.

QUASE DUAS HORAS MAIS tarde Marquez conseguiu falar com a detetive Rogers e voltou para anunciar que ela estava em um quarto e reclamava sobre o que o médico achava de sua condição.

— Melhor nós irmos até lá antes que ela quebre uma janela e tente fugir — Marquez concluiu.

— Eles deixarão que nós todos entremos? — Kilraven perguntou.

— Claro que sim — Hicks falou — Um de nós pode distrair as enfermeiras enquanto o resto vai para o quarto da Rogers.

— Eu tenho uma ideia melhor — Kilraven falou — Eu mostro meu distintivo e digo que sou um agente federal.

— Exatamente como um federal, não é? — Hicks perguntou — Eles sempre querem roubar o show.

— Ok, mostre o seu distintivo, diga que é um assunto de polícia e veja o que você consegue — Kilraven desafiou.

Hicks assentiu enquanto eles entravam no elevador.

— Do jeito que eu tenho sorte, vou ser preso por fingir ser um detetive. Nós faremos do seu jeito.

KILRAVEN PODIA MENTIR com a maior cara de pau e soar sincero, Winnie pensou com admiração. Ele conseguiu com que eles passassem pelas enfermeiras, embora Winnie tenha recebido estranhos olhares da equipe enquanto ela seguia os homens.

Ela estava curiosa sobre esta detetive, que foi tão valente e persistente sobre o caso de Kilraven, que arriscara a própria vida para resolvê-lo. Sua própria vida não havia sido cheia de modelos de mulheres exemplares, mas essa soava interessante. Ela precisava conhecê-la.



— Aí está você, toda embonecada e muito bonita — Hicks falou para a mulher na cama.

— Aí está você, parecendo um vulto vestido com um terno — veio a resposta sarcástica — Você pode me tirar daqui? Eu quero encontrar o safado que atirou em mim!

Winnie estava atrás dos homens altos e não podia ver a mulher, mas estava surpresa porque aquela voz soava familiar.

Então ela passou ao redor de Kilraven e teve o maior choque de sua vida. Ali, na cama, enfaixada e machucada e indignada, estava sua mãe!

A detetive Rogers não viu Winnie, e ela estava furiosa porque a pequena ferida estava mantendo-a afastada do seu trabalho.

— Eles dizem que eu não posso voltar ao trabalho até se certificarem de que estou curada! — ela se enfureceu — Enquanto isso, o calhorda que atirou em mim está por San Antonio se vangloriando com seus amigos calhordas!

— Eu já estive no mesmo barco, e você não trasbordou de simpatia por mim — Marquez apontou.

— Você foi espancado, Marquez. Eu fui baleada! — ela retrucou. Ela tomou fôlego e passou a mão pelo cabelo despenteado — Eu não posso ficar aqui! Eu tenho que ir para casa...

— Você tem que ficar cama — Marquez disse com autoridade, e moveu-se para mais perto para segurá-la se fosse preciso — Você provavelmente ainda está em choque. Certamente ainda está tonta por causa da anestesia.

— Ele está em casa sozinho — ela disse miseravelmente — A babá tem que ir para o trabalho. Meu Deus, que horas são?

— Oito — Marquez disse.

— Ela irá embora em meia hora. Ele não pode ficar sozinho!

— Quem não pode? — Kilraven perguntou, movendo-se para frente, curioso — Seu namorado?

— Meu filho — ela disse pesadamente — Matt.

Seu filho? Winnie sentiu sua cabeça girar. Sua mãe era uma detetive de polícia e tinha um filho. O filho do seu tio. Ninguém da família sabia. Ela se lembrou do passageiro que estava no carro de sua mãe quando ela foi até sua casa, um homem pequeno. Era um menino!

Ela se moveu até ser vista. Sua mãe olhou-a ameaçadoramente.

— Ótimo. Era tudo o que eu precisava nesse dia perfeito.

Winnie não sabia o que dizer. Ela estava chocada e sem palavras.

Kilraven não conectou a estranha frase com Winnie, então ele ignorou.

— Eu passo no seu apartamento e arrumo alguém para ficar com ele — Kilraven disse, ainda desconhecendo a conexão entre Rogers e Winnie — Você só precisa ficar boa.

Rogers estudou a face pálida de Winnie.

— Por que você está aqui?

— Eu estou com ele — Winnie disse baixinho, indicando Kilraven.

— Sim, nós vamos nos casar — Kilraven disse a ela, curioso pela reação de Rogers à sua acompanhante loura.

Os olhos de Rogers se abriram mais.

— Você vai casar com ele? — ela exclamou — Você está louca?

— Muito obrigado mesmo — Kilraven grunhiu.



— Você não está em forma para casar com ninguém, muito menos minha filha! — Rogers reclamou.

Kilraven ficou imóvel.

— Sua filha? — ele olhou para Winnie. Lentamente, ele notou as semelhanças e as estranhas peças de encaixe — Sua filha.

— Sim. Eu abandonei seu pai vinte anos atrás.

— E casou com meu tio — Winnie disse friamente.

— Por pouco tempo — Rogers replicou com mau humor — Eu me divorciei dele seis dias depois.

Winnie ficou boquiaberta.

Rogers deu de ombros.

— Ele estava tão drogado que nem lembrava o meu nome.

— Ficou assim até morrer — Kilraven concordou — Mas eu ainda não tenho certeza se ele morreu sozinho, ou foi ajudado. Ele podia saber de algo também.

— Certamente. Mas temos que averiguar isso antes de sabermos com certeza — Rogers se recompôs — Há uma mulher espanhola, Senhora Del Rio, que vive a duas portas do meu apartamento. Ela é a avó de Juana. Juana está cuidando de Matt hoje — ela deu o endereço a ele — Pergunte se ela pode cuidar de Matt até que eu saia daqui, eu acertarei com ela. Juana tem seis filhos — ela adicionou com um sorriso — E eles amam Matt. Ele os deixa jogar no seu velho Nintendo. Mas ela não pode cuidar dele à noite. Ela trabalha. As crianças ficam com sua tia.

Jogos. Os olhos de Kilraven brilharam.

— Eu falarei com ela. Pare de se preocupar.

Rogers deitou a cabeça no travesseiro e reclamou.

— Eu odeio balas.

— Eu também — disse Kilraven pesadamente — Eu sei o quanto elas machucam. Não faça nada estúpido como tentar escapar daqui. Nós a caçaremos e a traremos de volta.

Ela fez uma careta.

— Ok.

— Eu posso falar com você por um minuto? — Marquez perguntou a Kilraven.

— Claro.

Os oficiais uniformizados se despediram enquanto Marquez e Kilraven estavam no corredor. Winnie aproximou-se da cama para observar a mãe.

— Você não disse o que fazia para viver — ela disse para a mãe.

Rogers encarou-a sem sorrir. Ela estava horrível, de cara lavada, pálida e com dor.

— Você tem um filho — ela começou hesitante — Papai nunca nos disse...

Rogers olhou para ela com frios olhos castanhos, a mesma cor que os de Winnie.

— Minha vida não é do seu interesse. Eu cometi um erro e paguei por ele. Eu ainda estou pagando. Você não precisa ficar por perto para esfregar na minha cara. Você mostrou seu ponto de vista perfeitamente na última vez que nos vimos.

Winnie hesitou. Ela estivera tão segura de si mesma, da sua correta indignação. Agora ela se sentia estranhamente errada.

— Você precisa de algo do seu apartamento? — Winnie perguntou educadamente.

— Se eu precisar pedirei que um dos policiais pegue para mim.

Foi uma fria resposta, mas Winnie estava muito chocada para tomar como ofensa. Ela estava atônita com as revelações daquela noite.



Kilraven voltou.

— Nós vamos pegar a estrada. Precisa de algo?

Rogers balançou a cabeça.

— Apenas sair daqui. Você não aceita suborno?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Com o que você me subornaria?

— Eu estou dura até o pagamento, então você teria que fazer isso por afeição —

Rogers riu — Diga para Matt pegar um par de pijamas, meu robe e meus chinelos. Eu pedirei para um dos rapazes buscar amanhã.

— Eu trago hoje à noite — Kilraven disse a ela — Mas você fica me devendo.

Ela fez outra careta.

Kilraven pegou a mão de Winnie.

— Eu voltarei mais tarde — ele disse à mulher.

— Eles não o deixarão entrar — Rogers falou.

— Eu sou um Federal. Eles me deixarão entrar.

— Esnobe — Rogers murmurou, mas o efeito da anestesia estava lhe pegando. Ela fechou os olhos e apagou. Winnie ainda estava se recuperando da novidade de ter um meio irmão que nem ela nem seus irmãos conheciam, e de sua mãe ser uma agente da lei. Tinha sido um choque.

ELES ESTAVAM A CAMINHO do apartamento de Kilraven quando ele finalmente decidiu falar.

— Você nunca me falou que ela era a sua mãe.

— Eu não fiz a conexão — ela disse — A última coisa que nós soubemos, é que ela estava vivendo com nosso tio em Montana. Então ela apareceu em casa com uma jóia. Eu fui horrível com ela — ela disse baixinho — Eu não queria ter sido. Eu achei que ela tinha vindo até nós para conseguir dinheiro — ela balançou a cabeça — E ela é policial. Eu não posso acreditar nisso.

— Ela é uma detetive — ele corrigiu — E uma muito boa por sinal.

Ela não estava lidando bem com isso. Ela não estava preparada para ter um novo membro na família, e odiava ser colocada na posição de ter que lidar com uma criança.

— Quantos anos será que ele tem? — ela disse alto.

— Quem?

— O filho da minha mãe.

Ele estreitou os olhos ao encará-la.

— Seu irmão — ele corrigiu — Jon e eu não temos a mesma mãe, mas isso não faz de nós menos irmãos.

O queixo dela tremeu.

— Sim, mas você teve toda a sua vida para se acostumar a tê-lo por perto. Eu apenas descobri sobre o meu há poucos minutos.

Ele assentiu.

— Ponto de vista aceito. Eu acredito que tenha sido um choque.

Ela sacudiu a cabeça.

— Papai nunca disse uma palavra! Ele devia saber, especialmente se ela viveu em San Antonio por todo esse tempo!

— Talvez tenha sido muito para o seu orgulho admitir que o seu próprio irmão teve um filho com a sua ex-mulher — Kilraven supôs.



— O menino foi com ela até a nossa casa — ela disse — Nós vimos alguém no carro com ela, mas ele não entrou.

— Ela veio me ver nesse mesmo dia, eu acho. Eu o vi também, mas não fiz a conexão de que era o seu filho. Eu sabia que ela havia sido casada e que tinha passado por problemas pessoais. Marquez não entrou em detalhes — ele olhou para ela — Eu não creio que ele tenha conectado ela com a sua família também. Ela nunca nos disse que tinha parentes em Jacobsville.

Certamente, ela pensou, sua mãe tivesse vergonha de admitir. Talvez essa fosse a verdade. Ela disse que havia cometido um erro pelo qual ainda estava pagando. Winnie tinha pensado apenas na sua própria dor por causa do abandono da mãe a ela, Boone e Clark. Nunca lhe ocorreu que sua mãe também pudesse não ser feliz, ou que ela tivesse se divorciado do seu novo marido tão rápido.

— Qual é a ligação de meu tio com o seu caso? — ela perguntou alto, lembrando da conversa sobre o homem.

— Eu não sei. A garrafa é uma forte indicação de que ele estava no lugar — Kilraven falou — Eu apenas não sei como ele se encaixa nisso tudo, a não ser que o homem tenha alguma conexão com Hank Sanders, o irmão criminoso do senador — ele olhou para ela — Como seu tio era aparentemente um usuário de drogas, Hank pode ter sido o fornecedor. Ou ele pode ter feito algum trabalho para Sanders. Eu ainda não sei.

— É um sentimento horrível saber que alguém da minha família pode ter causado a morte de alguém.

— Winnie, isso não significa que você seja de alguma forma responsável — ele disse gentilmente — Não pense assim.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Desculpe. Eu só estou nervosa — ela observou os carros passarem na pista ao lado. Os faróis reluziam ao seu redor — O menino ficará assustado quando souber o que aconteceu com a mãe.

— Obviamente.

— Mas ela terá que permanecer no hospital por muitos dias, certo? E se a mulher não puder tomar conta dele?

— Vamos deixar para ver isso quando chegarmos lá, ok? — ele virou a esquina — Se ela não estiver disponível, eu encontrarei alguém que esteja. Ele não pode ficar sozinho.

— Não. Claro que não pode.

KILRAVEN DIRIGIU LENTAMENTE pela rua, procurando pelo número do apartamento que Rogers havia dado a ele. Ele parou em frente a um prédio e desligou o veículo.

Não era uma boa vizinhança. Os apartamentos precisavam de pintura. Os números estavam apagados. Parecia que as telhas não eram trocadas há muito tempo. A placa com o nome da rua estava pichada.

Winnie observava tudo, pensando na mudança que uma mulher que vivia com um milionário devia ter sofrido ao acabar aqui, neste tipo de vizinhança.

— Vamos entrar — Kilraven disse abrindo a porta.

Eles subiram no alpendre de concreto, muito pequeno, e bateram na porta.

— ¿Quién es?



— *Somos amigos de la señora que vive aquí* — Kilraven replicou no seu elegante espanhol.

A porta foi aberta, apenas um pouco, por uma jovem morena hispânica. Seus olhos negros analisavam as duas pessoas do lado de fora. Ela com certeza os achou confiáveis, porque destrancou o cadeado e abriu a porta.

Havia três crianças ao redor de uma pequena TV, jogando um antigo jogo no Xbox. Duas eram hispânicas. A terceira tinha cabelo castanho curto e olhos castanhos, a pele bronzeada. Ele usava jeans e uma blusa preta velha. Ele olhou para cima.

— Oi — ele os encarou curioso — Vocês vieram ver minha mãe? Ela não está em casa ainda. Juana e seus filhos ficaram comigo, mas ela terá que ir para o trabalho logo.

Winnie ficou chocada com a aparência do menino. Seu tio era quase loiro, como a sua mãe. O menino era a imagem cuspida de Boone e Clark.

— Você é o Matt? — Kilraven perguntou.

O garoto pareceu pressentir algo. Ele abaixou o controle e ergueu o queixo.

— É a minha mãe, não é? Alguma coisa aconteceu com ela — ele perguntou seriamente.

— Ela foi alvejada, mas está bem — Kilraven disse rapidamente.

— Alvejada? — o garoto pareceu abalar-se por um minuto, mas se recompôs logo. Ele respirou fundo, como se quisesse se acalmar — Alvejada? Mas ela não morreu? — ele adicionou rápido, esperançosamente.

Kilraven sorriu.

— Sem chance. Ela é forte.

Matt tomou fôlego. Ele sorriu de volta, hesitante. Ele tinha perfeitos dentes brancos. Aquele sorriso mudava sua aparência.

— Ok — ele olhou para a pequena mulher perto dele — Juana tem que ir. Ela já está atrasada para o trabalho e tem que levar seus filhos para a casa de sua tia. Está tudo bem — ele disse para a mulher — Eu posso ficar sozinho. Já tenho doze anos.

— Não pode não — Juana argumentou.

— A mãe dele disse que a senhora Del Rio que mora a duas portas daqui poderia estar disponível para ficar com Matt — Kilraven começou.

— Mas, não — Juana disse de uma vez — Ela é minha *abuela*, minha avó. Ela foi visitar sua irmã hoje cedo. A mulher mora em Juarez!

— Eu disse a você que não preciso de babá — Matt argumentou — Eu fico sozinho depois da escola, até que a mamãe chegue em casa. Eu sei que não devo abrir a porta a menos que eu saiba quem é.

— Você não pode ficar sozinho — Juana argumentou — Você não é capaz...

— Eu sou sim! — Matt retrucou — Eu sou perfeitamente capaz!

Juana olhou para os recém-cegados com angústia.

— Todo mundo faz tanta confusão — Matt resmungou. Ele levantou do sofá se apoiando nos braços.

Foi quando Winnie notou a cadeira de rodas. Matt puxou-a para perto dele, posicionou-se e colocou o corpo nela com eficiência.

— Eu posso fazer qualquer coisa, exceto andar — ele murmurou — Eu posso até cozinhar. E temos um telefone. Eu posso pedir ajuda se precisar.

Winnie viu seu orgulho cair até os pés. O menino era orgulhoso, e ele não gostava de ser tratado como um inválido. Mas ele com certeza não podia ficar sozinho.

— Eu preciso ir — Juana disse — Sinto muito.



— Nós tomaremos conta de Matt — Kilraven disse. Ele sorriu — Eu tenho certeza de que a mãe dele vai ficar feliz por você ter ficado aqui até agora.

— Não foi nada. Ela sentou ao meu lado quando o meu marido estava no hospital. Aqui, nessa vizinhança, nós cuidamos uns dos outros. Diga-lhe que estou rezando por ela, certo?

— Pode deixar — Kilraven disse.

Ela e as crianças saíram, mas não antes de Juana abraçar Matt e assegurá-lo de que sua mãe ficaria bem.

A porta fechou-se atrás dela.

— Quem são vocês? — Matt perguntou a seus convidados — Policiais?

— Eu sou — Kilraven disse — Ela é uma operadora do 911 — ele mostrou Winnie.

— Eu vou ser detetive quando crescer — Matt assegurou ao homem alto — Não há nada que eu não possa fazer, se eu quiser. Mamãe me ensinou isso. Ela vai mesmo ficar boa?

— Vai — Kilraven disse. Ele deu uma olhada no controle do jogo — Esse é antigo.

— Sim — Matt disse rindo — Mas ainda funciona muito bem. Na maioria das vezes eu jogo o *Halo* original e ele é ótimo para ele.

— Você joga online?

Matt balançou a cabeça.

— Não posso pagar por isso — ele disse — Você joga?

Kilraven riu.

— Todos — ele disse — Eu tenho três videogames e em torno de três dúzias de jogos.

— Uau — Matt disse — Deve ser legal — ele adicionou com um sorriso desejoso. Ele moveu a cadeira de rodas para longe do sofá — Eu tinha uma boa cadeira motorizada que mamãe trouxe no Natal passado — ele disse — Mas papai veio e disse que precisava emprestar para um amigo dele. Ele vendeu para comprar drogas — ele adicionou — Mamãe ficou furiosa! Mas ela não pôde fazer com que ele devolvesse, então ela pegou essa emprestada de uma vizinha.

Winnie se sentiu doente.

— Seu pai levou a cadeira de rodas embora? — ela perguntou chocada.

— Sim. Ele sempre vinha e pegava coisas, mas ele nunca pedia. Ele vendia qualquer coisa que ele pudesse para comprar drogas — ele balançou a cabeça — Eu nunca usarei drogas. Eu não quero terminar como ele.

— Como isso aconteceu? — Kilraven perguntou ao menino, indicando suas pernas.

— Papai achou que se ele batesse o carro poderia pegar o dinheiro do seguro — ele respondeu — ele bateu em um carro e o meu lado foi atingido. Minha mãe me disse que ele tinha uma apólice de seguro muito alta no meu nome e que ele pretendia me matar — o menino evitou olhar para eles — Ele não recebeu um centavo. Mamãe tentou prendê-lo, mas eles não aceitariam a minha palavra sobre o que ele fez.

Winnie estava ouvindo sua mãe falar sobre pagar pelo passado e agora tudo fazia um terrível sentido. Não conseguia acreditar que o tio fosse capaz de tratar uma criança dessa forma. Mas pessoas drogadas não eram razoáveis.

— Você se parece com minha mãe — Matt disse de repente, encarando Winnie.

— Eu acho que isso é normal — Winnie disse sorrindo apesar do bolo que prendia sua garganta — Eu sou sua irmã.



CAPÍTULO 9



MATT ESTUDOU-A COM muita curiosidade.

— Nós fomos vê-la em Jacobsville — lembrou — Mamãe disse que eu poderia conhecê-la, mas quando voltou, estava muito calada. Ela disse que não era uma boa hora.

Winnie poderia desabar ali mesmo. Enquanto ela gritou com a mãe maldizendo o passado, este jovem, um menino incapacitado, havia perdido a esperança de conhecer sua família. Ninguém sabia nada sobre ele. Ela e seus irmãos nem mesmo sabiam que ele existia. Ela viu os lábios dele se erguerem e sorrirem para ela. Winnie nunca se sentira tão triste.

— Não foi uma boa hora — disse Winnie, engolindo seu pesar.

Ele inclinou a cabeça enquanto olhava para ela.

— Mamãe disse que eu tenho irmãos.

— Você tem. Dois irmãos — Winnie pegou seu telefone celular — Eu acho que é hora de você se encontrar com eles também — Ela começou a discar os números.

ENQUANTO AGUARDAVAM A CHEGADA de Boone, Keely e Clark, Kilraven sentou-se com Matt e jogou um de seus videogames com ele. O menino tinha um controle sobrando, um presente de um dos colegas de sua mãe.

— Ei, você é muito bom — Matt riu enquanto Kilraven lutava para empatar com ele.

— Às vezes meu trabalho me leva a lugares onde não há muitas formas de entretenimento.

— O que você faz?

Kilraven sorriu.

— Desculpe. Confidencial.

Matt ficou impressionado.

— Você pode me dizer pra quem você trabalha?

— Claro. CIA.

— Uau! Você é um espião!

— Não exatamente — disse Kilraven suavemente — Eu faço todos os tipos de trabalhos secretos. O último foi tentar desmascarar uma quadrilha de sequestradores.

— Você tem que atirar em alguém?

— Eu não atiro nas pessoas — assegurou-lhe Kilraven.

— Então por que você carrega uma arma? — rebateu ironicamente, porque o coldre de uma pequena pistola automática era visível sob jaqueta Kilraven enquanto ele usava o controle.

— Uso para as pessoas não atirarem em mim — respondeu o homem alto com um sorriso.

Matt riu e eles voltaram para mais uma partida do jogo.

Winnie assistiu sentada sobre os destroços de um sofá. Tudo naquele lugar era simplório. As imagens nas paredes eram baratas, assim como todos os móveis. A única



coisa cara naquela sala era o console e os jogos do menino. As prioridades de sua mãe eram óbvias, Matt ficava em primeiro lugar. Aquilo lhe tocou e a fez sentir-se muito culpada, pois ela tinha tudo que queria, enquanto seu meio-irmão e sua mãe estavam vivendo quase num nível de subsistência com um salário de detetive de polícia. Era um trabalho bem remunerado, ela sabia por falar com Marquez, mas qualquer pessoa com uma criança deficiente tem mais despesas do que os pais de crianças saudáveis.

A batida na porta a surpreendeu. Boone deve ter vindo voando de Jacobsville.

Ela foi abrir a porta. E sorriu para Boone.

— O que você fez, colocou um jato no Jaguar? — perguntou.

Ele riu.

— Quase. Percebi que o carro de Kilraven está aí fora também — fez uma pausa

— Onde está o menino?

Ela abriu a porta. Matt parou de jogar no meio da partida e se virou para olhar para os seus visitantes com olhos grandes e surpresos.

— Você parece comigo — disse ele quando Boone entrou na sala, muito imponente, com os cabelos e olhos escuros, em suas botas e seu Stetson branco.

— Eu pareço — Boone disse surpreso. Ele se aproximou com os olhos na cadeira de rodas.

— Não deixe as rodas enganá-lo — disse Matt facilmente, quando percebeu a reação do grande homem à cadeira de rodas — Eu sou mais rápido do que você.

— Você gosta de vídeo games, hein? — Clark perguntou, entrando na sala. Ele sorriu para Matt — Nós não nos apresentamos. Eu sou Clark. Ele é Boone — indicou o homem alto — Esta é a esposa de Boone, Keely — ele apresentou a pequena mulher que estava abraçando Winnie. — Somos os Sinclair.

— Eu acho que sou seu irmão — Matt disse hesitante.

— Eu acho que você é — respondeu Boone. Olhando pela sala ele tentava captar tudo que Winnie tinha acabado de aprender sobre seu meio-irmão.

— Por que você não sabia sobre mim? — Matt perguntou de forma razoável.

— Porque nós não tínhamos contato com a sua mãe — disse Winnie para todos eles — Algo que eu realmente sinto muito agora, Matt. Nós fizemos suposições.

— Sim, porque ela fugiu com seu tio — Matt respondeu, fazendo uma careta — Ela disse que foi a coisa mais estúpida que já fez. Soube quem ele era no dia que se casou, quando ele começou a dar as caras em sua lua de mel. Ela o deixou. Então seu pai chegou a encontrá-la, mais tarde, mas eu já estava a caminho e ele pensou que eu era filho de Papai.

Os três Sinclair mais velhos se aproximaram.

— O que você quer dizer? — Winnie perguntou a ele.

— Bem, veja, ela nunca dormiu com Papai — Matt disse de uma forma muito adulta — Ela disse que ele era tão repulsivo e não podia deixar que tocasse nela.

O que significava, obviamente, que Matt é filho de seu pai. Seu irmão é verdade.

— Oh, garoto — disse Clark pesadamente. Ele e os outros pensavam em como sua mãe havia passado por anos de inferno, sozinha com uma criança, tentando protegê-los por causa de uma crença errada.

— Agora vai começar — disse Matt a Kilraven com algum sarcasmo. — Vamos começar a nos abraçar e dizer sobre como me pareço com meu pai verdadeiro e todo mundo vai se sentir culpado. Dá um tempo!

Boone caiu na gargalhada.

— Tudo bem. Agora eu sei que ele é um Sinclair.



Matt levantou uma sobrancelha.

— Bem, você não parece o tipo que chora — disse a Boone.

— Ele não é — garantiu-lhe Clark — Ele esteve nas forças especiais do exército.

— Uau — disse Matt com admiração. Ele olhou para Kilraven — Isso significa que ele é melhor na briga do que você?

Kilraven deu a Boone um sorriso apologetico.

— Não. Eu fazia parte de uma equipe da SWAT no DPSA²² antes de entrar para a CIA. Eu também sou um mestre em combate corpo-a-corpo.

— SWAT? Sêrio? Eu vejo esses programas na TV sobre as equipes da SWAT em todo o país. Eles são realmente feras — disse Matt. Ele suspirou — Eu gostaria de poder fazer coisas assim quando eu crescer, mas acho que vou ser um cara do escritório. Enfim, eu serei um profissional da lei, como a minha mãe. Só que eu espero não levar um tiro, como ela.

— Sua mãe levou um tiro? — Boone perguntou, chocado.

Então Winnie percebeu que ela não tinha dito isso quando lhes contou sobre Matt e que eles deveriam vir até San Antonio.

— Sim, mas não letal — disse ela rapidamente — A mãe dele; nossa mãe — ela corrigiu — é detetive sargento no DPSA — disse ela. — Ela trabalha na divisão de homicídios. E foi baleada em cumprimento do dever. Está no hospital, mas vai ficar bem.

Boone ficou surpreso, assim como os outros.

— Ela é boa também — disse Matt — Às vezes ela tem essas intuições, pressentimentos, sobre os casos, e consegue resolvê-los quando outros detetives não conseguem. Dizem que ela é assustadora.

Winnie se deu conta que tinha mesmo tipo de intuições, e agora ela sabia de onde veio seu dom.

— Você também tem... Pressentimentos? — Boone perguntou a ele.

— Às vezes — disse Matt — Eu sabia que algo estava errado hoje à noite, mas não sabia o quê.

— Ele não vai ficar aqui sozinho — disse Winnie — Alguém que não quer a reabertura do caso arquivado — ela disse sem revelar o nome na frente de Matt — está agredindo as pessoas que estão no caso. Marquez foi espancado, e nossa mãe foi baleada. Ela estará bem, mas vai estar no hospital por alguns dias. Matt precisa de um lugar para ficar.

— Ele pode vir para o rancho — Boone disse, olhando para Matt — Temos muitos cavalos. Você pode andar comigo.

— Eu não posso andar — Matt exclamou — Quero dizer, olhe para mim!

Boone sorriu.

— Nós temos crianças deficientes que andam a cavalo no rancho uma vez por semana. É terapia para elas. Temos os meios para colocá-lo e mantê-lo em segurança, e os cavalos são muito dóceis. Você não vai andar sozinho.

Matt levou sua cadeira de rodas para mais perto de Boone.

— Eu realmente gostaria — ele disse calmamente — Eu nunca vi um cavalo de perto. Você tem gado, também?

— Claro que tenho.

— Eu não atrapalharia?

²² **DPSA**: Departamento de Polícia de San Antonio.



— Não por isso — Keely assegurou-lhe com um sorriso.

— Você pode jogar vídeo game comigo — disse Clark. — Eu tenho toda a coleção *Halo*, incluindo *Halo: ODST*...

— O novo *Halo*? — Matt exclamou interessado — Oh, eu li sobre isso em algumas das revistas de jogos que mamãe trouxe do escritório depois que os caras terminaram de ler. Eu adoraria jogar os novos, apesar de não conhecê-los ainda, eu sou bom nos antigos. Mas eu não me importo — disse rapidamente, defendendo sua mãe — Mamãe faz o seu melhor.

Os Sinclair trocaram olhares culpados.

— Sim, ela faz — disse Winnie — Ela é muito corajosa, Matt. Eles tiveram que forçá-la a voltar para a cama — ela riu — Ela estava tentando sair para correr atrás de quem atirou nela.

Matt riu.

— Isso! Ela é assim. Um cara da rua tentou roubar o nosso cortador de grama novo que estava varanda, no verão passado e mamãe viu. Ela perseguiu o cara, saltou numa cerca para chegar até ele mais rápido, atirou-o no chão, algemou-lhe e pediu reforço para levá-lo para a delegacia. — ele riu — Ela é o meu modelo. Não que eu queira ser uma mulher quando eu crescer — ele foi rápido em acrescentar, e todos riram.

— Vamos fazer suas malas, já que irá conosco — disse Keely.

— Ok! — Matt disse com entusiasmo. Ele foi para seu quarto, e ela o seguiu.

Os Sinclair fizeram uma roda, demonstravam toda a tristeza que sentiam em seus movimentos.

— Eu gostaria de ter sido informada sobre isso doze anos atrás — Winnie disse pesadamente.

— Você não é a única — Boone concordou.

— Nós fomos deliberadamente cegos — Clark suspirou.

Kilraven se juntou a eles.

— Ele é um grande garoto — disse ele — Eu gostaria de ter feito esta conexão antes, mas Rogers nunca falou sobre sua família. Eu só sabia que ela tinha um monte de problemas pessoais. Seu ex-marido a perseguia — acrescentou — sempre tentando tirar coisas dela para comprar drogas. Ele roubou a cadeira de rodas motorizada nova de Matt e vendeu-a.

— Que monstro! — Winnie disse com raiva.

— Nós vamos dar uma nova a Matt — disse Boone — Não há problema.

— Nós podemos dar-lhe um Xbox 360 também, com alguns jogos — disse Kilraven. Ele olhou para a televisão minúscula — E uma televisão maior para ele jogar.

— Talvez um Xbox Live Gold Card, também — Clark sugeriu.

Kilraven ficou pensativo.

— Ele pode ficar com Winnie e eu por alguns dias, depois que estivermos casados — disse ele — Eu tenho um apartamento de três quartos. Nós não poderemos ir à Nassau por um par de semanas. A esposa do senador teve uma mudança de planos e foi visitar a irmã em Nova York, mas ela deve ir às Bahamas na semana seguinte.

— Vocês espões sabem tudo — disse Clark.

Kilraven sorriu.

— Claro que sim.

Winnie aproximou-se dele.

— Poderíamos esperar para nos casar...



— Não, nós não poderíamos — disse Kilraven firmemente, olhando para ela.

Ela desviou os olhos, mas a resposta foi do seu agrado. Talvez ele estivesse se acostumando com a ideia, e talvez não quisesse um divórcio no final.

MATT FOI LEVADO até o grande Jaguar de Boone, junto com uma mala cheia de coisas que ele pensou que o menino fosse precisar, e a porta do apartamento foi trancada.

— Nós vamos levá-lo até o hospital amanhã para ver a sua mãe — garantiu Boone a Matt.

— Eu quero vê-la também — Os outros manifestaram a sua concordância.

— Eu vou levar Winnie para casa logo — disse-lhes Kilraven — Nós ainda temos algumas coisas para resolver.

— Vamos deixar uma luz acesa — Keely disse com um sorriso.

Eles acenaram para os Sinclair e voltaram para o Jaguar de Kilraven.

— Esta foi uma noite muito estranha — disse Winnie pesadamente — Eu tenho um irmão que não conhecia, e minha mãe é uma famosa detetive de polícia. Sinto como se minha vida acabasse de voltar para o seu eixo.

— Eu entendo — ele entrou na auto-estrada — Ele é um menino e tanto — disse Kilraven sorrindo.

— Sim, ele é. É incrível, como ele fala de sua deficiência tão facilmente.

— É apenas uma deficiência se você se sente como um dos seus. Eu tinha um amigo no Iraque, que perdeu as duas pernas em um ataque aéreo. Ele foi protetizado e agora ganha todas as corridas. E disse que, enquanto ainda estivesse vivo, não seria incomodado por ninharias. Bobagens! — ele riu — Você pode imaginar?

— Soldados são durões — disse Winnie — Boone saiu do serviço militar com ferimentos muito piores do que ele já nos contou. Keely disse que alguns deles foram profundos. Ele nunca disse nada, e não sabíamos.

— Todos nós temos cicatrizes de um tipo ou outro.

Ela olhou para Kilraven.

— Você disse que tinha balas alojadas.

— Sim eu tenho — seu tom era desagradável — Uma no pulmão, outra no quadril e uma de raspão no braço. Quando eu estiver mais velho, provavelmente vou ter artrite devido à forma como a bala está alojada. Eles fizeram os reparos, mas nenhum reparo é tão bom quanto à peça original.

— Cicatrizes de guerra — disse ela calmamente.

— Sim.

Seus olhos se estreitaram. Ela olhou-o de cima a baixo.

— Você queria as tarefas mais perigosas que pudesse encontrar — disse ela em voz alta, falando como se estivesse acessando informações de alguma fonte intangível — Você pediu a eles. Eles levaram-no para o acampamento inimigo e você andou em direção a um homem que atirava com uma metralhadora — Ela parou, porque ele pisou no freio. Graças a Deus eles não estavam mais na auto-estrada.

— Quem te disse? — Ele perguntou secamente — Quem?

Ela estava desconcertada.

— Ninguém — disse ela ao mesmo tempo.

Seus olhos se estreitaram. Ele não estava entendendo.



— Eu não conheço ninguém que foi com você ao exterior, Kilraven — disse ela razoavelmente.

— Então como você sabia disso?

Ela sorriu e desviou o olhar.

— Eu não sei.

Ele lembrou o que ela havia dito sobre a intuição da mãe, e então veio a lembrança da pintura do corvo de Winnie e do envio de reforços quando ele estava em uma situação de grande perigo em Jacobsville.

— Você tem a mesma capacidade de sua mãe não? — Disse ele em voz alta.

Ela fez uma careta.

— Eu acho que sim. Eu não sabia de onde vinha isto. Não até hoje à noite — ela olhou para ele se desculpando — É esquisito, não é?

Ele suspirou e voltou a dirigir o Jaguar novamente.

— Nem tanto. Só demora um pouco para se acostumar.

— E você não gosta de falar de coisas pessoais.

— Não — respondeu ele de uma vez — Eu não gosto — ele olhou para ela — Mas eu já lhe disse mais do que eu já disse a qualquer pessoa, exceto Jon, sobre minha vida privada. Então acho que confio em você.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Ele entrou no estacionamento de seu prédio e levou-a para dentro, onde um guarda de segurança vigiava numa mesa.

Ele caminhou até a mesa.

— Kilraven — disse ele — apartamento 5A. Eu trouxe uma mulher aqui para fins ilícitos — indicou Winnie, que engoliu em seco e começou a protestar.

— Está tudo bem, minha senhora — o cara sorriu educadamente — Ele diz a mesma coisa quando traz para casa os agentes homens como ele. Estamos acostumados a isso.

Winnie soltou uma gargalhada e bateu no grande e musculoso braço de Kilraven.

— Bobo — ela murmurou.

— Na verdade, nós estamos tentando ficar noivos — disse Kilraven ao segurança com um sorriso — Você pode ver o porquê. Ela é uma jóia. É operadora do 911 em Jacobsville.

— Estou impressionado — disse o segurança — Minha irmã é operadora de EOC²³ em San Antonio. Tarefa difícil. Você tem que amar para fazê-la.

— Isso é verdade — Winnie assentiu.

— Nós não vamos ficar aqui muito tempo — disse Kilraven — Eu só preciso de tempo suficiente para convencê-la que eu sou um bom partido. Ela está relutante.

— Bem, se você não sair em missões secretas, matando pessoas e voltar para casa com as feridas, posso tentar ajudá-lo a convencê-la. Ela provavelmente acha que ficará viúva em poucos meses — respondeu o rapaz.

— Você cale a boca, ou eu vou dizer a todos que vem aqui que você usa lingerie feminina debaixo de seu uniforme.

— Você não ousaria — o cara da segurança disse indignado.

— Apenas tente.

O guarda deu-lhe um sinal internacionalmente conhecido com uma das mãos.

²³ **EOC**, Emergency Operations Center (Centro De Operações De Emergência)



— Sim, e o cavalo que montou — Kilraven riu.

Entraram no elevador, em silêncio. Kilraven abriu seu apartamento com duas chaves e convidou-a para entrar.

Era incrivelmente elegante e arrumado para um homem morar. Havia pinturas originais nas paredes e os móveis eram de couro de boa qualidade, branco e imaculado. A televisão era impressionante. Vários jogos de consoles estavam conectados nela. O tapete era bege, e as cortinas eram em tons de terra.

— Você disse que não assistia televisão — acusou.

Ele riu.

— Eu não. Mas eu tenho duas para jogar vídeo game, uma aqui e outra na casa que aluguei em Jacobsville — ele olhou em volta — Que achou do apartamento?

— É muito bom — disse surpresa.

— Você achou que eu vivia em uma caverna? — Perguntou ele.

Ela sorriu.

— Não teria me admirado.

— Bem, esta é a minha caverna, e você verá que eu me viro bem aqui.

— Eu percebi isso. Bom trabalho.

— Não seja condescendente ou não vou casar com você — assegurou ele — Café?

— Eu adoraria.

— Vamos.

Ele a levou em uma cozinha espaçosa com vários utensílios embutidos. Havia um microondas, e ao lado, uma cafeteira enorme.

— Eu bebo muito — ele explicou enquanto fazia o café — Na maioria das noites eu não durmo.

Ela poderia ver o porquê, mas não queria trazer o passado dele à tona.

— É uma bela cozinha.

— Espaçosa — ele concordou — E limpa. Eu não uso a metade dos utensílios de gourmet que tenho, mas meu irmão aparece de vez em quando e cozinha algo para nós. Ele é um chefe gourmet, muito realizado.

— Eu ouvi falar.

Ele colocou a canecas na mesa da cozinha e sentou-se com ela.

— Você tem um irmão que não sabe nada sobre ele.

— Ele veio como um choque. Como a profissão da minha mãe. Eu passei anos a odiando por tudo que meu pai disse para mim — disse pesadamente — Ele a odiava. Eu acho que ele pensou que o filho era do meu tio e não a perdoou por isso. Tenho certeza de que ela tentou dizer-lhe que Matt era filho dele. Obviamente, não acreditou nela. Meu pai era um homem orgulhoso, mas inflexível. Ele não perdoava as pessoas. Boone é muito parecido com ele, exceto pelo julgamento.

— Eu gosto de seus irmãos.

— Eu também.

O café ficou pronto. Ele despejou o líquido negro em duas canecas, entregou-lhe uma e sentou-se com ela.

— Vamos aos negócios. Nós podemos casar num cartório por aqui ou em Jacobsville. Onde você quer fazer isso?

— Em Jacobsville — disse ela sem pensar.

— Sem frescuras — ele acrescentou com firmeza. — É um casamento temporário.

Ela assentiu com a cabeça.

— Concordo.



— E não numa sala cheia de testemunhas. Apenas Boone e Keely. Eu poderia chamar Jon, mas ele estará fora da cidade.

— Ok.

Ele fez uma careta.

— Você está tratando disto muito calmamente para uma mulher que queria me bater até poucos dias atrás, quando lhe sugeri.

— Eu mudei de ideia — respondeu ela.

Ele tomou um gole de café.

— Eu não vou mudar a minha, Winnie — disse ele de repente. — Se você está pensando que eu vou relutar em terminar o casamento, quando este caso estiver encerrado, está enganada. Eu continuo pensando da mesma forma de quando lhe disse que não queria casar ou ter um filho.

— Eu sei disso.

Ele deixou escapar um longo suspiro, e de repente parecia mais velho, desgastado.

— Rogers levou um tiro trabalhando neste caso. Marquez foi assaltado. O homem que queria me dar alguma pista sobre o caso foi assassinado e ficou irreconhecível — ele olhou para ela preocupado. — Eu não tenho certeza se é uma boa ideia envolvê-la nisso. Talvez Boone tenha razão. Eu posso estar colocando você na linha de fogo.

Isso era lisonjeiro, ele estava se preocupado com ela.

— Boone também disse que não havia ninguém por perto que pudesse me proteger melhor do que você.

— Bem, isso é verdade.

— Claro que é. E não vou ficar por aí andando com uma metralhadora — acrescentou ironicamente — Estou indo para ajudar você a entrar em contato com a esposa do senador.

Ele tomou um gole de café outra vez.

— Ela é a única esperança que temos de obter qualquer informação privilegiada. O senador júnior já tentou parar a investigação. Se não fosse a ajuda do senador Fowler, nós já teríamos sido forçados a desistir. Mas eu ainda não estou certo de que não enfrentemos mais obstáculos. Se o irmão do senador júnior está envolvido com esses crimes, ele provavelmente vai fazer de tudo que estiver ao seu alcance para tentar salvá-lo. É apenas a natureza humana — acrescentou solenemente — Eu faria qualquer coisa para proteger Jon, embora ele nunca vá precisar. Ele é o homem mais honesto que eu conheço.

— Assim como você — disse Winnie.

Ele sorriu.

— Obrigado.

— Por que você sugeriu que Matt ficasse com a gente? — ela perguntou.

Ele lhe deu um olhar sarcástico.

— Controle da natalidade.

Winnie corou.

Kilraven riu.

— Nada contra o rapaz. Mas ele vai nos manter intactos. Além disso — acrescentou — ele é ótimo em vídeo games.

— Eu também sou — ela ressaltou.

— Suponho que você possa provar isso? — Desafiou com um sorriso.



Ele ligou a televisão e o colocou o novo *Halo* no console. Sentaram-se, pegaram controles sem fio, e o jogo começou.

Mas, como sempre, os terríveis caçadores pegaram Winnie no minuto em que ela os encontrou. Kilraven deu-lhe um olhar simpático e começou a atirar contra os caçadores, como se eles fossem os bobos do jogo, ao invés dos vilões mais resistentes.

— Como você faz isso? — Exclamou ela, sem fôlego.

— Não é tão difícil. Veja — e ele continuou a mostrar-lhe seus truques.

Duas horas depois, eles ainda estavam jogando, só que agora Winnie não era mais explodida tão rapidamente pelos caçadores.

Ela olhou para o relógio e suspirou.

— São duas horas!

— E a Cinderela vai virar abóbora, não é? — Ele ironizou, explodindo uma barricada que encontrou em seu caminho.

— Você não está entendendo, eu tenho que estar no trabalho às oito!

Ele piscou. E olhou para ela.

— Oito?

Winnie assentiu com a cabeça.

Kilraven suspirou e desligou o console.

— Droga!

Ela riu

— É, mas eu tenho que ir.

Ele colocou os controles no lugar. Então se virou em seus braços e olhou para ela calado, lhe encarando com seus olhos de prata enquanto o coração dela pulava na garganta.

— Bonita, corajosa e joga vídeo game — ele murmurou. Seus olhos desceram à boca. — E tem um gosto delicioso...

Ele se inclinou e beijou-a. Não era como qualquer outro beijo que tinha lhe dado antes. Era macio, afetuoso, provocativo. E então, de repente, era feroz, faminto e exigente. Ele envolveu-a em seus braços grandes, pressionou-a junto a seu corpo rígido que apertou com força por uns instantes. Ele gemeu, e sua boca insistente pressionou abrindo os lábios de Winnie.

Segundos depois, ela estava deitada no sofá de couro com o corpo Kilraven sobre o dela. No curto espaço que havia entre os dois suas mãos passeavam livremente sob a blusa e o pelo sutiã que fora desabotoado durante a exploração.

Ela teria protestado, mas simplesmente não conseguia afastar sua boca tempo suficiente para isto. Então, ele a deixou nua da cintura para cima e ficou sobre ela, olhando para seus pequenos, firmes e rosados seios com mamilos endurecidos e pela expressão no rosto dele era possível perceber que as palavras ficaram presas em sua garganta.

Ele a tocou tão cuidadosamente como teria tocado as asas de uma borboleta.

— Meu Deus — ele sussurrou, e as palavras soaram como uma reverência.

Ela ficou sem fôlego e o encarava, vendo-se naqueles olhos escuros e suaves.

Ele acariciou o contorno de seus mamilos pontudos, apoiado em um cotovelo, lutando para manter o controle.

— Eu queria saber como você é — ele sussurrou profundamente. Seus olhos de prata brilhavam enquanto ele a encarava com uma doce apreciação.

— Eu sou... pequena — ela esclareceu.

Ele riu. Tinha um som predatório.



— Eu gosto de pequenas — Inclinou-se e roçou os lábios muito suavemente sobre a carne quente, provocando um suspiro chocado dela. Ele levantou a cabeça e procurou seus olhos. — Você nunca fez isso antes — disse ele, surpreso.

— Eu disse que não acreditava nesse tipo de coisa — ela argumentou.

— Sim, mas a maioria das mulheres desfruta das carícias em algum momento.

Ela engoliu.

— Eu já dei uns ‘amassos’ — ela o encarou — Mas você me faz sentir...

— Suja? — Questionou rapidamente.

Lembrou-se que tinha dito a ele, no acostamento, e estremeceu.

— Eu não quis dizer isso — disse ela — Você me faz sentir medo.

— Eu faço isso? — Ele perguntou, chocado.

— Você é um rolo compressor, Kilraven — disse ela — Você passa por cima das pessoas. Eu estava com medo que você me apressasse em algo que eu não estava pronta para fazer, e eu reagi da única forma que sabia. Não é sujo quando você toca em mim — sussurrou. Ela conseguiu dar um sorriso constrangido — Eu gosto disso.

Ele levantou uma sobrancelha

— Você gosta?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu estou percebendo que estou aqui deitada nua — começou ela.

— Não, não — disse ele. — Você estará nua quando não tiver nenhuma de suas roupas — ele sorriu — Devo demonstrar isso? — Perguntou com olhos reluzentes.

Ela deu um tapa nas mãos dele quando ele tocou em sua calça, mas estava rindo.

— Não faça isso!

— Estraga prazeres — suspirou — Ok, eu vou fazer o meu melhor para me comportar — dizia enquanto tirava a camisa.

Winnie ficou sem ar, e cravou seus olhos no pelo preto e encaracolado que lhe cobria o cinto, e provavelmente mais além.

Ele franziu os lábios.

— Impressionada?

— Oh, sim — disse ela, sem tentar negar.

— E eu vou te dizer, isso é tão bom quanto parece — ele murmurou, aliviando o peso sobre ela, fazendo-a sentir o impacto do pelo macio e ondulado, roçando seus seios antes que ele ficasse sobre eles. Ele cutucou as pernas afastadas — Não, não, você não deve desencorajar-me, você feriu meus sentimentos — ele criticou inclinando-se para sua boca — Você não gostaria de fazer um homem adulto chorar?

Ela não poderia ter respondido se quisesse. Ele respondeu de imediato apaixonadamente. Não parecia que ele a estava conduzindo. Não era necessário. O impacto de sua sexualidade foi tão intenso que ele afastou todas as defesas de Winnie ao mesmo tempo. Ela arqueou-se em seu corpo rígido e deslizou seus braços ao redor dele, cravando as unhas em seus ombros quando a beijou, como se nunca mais fosse parar.

Ao mesmo tempo, ela sentiu o movimento dos quadris dele. Houve uma dureza ameaçadora onde seus corpos se tocavam, e ela começou a protestar quando ele se encostou mais. O movimento febril de seus quadris trouxe uma onda de prazer tão inesperada e intensa que ela gritou, ofegante.

Ele sentiu a respiração ofegante contra sua boca e levantou-se. Ela estava tremendo. Seus olhos estavam arregalados. Ele olhou para ela, vendo sua inocência, o choque, seu envolvimento enquanto se movia sensualmente contra ela.



— Sente isso? — Ele sussurrou.

Ela suspirou. De todas as coisas escandalosas para perguntar!

— Agora, imagine como seria senti-lo, empurrando lentamente para baixo em seu corpo — ele sussurrou em seus lábios — Nessa quente e úmida escuridão, dura e profundamente!

— Kilraven! — Ela engasgou com o comentário ultrajante.

Ele riu. Mas a necessidade foi crescendo a cada segundo. Seus quadris movimentando-se sobre os dela, duramente, enfatizando o que ele era capaz. Ele gemia baixinho e tremia.

— Há uma grande cama macia a poucos metros desta sala.

Ela gemeu, também, mas suas mãos estavam empurrando, não puxando.

— Não — ela conseguiu com uma voz um pouco rouca. Seu rosto estava em chamas, e não apenas por causa daquela posição íntima. Ela nunca tinha sonhado que os homens pudessem dizer coisas tão descaradas às mulheres!

— Eu não estou tomando pílula!

Aquilo o imobilizou até a morte. Sua mente tinha parado de funcionar. Foi escravizado pela fome latejante de seus membros. Arrastou uma respiração áspera, e depois outra. Ele também não tinha ninguém. Não carregava preservativos porque nunca dormia com mulheres. Ela poderia ficar grávida. Apenas por um instante, pensou num bebê em seus braços e toda a sua alma sentia dor lancinante. Não! Nunca mais!

Ele arrastou-se até em uma posição sentada, colocou a cabeça entre as mãos, e lutou contra a náusea e dor. Quase foi longe demais. Não se atreveu a olhar para ela. Ela era ainda mais perfeita do que ele imaginava, sob a roupa.

Ela correu para pegar suas coisas, engolindo seu embaraço. Mas percebeu, tardiamente, que ele ainda lutava para recuperar a compostura. Isso a fez sentir-se melhor sobre a perda de sua própria. Sentou-se ao lado dele, um pouco inquieta.

Ele levantou a cabeça e encontrou seus grandes olhos preocupados.

— Eu sei. Eu sou um homem mau. Mantendo você aqui por causa de vídeo games, seduzindo-a com promessas de truques e códigos de vitória — ele riu quando ela bateu nele brincando.

— Seduzir mulheres com fraudes de vídeo games — ela o acusou, aliviada por ele não estar zangado — Você é um vilão.

— Ei, às vezes funciona — ele brincou.

— Leve-me para casa, para que eu possa dormir o suficiente para fazer o meu trabalho — riu, levantando-se. Ela pegou sua bolsa e esperou que ele desligasse a televisão e as luzes e abriu a porta.

— Você me surpreende — disse ele.

— Por quê? — Perguntou ela.

— Como você é inocente! — Ele observou calmo, olhando diretamente em seus olhos escuros.

Ela corou belamente.

— Eu estou ficando menos inocente a cada dia — disse ela calmamente.

Ele sorriu.

— Você não sabia que os homens diziam coisas tão indecentes às mulheres?

Ela corou mais ainda.

— Kilraven!

Ele riu.



— Eu não deveria implicar com você. Mas não posso evitar. Você me fascina — disse ele involuntariamente. Pegou os cabelos em sua nuca e puxou seu rosto até o dele — Bonita, seios pequenos — ele sussurrou, e colocou sua boca na dela, duramente, antes que ela pudesse protestar — É melhor você ir embora.

ELES CAMINHARAM ATÉ O CARRO. Ele a observou admirado.

— Você é mais rica do que o pecado, assim como toda a sua família, mas trabalha por um salário mínimo.

— A ética no trabalho foi bombardeada em nós numa idade avançada — disse ela simplesmente. — Boone trabalha no rancho com seus homens.

— Eu sei. Eu li o artigo na revista *“Modern Ranching World”* — ele riu — Na verdade, há uma cópia do mesmo na minha mesa de café. Seu irmão é único. Portanto, Clark, está no caminho.

— Clark está sempre tentando ser Boone, e sabendo que nunca será — disse ela tristemente — Eu acho que deve ser terrível ser o irmão mais novo de um ídolo.

— Não diga isso para o meu irmão. Ele nunca entendeu.

Ela riu.

— Seu irmão é como você, um exemplo de grande inteligência e coragem. Ele nunca poderia se sentir como um segundo colocado.

— Não, ele não é — concordou Kilraven, aquecido por sua opinião sobre ele — Ele é brilhante na profissão que escolheu.

— Assim como você.

Ele deu de ombros.

— Eu tinha razões para ser exemplar.

— Sim, eu sei que você tinha — disse ela com simpatia. Parou ao chegar no Jaguar e se virou para encará-lo — Você vai solucionar este caso — disse ela — Eu tenho certeza disso.

Ele tocou seu rosto suavemente.

— Confiança cega ou algum conhecimento secreto do futuro? — Ele brincou.

— Eu não sei. Ambos, talvez.

Ele suspirou.

— Talvez. É melhor ir embora.

Ele a levou até a mansão dos Sinclair em Comanche Wells e deixou-a na porta da frente.

— Eu não vou entrar — disse ele ao volante — É muito tarde.

Ela percebeu que as luzes ainda estavam acesas no quarto de Clark.

— Acho que eles passarão a noite toda jogando videogame — disse ela com inveja — Clark tem o *Halo* novo. E Boone também.

— Você pode dizer a Boone como passar pelos caçadores — ele riu.

— E eu vou. Até mais.

— Até amanhã — disse ele — Vou levar você e Matt para ver sua mãe. Que horas você sai do trabalho?

— Amanhã saio as quatro — disse ela — Geralmente fico até a noite, mas uma das meninas trocou de horário comigo porque queria estar em casa para fazer um trabalho da escola, de modo que ela está fará o turno da noite para mim.

— Bom.

Ela sorriu.



— Muito bom.

— Vou vê-la às quatro. Nós ainda não acertamos uma data para o casamento — acrescentou. — Que tal sexta-feira?

Seu coração saltou. Ela estava pensando em todos os preparativos, os convites, o vestido e as flores. Imediatamente ela se lembrou que ela não ia ter nenhuma dessas coisas tradicionais. Não para um casamento falso. Um arranjo temporário.

Ela conseguiu dar um sorriso de qualquer maneira.

— Tudo bem. Sexta-feira.

— Vejo você amanhã

— Até amanhã.

Ele não se moveu. Esperou. Ela percebeu que ele não iria embora até que ela tivesse entrado. Era lisonjeiro. Entrou na casa e fechou a porta. Só então conseguiu ouvir o carro se distanciar.

No seu caminho para a cama, ela andou pela casa escura. O quarto de Clark era o único aceso. Ela enfiou a cabeça na porta. Matt estava sentado na frente do console do jogo, em sua cadeira, enquanto Clark estava sentado numa cadeira lado dele. Eles estavam jogando *Halo*.

— Vocês se divertiram? — Perguntou ela.

Os dois homens sorriram para ela, olhando tão parecidos que poderiam parecer gêmeos.

— Ah, esqueçam. Cuidado com as granadas pegajosas — ela aconselhou.

— Nós as jogamos nos caçadores — Matt disse a ela.

— Isso funciona? — Perguntou ela, sem nunca ter experimentado.

— Veja — disse Matt. Seu jogador arremessou uma no enorme caçador. No minuto seguinte, a temível criatura estava no chão.

— Excelente — Winnie disse, fazendo um gesto de alegria — Vou ter que tentar isso. Kilraven irá nos levar para ver mamãe amanhã só depois que eu sair do trabalho às quatro — disse ela.

— Seu irmão... Quer dizer, Boone, ligou para saber notícias dela. Eles disseram que ela está dormindo e cooperando — respondeu Matt.

— Ótimo. Durma bem.

— Tentarei — Clark prometeu.

Ela balançou a cabeça e foi para a cama.



CAPÍTULO 10



WINNIE TEVE UM DIA chato no trabalho. Era uma regra ter alguns dias de chamadas de rotina e, em seguida, um que levasse o pessoal aos seus limites. Em um turno difícil, podiam acontecer batidas terríveis, tentativas de roubos, suicídios e inúteis perseguições de suspeitos a pé que acabavam em frustração. Podiam terminar com oficiais feridos. Podiam terminar com suspeitos que resistissem à prisão. Podiam terminar com bêbados armados desafiando a polícia para expulsá-la da casa de esposas abusadas. Podiam até mesmo surgirem ataques de cachorros ou animais selvagens. Mas este dia foi sem ocorrências, com exceção de uma perseguição a um carro roubado que finalmente resultou em prisão.

— Adivinha quem fez a prisão? — Winnie perguntou enquanto Kilraven, ela e Matt estavam no Jaguar, indo para o hospital em San Antonio.

— Eu não sei — disse Kilraven.

— Macreedy — respondeu ela.

Ele ficou boquiaberto.

— Ele?

— Ele — disse ela. Ela olhou para Matt no banco de trás, que franzia a testa curiosamente — É um agente do departamento do xerife. Ele é famoso por perder cortejos fúnebres em lugares inacessíveis. Ele não tem senso de direção. Então, quando ele faz algo parecido com isto, nós ficamos surpresos.

Matt sorriu.

— Eu entendo.

— Talvez Hayes Carson estivesse certo, e tudo que ele precisava era de um pouco de autoconfiança — disse Kilraven.

— Talvez assim — Winnie riu.

O HOSPITAL ESTAVA LOTADO. Kilraven manobrou a cadeira de rodas de Matt através da multidão com Winnie seguindo de perto, enquanto eles faziam o percurso até o quarto de Gail Rogers.

— Mãe! — Matt exclamou ao chegar.

Ela riu e se inclinou, fazendo uma careta com o esforço doloroso para abraçá-lo.

— Você está bem? — ela perguntou lutando contra as lágrimas.

— Claro que eu estou bem — ele zombou. Ele encostou-se e sorriu para ela — Você parece muito bem — ele disse. Ele lutava contra as lágrimas, também, embora tentasse esconder.

— Eu só levei um tiro — ela disse — Não é grande coisa.

— Certo — Matt hesitou.

Rogers olhou para Winnie e Kilraven.

— Eu acho que perdi alguma coisa. As enfermeiras disseram que ele foi para casa com os Sinclair. Como é que ele acabou no rancho?



— Nós soubemos quem era o pai dele no minuto em que o vimos — Winnie disse calmamente — Eu quero me desculpar, mas não sei por onde começar. Boone e Clark se sentem da mesma maneira.

Gail recostou-se em seu travesseiro e olhou para a filha com orgulho.

— Eu nunca tentei explicar — disse ela depois de um minuto — Seu pai ficou furioso quando soube que eu estava grávida. Tentei dizer-lhe que o filho era dele, mas eu não consegui fazê-lo escutar. Finalmente, eu deixei de tentar. Eu sabia que era inútil tentar contato com algum de vocês. Ele teria interrompido qualquer tentativa e teria feito vocês pagarem por isso. Eu tinha Matt e recomecei a minha vida. Ele tem sido uma alegria — ela disse olhando para seu filho mais novo com um sorriso.

— Isso quando ela não me chama de terrível — Matt riu.

— Ele gosta de usar a cadeira para descer colinas — ela disse fazendo uma careta para ele — Veja estes cabelos brancos — ela apontou o alto da cabeça — Você me deu todos eles

— Eu gosto de velocidade — Matt protestou — Não que eu consiga muita nesta coisa velha — ele murmurou — Eu não estou reclamando — acrescentou rapidamente — Ela faz com que os meus braços fiquem fortes.

— Nós encomendamos uma motorizada — disse Winnie, surpreendendo a todos na sala. Ela sorriu — Boone encomendou uma. Chegará amanhã.

— Puxa! — Gail exclamou.

— Você não pode reclamar — Winnie acrescentou com firmeza — Você sabe como são os Sinclair quando querem algo. Boone e Clark querem vê-la — ela disse — Mas eles não virão até você dizer que está tudo bem.

Ela mordeu o lábio inferior. Ela hesitou, e Winnie entendeu o motivo. Ela se aproximou da cama.

— Todos nós já passamos por momentos difíceis — ela disse lentamente — Não será fácil ter a nossa família de volta. Mas todos nós queremos. Especialmente eu.

Gail respirou fundo.

— Nós podemos tentar.

Winnie sorriu. Era um sorriso sincero.

— Sim. Nós podemos.

— Quando eu posso voltar e ficar com você? — Matt perguntou a Kilraven — Não que eu não goste do rancho — disse Matt — Mas ele trabalha para a CIA — ele disse em um sussurro alto — Talvez ele possa usar sua influência para levá-los a me contratar quando eu sair da faculdade.

Kilraven riu.

— Talvez eu possa fazer. Se eu ainda estiver por lá.

— Aposto que você conhece todos os segredos mais importantes, não? — ele persistiu.

— Alguns — Kilraven admitiu — Mas alguns deles são sigilosos.

— Droga.

— Você pode descobrir os que não são.

— Quando?

Kilraven olhou para Winnie.

— Nós nos casaremos na sexta-feira.

— Uau! Será em uma igreja com um ministro e tudo? Posso ir?

— Será no escritório de um juiz — Winnie disse calmamente. Ela sorriu — Claro que você pode vir.



— Ah — Matt pareceu muito desapontado.

Kilraven sentia desconfortável.

— Eu quero café.

— Eu quero chocolate quente — disse Matt — Podemos comprar e trazer até aqui?

— Eu acho que sim. Vocês querem alguma coisa? — ele perguntou às mulheres.

— Um café seria ótimo — disse Winnie.

Gail sacudiu a cabeça.

— Nunca deixarão que você me dê cafeína. Eu sei. Eu tentei subornar uma das enfermeiras para trazer um copo até aqui. Menina malvada — ela murmurou — Eu fiz todos os tipos de ameaças. Se eu tivesse a minha arma de serviço ...!

— Nada de tiroteio em hospitais — Kilraven repreendeu — O que as pessoas pensariam do departamento se Marquez tivesse que salvá-la da prisão e em um vestido de hospital?

Gail fez uma careta.

— Eu odeio hospitais.

— Sim, mas eles salvam muitas vidas — lembrou Kilraven.

— Salvam mesmo.

— Não vai demorar muito — disse Kilraven. Ele empurrou Matt antes de sair da sala.

Winnie olhou para a mãe suavemente. Ela tentava conciliar as lembranças de doze anos atrás com as da mulher na cama do hospital.

— Você mudou — Winnie disse finalmente.

— Sim — disse sua mãe com uma risada — Estou ficando mais velha e fraca.

— Eu quis dizer que você ... — Ela mordeu o lábio — É difícil pôr em palavras. Lembro-me de você sempre à espera de papai, trazendo-lhe coisas que ele mesmo poderia ter pegado. Ele nem sequer fazia um sanduíche. Eu me lembro de você correndo cada vez que ele chamava. Você não é mais dócil como era antes. Você é como as pessoas com quem trabalho no Condado de Jacobs — disse ela com um leve sorriso — Eles são pessoas duras, porque fazem um trabalho duro. Mas elas estão sempre lá quando você precisa delas. Elas nunca desapontam você. Isso é o que eu quero dizer.

— Eu desapontei você, no entanto, não é, bebê? — ela perguntou tristemente — Eu era fraca, Winnie. Eu deixei o seu pai me subjugar, desde o dia que eu tinha dezesseis anos e nos casamos. Eu fui criada a pensar que era assim que as mulheres deviam ser — ela sorriu — Seu tio Bruce foi uma grande confusão. Ele foi brilhante e cheio de sonhos, era engraçado e divertido estar com ele. Eu nunca conheci ninguém como ele. Ele chegou para visitar o seu pai há doze anos e acabou comigo. Eu tinha sido dominada, ignorada e tida como previsível por tantos anos — ela calou-se — Eu não sabia que ele odiava seu pai e queria humilhá-lo. Eu não sabia que era por isso que ele mantinha distância de nós, exceto pelos cartões de Natal, uma vez por ano. Eu cáí, e cáí mesmo. Assim, fugimos juntos — ela balançou a cabeça — Nós fomos para Vegas e eu consegui o divórcio, então tivemos um rápido casamento e fomos para Bahamas. Foi quando eu descobri por que ele estava sempre animado. Ele era usuário de drogas. Ele atirou-se na sala, e queria que eu me juntasse a ele — ela encostou-se nos travesseiros, agonizando com as lembranças — Eu usei a minha passagem e voltei para os Estados Unidos. Eu não poderia dormir com ele. Ele veio me ver e confessou que só me queria porque odiava seu pai, pois ele o enganara e colocara para fora do rancho. Não foi assim que aconteceu, mas isso é outra história.



— Você nunca dormiu com ele — Matt já tinha lhe contato, mas precisava ouvir isso da boca dela.

Ela balançou a cabeça.

— Eu tive nojo quando o vi usando drogas. Eu nunca poderia fazer isso. Eu nunca sequer levei uma multa em toda a minha vida. Meu avô era um U. S. Marshal.

— Uau — Winnie disse impressionada — Esse é o meu bisavô.

Gail assentiu.

— Ele era um grande sujeito. Eu tinha recortes de algumas de suas façanhas, mas não sei onde procurá-los depois de todo esse tempo. Imagino que seu pai jogou todas as minhas coisas fora.

— Na verdade, ele não teve a chance — Winnie disse a ela — Você se lembra de George velho, que dirigia os caminhões de gado para nós?

— Sim.

— Papai colocou as coisas para fora e disse-lhe para levá-las, mas George escondeu no sótão, enquanto papai tinha ido caçar.

Gail ficou surpresa.

— E você não jogou fora, Winnie? Você tinha uma boa razão para fazer isso.

— Eu não pensei no assunto — confessou Winnie — Eu tinha apenas dez anos de idade. George disse que eu tinha que guardar o segredo e ele era adulto, então eu guardei — ela sorriu — Eu não tinha pensado no assunto em todos esses anos! Todas essas coisas, mesmo o seu baú, e elas ainda estão no sótão — ela hesitou — Você pode vê-las algum dia se quiser.

Gail sorriu timidamente.

— Eu quero.

— O que aconteceu depois que voltou das Bahamas? — Winnie perguntou.

— Eu não tinha dinheiro, e o seu pai havia cancelado meu cartão de crédito e esvaziado a nossa conta conjunta — disse ela com um suspiro — Eu tinha uma pequena poupança que ele não podia tocar, eram apenas alguns milhares de dólares, mas foi o suficiente para comprar um apartamento e algumas roupas para vestir. Eu não sabia o que fazer da vida, então me lembrei de seu avô, e soube que poderia ter um futuro na aplicação da lei. Eu era jovem, saudável e forte para a minha altura, e parecia mais jovem do que realmente era. Então eu me inscrevi, e eles aceitaram. Eu fiz a coisa toda, academia de polícia, me formei com honra, e comecei a trabalhar no Departamento de Polícia de San Antonio. No ano passado, fui promovida a detetive de homicídios. É o melhor trabalho que eu já tive. Eu amo isso.

— Eu trabalhava como escrevente do Departamento de Polícia de Jacobsville há algum tempo, antes de começar o trabalho como operadora do 911 — Winnie disse — Achei que era muito tranquila para ser uma policial.

Gail riu.

— Assim como eu. Mas eu parecia me encaixar direito.

— Nosso tio... Ele morava em San Antonio, não morava?

— Oh, sim, ele morava — ela disse sombriamente — Ele era uma praga, sempre precisando, querendo empréstimos, querendo que eu voltasse para seu pai e fizesse tudo para que pudesse obter o perdão e voltar às boas graças com o irmão — ela balançou a cabeça — Ele tinha muitos sonhos, mas a droga estava no caminho de qualquer coisa que tentasse fazer. No final, elas o mataram. Mas não antes dele ter feito danos permanentes ao Matt.



— Matt falou sobre isso — Winnie disse friamente — Eu não consigo acreditar que um homem possa ter um coração tão frio para fazer isso com seu próprio sobrinho.

— Ele faria isso e muito mais — disse ela — Ele se envolveu com o irmão bandido do senador Sanders — acrescentou — Eu achava que ele era apenas um empregado, uma ajuda extra para os bandidos do lugar. Mas ele era mais do que isso. Eu não queria nada com ele, especialmente depois de ele ter aleijado Matt e quase o matado. Juro por Deus que se eu pudesse provar, o teria mandando para a prisão perpétua por tentativa de homicídio. Mas foi a palavra de Matt contra a dele — ela balançou a cabeça — Ele sempre conseguia se safar de alguma maneira — ela ajeitou-se nos travesseiros com uma careta — Então ele teve a ousadia de vir ao meu apartamento enquanto eu estava trabalhando e dizer a Matt que ele precisava pegar emprestado a cadeira de rodas motorizada. Matt, muito ingênuo, disse que sim — ela estremeceu — Ele vendeu para comprar drogas. Guardei cada centavo extra que eu ganhava por mais de um ano e meio só para pagar, e, no fim, meus colegas de trabalho me emprestaram os últimos cem dólares pois eu estava sem dinheiro — a voz dela sumiu.

— Matt terá uma nova amanhã — disse ela suavemente — Está tudo bem.

Gail olhou para o teto, lutando contra as lágrimas.

— Um erro estúpido. Eu cometi um erro estúpido, e paguei por ele durante muito tempo. Se eu pudesse voltar atrás mudaria tudo — ela balançou a cabeça — Mas não é possível. Você crianças pagaram um preço mais caro do que eu por um erro que eu cometi. Sinto muito, Winnie. Perdão!

Ela estava chorando. Winnie correu até ela, puxou a cabeça loura para os seus braços e balançou-a, chorando também.

— Tudo bem, mamãe — ela sussurrou — Tudo bem.

Os soluços ficaram mais altos. Gail havia passado muito tempo sem esperança, sentindo falta de seus filhos, querendo vê-los. Tinha sido impossível. Agora aqui estava sua filha, perdoando-a, confortando-a. Era como um novo começo. Valera a pena levar um tiro.

Winnie riu, porque ela dissera aquilo em voz alta.

— Por favor, não leve um tiro de novo — disse ela suavemente.

— Eu farei o meu melhor, bebê — Gail prometeu. Ela recuou, enxugando os olhos com o lençol.

Winnie puxou um lenço e secou os próprios olhos.

Kilraven apareceu na porta e hesitou.

— Sociedade das mulheres terroristas e soluçantes? — Kilraven brincou.

— Que grande tema para uma camiseta — exclamou Winnie — Mandarei fazer uma agora mesmo — ela olhou para a mãe e sorriu — Farei uma para você também.

— Vou vesti-la para trabalhar e deixar o meu chefe louco — Gail prometeu, rindo.

Kilraven entregou a Winnie um pouco de café em um copo de plástico.

— Está fraco.

— Eu não me importo. É café — disse ela.

Gail sacudiu a cabeça.

— O que eu não daria por um copo desses.

— Eu dividiria com você, mas as enfermeiras provavelmente sentiriam o seu hálito e nos expulsariam — Winnie brincou.

— Meninas malvadas — Gail murmurou.



— "Eu soube pela enfermeira da noite que você foi uma paciente interessante — disse Kilraven com os lábios franzidos e os olhos cintilantes — Saiu sorrateiramente pela porta e desceu para a rua usando apenas seu robe e uma coberta para conseguir um cigarro?

Ela olhou para ele.

— Eles não deixam você fumar aqui dentro.

— Você pode parar — ele destacou.

— Você também sabe o que deve parar de fazer — Gail atirou de volta.

Ele riu ao olhar para Winnie.

— Viram? Você ficará assim daqui a vinte anos.

— Deus nos livre! — disse Gail.

— Pare com isso — Winnie disse a ela — Você não é má.

— Acho que eu devia parar de fumar, pois já tive o suficiente. Mas isso não vai me ajudar com outros vícios. Eu grito com as pessoas, e faço coisas terríveis com os funcionários uniformizados — Gail começou.

— O que você faz para oficiais uniformizados? — Kilraven perguntou.

— Só se eles ameaçam estragar a minha cena do crime — disse Gail defensivamente.

— O quê?

— Eu os envio para outras delegacias para interrogar as pessoas que eu acho que podem estar envolvidas nos meus casos.

— Mesmo? Isso não soa muito ruim — comentou Winnie.

— Eu lhes dou nomes falsos de pessoas que estão pressas — ela confessou.

— E você está chamando as enfermeiras de malvadas? — Kilraven perguntou.

Ela fez uma careta para ele.

— Eles não me deixam fumar e beber café.

— Você deveria parar de fumar — Kilraven apontou.

— Ah, com certeza, é fácil, eu vou começar agora — disse Gail sarcasticamente — Alguma vez você já tentou deixar de fumar?

— Claro. Eu parei há dois anos — ele franziu a testa — E eu parei cinco anos antes. E eu parei há sete anos — ele sorriu.

— Alguma vez você já parou? — ela persistiu.

— Eu estou limpo há dois anos — ele ressaltou — E se não tiver nada traumático para me aborrecer, provavelmente poderei ficar sem fumar pelo resto da minha vida.

Gail olhou para ele com curiosidade.

— Isso é um grande "se".

Ele deu de ombros.

— Eu gosto de charutos — ele olhou para Winnie, e ela fez uma careta — Eu não sou a única pessoa ao redor que gosta de um bom charuto. Dizem que o governador da Califórnia gosta deles, também.

— Coisas fedorentas — Winnie zombou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Mesmo? Bem, se você se casar comigo, terá que se acostumar com eles, não é?

— Não por muito tempo — disse ela baixinho.

Ele se recostou na cadeira.

— Sim. Não por muito tempo.



— Eu queria ir ao casamento — disse Gail pesadamente — Mas eles não vão me deixar sair por mais alguns dias. Eu nem sei quantos. O médico não virá mais aqui para que eu possa perguntar a ele.

— Eu o vi na recepção — Kilraven disse a ela — Ele disse que nunca voltará aqui, porque você o torturou como um suspeito de assassinato.

— Eu não — disse ela com altivez — Eu só queria saber quando eu poderia ir para casa.

— Foi a maneira como você lhe perguntou — Kilraven disse — Você precisa melhorar o seu comportamento pessoal, Rogers — ele ressaltou.

— Dane-se o meu comportamento pessoal — ela esbravejou — Eu não posso ficar sentada aqui usando somente roupas íntimas, enquanto quem atirou em mim vai de boteco em boteco, vangloriando-se por isso! Eu quero prendê-lo e jogar a chave fora, logo que eu descobrir quem diabos ele é!

— Ele pode não estar comentando sobre o assunto.

— É claro que ele está comentando sobre isso, ele atirou em uma policial e fugiu dela — disse ela, queimando em chamas. Seus olhos escuros se estreitaram — Mas não por muito tempo. Eu vou encontrá-lo mesmo que leve cinco anos!

— Viu? — Kilraven disse, apontando para a mãe de Winnie — É por isso que ela é uma boa detetive.

— Falando em detetives, eles estão mais perto de descobrir quem agrediu Marquez? — Gail perguntou curiosa.

— Não — Kilraven disse a ela — Eles ainda estão trabalhando no caso. E o seu caso ainda foi acrescentado. Eu apostaria metade do meu salário que eles estão ligados de alguma forma.

— Está tudo ligado — disse Gail — O assassinato de sua família, o corpo no *Little Carmichael River* em Jacobsville, a morte do funcionário do senador Fowler, o assalto de Marquez e o meu atentado. Todos amarrados. Outra coisa, Kilraven. Eu seriamente acredito que devemos reabrir o caso de uma jovem que foi encontrada morta pouco antes de sua família ser assassinada.

Os olhos de Kilraven brilharam.

— Você acha que há uma conexão. Por quê?

— Olhe para os casos — ela disse atenta — Todas as vítimas foram encontradas de tal modo que apenas um exame de DNA as identificaria. Os assassinos nunca foram encontrados. Ouvi dizer que o assassino deixou uma garrafa térmica perto do carro que o criminoso estava dirigindo. E não foram encontradas impressões — os olhos dela se estreitaram — Bruce Sinclair, meu ex-marido, tinha uma garrafa igual. Eu só quero saber como isso chegou a Jacobsville!

— O seu ex-marido deu para alguém? — Kilraven perguntou.

— Eu não sei. Mas precisamos descobrir. Você pode visitar aquela namorada dele, a única que vivia com ele — Gail sugeriu — Eu não sei se ela estará sóbria o suficiente para se lembrar de algo, mas vale a pena tentar. Basta ter cuidado — ela acrescentou — Alguém está se livrando das pessoas envolvidas no caso.

— Este não é o momento de ser cuidadoso — respondeu ele — É hora de correr atrás dos bandidos, levar a luta para o seu próprio território. Eu tenho um palpite de que o irmão do senador Will Sanders está até o pescoço nestes casos.

Gail assentiu.

— Eu também acho. Como podemos provar isso?

Kilraven recostou-se na sua cadeira.



— Eu vou dizer por aí que Hank Sanders está sendo encarado como um potencial suspeito em dois ataques a policiais. Vamos ver o que acontece.

Os olhos de Gail brilharam.

— Que ideia original.

— Obrigado — ele respondeu com uma risada — Isto pode deixar alguém com muita raiva.

— Ou ele pode sacrificar alguém para despistar — respondeu ela.

— Ou ele pode falar com o irmão, e vocês dois podem perder o emprego — Winnie disse solenemente.

— Nesse caso — Kilraven falou — Nós iremos até o senador Fowler e contaremos tudo. Ele afastou Sanders quando retirou a sua mãe do caso e a colocou encarregada do tráfego.

— O senador Sanders tinha rebaixado você? — ela perguntou chocada.

Gail assentiu.

— Eu não sabia disso na época, até que Alice Jones deixou escapar algo sobre o pai do seu noivo. O senador Fowler — ela acrescentou.

— Sim, o pai de Harley — Winnie assentiu.

— Quem? — Gail quis saber.

— Harley Fowler. Ele trabalha no rancho de Cy Parks.

Gail sacudiu a cabeça.

— Ele não é do meu tempo. Eu não conheço o senhor Parks.

— Ele é muito bom.

— Bom — Kilraven riu. Ele olhou para ela — Esse lobo velho pode ser casado e ter filhos, mas não acho que ele é manso.

— Eu esqueci — ela disse a Gail com um sorriso — O senhor Parks foi um soldado profissional, um mercenário, por muitos anos antes de se estabelecer em Jacobsville. Todos pensavam que ele era apenas um fazendeiro até que traficantes começaram a montar acampamento nas proximidades. Ele, o doutor Micah Steele e Eb Scott foram atrás dos barões da droga com Harley, e encerraram toda a operação.

— Eu ouvi sobre isso — Gail respondeu, sorrindo — Estava em todos os jornais, mesmo nos noticiários da televisão. Mas eles não forneceram nenhuma entrevista, apesar de tudo.

— Isso tiraria a magia — comentou Kilraven — Nenhum desses caras gosta de publicidade, ainda mais agora que já se aposentaram. Talvez Eb Scott não se importasse com isso. Ele dirige um campo de treinamento de última geração para combater o terrorismo em Jacobsville. Nós usamos o seu campo de tiro para a prática. É formidável.

— Então ele é o senhor Scott de que ouvimos falar — Winnie riu — Ele se casou há alguns anos. Ele e sua esposa têm um filho.

Kilraven ficou pensativo. Ele pensou em sua filha, na última vez em que a tinha visto. Seu rosto endureceu. Muitas pessoas estavam sendo assassinadas. Aquela adolescente — ele e Jon haviam comentado sobre isso.

Ele olhou para Gail e franziu a testa.

— Você estava falando sobre a reabertura do caso com a adolescente. Isso foi pouco antes de você ser atingido. Você falou sobre isso com alguém da cidade?

Ela piscou.

— Com algumas pessoas, eu acho — disse ela.



— O irmão mais novo do senador provavelmente tem um informante em seu departamento, caso contrário, como ele ficaria sabendo que você estava reabrindo meu caso? — ele perguntou.

— Bom ponto, Kilraven.

— E se a adolescente morta é o caso que eles não querem que ninguém saiba? E se existe uma conexão?

— Eu estava pensando nisso, também — Gail respondeu.

— Os casos podem estar relacionados. Há outra coisa, houve um caso de estupro envolvendo o senador Sanders há alguns anos, lembra?

Gail franziu a testa.

— Sim. Uma adolescente de quatorze anos, eu acho. Seu pai e sua mãe se recusaram a deixá-la testemunhar contra ele. As acusações foram retiradas.

— Sim, e no dia seguinte, o papai estava dirigindo um Jaguar novo conversível. Que ironia — Kilraven disse sarcasticamente.

— Esse é um caso que eu queria reabrir — Gail murmurou — Só assim eu poderia dizer ao pai dela o que eu penso dele.

Kilraven foi somando pistas em sua cabeça.

— Esse pode ser o caminho para solucionar o caso — disse ele, pensando em voz alta — Talvez você possa falar com a menina.

Gail assentiu com a cabeça lentamente.

— Ela pode me contar como o senador a abordou. Ou melhor, como seu irmão a abordou. Isso pode nos dar uma pista sobre como ele age quando quer alguma coisa.

— Estamos chegando perto, mas de uma maneira que eles nem sequer imaginam — disse Kilraven — Quando você sair daqui, essa tem que ser a sua prioridade — seus olhos se estreitaram — Há uma testemunha viva que pode testemunhar contra a doença do senador Sanders com adolescentes. A adolescente deve ser uma mulher agora. Ela pode falar com você.

— Já faz algum tempo que o caso foi descartado — ela pensou alto — Qualquer coisa pode ter acontecido nesse meio tempo. A menina cresceu, e ela vive por conta própria, eu imagino. Longe da influência de seu pai, ela realmente poderia estar disposta a falar comigo. Vale à pena tentar.

— Sim — disse Kilraven — Bem, vale à pena. Mas primeiro você tem que estar bem.

Ela fez uma careta.

— Eu não posso acreditar que fui estúpida o suficiente para me deixar levar um tiro.

— Isso é o que Marquez diz, mas ele apanhou, em vez de levar um tiro — comentou Kilraven.

— De qualquer modo, estamos de fora — ela disse pesadamente. Ela mexeu-se na cama e gemeu. O remédio para a dor estava perdendo efeito. Ela inclinou-se para o lado e agitou o gotejamento do cateter. Ela suspirou — Assim é melhor. Esta maldita coisa fica lenta ao longo do tempo. Eles colocaram o analgésico direto nele — ela acrescentou — Tenho de chamá-los aqui quatro vezes por dia para colocá-lo em mim manualmente — ela suspirou — Eu realmente odeio remédios. Mas no momento não posso reclamar muito deles. Realmente ajuda com a dor.

— Eu sei — disse solenemente Kilraven — Mas você vai melhorar. Só precisa de tempo.



— Tempo — ela assentiu com a cabeça. Os olhos fechados — Eu estou tão cansada.

— Você deveria descansar um pouco — disse Winnie. Ela ficou em pé e aproximou-se da cama, inclinando-se para beijar a testa da mãe e afastar o cabelo louro — Eu voltarei para visitá-la amanhã. Nós vamos trazer Matt — ela olhou ao redor — Onde está Matt? Ela perguntou percebendo que ele não tinha vindo com Kilraven.

— Ele conheceu uma menina de sua idade em uma cadeira de rodas lá embaixo perto das máquinas de bebidas. Ambos adoram videogames — ele riu — Ele ia tomar o seu chocolate quente com ela.

Eles ouviram o barulhos das rodas e viraram-se para observar Matt entrando pela porta.

— Desculpe — ele disse — Eu me esqueci da hora. Conheci uma garota, uma boa garota. Eu anotei o seu endereço de e-mail — ele acrescentou e fez uma careta — Se algum dia eu tiver um e-mail, posso enviar-lhe um — ele corrigiu.

— Eu tenho e-mail — disse Kilraven e sorriu — Você pode usar o meu.

— Obrigado! — Ele aproximou-se da cama de Gail — Desculpe por eu não ter ficado aqui. Era para eu estar visitando você. Mas essa garota tem uma pontuação incrível no Super Mario Brothers — ele exclamou — Ela ficou inválida em um acidente de carro também, mas foi realmente um acidente, e não intencional como o meu. Nós estamos indo embora já? — ele acrescentou enquanto Winnie colocava o casaco.

— Sua mãe está cansada — disse Kilraven suavemente — Ela precisa de descanso para que possa ficar bem o mais rápido possível.

— Sim, eu preciso — Gail concordou. Ela sorriu e estendeu os braços para abraçar Matt — Seja educado com os seus irmãos e a sua irmã — disse ela.

— Estou sendo muito educado, não é, mana?

Demorou um minuto para Winnie perceber que era à ela que ele estava se dirigindo. Ela corou um pouco e riu.

— Sim, você está, mano — ela respondeu, e sentiu-se quente por dentro com as palavras.

Ele sorriu.

— Pelo menos eu estou tentando — ele emendou — Viremos visitá-la novamente amanhã. Viremos mesmo, certo? — ele perguntou aos adultos.

— Pode apostar — Kilraven prometeu.

— Vejo você amanhã, mamãe — Matt disse a Gail. Ele hesitou — Eles estão certo sobre o tabagismo — ele disse com a voz séria — Eu sei que você faz isso do lado de fora, para que não possa me afetar. Mas isso está afetando você. Eu não quero perdê-la, ouviu?

Ela estendeu o braço, lutando contra as lágrimas, e abraçou-o com força. Ela respirou fundo — Certo, criança. Se isso é o que você quer, eu vou fazer.

— Sério?

— Sério — ela olhou para os dois adultos — Só não se surpreendam quando tiverem que me salvar da prisão por escalar paredes e ameaçar outros policiais.

Kilraven franziu os lábios.

— Há novos produtos que lidam com os efeitos colaterais.

— Eu poderia comprar um iate com o que eles custam — Gail murmurou.

— Isso não é problema, e não discuta — disse Winnie de uma vez. Ela deu à mãe um olhar firme.



— Puxa — Gail exclamou. Ela olhou para Kilraven — Ela é igual a mim com vinte anos, hein?

Kilraven assentiu.

— Não é à toa que ele está planejando um casamento breve — ela disse a Winnie. Winnie riu. Era mais fácil fazer piada sobre isso do que enfrentá-lo.

— Fique bem. Nós viremos te visitar novamente.

— Tome cuidado.

Os demais fizeram suas despedidas também, e partiram.

Winnie arrepiou o cabelo de Matt.

— É melhor você ser educado, ou eu vou contar a Boone — ela ameaçou.

— Terrível — ele disse, mas acabou rindo.

Winnie olhou para Kilraven e sorriu.

— Obrigado por nos ajudar.

Ele deslizou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

— Eu não estou sobrecarregado de trabalho agora. Eu gostei. Sua mãe é muito corajosa.

— Sim — Winnie disse com orgulho — Ela é.

O CASAMENTO FOI UM acontecimento silencioso. Boone e Keely ficaram ao lado de Winnie e Kilraven, enquanto Matt, Clark e alguns cidadãos locais que ouviram falar do casamento encheram os bancos que ficavam perto das portas do lado de fora do escritório do juiz de paz.

A juíza, uma mulher, olhou de um para o outro.

— Vocês estão prontos? — ela perguntou.

Eles concordaram.

— Por favor, deem as mãos — ela olhou para o livro — Você, Winona Sinclair, aceita McKuen Kilraven para ser o seu marido...

— McKuen — Winnie disse baixinho, surpresa com a revelação.

— Eu recebi esse nome por causa de um famoso poeta — disse ele carrancudo.

Ela sorriu.

— Eu percebi. Ele combina com você. Eu gosto.

Ele sorriu de volta.

— Obrigado.

— Aham.

Eles olharam para a juíza.

— Desculpe — disse Winnie.

Ela riu, sacudindo a cabeça, e continuou.

E eles se casaram. Kilraven curvou-se e colou a sua boca suavemente sobre a de Winnie, mas não com grande entusiasmo. Ele parecia desconfortável em seu terno escuro, distinto e quase intocável. Winnie estava certa de que ele estava se lembrando de seu primeiro casamento, e ela ficou feliz por estar apenas no escritório de um juiz. Provavelmente, sua primeira esposa tinha todas as guarnições, incluindo um vestido bonito, flores e...

— Parabéns, senhora Kilraven! — Kelly riu, e a abraçou.

— Senhora Kilraven — Winnie disse chocada com o som do nome que era agora dela.

— Ei, essa é você — brincou Keely.



— Desculpe. Eu só estava pensando — respondeu ela, e depois esfriou. Não podia admitir que se arrependera do próprio casamento.

— Não faça isso — Keely aconselhou — Basta ser feliz.

— É apenas temporário — Winnie sussurrou.

— É? — Keely respondeu num sussurro, e piscou.

Boone curvou-se para beijar a bochecha de sua irmã.

— Você está uma noiva linda — disse ele, admirando a sua figura elegante em um terno branco que ela usava junto com um pequeno chapéu e um véu.

Ela estava segurando um pequeno buquê que ela havia feito, de rosas brancas e sopro de bebê. Kilraven ainda não tinha notado seu terno ou o buquê. Ela estava certa de que ele não tinha pensado em oferecer-lhe um. Ele estava triste, quieto e introspectivo. Ela sabia que não era o dia mais feliz de sua vida. Mas foi emocionante para ela. Ela estava casada! Mesmo que durasse apenas algumas semanas, ela era a mulher de Kilraven. Ela sorriu tão radiante que o fotógrafo de jornal local, completamente atordoado com sua beleza, se enrolou para tirar a foto. Mas ele conseguiu.



CAPÍTULO 11



KILRAVEN SE RECOMPÔS e tentou parar de pensar novamente em seu primeiro casamento. Ele deveria ter pelo menos oferecido um buquê a Winnie, mas nem isso ele tinha feito. Estava ressentido por ter que se casar com ela apenas para questionar a esposa de um senador. A ideia tinha sido sua, por que ele a culpava por isso?

Não, a dor veio quando ele se lembrou de Monica caminhando em sua direção pelo corredor, usando um vestido lavanda com um buquê de lilás. Não era tradicional, mas ela também não era. Estava adorável. A mulher mais bonita que já tinha visto, com seus longos cabelos cor de trigo e risonhos olhos azuis. Ele estava apaixonado. Profundamente apaixonado. O casamento foi o dia mais feliz de sua vida, pelo menos até a pequena Melly nascer. Então sua vida começou, mesmo que Monica encontrasse outros parceiros para suas aventuras sexuais. Kilraven tinha vivido para sua filhinha. Até aquela noite...

Ele ouviu vozes ao seu redor e percebeu que tinha estado olhando para o nada enquanto as pessoas tentavam cumprimentá-lo. Ele sorriu e devolveu os apertos de mão. Não estava sendo justo com Winnie. Não importava seus sentimentos, ela o amava. Não era certo tratá-la tão friamente no dia de seu casamento.

Virou-se para seu lado e entrelaçou seus dedos com os dela. Ela olhou o surpresa.

— Você está realmente linda — ele disse baixinho, estudando o modo como seus cabelos longos, ondulados e loiros iluminavam seu rosto, a maneira como seus olhos escuros pareciam arder em seu rosto de forma oval e pele com aparência de pêssegos e creme.

Ela corou.

— Obrigada — balbuciou.

Inclinou-se e roçou a boca sobre sua testa, logo abaixo do pequeno véu que tinha empurrado para cima quando eles estavam dizendo seus votos.

— Eu deveria ter me oferecido para comprar um buquê — ele sussurrou. — Isso faz parte das obrigações do noivo.

Ela sorriu. — Está tudo bem. Eu arrumei esse.

— Gostei dele.

— Obrigada.

— Bem, onde é a recepção? Cash Grier perguntou, indo para a frente do escritório.

Kilraven piscou.

— Não teremos uma recepção.

— Acho que podem ir para casa, então. — Ele riu. — É somente nas recepções que nós temos que prender as pessoas.

— Do que você está falando? Winnie perguntou.

— Você não se lembra do casamento de Blake Kemp?

— Oh — disse ela balançando a cabeça. — Sim, lembro. Bolo e socos voaram e várias das testemunhas acabaram na prisão.

Ele sorriu.



— A melhor recepção em que já fui — comentou. Ele olhou para Kilraven. — Você tem certeza de que não terá recepção?

— Desculpe. Não houve tempo.

— Oh — Cash ponderou. — Com pressa, não é?

Kilraven corou.

— Não é esse tipo de casamento e por favor mantenha sua mente acima da sua cintura!

— O que você acha que eu quis dizer? Cash perguntou com uma expressão angelical. — Eu ia apenas oferecer uma escolta policial para fora da cidade. Todo o caminho para San Antonio, se você quiser.

— Não, obrigado — Kilraven disse com firmeza. — Hayes enviaria Macreeedy e todos nós acabaríamos conduzidos às estradas vicinais da Flórida ou algum outro estado esperando ser resgatado.

Cash sacudiu a cabeça.

— Você é muito desconfiado.

— Absolutamente. Kilraven assentiu.

— Bem, desejo o melhor a vocês. Ele estendeu a mão. — Eu gostava de trabalhar com você, na maior parte do tempo. Mas houve vezes em que quis colocá-lo em um barril e fazê-lo flutuar até o México. Acrescentou com um sorriso: — Acho que podemos esquecer esses tempos.

Kilraven riu quando apertaram as mãos.

— Não mencionarei que tive os mesmos impulsos com você.

— Sério? Cash perguntou. — O problema é — acrescentou em tom conspiratório — não temos nenhum barril em Jacobsville.

— Oh, acho que nós poderíamos encontrar algo parecido — Kilraven murmurou.

— Estamos prontos para ir? Winnie perguntou ao seu recém marido. — No caminho vamos passar no hospital para ver minha mãe — ela acrescentou com um sorriso. — Ela queria me ver no vestido de casamento.

Kilraven sentiu a culpa golpeando-o. Era o primeiro casamento de Winnie e ele a tinha iludido. Deveria ter tido uma cerimônia religiosa, em uma igreja com um pastor. O pensamento o atingiu.

— Sim, é melhor a gente ir — ele disse num tom mais duro do que queria.

— Você está bem? Matt perguntou franzindo o cenho.

Ele deu um tapinha no ombro do rapaz.

— Claro!

Mas Winnie sabia bem. Ele estava lamentando o impulso que o fez pedi-la em casamento. Era tudo falso, uma mentira. Eles iriam interrogar a esposa de um político e tinha que parecer natural, então se casaram. Mas não seriam felizes para sempre e ela não ficaria com ele por muito tempo. Era apenas temporário.

— Você parece triste — Matt disse olhando para a irmã.

Winnie animou-se.

— Eu? Ela perguntou, sorrindo para ele. — Eu não me sinto triste — ela mentiu.

Ele sorriu. — Tudo bem. Só estava checando.

A MÃE FEZ UM estardalhaço pelo bonito traje branco e protestou bastante quando Winnie pegou um vaso de uma das enfermeiras e fez um arranjo para Gail com seu buquê de noiva.



— Não, você vai querer guardar isso — protestou Gail.

— Para quê? Winnie perguntou, sorrindo. — São apenas flores. Nosso casamento provavelmente não vai durar muito mais tempo do que elas.

Kilraven sentiu aquelas palavras como uma punhalada no coração. Ele olhou para Winnie, como se achasse que ela o estivesse alfinetando, mas percebeu de repente que não era isso. Talvez ele estivesse levando mais em consideração a falta de adornos em seu casamento do que ela. Winnie era realista.

Suas mãos estavam crispadas em seus bolsos, enquanto observava ela se mover pelo quarto. Ela tinha graça natural ao caminhar, a elegância personificada. Ela era bonita, doce e inteligente, tinha feito dois anos de faculdade antes de abandonar e voltar para casa para trabalhar no Departamento de Polícia de Jacobsville como assistente. Ele franziu a testa. Por que será que ela saiu da faculdade — ele se perguntou. Nunca tinha perguntado a ela.

Claro, ele nunca tinha conversado com ela tempo suficiente para abordar questões pessoais. Tinha tentado ser distante e inacessível para desencorajá-la a sonhar com ele. Este casamento não ia fazer muito para curar aquela paixão que ela tinha por ele, isso era certo.

Ainda assim, se alguma coisa acontecesse em Nassau, ele não estaria tirando proveito de uma mulher solteira. Ele franziu os lábios enquanto estudava seu corpo esbelto, seios pequenos, pernas longas e bonitas. Ele amava aqueles cabelos longos e louros. Lembrou-se da sensação de segurá-los entre seus dedos enquanto a beijava. Lembrou-se do gosto de seus seios nus... Seu corpo fez uma declaração repentina e visível sobre como ele tinha gostado do doce sabor dela. E queria mais.

— Vou pegar um café. Quer? Perguntou a Winnie, indo em direção à porta.

— Sim, por favor — ela disse.

Ele acenou com a mão e continuou andando.

— Ele está agindo muito estranhamente — Winnie observou. Ela fez uma careta. — Acho que ele está me comparando com sua primeira esposa — disse a mãe — Não acho que tenha sido uma boa comparação.

— Você não sabe — Gail disse suavemente. — É difícil para os homens se casarem. Ele tem muita coisa na cabeça, também.

— Sim. Este caso. Ela sentou na cadeira ao lado da cama da mãe. — Pinte um quadro de um corvo e dei para ele no Natal. Era supostamente para ser um presente anônimo, mas ele soube imediatamente que eu tinha feito e ficou furioso. Ele saiu sem me dizer uma palavra. Suspirou. — Então ele me levou à sua casa e me mostrou uma figura exatamente como aquela. Sua filha tinha desenhado e colorido antes de morrer. Elas eram idênticas. Ele queria saber como eu pude pintar algo parecido. Eu não sei.

— Eu tive essa habilidade durante toda a minha vida — Gail disse a ela. — Eu posso resolver casos sem solução que outros detetives não conseguem. Tenho sensações, intuições. Posso sentir isso quando algo não está certo.

— Então isso é de família.

— Não sei. Não me lembro de meus pais ou os pais deles sabendo que algo estava para acontecer antes que acontecesse. Ela sorriu. — Acho que você herdou de mim. Assim como Matt — acrescentou. — Ele sabe quando estou em apuros.

— E você sabe sobre ele.

Gail assentiu. — Ele é um ótimo rapaz.

— Papai teria ficado orgulhoso dele — Winnie disse a ela. — Eu sinto muito por ele não ter te ouvido.



— Querida, você não tem metade do meu arrependimento — disse Gail. — Mas nos últimos doze anos, aprendi a ser auto-suficiente, para cuidar de mim mesma. Sai da minha casa direto para o casamento, em uma idade em que a maioria das meninas está começando a aprender sobre meninos e namoro. Eu perdi muito. Ela sorriu tristemente. — Seu pai era bonito e charmoso. Ele me convenceu de que casar com ele era a coisa certa a fazer, então fiz isso. Ele era doze anos mais velho que eu. Isso não parece muito, mas é quase uma geração.

— Eu sei — Winnie disse calmamente. — Esse é o argumento que Kilraven usa comigo. Ele é dez anos mais velho que eu.

— Ele é perigoso — disse Gail, sua voz calma e intensa. — Não acho que ele te magoaria, sei que não. Mas tem chances. Ele vive no limite. Tem feito coisas que você não iria acreditar no cumprimento do dever.

— Prevenindo me sobre ele? Winnie brincou.

— É tarde demais para isso — respondeu Gail. — Só não entre de cabeça, ok? Você pode estar esperando por um compromisso duradouro, mas esse homem não está pronto para um. Ele não enfrentou a sua própria tragédia. Até que o faça, ele é uma bomba-relógio ambulante, à espera da autodestruição.

— Eu não poderia dizer não — respondeu Winnie. — Eu o amo — ela confessou desviando os olhos.

— Sei disso. Sinto muito.

Winnie levantou da cadeira. — Ele pode descobrir que não pode viver sem mim.

— Isso é esperar demais.

— Bem, temos que ter metas a realizar — disse Winnie tentando mostrar senso de humor. — Algumas mulheres querem ir a Marte, eu só quero ficar com Kilraven.

— As mulheres que querem ir a Marte realizarão seu desejo muito antes de você ter realizado o seu — Gail garantiu a ela.

— Você é tão cínica. Winnie riu. — Como Kilraven.

— Nós fazemos com que a lei seja cumprida — ela respondeu com um sorriso pálido. — O trabalho nos deixa assim.

— Entendo, um pouco — Winnie disse. — Eu trabalho com pessoas que aplicam a lei. Sei o que você passa, o que você tem que ver. Sei o quão duro você trabalha e quão pouco compensador pode ser. Sei o quanto o público critica vocês. A mídia anuncia cada pequeno deslize que você faz e ignora as grandes apreensões de drogas e os simples atos de bondade e o perigo que corre apenas para fazer o trabalho. Eu acho que é um grande trabalho, acrescentou com um sorriso. — E eu estou orgulhosa de que você seja uma dessas pessoas.

— Obrigada — disse Gail suavemente. — Isso significa muito.

Houve um som metálico, seguido de um zumbido baixo e Matt entrou na sala.

— Finalmente cheguei aqui! Exclamou. — Fiquei preso em um elevador que estava subindo e não conseguia chegar à frente para pressionar o botão para o seu andar. Kilraven e eu fomos separados no térreo. — Onde ele está? Ele perguntou de repente.

— Saiu atrás de café — Winnie disse com um sorriso. Ela olhou para a mãe. — Como você faz? Você devia ter visto Kilraven tentar desmontá-la para colocar no porta malas do Jaguar! É complicado.

— Sim, mas ele é um gênio em mecânica — disse Matt entusiasmado. — Eu queria ter esse dom.

— Nem todos o tem. Gail suspirou. Ela sorriu para o filho. — Eu gosto da cadeira.



— Eu abracei Boone — ele disse. — Ele é o melhor.

— Sim, ele é — Winnie concordou.

— Eu gosto de Clark, também — disse Matt rapidamente. — Ele é ótimo no vídeo game!

— E, claro, essa é a melhor referência que ele pode dar — disse Gail divertida.

Matt fez uma careta para ela.

— Os vídeo games são a minha vida, o que posso dizer?

— Em cinco anos as meninas serão sua vida, então aproveite enquanto pode — sua mãe lhe disse.

— Garotas. Yuuck. Hesitou. — Embora, aquela menina na cadeira de rodas fosse muito bonita. Eu ainda tenho seu endereço de e-mail — ele acrescentou e mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Ele será um matador de mulheres. Winnie suspirou.

— Eu não matarei mulheres quando crescer — disse Matt indignado.

— Não é isso que quer dizer — Gail disse a ele e explicou.

Ele sorriu.

— Isso não seria tão ruim. Eu poderia atrair as mulheres com os jogos de vídeo.

— Eu acho que você tem um problema — Winnie disse a mãe.

— Eu sei — respondeu Gail.

Kilraven voltou com o café e eles fizeram uma breve visita. Matt estava ansioso para chegar ao apartamento de Kilraven e ver os consoles de jogos que tinha ouvido falar, para não mencionar a coleção de jogos de onde o jogador é um atirador.

— Menino sanguinário — acusou Kilraven quando se despediram de Gail e estavam a caminho do carro.

— Eu não sou sanguinário, só queria matar monstros — Matt se defendeu.

— Eu também. Kilraven riu. Ele olhou por cima do banco traseiro. — Tem o jogo, Elder Scrolls IV: Oblivion²⁴ — ele começou.

— Joguei o na casa de um amigo uma vez. Tudo parece tão real!

— Sim, é verdade. Bem, geralmente quando jogo, vou até uma taberna, me embriago, derrubo um Guarda Imperial, roubo seu cavalo e o cavalgo. Suspirou. — Eu costumo ficar no meio da montanha antes de me alcançarem e atirarem um monte de flechas. Olhou para Matt, que estava rindo. — Claro, eu salvo o jogo, um pouco antes fazer tudo isso, então posso voltar para aquele ponto, como se isso nunca tivesse acontecido. Eu gosto de ser cumpridor da lei no jogo.

Winnie estava rindo também.

— Isso é ruim! Ela acusou.

— Não, seria ruim se eu fizesse isso na vida real. Ele se inclinou em sua direção quando pararam em um sinal vermelho. — Não há muitos Guardas Imperiais andando a cavalo em San Antonio — acrescentou.

Ela riu de novo.

— Acho que não.

Ele parou em sua garagem e virou para o banco de Matt, agarrando seu saco de dormir antes de entrarem no lobby.

²⁴ **The Elder Scrolls IV: Oblivion** (ou simplesmente Oblivion) é um jogo de Ação/RPG, possibilitando ao jogador explorar qualquer lugar do mundo a qualquer momento, incluindo a possibilidade de ignorar o objetivo principal por um período de tempo ou indefinidamente.



— Voltei com duas pessoas — Kilraven começou, dirigindo-se ao guarda de segurança — E pretendo subir com eles para fins ilícitos...

— Oh, pelo amor de Deus, Kilraven, sai daqui! — O guarda gemeu.

Kilraven olhou para ele.

— Você não tem senso de honra, afinal? Você vai sujar o nome deste belo estabelecimento, me permitindo...

— Fora! O guarda fez um gesto, ficando em pé. — Ou eu chamo a polícia.

— Mas eu sou a polícia! Kilraven lamentou. — E eu me casei!

— Linda história! O guarda retrucou.

— Não, é verdade. Olhe. Ele puxou a mão de Winnie para o guarda e exibiu o bonito anel de ouro em seu dedo.

— Bem — exclamou o guarda. Ele sorriu para Winnie. — Meus pêsames, Sra. Kilraven — ele disse formalmente. — Você colocou seu pescoço em uma guilhotina que...

— Já chega — Kilraven bufou. — Camponeses!

— *Schwartzriter!* O guarda devolveu.

Kilraven sorriu, pegou a mão de Winnie, acenou para Matt e se dirigiu para o elevador.

— O que é um Swartz... o que ele disse? Matt perguntou.

— Cavaleiro negro. É alemão. Eles eram famosos no século XVI — Kilraven respondeu enquanto entravam no elevador. — Eles carregavam várias pistolas e montavam em formação de colunas. Os primeiros homens na linha atiravam e voltavam para trás da linha e recarregavam. Seus companheiros seguiam o exemplo. Eles eram como uma artilharia leve. Corajosos, astutos e mortais. Ele pode me chamar de cavaleiro negro quando quiser.

— Eu tenho outros nomes! O guarda de segurança gritou enquanto as portas se fechavam. Kilraven riu. Era uma batalha constante de palavras e insultos que ele gostava. O guarda de segurança também era louco por história e ele era tão aficionado pelo Século XVI quanto Kilraven.

— Você sabe muito sobre essas coisas, não é? Matt perguntou.

— Sim. Eu amava história na faculdade — confessou. — E ainda amo.

— Eu odeio história. Todas as datas e coisas chatas.

— Chata! Kilraven exclamou horrorizado. — História?

— Bem — Matt começou hesitante.

— Quando o Senhor Bothwell foi falsamente acusado de insultar a rainha da Escócia, ele foi enviado para o exílio na Inglaterra, onde foi preso. Ele escreveu uma nota a um inimigo dele, um conde que morava na fronteira ao norte da Inglaterra e Escócia, pedindo refúgio. Ele era conhecido por invadir as terras do conde. Bem, o conde ficou tão encantado e honrado com o pedido que convidou Bothwell para ficar em sua propriedade e concordou em ser seu guardião. No processo, ele descobriu que Bothwell era inteligente e como o Conde de Northumberland disse : ele não é o homem que diziam que era. — Será que isso parece chato?

Matt riu.

— Não parece realmente. Mas você não tem que memorizar datas?

— Faço isso por amor, não por obrigação — Kilraven disse sorrindo para o menino.

— Você gostaria que Lord Bot... Bottle...?



— Bothwell. James Hepburn, Conde de Bothwell. Ele era filho do Conde Fair, que era um pretendente da mãe de Mary, Rainha dos Escoceses. Bothwell não tinha filhos legítimos, mas seu sobrinho, que era filho de sua irmã e do meio irmão de Mary, Rainha dos Escoceses, herdou o título e as propriedades. Ele era um inimigo amargo e por vezes, apoiava James I da Inglaterra. James era o filho da rainha Mary da Escócia.

— Espere, espere — Matt pediu. — É muita informação! Meu cérebro está explodindo!

Kilraven riu. — Desculpe. Eu costumo me empolgar.

— Aposto que você tem todos os livros já escritos sobre o assunto — Winnie imaginou.

Ele piscou para ela, sorrindo quando corou.

— Tenho, inclusive um exemplar que não é mais publicado. Chegamos.

Ele abriu a porta do apartamento e deixou Matt entrar primeiro.

— Ei, isso é legal! Matt exclamou.

— Muito legal mesmo. Vem cá, mulher — ele disse a Winnie e abruptamente se curvou e pegou-a nos braços. — Vou carregar você para a minha caverna, no melhor estilo machista.

Ela se agarrou ao seu pescoço, rindo. Era divertido estar com ele.

— Eu gosto de sua caverna — ela observou.

Ele girou com ela, fazendo-a segurar mais apertado. Então virou a cabeça e beijou-a com fome muda, consciente dos pequenos olhos que o observavam.

— Você está em casa, Sra. Kilraven — ele disse e fez as palavras soarem como algo novo e brilhante.

Ela prendeu a respiração. Seu coração estava batendo descontroladamente.

— Obrigado, Sr. Kilraven — ela respondeu sorrindo.

Ele esfregou o nariz contra o dela. — Você sabe cozinhar?

— Eu sei cozinhar! Exclamou ela com altivez. — E sei fazer pão caseiro. Minha cunhada me ensinou.

Ele ficou surpreso. — Pão caseiro? Sério?

— Sério.

Ele a colocou no chão. — Prove isso.

— Você tem fermento?

Ele piscou. — Fermento?

— Fermento, para colocar no pão, para crescer — exclamou.

Ele franziu a testa. — Eu não sei. Foi para a cozinha e começou a vasculhar os armários. — Jon fez uma espécie de pão natural da última vez. Eu acho que ele usou o fermento... sim! Aqui está ele. Temos farinha de trigo, também.

— Como você sabe a diferença entre a farinha simples e a com fermento? Ela perguntou, curiosa. — Não consigo imaginar você como um cozinheiro.

Ele sorriu para ela.

— Não sou. Eu posso fazer alguns pratos, mas principalmente posso pedi-los. Jon é um chef gourmet — lembrou a — Ele pode fazer qualquer coisa. Bem, quase tudo. Ele acidentalmente usou a farinha com fermento, quando estava fazendo biscoitos com bicarbonato de sódio. Foi um desastre. Ele usou palavras muito ruins.

— Quais palavras? Ela brincou.

— Oh, não, não vou usá-las na frente de um menor — ele disse indicando Matt que estava ouvindo e sorrindo.

— Eu não sou um mineiro — Matt disse. — Sequer tenho uma pá ou uma picareta.



— Espertinho — Kilraven murmurou.

— É de família — Winnie disse a ele. — Agora, se você tiver um avental, deixar a cozinha e parar de me distrair, farei os pãezinhos.

— É o paraíso — Kilraven disse quase gemendo de prazer. — Eu não os como desde que Cammy parou de fazer os jantares nos feriados.

— Cammy? Winnie perguntou surpresa. — Quem é ela? Esperava que não fosse alguma namorada misteriosa.

— Minha madrastra — ele disse sorrindo quando percebeu o que ela estava pensando, principalmente quando corou. — O nome dela é Camelia, mas nós sempre a chamamos de Cammy. Lembra? Eu te contei quando estávamos na estrada do parque.

Ela tinha pensado em outras coisas e tinha esquecido.

— Oh.

— Ela quer conhecer você — ele disse hesitante.

— Isso seria ótimo — respondeu Winnie ocupada com os ingredientes de seu pão.

— Oh, eu não tenho certeza que você pensará assim, depois de conhecê-la. Ela é muito possessiva. Ela provavelmente vai dificultar as coisas.

Ela olhou para ele.

— Posso cuidar de mim.

— Tudo bem. Mas eu avisei. Ele entrou na sala, ligou a televisão e em seguida o console de jogos. Em minutos, ele e um Matt fascinado estavam no meio do novo jogo *Halo*, tão envolvidos que não se mexeram até Winnie insistir que o pão esfriaria e o frango não ficaria bom.

— Está delicioso — disse Kilraven enquanto eles faziam uma bela refeição, com o pão caseiro, bem amanteigado, servido com um prato de frango simples e pontas de espargos com molho holandês. — Eu não sabia que você cozinhava assim!

Ela sorriu.

— Eu aprendi com uma das nossas governantas. Ela era uma cozinheira maravilhosa. Isso foi quando eu era adolescente.

— Você é boa — ele disse.

— É mesmo — Matt concordou. — Este frango está demais!

Ela riu.

— Fico feliz que vocês tenham gostado.

MATT VOLTOU PARA o jogo, Winnie e Kilraven estavam na segunda xícara de café quando a campainha tocou.

Ele foi atendê-la. Quando abriu a porta, deu uma olhada preocupada para Winnie. Alta, cabelos e olhos escuros, vestida com um terninho sob medida com seus longos cabelos em um coque, entrou no apartamento usando sapatos de salto alto e altivez. Ela deu uma longa olhada em Winnie, o que não suavizou o gelo daqueles olhos.

— Esta é sua nova mulher? Perguntou a mulher altiva.

— Sim, Cammy — Kilraven disse. — Não me dá um abraço?

Ela o abraçou carinhosamente, rindo. — Você está maravilhoso. Quem é esse? Ela perguntou franzindo o cenho para o menino na cadeira de rodas.

— Eu sou Matt — ele disse com um sorriso. — Sou o irmão de Winnie. Não deixe as rodas enganá-la, sou perigoso. Atirei em cinco caçadores!

— *Halo* — Cammy gemeu. — Há algum homem no Texas que não jogue esse jogo?



— Não muitos, incluindo meu irmão, que tem a sua própria cópia — Kilraven garantiu a ela. — Venha conhecer Winnie Sinclair. Ela trabalha no Condado de Jacobs como atendente do 911.

— É? Cammy foi até a cozinha, com os braços cruzados fortemente sobre os seios. Ela avaliou Winnie friamente.

— Prazer em conhecê-la — Winnie começou com apreensão.

Cammy murmurou algo em resposta.

— McKuen não disse nada sobre você. Foi um casamento muito rápido. Você está grávida?

Winnie deu um olhar espantado.

— Bem, se estou, vamos chamar as televisões locais e oferecer a eles umas entrevistas. Isso será manchete em todos os lugares!

— Como?

— Uma mulher ficar grávida sem ter relações sexuais — Winnie disse em voz baixa para que Matt não ouvisse.

— Você não vai dormir com ele? Cammy perguntou chocada. — Bem, como sua esposa você terá que dormir! Você quis enganá-lo para se casar com você quando descobriu que ele tinha um rancho grande e era rico? Ela continuou obstinadamente. — Você está atrás de seu dinheiro, não é?

Winnie levantou-se na sua altura máxima, que quase não alcançava a cabeça de Cammy.

— Para sua informação, Sra. Kilraven...

— Blackhawk — foi a resposta lacônica. — Meu nome é Blackhawk. Assim como o dele — indicou Kilraven, — mas ele não o usa.

— Por minha escolha, Cammy — veio a resposta divertida.

— Para sua informação, Sra. Blackhawk — Winnie continuou com altivez — Meu irmão é Boone Sinclair da Comanche Wells. Talvez você tenha visto sua foto na capa da revista de pecuária nacional este mês? Sobre a questão da pecuária verde?

Kilraven pegou seu exemplar da *"Modern Ranching World"* da mesa de café e prestativamente entregou a Cammy. Seus olhos estavam brilhando divertidos.

Cammy lia revistas de pecuária. Ela adorava o rancho. E soube exatamente quem era Boone Sinclair no minuto em que viu seu rosto na capa da revista.

— Aqueles Sinclairs? Ela perguntou hesitante.

— Sim — Winnie disse friamente. — Aqueles Sinclairs. Minha família está ligada a todas as casas reais da Europa. Minha bisavó era filha de um nobre espanhol muito rico. Sua mãe era sobrinha do rei da Espanha!

Cammy queria desesperadamente poder superar a nobre genealogia de Winnie, mas sua ascendência não tinha nenhuma pessoa mais elevada que um comerciante de grãos em Billings, Montana. Ela estava com o rosto vermelho.

— Quanto a se casar com seu enteado pelo seu dinheiro — acrescentou Winnie cortante — Eu provavelmente poderia comprar e vender vocês apenas com a parte que tenho na exploração de petróleo e gás!

Cammy engoliu. Com dificuldade. Ela olhou para Winnie furiosamente, procurando uma saída.

— Se você me der licença, tenho que lavar os pratos — disse Winnie irritada e voltou para a cozinha. — Ah, sei fazer pão caseiro, também. Você sabe?



Cammy marchou de volta para a sala, pegou sua bolsa, o casaco e olhou para seu enteado, que estava a tentando a todo custo não rir. Ela bateu a revista em sua mão estendida.

— Eu não voltarei nunca mais a este apartamento na minha vida enquanto você estiver casado com aquela... loirinha encrenqueira! Exclamou ela com um olhar furioso em direção à cozinha. — Adeus!

Ela saiu correndo do apartamento e fechou a porta com força.

Kilraven soltou uma gargalhada. Riu até chorar.

— Bem, essa foi a primeira — disse a Winnie abraçando-a carinhosamente. — Cammy costumava colocar as mulheres para correr. Jon e eu não conseguíamos manter uma namorada, quando estávamos no colégio. Eu pensei que ela iria cortar você como isca de peixe. E você colocou-a para correr. — Ele abraçou-a novamente, balançando-a nos braços fortes. — Minha loirinha encrenqueira — ele murmurou no ouvido dela e a beijou.

— Você não está... com raiva? — ela hesitou.

Ele levantou a cabeça e sorriu para ela.

— Eu não estou com raiva.

— Eu não queria ser tão cruel — ela começou.

— Cammy vai convenientemente esquecer tudo o que disse e voltar com um presente de casamento, em um dia ou dois e então vai tentar fazer amizade com você. Ele sorriu para sua expressão duvidosa. — Você vai ver. É tudo um blefe. Ela não gosta das pessoas que consegue afugentar.

— Eu costumava deixar as pessoas fazerem isso — ela confessou. — Mas trabalhar com você me animou a reagir.

Inclinou-se e esfregou o nariz no dela.

— Eu estou animado, também. Cammy corria como um gato escaldado. Eu tenho que ligar para Jon para contar. Ele está em Nova York, trabalhando em um caso — ele acrescentou lembrando por que seu irmão havia perdido seu casamento.

Matt piscou para ela. Ele ouviu tudo isso, mas não se manifestou.

Kilraven pegou seu telefone celular. Winnie, sentindo-se entusiasmada e orgulhosa de si, caminhou de volta para a cozinha.

— Ei, Jon — disse Kilraven em seu telefone celular, — adivinha quem se casou com uma loirinha encrenqueira hoje!



CAPÍTULO 12



WINNIE SENTOU-SE COM Matt e Kilraven depois de colocar os pratos na lava-louças e guardar os restos de comida. Havia apenas dois controles e eles estavam usando uma tela para jogar. Mas quando Winnie entrou, Matt largou o controle de lado e a abraçou. Foi divertido.

Por volta da meia-noite, Matt disse boa noite e foi até o quarto de equipamentos de Kilraven onde uma cama havia sido montada. Kilraven levou Winnie até a dela, deixando óbvio que não pretendia dividir o móvel, sendo a noite de casamento ou não.

— Nós concordamos — ele disse gentilmente — Não concordamos?

Ela sorriu.

— Sim — ela tentou não soar desapontada. Não conseguia dormir direito desde o interlúdio no sofá.

Ele segurou a cintura dela e a ergueu para colar os lábios em sua orelha e não ser ouvido.

— Mas só para saber, você está tomando a pílula?

Ela estremeceu, a voz soando rouca. Limpou a garganta.

— Sim. O médico receitou há dois dias.

— Bom.

— Nós não vamos... — ela começou.

Os lábios dele deslizaram da orelha até a boca suave e a tomaram com tanta paixão e intensidade que ela estremeceu da cabeça aos pés. As mãos dele lhe puxaram o quadril na direção do seu e os colou com firmeza. Um calor desceu pelo estômago e sua respiração ficou presa enquanto ele colava suas coxas às dela e ela gemia inevitavelmente. Ela percebeu que ele sorria enquanto levantava a cabeça e olhava diretamente em seus olhos chocados.

— Nós não vamos? — ele murmurou — Tem certeza?

O rosto dela enrubescceu. Ele a estava deixando louca, mas ela tinha que pensar em como tudo acabaria. Ele a levaria até Nassau para conversar com a mulher do senador e então a chutaria pela porta. Tinha que pensar nisso.

— Sim — ela disse baixo. Mas não evitou um tremor.

Ele arqueou as sobrancelhas. Ele a colocou em pé e a observou por um longo momento.

— Vícios são difíceis de curar — ela disse com toda a dignidade possível no momento. Difícil, considerando os joelhos trementes e a voz baixa — A melhor maneira de evitá-los é não criá-los.

— Sensível, — ele concordou. Um canto de sua boca muito sensual se curvou para cima. — Loirinha encenqueira, — acrescentou em um tom suave e divertido, enquanto os olhos brilhavam possessivamente para o rosto corado. — Durma bem.

Ela esboçou um sorriso.

— Você também.

Ele virou-se e saiu. Não parecia desapontado, porque voltou ao seu jogo como se nada tivesse acontecido.



Winnie entrou no quarto, colocou o pijama e desabou sob as cobertas. Era o dia mais estranho que qualquer mulher já tivera.

ELA LEVANTOU CEDO NA manhã seguinte depois de uma noite mal dormida e preparou um café da manhã reforçado. Matt entrou sorrindo na cozinha poucos minutos depois.

— O cheiro está bom — ele disse — Eu não estou acostumado a ver alguém preparar o café, especialmente depois que mamãe voltou aos homicídios — acrescentou — Ela é chamada até de madrugada. Algumas vezes, nem mesmo está em casa quando eu saio para o colégio.

— O que você come? — ela perguntou.

— Quase sempre cereais — ele disse — Eu gosto. Não foi uma crítica. A mamãe trabalha muito.

Ela sorriu.

— Matt, você é o melhor garoto que eu já conheci — ela disse com sinceridade — Eu estou feliz por você ter se tornado o meu irmãozinho.

— Obrigado — ele disse surpreso.

— Oh, não é o que você está pensando — brincou — Os mais velhos sempre tiraram sarro de mim porque eu era o bebê. Agora você é o bebê!

Ele deu um risinho.

— Entendi. Eu sou o mais recente na árvore genealógica.

— Acertou na mosca — ela riu.

— Onde está Kilraven? — ele perguntou.

— Provavelmente dormindo — ela disse — Eu tenho certeza de que ouvi tiros até agora de manhã.

— Pobre homem. Acho que ele não tem muito tempo para jogar quando está trabalhando.

— Acho que não — ela concordou.

— Foi um belo casamento — ele disse.

Ela concordou.

— Eu também achei.

— Você tem certeza de que vocês estão realmente casados? — ele perguntou em voz baixa.

Ela o encarou e sorriu.

— Você já ouviu falar em disfarces?

— Claro. Minha mãe conhece um amigo que os faz.

— Quando você trabalha disfarçado, precisa fazer as coisas parecerem uma coisa, quando na verdade elas são outra — ela continuou.

Ele foi rápido.

— Então você está fingindo estar casada, mas tem uma licença para provar caso alguém pergunte.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você é bom — ela disse.

— Minha mãe é uma detetive de homicídios — ele lembrou. Em seguida franziu a testa — Nossa mãe é uma detetive de homicídios — corrigiu.

Ela sorriu.

— Eu havia esquecido.



- Nós a veremos hoje?
- Pode apostar — ela disse entusiasmada — Quando você volta à escola?
- Você precisava lembrar isso? — ele gemeu.
- Desculpe. Eu precisava.
- Segunda-feira — ele suspirou — Eu tenho tarefa de casa para fazer, acredita?

No final de semana!

— Educação não é para os fracos — ela afirmou.

— Acho que sim. Você gostava da escola?

— Não muito — ela confessou — Eu frequentei a faculdade por dois anos, mas fiquei doente em um inverno e repeti em um semestre. Perdi o meu diploma. Eu também não gostava muito do meu reitor, então fui para casa e consegui um emprego como telefonista no departamento de polícia de Jacobsville. Foi onde eu conheci Kilraven.

— O primeiro nome dele é McKuen — ele lembrou — Por que você não o chama assim?

- Eu não sei se seria seguro — ela disse pensativa.
- Você poderia chamá-lo de Mac.
- Você vai me arrumar uma armadura primeiro? — ela perguntou brincalhona.

Ele riu.

— Certo.

— É melhor avisar que o café está pronto — ela disse enquanto colocava os biscoitos, os ovos e o bacon na mesa. E ameaçou sentar-se.

— Um de nós. Ele é o seu marido.

— Sim, mas ele é o seu cunhado — ela respondeu — Eu acho que você deveria chamá-lo. Ele pode atirar coisas.

Ele deu um sorriso e virou a cadeira de rodas.

— Sem sofrimento não há glória — ele disse por sobre o ombro.

Ela suspirou aliviada. Não queria mencionar que Kilraven poderia estar acordado, e não queria entrar no quarto se ele estivesse. Puritana, ela disse a si mesma, você é casada. Sim, respondeu a si mesma, mas lembra-se dos vícios?

Ela virou-se na direção dos armários e pegou os pratos.

KILRAVEN APARECEU CINCO minutos depois, totalmente vestido, o cabelo imaculadamente penteado. Mas os olhos estavam vermelhos pela falta de sono.

Ele puxou uma cadeira, sentou-se e sorriu para Winnie enquanto ela colocava uma xícara de café quente na frente dele.

— Obrigado — ele disse — Eu não fui dormir até amanhecer.

— Eu ouvi — ela disse.

— O quê?

— Tiros, explosivos, granadas...

— Desculpe — ele disse enquanto bebia o café.

Ela riu.

— Não se sinta culpado. Quando eu tenho folga, faço o mesmo. Eu também não estava com muito sono — ela confessou evitando o olhar divertido dele — Mas consegui cochilar. Matt dormiu como uma pedra.

— Eu sempre durmo como uma pedra — Matt disse com um sorriso.



Kilraven não respondeu. Ele não conseguia dormir bem, e muito menos agora que tinha insônia durante noites inteiras. O passado o assombrava.

Winnie viu a dor em seu rosto e ele não conseguiu esconder, e ficou mal por não ser a pessoa que ele desejava que ela fosse. Não conseguiria passar uma noite nos braços dele e seguir com sua vida, pensou infeliz, mesmo se ele conseguisse.

Ele bebeu o café, ignorando a comida.

— Você não está com fome? — Matt perguntou — Esses biscoitos estão maravilhosos.

Kilraven o encarou, franziu a testa, e olhou para a comida.

— Bom Deus — ele exclamou encarando Winnie — Você fez biscoitos?

Ela concordou.

— Eu consigo fazer qualquer tipo de pão.

Ele pegou um, cortou ao meio, passou manteiga e geléia de morango. Mordeu e fechou os olhos. Quase gemeu.

— Eu não como um biscoito caseiro desde quando era criança — ele confessou sorrindo — Nós tínhamos um cozinheiro, Laredo, que sabia fazer qualquer coisa com farinha, até mesmo bolos. Ele fazia biscoitos deliciosos, mas esses estão ainda melhores.

Winnie sorriu.

— Obrigada.

Ele pegou o prato com ovos e bacon.

— Eu não estou acostumado com um café da manhã quente, mas posso me adaptar.

Matt sorriu enquanto pegava outro biscoito.

— Eu também. Detetives de homicídios não têm muito tempo para cozinhar.

— E nem federais — ele apontou.

— Ou operadores do 911 — Winnie ergueu a mão.

— Uma operadora salvou a vida da mamãe no ano passado — Matt recordou — Ela foi entrevistar uma testemunha de homicídio e deu de cara com o bandido. Mamãe conseguiu discar o 911 do celular, que estava em seu casaco enquanto o bandido a ameaçava com a arma — ele deu um risinho — Duas viaturas chegaram em menos de dois minutos, acredite ou não. Enquanto o suspeito se distraiu, a mamãe o desarmou, derrubou e algemou. Tudo isso antes mesmo dos oficiais passarem pela porta!

— Puxa — Winnie disse impressionada.

— A operadora conhecia a mamãe — Matt continuou — E ela viu que duas viaturas estavam próximas e as enviou até o local.

— Pensou rápido — Kilraven disse. Ele sorriu para Winnie — Sua irmã salvou o meu traseiro em uma situação parecida.

— É mesmo? — Matt perguntou curioso.

Winnie deu de ombros.

— Eu só tive um pressentimento de que ele precisava de ajuda.

— Sim, e enviou antes que eu pudesse ligar e pedir reforços — ele acrescentou.

— A mamãe também presente as coisas antes que elas aconteçam — Matt disse — Ela estava no hospital quando eles me levaram depois que o seu ex-marido tentou me matar — o rosto dele ficou sombrio — Ela disse que já sabia. Ela viu, em sua mente. É um pouco assustador.

— Sim, é — Winnie confessou — Eu vejo coisas que não queria ver.



— Eu fiquei feliz por você ter visto que eu precisava de ajuda — Kilraven disse — Ou nós não estaríamos tendo esta conversa.
Ela sorriu para ele. Ele sorriu de volta.

ELE TERMINOU O CAFÉ e pegou o celular.

— Eu preciso ligar para o meu irmão e descobrir se o caso tem alguma novidade.

Ele entrou em outra sala. O telefone tocou e Joceline Perry atendeu.

— Olá, Perry — ele disse usando o último nome dela, como sempre fazia — O chefe está?

— Eu soube que ele não tem feito muitos shows ultimamente — ela brincou, referindo-se ao verdadeiro “*chefe*”, Bruce Springsteen²⁵.

— Engraçadinha²⁶ — ele murmurou.

— E esse era o filme com a Barbra Streisand, — ela disse com falsa excitação.

— Passe para o meu irmão ou eu irei até aí e sujarei você com tinta indiana.

— Ameaças e atos terroristas! — ela exclamou.

— Joceline...!

— Prefiro assim — ela disse.

Houve um clique.

— Blackhawk — a voz de Jon surgiu na linha.

— Você pode fazer uma coisa para mim? — Kilraven perguntou.

— Claro. O que você quer?

— Vá até a sala de espera, encontre algo molhado e jogue na cabeça de Joceline.

— Deixe-me checar se o meu convênio médico está em dia primeiro — Jon murmurou — O que você quer? Conselhos sobre como lidar com a “loirinha encrenqueira” ou como acalmar Cammy? — ele acrescentou com um sorriso.

— Cammy falou com você — ele respondeu.

— Ela gritou mais do que falou — Jon disse complacente — Mal liguei meu celular quando voltei de Nova York e entrei no meu apartamento e ele já estava tocando. Eu aposto que o senso de superioridade de Cammy foi temporariamente derrubado por sentimentos de inadequação — ele deu um risinho — Eu preciso conhecer Winnie. Ela deve ser um rojão.

— Na verdade, ela não é — Kilraven respondeu pensativo — Ela é tímida e quieta com pessoas que não conhece. Mas Cammy foi muito prepotente, especialmente quando eu mencionei que Winnie era uma operadora do 911. Eu tenho certeza de que Boone Sinclair estava na última edição da revista de criadores de gado, mas ela não conectou Winnie com ele até que eu coloquei a revista em sua mão — ele deu um risinho — Agora ela sabe.

Jon riu também.

— Eu nunca vi minha mãe em desvantagem com alguém.

— Eu também não — Kilraven disse — Mas eu vou lhe dar um conselho, se algum dia você se casar, não se esqueça de mandar a mulher colocar uma armadura. Se Cammy fez isso comigo, imagine o que ela fará com você.

²⁵ **Bruce Springsteen** é um influente cantor, compositor, violonista e guitarrista dos Estados Unidos, que também participou da gravação da música “*We Are the World*”, escrita por Michael Jackson e Lionel Richie. Ele é conhecido como “*The Boss*”, literalmente “*O Chefe*”. Daí o trocadilho de Joceline Perry.

²⁶ **Engraçadinha (no original, “*funny girl*”)**: *Funny Girl* é o nome de um filme de 1968 protagonizado por Barbra Streisand e Omar Sharif. Aqui no Brasil ele foi chamado de “**Funny Girl - Uma Garota Genial**”.



— Não me preocupo com isso. Eu tenho muito trabalho na minha mesa para ficar pensando em mulheres. Além disso, Giles Lamont deu a sua palavra de honra — ele acrescentou sombriamente.

Kilraven sentiu-se desconfortável com a menção do nome do outro homem. Jon era o oficial de um caso que havia colocado Lamont, um jogador com envolvimento perigosos, na cadeia por cinco anos. Ele havia jurado que mataria Jon se saísse da prisão, mesmo se isso significasse ficar lá para sempre, ou pegar pena de morte.

— Você poderia ir para algum lugar — Kilraven começou.

— E fazer o quê? — Jon perguntou brusco — Você sabe quantas ameaças eu recebo por semana? Essa é só mais uma. Como se eles fossem manter um homem na prisão apenas porque ele ameaçou um federal!

— Atos e ameaças terroristas — Kilraven começou.

— Sem testemunhas — Jon respondeu.

Kilraven torceu os lábios.

— Preste atenção nas coisas. Você é o único irmão que eu tenho.

— Obrigado, eu também gosto de você — Jon brincou — Adivinhe quem acabou de comprar uma passagem de avião de primeira classe para Nassau?

O coração de Kilraven parou.

— A mulher do senador Sanders? — ele perguntou esperançoso.

— Pode acreditar. Ela está partindo hoje.

— Então nós iremos amanhã cedo — Kilraven disse — Mantenha-se em contato se descobrir mais alguma coisa.

— Pode deixar. Boa viagem e não seduza Winnie.

— O quê?

— Se ela brigou com Cammy, sua opinião deve ser importante para ela — veio a resposta em voz baixa — Não parta o coração dela tentando resolver o caso.

Kilraven sentiu raiva.

— Minha filha foi assassinada — ele lembrou Jon — Eu farei qualquer coisa, machucarei qualquer um, para encontrar o assassino. Eu não posso evitar. Ela era a minha vida — ele gritou.

Jon respirou fundo.

— Eu sei o quanto você amava Melly — ele disse gentil — Estou trabalhando duro no caso. Mas não esqueça que muitas pessoas já morreram porque sabiam demais e dois detetives do caso foram agredidos. Entendeu?

— Eu tomarei cuidado — Kilraven prometeu — Continue investigando. Se nós descobirmos algo sobre Hank Sanders, qualquer coisa que o conecte à vítima em Jacobsville ou à agressões, podemos pegá-lo. E então fazer um acordo.

— Fazer um acordo com um assassino?

— Eu não estou convencido de que ele seja um — Kilraven disse repentinamente — Ele não parece ser um oficial da marinha, certo? O irmão dele gosta de menininhas e tem dinheiro suficiente para comprar e vendê-las. Eu não consigo tirar a garota de catorze anos da minha mente. Rogers vai tentar encontrá-la e falar com ela depois que ela sair do hospital. Se ela conversar com um promotor, talvez possa denunciar o senador. Ele pode querer uma sentença reduzida e confessar algo.

— Você está deduzindo que os garotos Sanders foram responsáveis por Melly — Jon disse baixo — Você não tem provas para basear essa suposição. Só porque um homem faz coisas contra a lei, isso não quer dizer que ele mate pessoas.

— Eu sei.



— Então vá devagar — Jon continuou.

— Irei.

— Claro que vai — Jon suspirou — Lembra quando nós trabalhamos na equipe de resgate de testemunhas do FBI juntos? — ele acrescentou sorrindo com a lembrança.

— Sim — Kilraven disse — Foram dias bons, enquanto duraram.

— A CIA me aceitou quando o FBI me mandou embora — Kilraven murmurou — Eles gostam de pessoas que sabem usar a cabeça.

— Apenas não faça loucuras. Ok?

— Se eu perder tudo posso voltar ao rancho e ser um caubói — Kilraven disse — Ou me mudar para Jacobsville e trabalhar para Cash Grier.

— Você nunca se encaixaria em uma cidade pequena ou um rancho — Jon disse baixo — Você vive pela adrenalina.

— É a única coisa que me mantém são — Kilraven disse sombriamente — Eu não preciso de muito tempo sentado e pensando.

— É por isso que nós temos vídeo games — Jon respondeu — Eu tenho um novo para o Xbox 360, *Origem da Era dos Dragões*, e acabei de comprar um *World of Warcraft* para jogar no computador.

— Eu ainda estou tentando passar pelo *HALO: ODST* — veio a resposta divertida — De fato, eu fiquei jogando até de madrugada.

— Jogadores não são normais.

— Fale por você — Kilraven deu um risinho.

— Tome cuidado — Jon disse a ele — E se precisar de ajuda, só precisa me ligar.

— Eu estou levando a minha secretária pessoal comigo — Kilraven respondeu — Se eu precisar de ajuda, ela pode conseguir imediatamente!

Jon deu um risinho, despediu-se e desligou.

Joceline enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Eu vou almoçar — ela disse — Você quer um sanduíche?

Desconfiado, porque ela nunca se oferecia para trazer comida, ele estreitou os olhos enquanto a encarava.

— Se eu gostaria...?

Ela concordou.

— Eles fazem uns bons no Chuck's, perto da estrada do aeroporto. Mas se você for, é bom ir logo porque sempre está lotado — ela disse sorrindo e fechou a porta novamente.

Ele atirou um livro na porta.

— Eu ouvi! — ela gritou e continuou andando.

KILRAVEN VOLTOU À cozinha.

— Eu acabei de comprar passagens para as Bahamas, para amanhã cedo — ele disse a Winnie, que ficou atônita. Ele olhou para Matt — Desculpe amigão, mas você precisará voltar para o rancho por um tempo.

— Tudo bem — Matt disse — Boone vai me ensinar a montar um cavalo!

Winnie sorriu.

— Você não poderia estar em melhores mãos — ela assegurou — Eu sentirei a sua falta.

— Vocês poderiam me levar junto — Matt disse sorrindo.



— Oh, claro, nós saímos de lua de mel e levamos o meu irmãozinho junto. Eu tenho certeza de que todos acreditariam — Winnie brincou.

— Estou brincando — Matt disse. Ele balançou a cabeça — A vida é engraçada, não é? Há alguns dias éramos só a mamãe e eu. Ela levou um tiro e eu descobri que tenho uma família — ele olhou para Winnie carinhosamente. — É bom.

Ela sorriu.

— Muito bom.

Kilraven observou o relógio.

— Se nós vamos visitar a sua mãe, precisamos ir logo. Nós precisaremos de tempo para acabar o jogo.

— Eu? — Matt perguntou — Eu só passei pela primeira fase.

— Em um dia — Kilraven disse com falso desgosto — Eu precisei de três.

— Puxa! — Matt entusiasmou-se.

— Vamos — Kilraven disse aos companheiros.

— Mas os pratos — Winnie começou, indicando a pia lotada.

— Os pratos podem esperar — ele disse. Não foi rude, mas ela notou um tom estranho na voz dele, como se não quisesse que ela trabalhasse em seu apartamento.

Ela ergueu as duas mãos.

— Ok. É o seu apartamento — ela disse esboçando um sorriso. — Eu só preciso pegar a bolsa e o casaco. Matt, você pode pegar o seu...?

— Claro — e ele foi até o quarto de hóspedes.

KILRAVEN FICOU QUIETO durante todo o caminho até o hospital. Sorriu para Matt e conversou sobre vídeo games com ele, mas havia uma súbita frieza no modo como tratava Winnie. E ela percebeu. Perguntou-se se o havia ofendido ao fazer o café.

Eles encontraram Gail sentada na cama, mais desanimada do que o normal.

— Terceiro dia — Kilraven disse — É o pior.

— Eu estou percebendo — ela respondeu após abraçar carinhosamente os filhos. Ela segurava o braço do lado onde havia levado o tiro — Dói como o inferno e eu estou irritada. O médico é irritante. Eu disse que podia ir para casa ontem, mas ele não deixou. Agora eu entendo o motivo. Estaria tudo bem se ele não fosse tão teimoso — ela murmurou.

Kilraven deu um risinho. Era o primeiro traço de humor desde que eles haviam deixado o apartamento.

— Ele também foi assim com Marquez — ele disse — Mas ele pode estar interessado em você. É divorciado.

— Ele é muito velho para mim — Gail disse zombeteira.

Kilraven arqueou as sobrancelhas.

— Ele é um ano mais velho que você.

— Exatamente — Gail disse.

Winnie deu uma gargalhada.

Gail piscou para ela. Mas estava com febre e desanimada por causa da dor.

Eles não ficaram muito. Winnie e Matt não queriam cansar a mãe.

Winnie perguntou se ela tinha o número de celular de Boone.

— Sim — Gail disse suavemente — Ele, Clark e Keely vieram me ver ontem à noite. Eu nunca percebi como Matt e Clark se parecem.



— Boone foi reservado, não foi? — Winnie perguntou, concordando quando a mãe pareceu surpresa com o comentário — Ele é assim até que te conheça melhor. Passou muito tempo.

— Ele se parece muito com o seu pai — Gail disse. — Tem a mesma força e é muito reservado, mas sempre está lá quando você precisa dele.

— Sim — Winnie disse e sorriu.

— Clark é um ótimo jogador — Matt disse. — Ele me ensinou uma maneira nova de usar granadas! Será um ótimo treinamento para quando eu crescer e me tornar um membro do SWAT — ele acrescentou com os olhos brilhando.

Gail gemeu.

— Não, você não vai ser um membro do SWAT, e eu não me importo em como você é rápido com essa coisa! — ela indicou a cadeira de rodas.

— Isso é ciúme — Matt disse à irmã. — Ela tentou entrar para o SWAT, mas eles disseram que ela era muito velha.

— Muito velha! — Gail explodiu. — Você acredita?

— Delicados vinhos envelhecidos requerem manuseio cuidadoso — Kilraven disse suavemente, repetindo um de seus ditados favoritos.

Gail o encarou.

— Você bebeu? — Ela perguntou afiadamente.

Ele a encarou.

— Eu estava tentando fazer você se sentir melhor.

— Boa ideia. Vá encontrar o cretino que me colocou no hospital e o tranque por vinte anos, isso fará com que eu me sinta melhor!

— Desculpe, mas nós temos outra prioridade no momento. Winnie e eu vamos voar até Nassau amanhã.

Os olhos de Gail se estreitaram. Ela virou-se para Matt.

— Que tal pegar dinheiro e me buscar um refrigerante na cantina? — Ela pediu a ele.

— Claro! Você quer uma coca?

Ela concordou. Levantou-se para pegar a carteira, mas Kilraven foi mais rápido. Ele entregou uma nota a Matt.

— Não use para impressionar as garotas — ele brincou.

— Como se isso fosse impressionar — Matt zombou — Hoje em dia é necessário um Jaguar — ele torceu os lábios — Você é meu cunhado. Que tal me emprestar o carro daqui a quatro anos quando eu começar a namorar?

— Saia daqui — Kilraven disse com falsa raiva.

Matt riu até sair do quarto.

Kilraven aproximou-se da cama, toda a brincadeira sumindo do rosto dele.

— A mulher do senador está viajando para a casa de praia. Fica ao lado da propriedade dos Sinclair — ele disse — Winnie vai comigo para que nós possamos conhecê-la, na esperança de que ela se sinta confiante o suficiente e nos forneça informações sobre o cunhado.

— Você se casou para conseguir informações com o parente de um suspeito? — Gail exclamou.

Kilraven a encarou.

— Eu não vou arruinar a reputação de Winnie fazendo com que ela fique comigo por vários dias enquanto nós cercamos a mulher do senador.

Gail sorriu.



— Você não é um cara mau, Kilraven.

— Sim, ele é — Winnie murmurou, mas seus olhos brilharam.

Kilraven sorriu ao ver que ela corava.

— Bem, vocês dois tomem cuidado — Gail advertiu — Essas pessoas jogam sujo.

— Você é boa com deduções — Kilraven disse. — O que você acha? Que nós estamos seguindo uma pista fria, ou o irmão do senador pode estar envolvido no caso?

Gail ficou em silêncio por um minuto.

— Não sei. Acho que o senador está envolvido até o pescoço nisso — ela disse. — Eu quero conversar com a mãe daquela garota que foi encontrada morta.

Ele ficou sério. Pensara em questionar a garota que estava viva, mas nunca em fazer perguntas à mãe da garota que morrera.

— Você acha que ela sabe mais do que contou à polícia?

— Pode ser. Ela supostamente foi a um encontro e morreu de tal forma que nem mesmo a família a reconheceria, assim como a nossa vítima no *Little Carmichael River*. O carro dela foi encontrado próximo a um rio. As coisas são muito parecidas para serem uma simples coincidência.

— Eu concordo. Mas seria um tiro no escuro.

— Eu sou famosa por tiros no escuro.

— Você ficará aqui por vários dias — Kilraven disse.

— Não a menos que eu consiga seduzir o médico — Gail suspirou.

— Quando nós voltarmos, talvez tenhamos algumas novidades. Enquanto isso, eu mandarei um colega ficar de olho em você, no caso de os bandidos resolverem voltar.

— Eu sou uma policial — ela disse.

— Sim, e a sua equipe é menor que a minha permissão para jogar vídeo games — ele disse sarcasticamente. — Eu duvido que eles possam colocar alguém aqui o tempo todo.

Ela fez uma careta.

— Meu parceiro está trabalhando e ele adora ficar escondido. Você não o verá ou saberá quem ele é, mas ele estará por perto.

— Obrigada, Kilraven — ela disse.

— Você é minha sogra temporária — ele deu um risinho. — É o mínimo que eu posso fazer.

— Não se descuide, mesmo em Nassau — Gail avisou. — A mulher pode aceitar que vocês estão lá por coincidência, mas eu aposto que o marido dela não. Uma coisa que eu descobri antes de levar o tiro foi que tem um caseiro lá, Jay Copper. Ele é muito protetor em relação ao senador Sanders. Existe uma fofoca de que ele é o pai do senador. Ficou na prisão por vários anos, acusado de homicídio, saiu temporariamente. De qualquer modo, foi acusado por ameaçar um repórter que estava investigando o caso de estupro. Ameaçou acabar com a família dele.

Kilraven prendeu a respiração.

— Sim, eu sei que isso soa familiar — Gail concordou, os olhos frios — Copper não gosta de Hank Sanders ou da mulher do senador, Patrícia. Um dos meus contatos disse que o principal motivo do afastamento de Patrícia é o medo que ela tem de Copper.

Os olhos de Kilraven se estreitaram.

— Eu ouvi alguma coisa sobre esse homem. Eles o chamavam de cobra, nos anos setenta, quando ele estava supostamente envolvido no tráfico de drogas em Dallas.



— Eu sei. Ele ainda faz esse trabalho, intimidando quem puder, para manter o senador seguro e feliz.

— E quanto a Hank Sanders?

Ela torceu os lábios.

— Essa é uma pergunta interessante. Eu fui visitar Garon Grier alguns dias antes de levar o tiro e adivinha quem estava esperando por ele no estacionamento tentando não ser visto?

O coração de Kilraven saltou.

— Hank Sanders.

Ela concordou.

— Por que um criminoso tem como companhia um dos mais notórios e conservadores agentes do FBI?

— Também existe outro fato curioso. Hank foi um oficial da marinha.

Ela torceu os lábios.

— Isso nos leva a outra direção. E eu tenho uma teoria.

— Eu também — Kilraven respondeu — Mas vamos manter isso em segredo até Winnie e eu voltarmos das Bahamas. Talvez nós descubramos mais coisas.

— Mesmo que Jay Copper não vá para as Bahamas com Patrícia, é certeza de que ele enviará alguém para ficar de olho nela — Gail acrescentou — Ouvi falar que ela estava tentando se separar do senador, mas ele não quer. Ela desistiu rapidamente.

Os olhos dele se estreitaram.

— Eu já entendi.

— Tome cuidado — ela disse séria.

— Eu sempre tomo cuidado — ele sorriu enquanto olhava para Winnie — E não se preocupe. Eu cuidarei da sua filha.

Winnie sorriu, mas desejou que ele a tivesse chamado de “minha esposa” ao invés de a filha de Gail. Mas ainda era cedo. Ela tinha tempo para impressioná-lo. Ele obviamente a desejava. E onde há fumaça, há fogo.



CAPÍTULO 13



ELES DESCERAM DO avião em Nassau junto com o restante dos passageiros da classe econômica e mesmo sendo inverno nos Estados Unidos, o tempo estava ensolarado nas Bahamas. Olharam através da janela do terminal enquanto atravessavam o saguão. As pessoas ao redor usavam camisetas.

— Por que eu vesti um casaco? — Winnie gemeu.

— Por que você estava com frio? — Kilraven brincou — Vamos. Precisamos entrar na fila para pegar as malas.

— Vai demorar. Sempre demora.

— Nós estamos com pressa? — ele perguntou.

Ela deu um tapinha no braço dele.

ELES PARECIAM UM casal da sociedade. Winnie usava um terninho de seda bege com um sapato de salto alto e uma bolsa combinando. Kilraven usava uma calça de seda, camisa e uma jaqueta cara. Ele exagerou ao dizer ao oficial que ele e Winnie estavam em lua de mel. Eles saíram do terminal um pouco atordoados, dançando conforme o ritmo da música.

Uma limusine que Kilraven contratara estava esperando por eles. Ela os levou pela estrada que saía do aeroporto, passava por Cable Beach, e ia até a estrada que chegava à seção exclusiva de Nova Providência, onde muitos milionários tinham mansões de verão.

— Não é lindo? — ela perguntou olhando através da janela — Eu devia ter uns quatro anos quando nós viemos aqui pela primeira vez. Eu vi a areia branca, as matizes incríveis de azul e turquesa da água e perguntei aos meus pais se era uma pintura.

— Eu sei o que você quer dizer — ele disse — Essas cores são muito vivas para serem reais.

— Você já esteve aqui? — ela perguntou.

Ele riu.

— Eu já estive por aqui — ele respondeu — Eu já vi aeroportos e hotéis do mundo inteiro, mas a maioria das minhas experiências foi no escuro.

Ela entendeu ao que ele se referia.

— Você nunca fala sobre isso?

— Não me atrevo — ele respondeu — A maioria é sigilosa — ele torceu os lábios e sorriu para ela — Eu confio em você, mas é necessário uma autorização do governo.

Ela fez uma careta.

— Eu conto tudo a você — ela retrucou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Conta mesmo?

— Eu contei a você sobre os meus pais — ela apontou.

Os olhos dele tornaram-se tristes.

— E eu contei a você sobre a minha filha. Eu nunca falei sobre isso com ninguém que não fosse da família, exceto pelas pessoas envolvidas no caso.



— Eu sinto muito por você tê-la perdido dessa maneira.

Ele desviou o olhar para a paisagem, pinheiros e palmeiras formavam um corredor pela rua.

— Eu também.

Ela dobrou um pouco a manga da camisa.

— Você nunca pensou em ter outro filho?

— Não — ele disse rápido, o gelo saltando da voz.

A violência da resposta a desconsertou. Ela o encarou e quase desmaiou com o que viu nos olhos dele.

— Eu não passarei por isso novamente — ele assegurou.

— Mas somente porque você perdeu um filho de uma maneira tão terrível...!

Ele levantou uma mão.

— Eu também não discutirei isso — ele disse friamente. Os olhos claros brilhavam como metal — Eu aprecio a sua ajuda, aprecio mesmo. Mas se você tem alguma ilusão a respeito do por que de nós estarmos aqui, eu preciso desanimá-la. Nós estamos aqui para fazer perguntas e conseguir respostas, não para passar algumas noites tórridas nos braços um do outro. Eu poderia seguir em frente sem olhar para trás. Você não. Você é muito jovem e inocente para um caso comum. Então nós faremos o que viemos fazer e voltaremos para os Estados Unidos para conseguir uma anulação. E não haverá complicações. Muito menos uma gravidez.

Ela sentiu-se mal. Ele era intimidador. Estava acostumada com ele sendo divertido e brincalhão. Mas nunca havia sido realmente rude, exceto pela vez em que ela perdera uma ligação e quase o matara. Esse era o verdadeiro homem por trás da fachada, e ele era assustador. Não havia dúvidas do motivo que fizera Gail dizer que ele era perigoso.

Ele percebeu que a estava assustando e forçou-se a ficar calmo. Ela era uma mulher normal que queria uma família e filhos. Seus sentimentos por ele a estavam afastando do bom sendo, e aquele era o único problema. Ela ficaria bem. Ela era, como ele já havia dito, muito jovem. Vinte anos contra os trinta anos dele.

— Desculpe — ela disse, e esboçou um sorriso.

— Não, eu sinto muito — ele disse baixo — Eu esqueço a sua idade — ele forçou um sorriso — Você encontrará um homem para se casar e formar uma família um dia. Mas não serei eu. Você já está avisada.

Ela concordou. Não concordava realmente, mas parecia mais seguro aparentar concordância. Pelo menos ele não mais a encarava friamente.

— Esse é um meio de viagem perigoso — ela disse tentando diverti-lo, e apontou as motocicletas andando em outra direção.

Ele deu um risinho.

— Eu precisei alugar uma dessas em outro país para uma emergência — ele confessou — Fiz uma curva e bati de frente com as barras de proteção — ele balançou a cabeça — Foi assim que eu ganhei um pino na perna. É muito mais difícil do que parece.

— E você dirige um Jaguar? — ela brincou.

Ele franziu a testa.

— Jaguares são carros construídos para correrem em alta velocidade. Motocicletas não.

— O meu irmão acha que Jaguares podem voar. Ele nunca conseguiu convencer os guardas de trânsito que estava autorizado a voar com eles pela interestadual.



Ele deu um risinho.

— Eu também.

— Eu queria dar uma volta pela cidade. Adoraria ver o antigo hotel colonial britânico — ela murmurou.

— O quê?

— Oh, o nome não é mais esse — ela disse — Hoje em dia é o Hotel Hilton. Está localizado no centro da cidade, perto do cais. Era a localização do antigo Forte Nassau e o palco de muitas batalhas no século dezessete. Também era o local escolhido para reuniões sociais no século vinte. O duque e a duquesa de Windsor até mesmo deram festas lá enquanto ele era governador das Bahamas durante a segunda guerra mundial — ela sorriu — Tem uma estátua do pirata Woodes Rogers em frente ao hotel. Ironicamente, ele foi o primeiro governador das Bahamas.

— Assim como Henry Morgan, o pirata foi o primeiro governador da Jamaica — ele deu um risinho — O túmulo dele foi encontrado no final do século dezessete durante um terremoto devastador que deixou a maioria do porto Real debaixo de água.

Ela estremeceu.

— Sim, houve um terremoto em Portugal em 1755 que lançou um cais de pedra para alto mar, matando pessoas que foram ao lugar atrás de refúgio. Eles estimaram que mais de vinte mil pessoas chegaram a Londres em questão de minutos, por causa do terremoto e das tsunamis que o seguiram.

Ele a encarou.

— Você segue a história dos terremotos.

Ela riu.

— Sim — ela confessou — Eu praticamente moro no campo de pesquisas geológicas dos Estados Unidos.

— Eu também — ele exclamou.

— Verdade?

— Verdade. E também no canal do tempo e no *espaçodotempo.com* — ele acrescentou — Eu sigo eclipses e chuvas de meteoro e...

—... E asteróides próximos a Terra — ela riu — Sim. Eu também.

Os olhos dele brilharam.

— Você tem um telescópio.

— Como você sabe? — ela perguntou surpresa.

— Um chute no escuro. Eu também tenho um. Você não viu porque está no meu quarto. É um bom, um...

— Um Schmidt-Cassegrain — ela adivinhou, sorrindo envergonhada quando ele riu — Quão grande é a abertura?

— Oito centímetros.

— O meu tem dez — ela gabou-se.

— Sim, mas você mora no campo — ele suspirou — Eu moro na cidade, e os oito centímetros são adequados para a poluição.

— Você precisará ver os eventos da astronomia comigo quando terminarmos o trabalho — ela disse — Boone tem um pequeno observatório construído no pátio dos fundos. Eu posso deixar o meu telescópio lá, porque ele é a prova de água.

— Eu adoraria — ele disse sério. Em seguida a olhou de uma maneira estranha — Você nunca mencionou gostar de eventos naturais ou astronomia.

— Nunca tive a chance — ela disse.



— Eu sei — ele gostou de saber coisas sobre ela. Mas ela ainda era muito jovem, especialmente para o que ele estivera pensando quando sugerira a viagem. Ela tinha vergonha dele, mais ainda após descobrir ter um irmão que nem sabia existir e ter um tio que podia estar envolvido em um assassinato. Então, a mãe dela levava um tiro. Talvez isso não a incomodasse há algumas semanas, mas desde que descobrira a situação real da mãe, sofrera. E ele pensara em um passatempo com ela, uma escapada que pudesse esquecer, mas ela não. Ela se importava com ele. De verdade. E isso era preocupante.

Monica, sua última esposa, gostara da riqueza de sua família. Apesar de seu emprego como policial, ela sabia que sua família tinha dinheiro e decidira que se casaria tanto por amor quanto por dinheiro. Talvez ela gostasse um pouco dele, mas nunca passara disso. Ela nunca se importara muito com Melly. Kilraven mimara a criança, a levava a lugares, a exibira. Ele afastou a lembrança. Era dolorosa. Recordou que Cammy, sua madrastra, nunca gostara de Monica. Não que ela gostasse de todas as mulheres que o filho e o enteado namorassem. Mas ela sempre dissera que havia algo sombrio e gelado ao redor de Monica.

— Pensamentos profundos? — Winnie perguntou gentilmente.

— O quê? — ele perguntou sem humor — Eu estava pensando em Monica. Minha mulher — ele acrescentou quando ela pareceu confusa — Ela morava na Neiman Marcus e na Sacks. Adorava roupas, diamantes e festas.

— Ela devia adorar a família também — ela disse.

— Ela adorava o meu dinheiro — ele suspirou — Mas nunca comprou uma roupa ou um par de sapatos para Melly. Se eu lhe desse dinheiro para comprar coisas para Melly, ela comprava roupa para si mesma. Eu tinha que fazer compras para a minha filha.

Winnie ficou surpresa. No lugar da outra mulher, adoraria mimar a filha com presentes, levá-la a lugares, tirar fotos de seu dia e de sua noite... Ela fechou os olhos e apertou a bolsa.

— Isso é triste — ela disse.

— Um dia eu perguntei por que ela não gostava de brincar com o neném — ele recordou solenemente. — Me disse que o trabalho dela era ter a criança, o meu era criá-la. Ela havia feito sua parte. E nem gostava de crianças, apenas cansou-se de me ouvir falar de filhos — ele abaixou o olhar — Cammy pode não ser a sua idéia de mãe perfeita — ele acrescentou com uma risada profunda — Mas ela foi uma tremenda madrastra. Sempre me levava a lugares, fazia coisas comigo, comprava coisas. Quando Jon nasceu, ele era meu irmão, único e simplesmente. Ela sempre nos tratou igual. Coitada da professora ou de qualquer criança que nos causasse problemas na escola. Cammy saltaria sobre eles como um leão. Nem mesmo papai era tão protetor em relação a nós.

— Eu tenho certeza de que ela era maravilhosa — Winnie disse — Eu verei se Boone pode me emprestar um marcador de gado caso eu precise falar com ela novamente...

Ele a encarou de maneira carinhosa.

— Loirinha encenqueira — ele disse com puro divertimento.

Ele fez aquilo soar como um elogio. Ela sentiu-se quente, segura. Sorriu.

— Geralmente eu não sou assim.

O sorriso sumiu.

— Eu sei. Não se rebaixe muito. As pessoas passarão por cima se você permitir.



— Eu sei — ela suspirou.

— Eu estou acostumado a passar por cima das pessoas — ele apontou — Você precisa brigar comigo.

— Eu continuarei tentando brigar com Boone — ela disse piscando — Não é fácil.

— Você fez bem ao convencê-lo de deixá-la viajar até aqui comigo — ele disse sombriamente — Eu fiquei orgulhoso de você.

Ela o encarou.

— Ficou mesmo?

Ele concordou.

— Fique perto de mim e eu farei você comer tigres com apenas um pouco de pimenta, querida.

Oh, me dê a oportunidade, ela pensou. Mas apenas sorriu.

— Eu seguirei o seu exemplo.

A velocidade do carro estava diminuindo. Ele parou em frente a um portão de ferro, muito ornado e Winnie saltou e digitou um código no painel computadorizado. Ela voltou ao carro. O portão se abriu.

— Boone instalou — ela disse — Nós tivemos um problema há alguns anos. Agora somos muito cuidadosos com segurança.

Ele concordou. Ele observaria para ter certeza de que a segurança era reforçada enquanto eles ficassem na casa. Não queria nenhum visitante surpresa, especialmente no caso de precisarem convidar pessoas indesejadas.

A CASA ERA BRANCA com um telhado de cerâmica vermelha. Ficava em frente à praia, em uma porção de terra que era coberta por pinheiros e palmeiras. Ao redor da enorme varanda haviam hibiscos e lantanas, e primaveras brilhantes que cobriam a sacada.

— Bonito — Kilraven disse enquanto eles subiam os degraus da varanda, o motorista os seguindo com as malas. Ele pediu para o motorista deixar as malas e lhe deu uma gorjeta generosa, com agradecimentos. O homem agradeceu com um sorriso largo, e voltou ao seu carro.

Winnie colocou a chave na porta. Já havia desativado o sistema de segurança.

Ela abriu a porta e suspirou ao ver a beleza do lugar. A mobília era imaculada, o piso sem manchas e a madeira muito bem polida. Havia quadros originais nas paredes, uma de quando Boone, Clark e Winnie eram crianças. A casa era da família há duas gerações.

Kilraven foi até o quadro e o observou. Winnie tinha cabelos longos e ondulados. Ela usava um vestido branco e segurava um hibisco vermelho, sorrindo. Era muito bonita.

— Eu tinha cinco anos quando ele foi pintado — ela disse parando ao lado dele — Meus pais ainda estavam juntos. Nós passávamos várias semanas aqui no verão.

Ele concordou. Em seguida olhou ao redor. A mobília era muito bonita, mas parecia nova.

— Essas não são muito velhas — ele afirmou.

— Não. O ultimo furacão que atingiu a ilha arruinou a casa original — ela disse infeliz — O quadro sobreviveu porque estava na galeria local, que resistiu. Nós perdemos tudo, exceto a base da casa. Boone reconstruiu tudo. É uma réplica da original, mas sem as coisas que estavam na história.



— Pelo menos o quadro sobreviveu — ele comentou.

— Sim. Mas nós aprendemos uma dura lição. Agora nós não trazemos mais antiguidades para o lugar. Só por precaução — ela virou-se. Ele ainda observava o quadro — Eu aposto que você já enfrentou um furacão.

Ele sorriu e enfiou as mãos nos bolsos.

— Furacões, tufões, tornados, tempestades de areia e ataques de inimigos com armas mortais.

Ela fez uma careta.

— Eu nunca vi um tornado, embora um tenha passado por nossa casa há muitos anos — ela riu — E eu nunca tive coragem de enfrentar ninguém armado.

— Não há motivo para fazer isso também — ele apontou.

— Graças a Deus — ela caminhou em direção à cozinha — Eu telefonei antes de nós sairmos de San Antonio e pedi que Marco viesse ativar a eletricidade e abastecer a geladeira. Ele é uma espécie de caseiro do lugar. Ele também é dono de uma galeria de arte — ela riu — É graças a ele que nós ainda temos a pintura. Ele tem instruções para correr até aqui e colocá-la no freezer se for necessário.

— Você pode levá-la para Comanche Wells — ele disse.

— O lugar dela é aqui — ela disse simplesmente — Mas nós fizemos uma cópia.

— Boa ideia.

— Você está com fome? — ela perguntou.

— Faminto — ele suspirou. — Amendoins não funcionam muito comigo.

— Em defesa das linhas aéreas — ela disse — Eles precisam alimentar os macacos com alguma coisa.

— Por que eles não podem nos alimentar com comida de verdade? Eu estava num voo para o Japão — ele recordou com um sorriso — E pedi comida japonesa. Eles serviram em várias etapas, assim como em um restaurante em Osaka. Eu amei.

Eles entraram na cozinha e Winnie abriu a geladeira. Ela procurou e virou-se com um prato de presunto em uma mão e maionese em outra.

— Eu nunca fui para a Ásia. Como eles servem a comida?

— Em pequenas porções — ele disse — Em um prato, você recebe um pedaço de carne e uma pequena fatia de fruta. Em outro, uma porção de salada. A sobremesa vem em um prato com o formato de uma noz, onde eles servem sorvete com uma pétala e um melado como decoração. É arte pura.

— Puxa.

— Assim como os presentes — ele disse caminhando até o armário e pegando pratos, pão e uma faca para passar a maionese — Não importa qual seja o presente, eles estão preocupados com a maneira que ele é embrulhado. Quanto mais elegante, melhor.

— Você gostava do lugar — ela comentou.

Ele concordou.

— Muito — ele deu um risinho enquanto observava a preparação dos sanduíches.

— O que foi?

— Eu estava pensando que nunca poderia cometer um crime nas ruas de Osaka sem ir para a detenção imediatamente. Eu sou muito mais alto do que a maioria das pessoas que eu conheço.

Ela deu um risinho. Em seguida observou os sapatos dele.

— E tem pés maiores também.



— Isso é outro problema, se você achar que pode precisar de mais um par de sapatos, você deve levá-lo com você. Você não encontrará um que seja do seu tamanho a menos que leve o seu — ele observou os pequenos pés dela apoiados nos saltos altos e sua expressão era quase carinhosa — Qual é o seu número? 34?

— 35 — ela corrigiu.

— Pezinho pequeno — ele brincou — Bonitos sobre esses saltos altos.

Ela corou.

— Obrigada.

Ele pegou a faca da mão dela e colocou na mesa. A expressão dele era indecifrável enquanto a puxava pela cintura sem deixar de encará-la.

— Você prometeu não vestir nada sugestivo — ele disse.

Ela engasgou.

— Eu estou coberta da cabeça aos pés...

A boca dele cobriu a dela, enviando arrepios de prazer por sua coluna.

— Esses lindos pezinhos não estão cobertos — ele sussurrou. Em seguida mordiscou o lábio dela.

— Meus... pés... não estão cobertos? — ela gaguejou.

— Pés sensuais — ele sussurrou. A língua dele moveu-se pelo lábio superior dela e explorou a pele suave. A mão dele apertou sua cintura com mais força. Ele aproximou-se do balcão e a colocou sentada ali, para que pudesse ficar a sua altura. Os lábios dele deslizaram pelo rosto dela, desde as bochechas até a orelha, descendo até o canto de sua boca.

Enquanto ele explorava o rosto dela e extasiava-se com os gemidos baixos, suas mãos desceram até a jaqueta e encontravam o fecho frontal do sutiã. Ela não notou até sentir o ar sobre a pele nua, até ver os olhos dele mudarem de direção, até sentir a respiração dele ficar presa na garganta.

Ela deveria segurar o sutiã, mas a maneira como ele a olhava fez com que seu coração parasse. A mão dele traçou os contornos firmes de seu seio, os dedos tocando com delicadeza o mamilo rígido. Era como a noite no sofá; acontecia novamente e ela não conseguia evitar.

— Belos seios — ele sussurrou roucamente — Tão rosados como o interior de uma concha. Suave. Sedoso. Delicioso.

Enquanto ele falava, inclinou a cabeça. Seus lábios tomaram o lugar de seus dedos em uma carícia tão terna que fez o corpo dela amolecer.

— Doce como mel — ele sussurrou. A outra mão dele deslizou até o pescoço dela, acima do seio que ele não estava beijando.

Winnie estava pegando fogo. Nunca havia sido tocada assim antes de Kilraven aparecer. Certa vez aceitara um encontro com um garoto e saíra machucada quando lutara para se livrar de seus braços. Nenhum homem tivera autorização para chegar a tal ponto.

Ela arqueou as costas sem conseguir se conter.

— Você gosta disso? — ele murmurou. — Eu sei de algo que você vai gostar ainda mais.

Enquanto ele falava, sua boca se abriu e ele engoliu o seio quase que por completo, brincando com o mamilo com sua língua enquanto a suave sucção lhe causava uma fome que nunca sentira antes.

Ela gemeu, um som baixo e suave que fez o sangue de Kilraven ferver. A boca dele se tornou insistente, quase violenta, sobre a pele dela. De repente, ele a ergueu



novamente, apenas para colar o quadril dela a sua rigidez, para mostrar o desejo que o consumia.

A boca dele invadiu a dela.

— Eu tinha um colega no Iraque — ele sussurrou roucamente — Ele chegou em sua casa e a mulher estava usando uma camisola curta sem nada por baixo. Ele abaixou as calças, tomou-a e caminhou ao redor da casa, puxando-a contra si. Ele disse que o clímax foi tão violento que eles caíram nos degraus da sala de estar e precisaram ir para a emergência — a boca dele tomou a dela novamente — Ele disse que valeu o tornozelo quebrado.

Ela estremeceu. A imagem a deixou com ainda mais calor.

Suas mãos puxaram o quadril dela contra si e ele gemeu.

As mãos dela também estavam ocupadas, abrindo os botões até que encontrou a pele fresca e os pêlos finos. Ela colou os seios contra o peito dele em uma onda de paixão, gemendo com a sensação produzida.

— Eu não posso... parar — ele afirmou — Faz tanto tempo!

— Eu não me importo — ela sussurrou. Em seguida passou as pernas ao redor dele, estremeecendo — Por favor...

Ele não precisou perguntar duas vezes. Em seguida a carregou até o primeiro quarto, a colocou na cama e tirou a roupa.

Ela arregalou os olhos ao vê-lo sem as roupas. Ele era incrível, todo músculos e pele firme. Todo homem. Ela estava muito envolvida para sentir-se envergonhada, mesmo enquanto ele a despia e a colocava novamente sobre as cobertas.

Ele a cobriu com seu corpo, o rosto rígido e suave, rígido de desejo que o consumia. Ela separou as pernas e ele se encaixou entre elas.

— Você é mesmo virgem? — ele sussurrou roucamente.

— Desculpe. Sim — ela gaguejou enquanto o sentia contra ela.

Ele deslizou uma mão por baixo dela e a ergueu. Seus olhos prenderam o dela enquanto ele a preenchia. Ela gritou, chocada e dolorida.

Ele trincou os dentes. Ele a segurou enquanto ela tentava se afastar.

— Não vai doer muito — ele prometeu.

Mas doeu. Ela mordiscou o lábio inferior até sair sangue, salgado e quente, em sua língua. Ela fechou os olhos, ciente da respiração dele, da violenta investida de seu quadril enquanto ele buscava satisfação, cego e surdo a qualquer coisa que não fosse a necessidade de aliviar a tensão que o consumia. A tensão cresceu rapidamente, o fazendo gritar com sua intensidade. Ele estremeceu sobre ela, penetrando o corpo dela com uma última e insistente investida.

Ele sentiu as lágrimas dela ao aproximar os rostos, sentiu o tremor dela. Havia sido ruim, e ele perdera o controle. Beijou as lágrimas. Sua mão afagou o cabelo dela, afastando-o do rosto pálido e molhado.

Ele a encarou com um pedido de desculpas nos olhos.

— Já faz sete anos — ele sussurrou baixo — Eu sinto muito. Não consegui parar.

Ela não conseguia parar de tremer.

— Sete anos? — perguntou surpresa.

Ele concordou. Inclinou-se e deslizou a boca pelas pálpebras dela, provando o seu sabor.

— Eu sou puritano, assim como meu irmão — ele sussurrou — Eu acho que as pessoas devem se casar antes de fazer sexo.

Ela respirou fundo tentando aliviar a dor.



— Eu também.

Ele apoiou-se em um cotovelo e observou o rosto dela em silêncio.

— Eu nunca tive uma virgem — ele confessou.

Ela franziu a testa.

— Sua mulher...?

— Ela gostava de festas — ele disse pesadamente — Eu achava que todas as mulheres fossem como você, que elas esperavam pelo casamento. Eu tive um choque na minha noite de casamento, quando ela dividiu os benefícios de sua educação sexual comigo — ele esboçou um sorriso — Eu fiquei chocado, zangado e não consegui expressar, porque ela me enlouqueceu tanto que eu morreria se não a tivesse. Ela me manteve assim por três anos.

Ela o encarou. Incrível estar deitada com ele em tal intimidade e conversar assim.

— Eu não sei nada sobre homens — ela confessou timidamente — Exceto pelo que eu leio em livros e vejo em filmes.

— E ouve de suas amigas? — ele brincou.

— Na verdade, eu só tive uma amiga de verdade, minha cunhada, Keely e nós não conversamos sobre essas coisas — ela disse — Então eu acho que sou puritana também.

Ele afastou o cabelo da orelha dela e a estudou.

— Você tem orelhas pequenas.

Ela sorriu.

— Elas combinam com os meus pés pequenos.

— Pés sensuais — ele disse novamente — Alguns homens gostam de seios, outros de pernas. Eu gosto de pés.

— Puxa vida!

Ele ergueu a cabeça.

— Dói muito se eu fizer isso? — ele perguntou movendo o quadril lentamente.

Ela prendeu a respiração.

Ele ergueu o corpo e então abaixou novamente.

Ela prendeu a respiração novamente. Dessa vez, suas unhas fincaram-lhe os braços.

Ele sorriu.

— Eu acho que era melhor ter esperado a dor passar da primeira vez — ele sussurrou — Porque eu conheço algumas coisas que posso lhe ensinar.

— Você... conhece? — ela tremia, mas não de dor. Não dessa vez.

— Uhunn... — ele murmurou. Deslizou a mão por baixo do quadril dela e a levantou, ternamente, contra a investida de seu corpo — Junte as suas pernas. Isso mesmo.

Ela gemeu roucamente.

— Vê? — ele inclinou a cabeça e tocou a boca dela com a sua enquanto seu quadril movia-se preguiçosamente contra o dela, cada movimento ainda mais tentador, mais sensual do que o interior.

Suas unhas o apertaram novamente.

— Mova as suas mãos pelas minhas costas e faça isso — ele sussurrou.

Ela deslizou as mãos pelo quadril dele e pousaram nos músculos firmes, apertando.

Ele gemeu e arqueou-se, aumentando a sua possessão.

Ela ofegou.



Ele olhou direto nos olhos dela e estremeceu. O prazer o atingiu como uma faca afiada. Ele podia enxergar tudo nos olhos dela. Ela começou a fechar os olhos, levemente embaraçada ao ser observada em um momento tão íntimo.

— Não, não feche os olhos, Winnie — ele sussurrou — Olhe para mim. Deixe-me observar você.

Ela corou enquanto o encarava. Ele ergueu-se novamente, pegando uma das coxas dela em sua mão e movendo-se de lugar, fazendo com que ela gemesse alto.

— Agora — ele sussurrou — Eu vou lhe mostrar por que os franceses chamam o clímax de uma “pequena morte”.

Ele deslizou uma mão pelas costas dela e pousou em seu cabelo. Os olhos prateados brilharam enquanto ele se mexia e seu corpo se afundava mais e mais rápido no dela, cada movimento rápido, profundo e apaixonado. Foram necessários poucos segundos para chegar ao ápice. Ela ofegou e repentinamente gritou.

— É isso — ele sussurrou roucamente quando ela se arqueou — É isso, neném, venha comigo. Vamos, vamos, empurre, empurre, empurre!

Ela estava gritando. O prazer era como uma faca afiada. Os olhos dela se arregalaram e ele a observou, rindo enquanto ela apertava o quadril dele e acompanhava seu ritmo que era tão rápido quanto as batidas de seu coração.

— Isso, neném — ele gemeu — Assim mesmo!

Ela estremeceu e estremeceu, arqueando-se, gritando, implorando com uma voz que ela mal reconhecia como a sua própria, enquanto o prazer repentinamente crescia e explodia em seu corpo como uma onda de lava derretida. Ela ofegou pelo choque. Estremeceu e gemeu, colando-se a ele enquanto era atingida pelo mais incrível prazer que já experimentara em sua vida.

O rosto dele, acima dela, contorceu-se e ele gemeu algo explosivo enquanto a satisfação dominava seu corpo como uma faísca. Ele colou o quadril ao dela e gemeu roucamente, a cabeça extasiada pelo mais incrível clímax que ele já atingira.

Ela estava ciente das próprias batidas de seu coração, como o som de uma bateria, a respiração áspera enquanto tentava recuperar o fôlego. Ela sentiu Kilraven ainda tremendo contra ela, sua voz desaparecendo enquanto ele sentia a tensão explodir.

Seus olhos eram intensos. Nunca sentira algo como aquilo. Seu rosto estava contraído e corado. Os olhos estavam fechados. O corpo dele inteiro estremeceu e quando seus olhos se abriram e ele a viu observá-lo, ele gemeu e seus tremores pareceram ainda mais profundos.

— Bom... Deus! — ele gritou e estremeceu novamente.

Ela ficou fascinada. Tudo o que havia lido não a preparara para aquilo. Ele não estava fingindo, estava realmente cego pelo prazer que ela lhe proporcionava. Impulsivamente, ela ergueu-se contra ele e mexeu o corpo sensualmente. Ele ofegou e o tremor aumentou. Ela adorava dar prazer a ele. Fazia o seu corpo todo estremecer. Ela moveu-se fervorosamente, arqueando-se, tremendo, observando-o gritar enquanto o prazer o atingia mais uma vez.

Isso levou muito tempo. Ela estremeceu novamente quando outro clímax endureceu seus músculos. Observá-lo, agradá-lo, estava lhe dando prazer novamente.

Ele sentiu o corpo dela contrair-se, sentiu ela se contraindo ao redor dele, enquanto ele gemia de prazer. Ele a deixou observá-lo, agradá-lo. Gostava dela. Não conseguia lembrar uma única vez que demorara tanto tempo com Monica. Ele sempre se segurara ao extremo, levemente envergonhado pela maneira como ela o controlava



pelo sexo. Isso era diferente. Winnie o amava. Estava tudo bem se ela o visse descontrolado, se o observasse atingindo o prazer graças a ela.

Ele estava tremendo. Fez um som profundo em sua garganta e seu corpo afundou-se no dela em uma última investida.

Ela o sentiu relaxar. Sentiu todo o peso dele, faminta pelo contato dos corpos, tão satisfeita que mal conseguia manter o fôlego.

— Uma pequena morte — ela sussurrou, e estremeceu pela última vez.

— Sim.

Ela fechou os olhos enquanto sentia a exaustão lhe deixar o corpo amolecido embaixo do dele. Os pelos de seu peito estavam molhados contra os seios dela.

Ele deslizou a bochecha pela dela com um longo suspiro.

— Loirinha... encrenqueira, — ele sussurrou. E, incrivelmente, caiu no sono.

Assim como ela, após o interlúdio explosivo e inesperado que faria com que as coisas nunca mais fossem as mesmas.



CAPÍTULO 14



WINNIE ACORDOU LENTAMENTE, ciente do desconforto em um lugar estranho. Ela se mexeu e estremeceu. Então a memória voltou inundando-a e soube por que se sentia desconfortável. Estava debaixo das coberturas, mas sem vestir uma peça de roupa. Kilraven não estava em lugar algum à vista.

Na ausência da paixão, a nudez era embaraçosa. Assim como suas pungentes lembranças do que havia dito e feito com Kilraven. Seu rosto queimava enquanto saltava para fora da cama, ainda agarrada ao lençol, e procurava suas roupas.

Tinha uma vaga lembrança de senti-las arrancadas e jogadas no chão, mas agora elas estavam dobradas numa cadeira. Em uma mesa, sua mala estava aberta.

Winnie arrastou o lençol com ela, pausando a cada par de passos para escutar, para ter certeza de que Kilraven não estava vindo pela porta. Ela pegou suas roupas íntimas, calça jeans e uma camiseta e correu para o banheiro, quase tropeçando no lençol.

ALGUNS MINUTOS MAIS TARDE, limpa, mas ainda desconfortável, Winnie saiu para o quarto com o cabelo úmido. Ela havia se esquecido de colocar um secador de cabelo na mala e não conseguia lembrar onde podia encontrar um na casa de verão.

Bem, seu cabelo era fino e o calor era suficiente para secá-lo sem qualquer ajuda, concluiu. Ela voltou para a cozinha. Estava deserta. Kilraven aparentemente colocara no lugar o presunto, o pão e a maionese, e empilhara os pratos na pia. Notável, ela pensou, o quão organizado ele era.

Olhou pela janela e ficou surpresa por ver o sol se pondo ao longe. Havia sido início de tarde quando eles chegaram do aeroporto. Ela ruborizou novamente, recordando como aquele tempo tinha sido gasto. Kilraven não era nada menos que talentoso na cama. Se ele conseguia fazer surgir uma mulher apaixonada gritando e arranhando de dentro de alguém tão tranquila quanto Winnie, ele certamente podia reivindicar habilidades incríveis.

Voltou para o quarto e desfez as malas. Ela se perguntou onde Kilraven havia ido.

ELE ESTAVA CAMINHANDO PELA praia, descalço, usando bermuda marrom clara e nada mais. Se sentia o pior tipo de traidor. Prometera a si mesmo, e à Winnie, que cuidaria dela e que nada aconteceria que tornasse uma anulação impossível. No minuto em que a tocara, todas aquelas resoluções entraram em eclipse e ele reagira como um adolescente faminto por sexo.

Contudo, recordou com algum orgulho, não fizera um estrago total da coisa. Tinha as marcas em suas costas para provar, também. Estremeceu um pouco e então riu, se lembrando das unhas dela perfurando-o enquanto ela gemia.

Kilraven não queria ter que voltar e encará-la. Será que Winnie acharia que ele tinha mudado de ideia sobre ficar com ela? Ele não tinha. Ela era doce de se ensinar e



desfrutara dela. Mas sexo era uma base pobre para um casamento. E ele deveria saber. Esta fora a única coisa que ele e Monica tiveram em comum.

Pelo menos Winnie estava tomando pílula anticoncepcional. Mas ele deveria ter tido mais autocontrole. Chutou uma concha que fora levada pela onda à praia de areia branca como açúcar e soltou uma maldição. Poderia ter chutado a si mesmo.

— O que aquela pobre concha fez a você? — Uma voz feminina inquiriu de forma divertida.

Kilraven virou a cabeça e olhou dentro dos olhos da esposa do Senador Will Sanders.

Ela era morena. Tinha cabelos longos até a cintura. Estava usando um elegante maiô preto de uma peça, com óculos escuros enormes, carregando um livro, uma toalha e uma loção bronzeadora num frasco.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Estou transgredindo os limites da propriedade? — perguntou curiosamente.

Ela riu.

— Temo que sim. Contudo, eu não sei se possuímos a praia só porque possuímos a casa em frente a ela.

Kilraven encolheu um largo ombro.

— Por que não? Pensamos que possuímos nossa praia — ele disse, e sorriu.

Ela se moveu adiante com autoconfiança e um sorriso encantador.

— Eu sou Patricia Sanders, — disse, estendendo uma mão.

Ele a apertou com firmeza.

— Kilraven, — disse.

O sorriso vacilou.

— Você é o agente do FBI...

Ele lhe deu um olhar horrorizado.

— Eu não! — Ele exclamou.

— Mas alguém disse — ela começou.

— Meu irmão, Jon Blackhawk. Ele é o agente do FBI — Kilraven disse. — Eu sou um Federal. Mas de outra agência.

Ela estava desconfiada.

— Por que você está caminhando na minha praia, agente federal?

Kilraven sorriu embaraçado.

— Estou me escondendo da minha esposa. Com esperanças de que ela não esteja esperando com um taco de beisebol quando eu voltar para a casa. É aquela ali, — acrescentou, representando ao máximo seu papel enquanto indicava a casa de verão dos Sinclair.

— Aquela é a residência dos Sinclair, — A Sra. Sanders disse, mais desconfiada.

— Sim, e Winnie Sinclair é a minha esposa. — Ele suspirou.

A suspeita se foi na mesma hora.

— Winnie?

Ele acenou com a cabeça. Suspirou outra vez, audivelmente.

— Pelo menos ela é minha esposa nesse exato momento. Mas não sei quanto tempo isso vai durar. Podemos ter o mais breve casamento da história de Comanche Wells.

Ela começou a sorrir.

— Você a deixou louca, não foi?

Kilraven estremeceu.



— Furiosa!

— Eu nunca teria pensado nela como uma mulher com um temperamento desses.

— Isto é porque nunca estive com ela desde que se casou comigo — ele disse com resignação. — Estamos casados há dois dias, seis horas e, — olhou seu relógio, — trinta minutos. Até o presente momento.

Os olhos escuros dela estavam brilhando.

— Entendo.

— Como conhece Winnie? — Ele perguntou, franzindo as sobrancelhas.

A Sra. Sanders lhe deu um olhar exasperado.

— Tenho uma casa de verão ao lado da dela, — disse com lenta deliberação.

— Oh. Oh! — Ele sacudiu a cabeça, rindo. — Desculpe. Estou um pouco lento no momento.

— Discussões fazem isso com as pessoas — concordou. Ela pareceu atormentada por um minuto.

— Seria melhor eu voltar e encarar a música — Kilraven disse decisivamente. — Foi bom conhecer você. Provavelmente não nos veremos outra vez. Eu estarei morto.

Ela riu, e foi um som delicioso.

— Não acho que Winnie realmente o matará. Vocês estão em lua de mel, não estão?

Kilraven acenou com a cabeça e sorriu.

— Estou tirando algumas semanas de folga. Mas, não podemos ficar por muito tempo. Winnie trabalha como operadora do 911, lá onde moramos e eles precisarão dela. Ela só conseguiu duas semanas.

— Uma operadora de 911? Winnie Sinclair? — Ela exclamou, chocada.

— Todos eles trabalham, — Kilraven disse. — A riqueza pode ser boa, mas todos os Sinclairs têm uma crença exagerada sobre a importância do trabalho. Especialmente Winnie. — Ele deu uma risada. — Foi como a conheci. Eu estava trabalhando em Jacobsville e ela estava no despacho²⁷. Quase me matou uma noite, mas eu me acalmei quando ela começou a chorar. Winnie é uma mulher e tanto.

— Eu gosto dela. — a esposa do senador disse. — Ela é muito doce.

— Sim, bem, ela não está louca da vida com você, não é? Minha madrastra a chama de loirinha encrenqueira.

A Sra. Sanders desatou a rir.

— Que descrição!

— Às vezes é muito precisa.

Ela hesitou. Seus olhos escuros lhe deram uma curiosa avaliação.

— Vou dar uma festa para alguns amigos locais quarta-feira à noite. Se acaso você e a encrenqueira não estiverem ocupados, poderiam aparecer por lá.

— Obrigado, mas eu não bebo — ele disse.

Ela o olhou de boca aberta.

— Não bebe? Agora você tem que vir. Eu nunca conheci um homem que não bebesse. Meu marido consegue beber um quinto de uísque numa virada só! — Ela riu.

— Bem, se estivermos livres, poderíamos aparecer por alguns minutos. Obrigado, — ele disse, tentando soar relutante.

²⁷ **Despacho** (*dispatch*): Neste caso, local onde as chamadas do 911 são atendidas através do envio de unidades policiais.



— Vou me certificar que você tenha algo sem álcool. E tenho um chefe de cozinha de classe mundial preparando o bufê. Você não vai querer perder isto.

Ele sorriu.

— Parece bom.

— Nunca recuse comida de graça, — ela lhe disse num tom conspiratório. — Eu cresci muito pobre em Oklahoma. Consegui um emprego de repórter no jornal da pequena cidade porque aprendi que se você fosse cobrir eventos onde comida era servida, se conseguia comer de graça.

Ele deu uma risada. Ela parecia travessa quando sorria assim.

— Entendi o seu ponto.

A Sra. Sanders jogou a toalha sobre o seu ombro e abaixou seus óculos escuros.

— Começaremos lá pelas seis, — ela disse. — Mas não tem um horário certo. Vocês podem aparecer a qualquer hora antes da meia-noite.

— Tudo bem. Obrigado mais uma vez.

Ela encolheu os ombros.

— Eu me canso dos mesmos rostos dia após dia. — Pelo modo que ela disse aquilo, Kilraven se perguntou se ela poderia estar falando sobre a última namorada do senador. Mas ele não estava inclinado a perguntar.

— A gente se vê — ele disse, e se virou, descendo à praia devagar pelo caminho que viera.

KILRAVEN ENTROU PELA porta de trás, hesitando. Realmente precisava que Winnie fosse àquela festa com ele. Tinha que convencê-la sem deixá-la saber o quão importante era. Se tivesse que se desculpar pelo que aconteceu de joelhos, valeria à pena. Nunca se sentira tão perto de resolver o assassinato da sua filha.

Winnie estava enroscada numa cadeira com um livro. Ela deu um salto quando o ouviu entrar no quarto.

— Oi — ela disse.

— Oi. Adivinha com quem eu acabei de me encontrar, por acaso, na praia? — Ele perguntou com lábios franzidos e olhos brilhantes.

— Vou morder a isca. Quem?

— A esposa do senador Will Sanders, — Kilraven lhe disse. Ele enfiou as mãos bem fundo nos bolsos de sua bermuda, apertando-a contra os músculos fortes de suas coxas. — Ela nos convidou para uma festa quarta-feira à noite.

Winnie ficou apenas olhando para ele, bebendo o impacto daquele corpo poderoso e viril que ela conhecia muito intimamente agora. Isso a fez formigar.

— Suponho que você queira ir, huh?

— Por que nós viemos aqui, Winnie? — Ele perguntou abruptamente.

Bem, aquilo foi direto o suficiente, ela disse a si mesma. Ruborizou-se um pouco.

— Desculpe. Não estava pensando.

Ele suspirou com raiva.

— Olha, eu fiz uma coisa estúpida esta tarde. Não era a minha intenção, e eu sinto muito.

Que bom, reduzir um febril interlúdio de paixão de tirar o fôlego numa intimação judicial de trânsito²⁸, ela pensou maldosamente.

²⁸ **Nota da tradutora Suelen Mattos:** Intimação judicial de trânsito (traffic citation) – Nos EUA, quando você recebe



Winnie encolheu os ombros.

— Sem problema. Todos nós recebemos multas por estacionar em local proibido de vez em quando.

Ele piscou.

— Estamos tendo a mesma conversa?

Ela sorriu um pouco.

— Desculpe, eu não sei onde minha cabeça estava. Certo, eu irei com você. — Winnie colocou o livro de lado. — Ela não suspeitou de nada?

— Suspeitava até eu mencionar que éramos recém casados, — ele respondeu e sorriu porque o subterfúgio funcionara tão bem quanto achou que funcionaria.

— Então a sua intuição estava certa.

— Poderia se dizer que sim.

— Bom pra você.

Ele franziu as sobrancelhas. Winnie não parecia nem um pouco satisfeita. Seus olhos se estreitaram quando viu a decepção nos olhos escuros dela.

— Tudo bem, vamos falar abertamente. Você acha que por termos desfrutado um ao outro eu vou querer ficar com você. É isso?

Ela ficou escarlate.

Kilraven sorriu friamente.

— Eu sou o seu primeiro homem — ele disse de forma direta. — Você está embrulhada em sonhos cor de rosa porque eu conheço o caminho pelo corpo de uma mulher sem precisar de um mapa. Foi só sexo, Winnie. Eu me abstive por sete anos e nós estamos casados. Simples assim. Perdi a cabeça e fui em frente porque...

— Não precisa explicar — ela o interrompeu, levantando-se, mas sem encontrar os olhos dele. — Vou admitir que saí dos trilhos por um momento. Não se preocupe com isto. Posso construir alguns sonhos, mas sei exatamente onde a realidade começa. Não tentarei trancá-lo num armário e mantê-lo como escravo sexual. Honestamente. — Ela fez uma cruz em seu coração.

A expressão dele como se alguém houvesse acertado uma torta em seu rosto.

Winnie chegou mais perto e lhe deu um tapinha no peito.

— Agora, sei que está desapontado, mas posso te assegurar que existe um montão de mulheres no mundo que guardam algemas e possuem armários. Então apenas mantenha esse espírito até topar com uma delas. — Ela bocejou deliberadamente. — Deus, eu estou com sono. Acho que vou tirar um cochilo. Assista TV se quiser. — Ela acenou uma mão sobre seu ombro enquanto caminhava em direção ao quarto onde suas coisas estavam. — Não vai me incomodar.

Winnie entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Então deixou as lágrimas rolares por suas bochechas. Mas só então. Finalmente estava aprendendo como lidar com Kilraven. A força bruta não funcionava, mas bom humor parecia dar certo. Se apenas conseguisse proteger seu coração de se partir, poderia conseguir atravessar os próximos dias. O truque, ela considerou, era não deixá-lo vê-la chorar.

uma multa de trânsito, uma das opções para acertar sua situação é "*alegar culpado com uma explicação*". Nesse caso, você terá uma audiência com um juiz onde explicará o porquê de haver infringido a lei, e poderá pedir que sua multa seja reduzida e até mesmo perdoada. A frase "*Eu fiz uma coisa estúpida. Não era a minha intenção, e eu sinto muito*" é muito usada pelos infratores durante essas audiências. Esse trecho do livro é uma alusão a esse fato, como se eles estivessem numa audiência onde Winnie é 'o juiz' e Kilraven o infrator, alegando culpa e se mostrando arrependido, visando ser aliviado de sua pena. (Ufa!!!)



KILRAVEN ESTAVA ATORDOADO. Será que realmente a ouvira dizer aquilo? Ele foi e se sentou no sofá com uma ruidosa respiração. Aquilo não era o que esperava. Tinha certeza que já havia decifrado e catalogado a pequena Winnie Sinclair. Então ela aparecia com a brincadeira de escravo sexual e ele estava de volta à primeira base. Kilraven se assustou com a novidade. Mas depois, sorriu amplamente.

WINNIE O MANTEVE À distância com sorrisos superficiais e com excursões pela ilha, e jamais o deixava se aproximar o suficiente para tocá-la. Isso pareceu irritá-lo a princípio. Então, com as brincadeiras que ela fazia, o divertia, relaxando-o. Eles passaram três dias tomando sol na praia e caminhando pela *Bay Street*.

Ela se saiu muito bem fingindo que ele era seu irmão. De vez em quando tinha que esconder um ataque de risos, porque Kilraven ficava devastador de calção de banho e quando entravam no mar juntos e ele a levantava e lhe sorria abertamente, Winnie quase perdia a pose. Mas continuou dizendo a si mesma que eles eram parentes e que não podiam fazer mais do que segurar as mãos.

Surpreendentemente, Kilraven de fato segurou sua mão enquanto caminhavam pelas filas de lojas. Ele estava mais relaxado do que ela alguma vez o vira.

— Você é diferente, aqui, — ela disse quando pararam para olhar na vitrine de uma loja algumas elegantes camisetas de turista.

— Não há nenhuma pressão real neste exato momento, — ele disse simplesmente, sorrindo para ela. — Vivo de descarga de adrenalina em descarga de adrenalina. Eu a tenho há anos. É viciante. Entre uma descarga e outra, fico apenas esperando a próxima aparecer.

— É muito estressante, — ela disse.

Kilraven ergueu uma sobrancelha.

— Oh, você não saberia sobre o assunto, — ele disse sarcasticamente.

Ela riu. Seu trabalho era um dos mais estressantes que existiam por aí. — É, mas eu realmente não gosto de pressão. Ou estresse. Ou coisas perigosas. — Ela suspirou enquanto olhava cegamente as camisetas e percebeu o quão enfadonha sua vida seria quando tudo acabasse e ele se fosse outra vez. — Eu não penso muito à frente. Apenas vou seguindo dia a dia.

Ele virou para ela, realmente interessado.

— Por quê?

Winnie fixou seu olhar em seus pés cheios de areia.

— Quando estava no segundo ano da faculdade, contraí pneumonia. Eu tinha uma boa amiga, Hilda, que vivia no dormitório comigo. — Seus olhos ficaram tristes. — Ela morreu num acidente de carro. Ficara acordada a noite toda comigo quando eu estava com febre. Ela estava a caminho da farmácia para comprar um xarope pra tosse que meu médico receitara. E morreu. Daquele jeito. — Ela se mexeu nervosamente. — Isso me assustou. Percebi como a vida era incerta e o quão curta poderia ser. Eu realmente não gostava de economia. Essa era minha especialização e eu meio que entrei nessa sem pensar. Percebi que não gostava de cidades grandes como Dallas, também. Então pedi que Boone e Clark fossem me buscar e me levassem pra casa.

— Um duro golpe, — ele comentou.

— Em relação à Hilda, sim. Mas eu estava feliz depois de estar em casa há um tempo. — Ela sorriu. — Minha melhor amiga Keely estava por perto pra me escutar e ir



aos lugares comigo. Não tinha a tensão das provas ou de ter que estudar uma matéria que odiava e senti que estava onde era o meu lugar. No lugar que eu mais amava. — ergueu o olhar para ele. — Algumas pessoas passam a vida inteira mudando de cidade em cidade, trabalho a trabalho, nunca pertencendo a nada ou ninguém, — disse com seriedade. — E isto é bom, pra elas. Mas eu não era assim, e não sabia disto até que tive uma crise em minha vida.

Kilraven evitou os olhos dela. Era assim que ele vivia. Estava feliz com sua vida. Não queria mudá-la. Não queria vínculos, estabilidade, uma família...

A mão dela em seu braço o tirou de seus pensamentos.

— Eu não estava falando de você, — Winnie disse gentilmente. — Acho que soou desse jeito.

Ele procurou seus olhos escuros.

— Eu tenho pesadelos, — disse com suavidade. — Vejo minha filha, gritando para eu ajudá-la, e estou preso e não consigo. Eu acordo suando frio. Tem sido desse jeito há sete anos.

— E você corre da dor, das lembranças e dos pesadelos, — ela disse amavelmente. — Mas não se escapa de algo fugindo dele. — Sorriu com tristeza. — Veja só, eu estava fugindo do meu pai, de sua antipatia, de sua crítica constante. É por isso que concordei em ir para faculdade em primeiro lugar. Mas no final, eu era mais infeliz longe do que em casa.

— Enfrentando a dor.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele estava muito doente nas últimas semanas de sua vida. Eu cuidei dele. Penso que ficamos mais próximos então do que alguma vez já fomos. Ele disse, — ela recordou, — que cometeu alguns erros estúpidos em sua vida e que era tarde demais. Disse que eu nunca deveria deixar a raiva decidir que caminho tomar numa encruzilhada. — Ela piscou. — Eu me pergunto se ele descobriu sobre Matt, antes de morrer.

— É possível. — Kilraven tocou o rosto dela com ternura. — Você me pegou desprevenido — ele disse enigmaticamente. — Nunca quis me envolver com você.

— Eu sei — Winnie disse, fechando a cara pra ele. — Você é um velho lobo do mar e eu sou apenas uma criança.

Ele franziu seus lábios.

— Eu tenho alguns looooongos arranhões vermelhos em minhas costas, — ele falou baixinho.

Ela ficou escarlate, deu um passo muito rápido e quase caiu. Kilraven a pegou, rindo como um diabo.

— Você nunca mais será uma criança outra vez, depois daquilo. — ele sussurrou em seu ouvido.

Winnie ruborizou, e então riu quando ele a puxou pra mais perto e a abraçou. Depois de um minuto, ele a soltou, levou-a para dentro da loja e comprou para ela uma camiseta com um tubarão usando um babador e segurando um garfo que dizia *“Combata a fome. Envie mais turistas!”*

ELES SE ENTENDERAM MUITO bem por um dia ou dois, entretanto a longa abstinência de Kilraven e o elegante e atrevido corpo dela em roupas reduzidas o venceram e atiçaram seu temperamento quente.



— Por que diabos você não pode se cobrir? — Ele perguntou furiosamente quando Winnie entrou na sala usando um vestido de verão que deixava suas costas nuas.

Ela ofegou.

— O quê?

Ele levantou do sofá e a encarou com raiva.

— Você pode saracotear por aí pelada que eu não estou nem aí, mas não ficarei casado com você quando fecharmos este caso!

Ela levantou ambas as sobrancelhas.

— Bem, eu gosto disso, — ela disse arrogantemente. — Acho que simplesmente terei que sair e encontrar eu mesma outro grande e sexy escravo sexual!

Ele não estava com humor para brincadeiras. Soltou uma maldição obscena, deu meia volta e saiu como uma tempestade pela porta, em direção à praia.

Winnie não admitiria por nada neste mundo o quanto ele a intimidava quando tinha aqueles ataques sombrios de humor. Ela tinha um pouco de medo dele, do mesmo jeito que tinha de Boone quando ele com o mesmo humor. Sabia que nenhum dos dois jamais a machucaria, mas eles podiam ser assustadores.

Pelo menos não estava recuando agora. Aquilo tinha que significar que ela estava crescendo como pessoa. Realmente machucava ouvi-lo dizer coisas como aquelas. Machucava tanto que provocava seu próprio humor. Quando Kilraven voltou, ela alegou uma dor de cabeça e foi para a cama, deixando-o sair para jantar sozinho. Ele se ofereceu para trazer alguma coisa na volta, mas Winnie jurou que não conseguiria comer. Na manhã seguinte, ela saiu cedo e sozinha para tomar o café da manhã, morrendo de fome. Passou o dia na cidade caminhando pelas ruas, só assim não teria que brigar com ele.

Mas à noite era difícil deitar na cama e ouvi-lo se debatendo e virando no outro quarto, vê-lo com os olhos vermelhos pela falta de sono e saber que as lembranças o estavam atormentado.

— Você não dorme — ela disse.

Kilraven a olhou fixamente.

— Você poderia fazer algo em relação a isto, se quisesse.

Seus olhos escuros ficaram tristes.

— Nós já conversamos sobre isso.

Ele riu friamente.

— Você acha que eu não conseguiria ir embora, não é, Winnie? — Ele perguntou num tom suave, ameaçador. — Acha que eu gostaria tanto disto que até ficaria casado com você para tê-la novamente.

— Eu não sou tão estúpida, — ela respondeu. — O que haveria para gostar, de qualquer maneira? Nem mesmo sei o que fazer com um homem, sou tão inexperiente. — Ela se virou, perdendo o súbito estremecimento dele. — Eu poderia muito bem estar vivendo na era Vitoriana. — Ela rangeu os dentes. — Quanto mais cedo isso tudo terminar, melhor! Eu só quero ir pra casa!

Ela queria. Estava acabando com seus nervos ficar tão perto dele e não tocá-lo. Aquele dia que haviam caminhado pela cidade, Kilraven fora afetuoso, relaxado, gentil. Mas desde então, ele passara a se comportar como uma serpente queimada pelo sol, irritável e desagradável. Seria doloroso, mas ela mal podia esperar para voltar ao seu trabalho. Mesmo que isso significasse ter que superar Kilraven, tudo outra vez.



A FESTA DE QUARTA-FEIRA à noite contava com a presença de uma estranha mistura de pessoas, de todas as raças e de todas as classes. Havia diplomatas, uma estrela de cinema, um cantor de música *country*, um músico, um chefe de cozinha e pelo menos duas pessoas que moravam ali na praia.

Patricia Sanders notou a surpresa de Kilraven com sua lista de convidados e sorriu amplamente.

— Eu não restrinjo minha lista de amigos a pessoas com dinheiro e influência, — ela sussurrou. — Está vendo a estrela *country* bem ali? — Ela indicou um bonito jovem loiro e Kilraven acenou com a cabeça. — Sua mãe era empregada em um motel e seu pai trabalhava para uma fábrica de chapa metálica. Ele poderia comprar e vender meu marido com que ganha anualmente.

— Nada mal — ele comentou.

— Um dos homens que mora aqui na praia era um executivo bilionário do ramo de importação e exportação, — ela acrescentou, indicando um homem alto, bonito com o físico de um lutador e cabelo preto ondulado só um pouco grisalho acima das orelhas. — Sua família foi morta num bombardeio suicida enquanto ele estava fechando um negócio no Oriente Médio. Ele jogou tudo para o alto e se mudou pra cá. Está vivendo de seus rendimentos. Não é provável que morra de fome, mesmo nesta nossa economia.

Kilraven estava franzindo as sobrancelhas ligeiramente.

— Você realmente gosta das pessoas — ele disse, surpreso.

— Sim, eu gosto — ela respondeu. Tomou um gole de sua bebida, notando que Kilraven estava bebericando um copo de *ginger ale*²⁹. Winnie estava conversando com uma socialite que ela conhecia desde a infância, próxima à mesa de bebidas. — Sua esposa ainda está furiosa com você — ela disse com olhos brilhantes.

Ele fez uma careta.

— Ela não tem certeza se quer um escravo sexual particular, mas está debatendo meu futuro. — Ele percebeu o que havia dito e realmente ruborizou. — Desculpe!

Mas ela estava quase se dobrando de tanto rir.

— Essa não é a Winnie Sinclair que eu conheço, — A Sra. Sanders disse a ele. — O que você está fazendo com ela?

— É confidencial. Sinto muito. — Ele sorriu amplamente.

Winnie, notando a camaradagem que seu novo marido estava compartilhando com sua anfitriã, se desculpou e foi juntar-se ele.

— Você está falando de mim, não é? — Ela perguntou a Kilraven. — E exatamente o que você está dizendo a Pat? — acrescentou. Eles mal haviam trocado duas palavras um com o outro o dia todo, e ali estava ele flertando como um louco com outra mulher. Aquilo a enfureceu.

— Nada comprometedor, — Pat lhe assegurou. — Apenas que você o trata como um escravo sexual particular.

Winnie ofegou em voz alta e bateu no ombro dele o mais forte que conseguiu.

— Abuso conjugal, — Kilraven murmurou, segurando seu próprio braço. — Pare com isso ou eu vou procurar um policial.

— Tem um bem ali, de fato, — Pat disse de forma divertida, indicando um Bahamiano muito escuro num uniforme branco imaculado com acabamento azul e

²⁹ **Ginger ale:** Bebida não alcoólica de gengibre



vermelho e um quepe. — Eu o convidei no caso de alguém ficar bêbado e indisciplinado.

— Eu não bebo — Kilraven lembrou.

— Eu bebo — Winnie disse com vivacidade, tomando um gole de seu uísque com soda. — Vamos começar uma briga.

Ele tirou o copo dela, com desaprovação.

— Nada mais para você.

— Meu Deus! — Winnie exclamou. — O policial das bebidas!

— Eu não sou o policial das bebidas — ele murmurou. — Sou seu marido.

— Não por muito tempo, — ela disse friamente, e seus olhos escuros pontuavam a ostentação.

— Certo, já é o bastante, — Kilraven disse com firmeza. — Você passou do limite.

Winnie lhe deu um sorriso insolente.

— Passei? E o que você vai fazer sobre isto?

Ele encolheu os ombros, olhando rapidamente para Pat.

— Foi uma bela festa. Obrigado por nos convidar. Desculpe, mas temos que ir agora.

— Eu não vou a lugar algum e você não pode me obrigar, — Winnie disse atrevidamente.

Ele franziu os lábios e seus olhos prata brilharam.

— Você acha?

Ele a ergueu em seus braços com um sorriso em direção a Pat e a carregou porta afora.

— Eu nunca o perdorei por isso! — Winnie o xingava enquanto ele subia os degraus da casa de praia em direção a varanda. Havia trovões e raios ao longe e um vento chicoteando direto do oceano.

— Eu não dou a mínima, — Kilraven disse por entre os dentes. Ele a colocou no chão e destrancou a porta. — Você chegou malditamente perto de revelar tudo!

— Eu não!

Ele a pegou no colo outra vez, fechou a porta com um chute e a carregou corredor abaixo para o quarto dela. Ele a atirou no cobertor e ficou de pé, ardendo, com as mãos nos quadris.

Winnie ergueu os olhos para ele através de uma névoa mental. Kilraven era muito atraente, mas o corpo dela estava lhe dizendo graficamente que não estava pronta para mais ginásticas no quarto. Estava extremamente dolorida.

Os olhos dele se estreitaram.

— No caso de você estar se perguntando, eu não estou no clima — ele disse de forma curta.

— Isso é muito bom — ela respondeu entusiasticamente — porque eu perdi minhas algemas e meu chicote!

— Você perdeu... — ele começou, confuso. Então entendeu. Seus lábios se comprimiram. — Você não vai me algemar!

— Estraga prazeres, — ela murmurou. — Tudo bem, então pode ir assistir televisão. Eu irei apenas ler um livro ou coisa assim.

— Que diabo deu em você? — Ele explodiu.

Winnie deitou de costas na colcha da cama, esticando seus braços e pernas.

— Eu sou uma vítima de sacrifício — ela disse de modo teatral — esperando o vulcão entrar em erupção.



— Winnie...

Ela virou a cabeça e olhou para ele através de uma névoa rosada. Até sorriu.

— Você é dinamite pura na cama — ela murmurou. Seus olhos se fecharam, perdendo o olhar surpreso no rosto dele. — Se nos divorciássemos amanhã, eu poderia viver daquela noite pelo resto da minha vida. Foi... simplesmente... incrível — Ela estava adormecida.

Incrível. Kilraven sorriu involuntariamente. Vasculhou a cômoda e retirou uma camisola de seda amarela com apliques de renda. Ele a segurou no alto e a avaliou com absoluta apreciação masculina. Seus olhos se desviaram para Winnie. Seria bem feito para ela se acordasse vestindo aquela camisola e não soubesse como entrara naquilo. E ele apreciaria o processo.

WINNIE SE SENTOU NA CAMA com a cabeça pulsando. Não conseguia lembrar o quanto tivera que beber, mas deve ter sido em excesso. Lembrava-se vagamente de ter uma discussão muito pública com Kilraven e depois ser carregada à força de volta pra casa. Baixou o olhar para si mesma com surpresa. Mas ela certamente não se lembrava de ter colocando *aquela* camisola. Bem, tinha um monte de coisas que provavelmente não lembrava. Ela não tinha a cabeça boa para o álcool. Mas simplesmente ficara deprimida com o modo que Kilraven tinha se comportado nos últimos dias. Como já era esperado dele, ela pensou friamente. Então recordou o que ele dissera sobre abstinência. Talvez ele não conseguira evitar. Mas isso não desculpava o que ele fizera. Maldito seja, ela pensou furiosamente. Ele nunca deveria ter lhe tocado em primeiro lugar. Agora as coisas ficaram complicadas.

Quando Winnie levantou e procurou pela sua cartela de pílulas anticoncepcionais, as coisas ficaram muito mais complicadas. Parecia que na confusão e pressa da viagem deles, deixara as pílulas para trás, no apartamento de Kilraven. Isso significava que havia deixado de tomar duas delas. Ela se lembrava das instruções vividamente. Sua mão foi em direção a sua barriga e ela tragou, com dificuldade. Estas eram exatamente as duas semanas entre os períodos, a pior e a mais perigosa época para ter relações íntimas, porque seus períodos eram regulares.

Ela tinha que manter a calma. Era improvável que concebesse depois de apenas uma vez. Bem, mais precisamente três vezes, ela corrigiu, e ruborizou. Impressionante que um homem pudesse fazer aquilo. Havia lido que eles só aguentavam fazer uma vez. Talvez Kilraven não lesse livros sobre sexo. Então lembrou algumas das coisas que ele havia feito com ela e chegou à conclusão de que ele devia ter lido bastante.

Bem, isso não poderia ajudar agora. Ela apenas precisaria ter esperança de que não houvesse consequências de sua negligência. Kilraven a mataria. Ele *teria* que matá-la, se fosse o caso, porque se estivesse grávida, de jeito nenhum iria interrompê-la, não importa o que acontecesse.

ELA RECEBERA UM TELEFONEMA INESPERADO mais tarde naquela manhã.

— Oi, é Pat — veio a resposta animada quando ela atendeu o telefone. — Gostaria de fazer compras comigo na *Bay Street*?

Winnie riu constrangida.

— Tem certeza de que quer ser vista em público comigo depois de ontem à noite?



— Qualquer um pode ficar levemente embriagado, querida. Eu faço isso o tempo todo. A cabeça está doendo?

— Nem tanto. Tomei uma aspirina.

Ela riu.

— Vamos. Eu a pegarei em frente a sua porta. O que me diz?

— Tudo bem, — Winnie disse, tentando soar relutante. — Acho que Kilraven pode viver sem mim por algumas horas.

— Você ainda o chama por seu último nome? — Pat perguntou, incrédula.

— Ele não gosta que as pessoas usem seu primeiro nome, e eu fiquei sabendo que ele realmente jogou alguma coisa em seu próprio irmão quando ele usou o apelido para isto, — Winnie respondeu. — Estou protegendo o meu traseiro.

Houve uma pausa sugestiva.

— Sêrio?

— Oh, pare com isto. — Winnie riu.

— Venha fazer compras. Será a manhã das garotas saírem.

— Eu estarei lá fora na porta da frente em cinco minutos. Não estou vestida direito.

— Nem eu, querida. Venha como está. — Ela desligou.

Winnie colocou um bonito vestido de verão branco com estampas amarelas e sandálias de tiras brancas, passou o pente em seu longo cabelo, pegou sua bolsa e começou a descer o corredor. Estava vestindo a coisa mais ousada que trouxera consigo, e esperava que isso o fizesse uivar louco de desejo.

Kilraven estava parado no final do corredor, suas mãos nos bolsos de sua bermuda, que estava vestindo com uma camisa branca aberta que exibia seu peito largo, musculoso, com cabelos encaracolados.

— Aonde você vai? — Ele perguntou friamente.

Ela chegou mais perto.

— Sair para encontrar homens! — Exclamou com grandes olhos. — Uma vez que estaremos divorciados em breve, estou no mercado à procura de um novo escravo sexual! Primeiro vou a um bar, depois vou me sentar no piano com minha saia lá em cima...

— Winnie — ele rosnou.

Ela fez uma careta.

— Pat e eu vamos fazer compras.

— Belo trabalho — ele disse com um elevar de sua sobrancelha.

— Não foi meu — Winnie respondeu friamente. — *Ela* me convidou.

Os olhos dele deslizaram sobre ela com uma nova sensação de posse. Ele conhecia aquele jovem corpo esbelto como nenhum outro homem já conhecera. Ela pertencia a ele.

Winnie viu aquele olhar, e isso a irritou. Ele nunca se aproximaria dela outra vez.

— Pergunte a ela sobre seu cunhado, se puder fazer isto sem deixá-la desconfiada — ele disse. — Estamos muito perto de acabar com tudo agora.

Nós. Aquilo era quase engraçado. Não havia nenhum “nós,” havia somente a obsessão de Kilraven em encontrar o assassino da sua família. Winnie pensou sobre isso e se acalmou. Ela estava perdendo sua perspectiva, e isso nunca poderia acontecer. Eles não eram um casal feliz em lua de mel. Eram investigadores. Tinha que manter isso em mente. O futuro era o seu trabalho e o dele, não uma casa com cercas brancas.



— Eu posso fazer o que preciso fazer — ela disse solenemente. — Não vou estragar tudo.

Ela o fez se sentir culpado. Kilraven estava lançando-a de cabeça, exaustivamente numa tentativa de vingar dois assassinatos. Ele não achava que ela poderia acabar na linha de tiro, mas não podia garantir.

— Se sentir que qualquer coisa está errada, recue — ele disse de forma curta. — Não ponha a você mesmo no meio de qualquer coisa.

— Pat não vai me matar — ela disse.

O rosto dele enrijeceu.

— Não intencionalmente.

— Obrigada — ela murmurou. Começou a caminhar em direção à porta.

Kilraven agarrou seu ombro quando ela passou por ele e olhou para o seu jovem, quieto e solene rosto. Não gostou do que viu. Ele a empurrara para esta viagem contra a vontade dela. Agora estava tentando pôr a culpa daquele tórrido interlúdio nela. Isso não era justo.

— Não. *Eu* agradeço, — ele disse suavemente. — Você não queria vir pra cá. Eu a intimidei para que viesse. Agora estou te culpando por coisas que não são culpa sua. — Ele suspirou. — Eu sinto muito pelo que aconteceu quando chegamos aqui. Eu simplesmente... perdi o controle.

Bem, aquilo era melhor que nada, ela supôs.

— Eu perdi o controle também — respondeu. — Não tem problema.

— Você tem certeza que está tomando anticoncepcional?

Seu rosto queimou. Ela desviou os olhos.

— Claro que tenho!

O carro estacionando lá fora na frente interrompeu a conversa.

— Eu vou voltar — ela disse, se afastando.

— Se você precisar de mim, estarei com meu celular.

Ela encolheu os ombros.

— Se houver uma crise relacionada a escolher uma blusa, me certificarei de chamá-lo.

— Muito obrigado — ele murmurou.

Ela se virou e fez uma reverência.

— Nosso objetivo é agradar. Você sempre pode assar alguns biscoitos ou arrumar o quarto se ficar sem coisas para fazer, — acrescentou descaradamente.

— Minha madrastra tinha razão. Você é uma loirinha encrenqueira! — Ele gritou atrás dela, irritado além da discrição.

— Paus e pedras³⁰... — ela cantou de volta.

Maldições murmuradas a seguiram degraus abaixo.

Patricia estava com ambas as janelas do carro abaixadas e estava rindo quando Winnie subiu no banco do passageiro da reluzente Mercedes bege.

— O que foi tudo isso? — Ela perguntou.

— Ele não acha que seja seguro fazer compras sem ele — Winnie murmurou. — Suponho que pense que eu vá tropeçar nos meus saltos, cair na baía e ser comida por gaivotas!

Patricia franziu os lábios e voltou sua atenção para o volante.

³⁰ **Paus e pedras:** Referência a uma rima infantil comum nos EUA, que diz: "*Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca irão me ferir*".



— O mais breve casamento da história de Comanche Wells, huh? Estou começando a achar que pode estar correto!

DE VOLTA À CASA DE PRAIA, Kilraven estava preocupado. Havia algo no modo como Winnie desviou os olhos quando lhe perguntara sobre estar tomando anticoncepcional. Ele entrou no quarto dela e prosseguiu a fazer aquilo em que era o melhor. Quando terminou, tinha certeza que Winnie não trouxera nada com ela para impedir a concepção de uma criança. Não a menos que estivesse levando as pílulas com ela. E aquilo, assim que ela voltasse, seria sua prioridade. Ele iria descobrir.



CAPÍTULO 15



WINNIE FICOU ANIMADA enquanto elas desciam a *Bay Street*, no meio da multidão de turistas carregando sacolas e tagarelando. Elas estavam nas proximidades de *Prince George Wharf*, um porto com navios de cruzeiro. Esta era uma das cidades mais sofisticadas do hemisfério, mas ao mesmo tempo era como uma pequena vila de pescadores. Havia grandes redes de hotéis misturadas a casas um pouco afastadas da estrada em bosques de palmeiras. Winnie amou tudo aquilo.

— Não é surpreendente que a velha Colônia Britânica ainda esteja aqui? — Winnie perguntou. — Caso contrário, Nassau estaria mudando tanto que eu não conseguiria acompanhar.

— É incrível — Pat disse, sorrindo. — A antiga grande dama das Bahamas. Quanta história.

— Eu adorava vir para cá. Então papai decidiu que precisávamos de nosso próprio lugar.

— Eu amo a sua casa.

— Obrigada. Eu também.

Patrícia a observava com curiosidade. Passou por um arco para um recanto com um galho de primavera subindo pelas paredes, onde tinha uma lanchonete a céu aberto de sopas e bebidas.

— Vamos beber alguma coisa — ela disse.

— Um suco de frutas para mim — disse Winnie com um gemido. — A minha dor de cabeça ainda não passou.

— Coitada. Você realmente não deveria beber.

— Eu sei.

Patrícia fez um pedido e depois levou as bebidas para uma pequena mesa de pedra com banquinhos. Ela entregou um copo a Winnie.

— Eu também não deveria beber — ela disse e a máscara de felicidade desapareceu. Ela colocou seus óculos escuros de lado com um suspiro. — Mas é a única coisa que impede de me suicidar.

— Pat!

— Não se preocupe, não faz meu tipo. É só... — Ela tomou um gole de sua bebida e suspirou. Ela olhou para Winnie. — Eu não sou uma idiota, você sabe.

— O quê?

— Primeiro, um detetive de homicídios reabre um caso antigo de assassinato dos familiares de Kilraven e meu marido faz pressão sobre o comissário de polícia para fechá-lo novamente. Isso depois de um assassinato em Jacobsville, que levantou suspeita no gabinete de polícia de Austin. Então, morre uma jovem, que trabalha para o senador Fowler. Isso é seguido por ataques a ambos os detetives que estão trabalhando no caso da família de Kilraven, depois que o senador Fowler o reabriu — olhou para Winnie com seus olhos negros rapidamente. — Então você e Kilraven aparecem ao lado de minha casa de praia.

Winnie era uma boa atriz. Ela tinha sido a protagonista no segundo ano. E deu um sorriso radiante a Patrícia.



— Grande dedução — ela estendeu a mão esquerda, para mostrar sua aliança cravada de diamantes. — Então, eu me casei com Kilraven só para vir aqui e fazer-lhe perguntas sobre um assassinato... — Ela franziu o cenho. — O que qualquer um poderia ter feito.

Patrícia parecia atordoada.

— Você matou alguém? — Winnie perguntou, chocada.

Pat revirou os olhos.

— Oh, pelo amor de Deus, eu devo estar ficando paranóica — ela tomou um grande gole de sua bebida. — Meu marido está galinhando por todo o Texas com uma líder de torcida que ainda está no colegial, e figurões da mídia estão tentando pegá-lo no ato para conseguir deflagrar o próximo grande escândalo político. O velho segurança de Will está ameaçando um Pastor. Minha sogra... O que no mundo é problema para você?

— Desculpe. Eu nunca ouvi falar de ninguém ameaçando um Pastor — ela disse com uma risada. — Nosso Pastor é careca, tem uns sessenta anos e não machucaria uma mosca. Ele ficou ao lado de meu pai quando estava morrendo — Ela estava chocada ao ouvir Pat falando de um velho segurança fazendo ameaças.

— Isso soa estranho, não é? — Pat perguntou — ela tomou outro gole — Ele disse que o homem estava tirando fotos que não deveria. Agora eu lhe pergunto, em que mundo isso é normal?

— Sei lá — disse Winnie descuidada. Ela sorriu. — O que você vai fazer sobre a líder de torcida? — Ela perguntou.

Pat piscou.

— O que tem ela?

Winnie apoiou o queixo na mão.

— Se fosse comigo, eu iria vê-la.

Pat limpou a garganta e tomou outro gole. Um dos grandes.

— Não, se você tem um marido com um empregado, como Jay Copper, você não acha?

— Oh, o ele que poderia fazer? Ameaçá-la?

Pat olhou para ela beber e tomou outro gole. E outro. Ela piscou.

— Havia uma garota, uma vez — ela disse — Como a líder de torcida. Ela veio em uma dessas nossas festas. Eu peguei Will com ela. Estava drogada, fora de si. Ela nem sequer sabia o que estava acontecendo. Eu fiz com que ele a levasse para a sua casa. Ele disse a Jay para levá-la — ela tomou outro gole.

— Eu ouvi falar que um policial a levou de volta para casa — disse Winnie — ela franziu o cenho. — Seu pai tem um Jaguar novo e todas as acusações foram retiradas, não é?

Pat balançou a cabeça.

— Essa nunca voltou para casa. Ela foi encontrada... — Ela parou de repente e olhou para Winnie, com uma expressão aterrorizada. — Você não deve dizer a ninguém o que eu lhe disse, especialmente a seu marido. Prometa-me!

— Ok, eu prometo — disse Winnie, cruzando os dedos mentalmente. Ela ficou tão chocada que mal podia dar conta de manter a farsa. Jay Copper! Não Hank Sanders, mas o velho segurança da família tinha levado a menina que foi encontrada morta. — Eu não entendo por quê.



— Isso não importa — ela pousou a bebida na mesa. — Eu e minha boca grande! Eu venho tendo medo da morte por anos e me mantive isolada, para me assegurar que eu nunca diria nada...!

Winnie colocou a mão sobre a dela.

— Eu nunca faria nada para colocar sua vida em perigo — ela disse seriamente. — Eu quero que você saiba disso

Pat relaxou.

— Obrigada — ela fez uma careta. — Eu não posso falar com ninguém. Meu marido me segue por todos os lugares aonde vou. Eu sempre estou olhando por cima do meu ombro. — Ela olhou para trás e congelou.

Winnie virou. Havia um homem de terno que usava óculos escuros, de pé ao lado de um sedan preto.

— Você o conhece? — Winnie perguntou.

— Não.

— Ele provavelmente está apenas à espera de um cliente — Winnie disse suavemente. — Você tem que relaxar! Você está ficando paranóica. Honestamente. Seu marido gosta de meninas. Isso faz dele um cachorro, mas não um assassino.

Pat olhou em seus olhos.

— Você acha mesmo? — ela perguntou ansiosamente.

— Claro que sim!

Pat colocou suas mãos no rosto.

— Eu bebo muito. Falo muito. Vou acabar sozinha num rio em algum lugar qualquer, num dia desses.

— Agora você está realmente paranóica. Temos que ir. Se você ficar aí sentada, é que o álcool vai ser o número um na sua vida. Venha. As lojas estão à nossa espera!

Pat riu.

— Eu acho que sim — levantou-se. — Você é muito boa — ela disse. — Eu só te conhecia das festas, e você sempre parecia estar em um canto enquanto Boone e Clark estavam atraindo as atenções. A propósito, como eles estão?

— Boone casou-se com a minha melhor amiga. Eles estão muito felizes.

— E Clark?

Ela balançou a cabeça.

— Clark se enrola com uma garota selvagem após a outra. A atual, no entanto, parece ser diferente. Ela é uma bibliotecária.

Patrícia sorriu.

— Eu gostaria de ter irmãos e irmãs.

— Você pode ficar com Clark — Winnie ofereceu.

A outra mulher a interrompeu.

— Não, obrigada. Estou feliz como eu sou.

Elas saíram da lanchonete. O homem de terno pegou um telefone celular e começou a discar.

WINNIE ESTAVA ASSUSTADA com o que tinha descoberto, mas colocou uma máscara de felicidade e passeou por toda Nassau com Pat. Já estava escuro quando elas saíram e chegaram à casa de praia de Winnie.

— Bem, as luzes estão acesas — disse Winnie. — Talvez ele ainda esteja lá.

— Você tem que parar de lutar contra ele — aconselhou Pat.



— Não. Se você parar de lutar contra um homem como esse, ele passa por cima, com tudo. — Winnie respondeu com firmeza. — Eu não sou capacho de ninguém.

Pat balançou a cabeça.

— Lamento que vocês não tenham conseguido conhecer um ao outro mais cedo.

Winnie olhou para ela.

— Eu também — ela sorriu. — Mas antes tarde do que nunca.

Pat parecia triste.

— Não. Não vai ser assim — De repente, ela ligou o rádio do carro e agarrou o braço de Winnie, puxando-a mais perto. Seus olhos estavam perturbados. Ela falou no ouvido de Winnie — Escute, se eu não estiver aqui amanhã, ele provavelmente vai me mandar para Oklahoma, na velha casa da família dele — disse ela rapidamente. — Jay Copper estará lá, e eu tenho medo do que ele poderia fazer. Ele saberá que eu falei com você... Seu marido tem um rancho perto de lá. Encontre uma desculpa para ir lá com Kilraven. Encontre-me. Você pode fazer isso?

— Por que...?

O telefone celular de Pat começou a tocar. Ela agarrou-o e abriu, desligando o rádio ao mesmo tempo.

— Sim? — Seu rosto empalideceu. Ela roeu o lábio inferior. — Sim. Sim, eu vou. Agora? Muito... muito bem — ela desligou. Seu rosto era trágico. — Eu tenho que ir — ela se inclinou mais para perto. — Lembre-se do que eu disse!

Winnie saltou para fora do carro. Pat partiu sem dizer mais nada.

QUANDO ELA ENTROU pela porta, Kilraven estava esperando. Ele estava de pé no *hall*, pronto para fazer as malas.

— Vamos — ele disse rapidamente. — Eu tenho um avião a caminho para nos apanhar. Estamos indo para Oklahoma.

— Você nos ouviu! — Ela exclamou.

— Sim e alguém mais também — ele se virou. — Teremos sorte se ela conseguir permanecer viva por tempo suficiente até chegarmos lá.

— O que você quer dizer com isso?

Ele se virou.

— O carro estava grampeado.

— Por você? — Ela perguntou esperançosamente.

— Sim. E, provavelmente, pelo velho segurança da família. Dê-me sua bolsa.

Ela entregou-lhe sem pensar. Ele abriu-a jogou seu conteúdo sobre a mesa do café.

— Isto são as escutas? — Ela perguntou preocupada.

Ele ficou ereto e seus olhos estavam em chamas.

— Onde estão suas pílulas? — Ele perguntou friamente.

Seu coração pulou na garganta. Ela tinha caído direto na armadilha. Não demorou para descobrir que ele já havia procurado em seu quarto. Ela sentou-se e respondeu com um suspiro profundo.

— Elas ainda estão na gaveta do lado da cama no seu quarto de hóspedes. Na corrida para o aeroporto, me esqueci delas.

Ele não disse uma palavra.

Ela olhou para ele.



— Sim, eu sei que o risco é exponencial, se você perder um dia da pílula — ela o encarou. — Mas eu não esperava ser lançada em uma cama e violentada depois que você me prometeu que nada ia acontecer!

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu sou um homem — ele resmungou.

Ela suspirou.

— Oh, sim, você é! — ela disse com tal sentimento que ameaçou a indignação dele.

Ele se virou.

— Nós temos que alcançá-la em Oklahoma — ele disse.

— Você acha que eles vão tentar matá-la?

Ele balançou a cabeça.

— Muitas pessoas já morreram tentando encobrir o que aconteceu.

— Você sabe o que aconteceu?

— Eu acho que sim — ele disse. — Muito disso é a teoria, mas eu fui juntando os pontos e acho que descobri. E eu falei com sua mãe no telefone há poucos minutos. Ela preencheu em mais algumas lacunas que estavam em branco. Faça as malas e eu a colocarei a par de tudo no caminho para o aeroporto.

ELE O FEZ, SUCINTAMENTE.

— O senador deu uma festa e convidou uma de suas conquistas, uma menina que era apenas uma adolescente e tinha colocado muita maquiagem e recheado seu suéter, além de fingir estar na faculdade. Ele drogou-a e se divertiu com ela, até que mulher dele o pegou. Ele protestou, mas em seguida a menina se deu conta, percebeu o que tinha feito, e começou a gritar acusando-lhe e disse sua verdadeira idade. Ele disse a Jay Copper que a levasse para casa. Assim ele fez, mas com um desvio para que pudesse desfrutar dela também. O senador não foi o único homem que gostava de meninas na casa. Ela lutou, ele dominou-a, e em algum lugar da luta, ela morreu.

— Caramba — ela disse pesadamente.

— Por isso, Copper teve que encobrir tudo. Ele forjou um acidente de automóvel, destroçou o corpo para que ela não fosse reconhecida e resolveu a situação. O senador provavelmente ficou horrorizado quando soube o que seu braço direito tinha feito, mas ele não podia passar por um escândalo; pois havia acabado de ser eleito como um senador do estado e tinha um cargo muito maior em sua mira. Viu um mundo totalmente novo de estabilidade financeira, se abrindo para ele. A menina teria lhe custado a carreira. Ele não poderia ser arruinado por uma adolescente que lhe fizesse ameaças de ir à mídia.

— Mas, a sua filhinha? — Ela começou.

Ele apertou a mandíbula.

— Monica costumava sair com um rapaz que trabalhava para o senador Sanders. Ele e Hank eram amigos. Hank disse-lhe o que aconteceu, e ele disse a Mônica. Eu não sabia disso na época, não até hoje, quando sua mãe cavou a informação em um arquivo morto e ligou para o meu celular para me contar. O ex-namorado de Monica foi morto, mas antes de morrer, ele falou com um detetive e disse que tinha informações sobre a morte de uma adolescente que tinha sido desfigurada para encobrir sua identidade.

— Oh, não — ela disse ao perceber onde ele iria chegar.



— É isso mesmo. Hank se deu conta que Monica sabia a verdade, e poderia falar para alguém. Então ele enviou dois homens ou mais, provavelmente até Jay Copper, para ter certeza que ela não o faria. Minha filha estava lá com ela. Ela não era um alvo, apenas estava no caminho — ele mordeu o lábio inferior. — Eles não contavam com a vítima de Jacobsville que por amor, se converteu em um religioso e contou tudo a um Pastor.

— Se Marquez não tivesse falado à mídia sobre o Pastor, ele também estaria morto.

— Não há dúvida sobre isso.

— Pat me contou que o velho segurança da família estava ameaçando um Pastor que estava tirando fotos, que não deveria. Não é necessário muito trabalho para descobrir quem, ou porque estão envolvidos — ela disse.

— Sim. Eu liguei para Jon e disse-lhe para ter uma conversa com o Pastor, por garantia.

— Bom para você — ela balançou a cabeça. — Todas essas pessoas... Todas mortas, por causa de uma adolescente que fez uma grande besteira e teve de ser silenciada.

— Sim. O pior de tudo foi que não consegui descobrir quem a menina era realmente até três anos depois de sua morte. Seus pais foram mortos por eles. Eles pensaram que sua filha tinha sido sequestrada. Juntaram-se aos grupos de apoio e importunaram a polícia para encontrá-la. Então, eles morreram em um terrível acidente automobilístico numa tempestade de neve no Colorado, antes que pudessem saber a verdade.

Ela fechou os olhos.

— Querido Deus. E a verdade foi embora com ela.

— Não, ela não foi — disse Kilraven com a voz mais fria que ela tinha ouvido.

— Mas não há testemunhas — ela argumentou. — Se eles puderem calar a mulher do senador...

— É por isso que nós estamos indo para Oklahoma — ele disse — Eles não irão silenciá-la.

Seus olhos escuros brilhavam com sentimento.

— Eles deveriam colocar o senador e seu irmão na cadeia por mais de cem anos!

— Eu estou pronto para isso. Mas há uma possibilidade muito real de que o senador não faça ideia do que seu irmão pretendia fazer.

— Isso é arrepiante. Mas ele tentou impedir a investigação.

— Ele estava protegendo o irmão — ele disse e suspirou. — Eu faria o mesmo por Jon — olhou para ela. — Você faria isso por Boone, Clark ou Matt.

Ela assentiu com a cabeça.

— E o meu tio? Como ele está vinculado a isto, você sabe?

Ele balançou a cabeça.

— Ele provavelmente conhecia alguém na cadeia, mas não sabia nada de específico o suficiente para fazer dele um alvo. A única ligação que temos é a garrafa térmica. E isso pode vir a ser um beco sem saída. Ele poderia ter emprestado para a vítima do assassinato.

— Eu gosto de Pat — ela disse — Espero que possamos salvá-la — ela olhou para ele. — Não é possível chamar o FBI?

— E dizer-lhes o quê? Que temos um possível assassinato? Eu não gravei a fita, Winnie. É a sua palavra contra os melhores advogados do senador. Ele pode fazer o



inferno fora do FBI, se eu colocar Jon nisso — ele não acrescentou que sabia que Garon Grier tinha sido visto com Hank Sanders recentemente. Isso ainda era um enigma para ele.

Ela rangeu os dentes.

— Você é um espião! Não conhece espiões, que poderiam ajudar?

Ele riu.

— Eu não sou um espião. Eu sou um agente da inteligência.

— É uma questão de semântica — ela argumentou.

Ele franziu os lábios.

— Eu não acho que alguém dentro da lei possa fazer muito por nós. No entanto, conheço algumas pessoas de fora dela.

— Talvez o irmão malvado do senador também conheça.

— Não. Esses caras são bons. Eu devia saber — acrescentou ele quando começou a discar seu telefone celular. — Eu treinei cada um daqueles condenados... Alô? Coloque Rourke na linha.

FOI COMO UM PASSEIO NA MONTANHA RUSSA para Winnie, que nunca sonhou fazer parte de uma investigação de assassinato colocando sua própria vida na linha de fogo. Era emocionante.

Eles desembarcaram no Aeroporto Regional de *Lawton-Fort Sill*. Kilraven estava muito impaciente para esperar por um dos vaqueiros para conduzi-los até a cidade e então alugou um Lincoln. Eles dirigiram devagar até o rancho, para o deleite de Kilraven.

Isso foi uma surpresa para Winnie, que aproveitou para conhecer o grande rancho. Agora ela entendia porque Kilraven se enquadrava tão bem nas festas de sociedade. O rancho "*O Orgulho Do Corvo*", foi construído como uma *hacienda* espanhola repleta de graciosos arcos que abrigavam uma longa entrada. Era tão grande que preenchia o horizonte à medida que se aproximava. As pastagens tinham cercas imaculadamente brancas ao longo de meia milha de estrada asfaltada até o rancho. Em cada lado da estrada, o belo e puro gado Black Angus pastava em fardos de feno fresco. Eles bebiam sua água em contêineres climatizados.

— É surpreendente — disse Winnie, olhando pela janela. — Isso faz com que o nosso rancho pareça de brinquedo!

Ele riu.

— Este lugar tem mais de cento e cinquenta anos — disse a ela. — Vou lhe contar a história daqui qualquer dia. Tem a ver com os corvos que realmente chamam os lobos para as carniças, para que eles possam ter as melhores partes após os lobos terem feito o trabalho sujo. Jon e eu não conseguimos dar conta dela, apesar de não passarmos muito tempo aqui. Nós temos um competente gerente e alguns subgerentes encarregados das operações de rotina.

— É lindo.

Ele sorriu.

— Cammy mantém o mobiliário de época. Ah, não — acrescentou com uma careta. — Esse é o carro dela. — Era um Mercedes lustroso, dourado e personalizado, estacionado na porta da frente.

— Não se preocupe — disse Winnie facilmente. — Minhas lâminas precisam ser afiadas antes que eu ataque alguém.



Demorou um minuto, e então ele sorriu. Sua esposa era cheia de surpresas.

Ele levou-a até a varanda da frente e jogou as chaves para um vaqueiro alto e magro.

— Traga todas as malas e, em seguida, coloque o carro na garagem, Rory.

— Sim, senhor.

Ele levou Winnie para dentro, onde Cammy estava esperando, de braços fortemente cruzados em seu peito.

— Ficaremos aqui apenas por dois dias — disse Kilraven de uma vez.

— Não tem problema, eu estava saindo — disse Cammy rapidamente.

— Isso não poderia ser melhor — disse ele. Ele se inclinou e beijou-a na bochecha.

— Estamos prestes a meter o nariz em uma situação altamente explosiva com a vizinha, a esposa de um senador. Ela é a chave para resolver o que aconteceu com Melly.

Cammy deixou cair a pose ativa imediatamente.

— Oh, não, você não deve se matar — disse preocupada.

— É a única chance que tenho de solucionar o caso — disse ele suavemente.

Cammy olhou para Winnie.

— Você está pondo sua vida em risco, também? — Ela perguntou inquieta. — Você acaba de se casar!

— Não é um casamento real — Winnie disse calmamente. — Tivemos de convencer a mulher do senador, de que tínhamos um motivo legítimo para irmos a Nassau.

— Mas você *está* casada — Cammy argumentou. Ela olhou para Kilraven, consternada. — Ela é uma loirinha encenqueira — disse surpreendendo-o — mas é exatamente o que você precisa. Você deve mantê-la.

Winnie ficou boquiaberta.

Cammy olhou para ela e pareceu incômoda.

— Somos muito difíceis nesta família — ela explicou. — Ambos os meus filhos são casos difíceis. Você não pode deixá-los passar por cima de você.

— Sem problema — disse Winnie, recuperando o seu equilíbrio. — Meu pai não me criou para ser um capacho.

Cammy realmente sorriu.

— Estive conversando com sua mãe — ela disse, mais uma vez surpreendendo-a. — Uma mulher verdadeiramente impressionante — olhou para Kilraven, que também estava chocado. — Ela não o encontrou em seu telefone celular, então ligou para cá. E disse que um de seus contatos deu a palavra que o irmão do senador Sanders estava a caminho da velha casa dos Sanders e ele não estava sozinho.

— Quando ela fez a chamada? — Kilraven perguntou.

— Cerca de dez minutos atrás.

Ele foi ao armário das armas na sala de estar, abriu e começou a tirar as armas. Ao mesmo tempo, pegou o celular, fazendo uma careta quando percebeu que estava desligado e o ligou. Telefonou para o chefe do Departamento de Polícia de Lawton, um amigo dele, e informou-lhe sobre o problema. Ele ouviu e sua expressão foi esfriando. Não respondeu o que tinha sido aconselhado a fazer, simplesmente desligou.

Começou a carregar armas.

Winnie parou incerta ao lado de Cammy.

— Você não vai ficar no meio de tiroteio — disse Winnie preocupada.



— A não ser que alguém atire em mim primeiro — ele armou a grande 45 automática e deslizou no coldre do ombro tinha acabado de colocar. Estendeu a mão e pegou outra arma, que parecia um pequeno rifle automático.

Winnie estava decidida.

— Eu vou com você.

Cammy gritou para ela.

— Não!

— Não! — Kilraven disse, ao mesmo tempo.

— Eu posso ligar para Pat e fingir que eu estou aceitando seu convite para uma visita — disse ela rapidamente. — Você pode se esconder no banco de trás. Eu deixarei você sair antes de chegar a casa.

Ele franziu a testa. Isso não estava funcionando da maneira como ele tinha planejado. A ideia de Winnie estar na linha de fogo era de repente horrível para ele.

— Eu vou sozinho! — Ele gritou.

— Não, você não vai! — Ela respondeu. E o agarrou pelos dois braços e lhe deu uma sacudida realmente. — Você está pensando com o coração e não com a cabeça. Você tem que ser racional. Eles estarão esperando que vá com armas em punho, você ouviu Pat falar comigo. Vai se matar. E o que acontecerá?

Ele não respondeu. Seus olhos estavam brilhando.

— Você pode me deixar usar uma escuta — ela disse. — Eu posso conseguir uma gravação.

Agora, ele reagiu mal.

— Não. Nem no inferno.

— Se você estiver certo, este é o único caminho, uma vez que todas as testemunhas estão mortas!

Ele não queria nada mais do que uma prova. Até agora, quando olhou para sua pequena esposa. Ela era tão jovem, tão corajosa. Imaginou-a do jeito que ele tinha visto Mônica pela última vez, virada para cima, mutilada por um tiro de espingarda...

— Eu não vou deixar — ele disse secamente. — Eu não vou arriscar sua vida, nem mesmo por uma prova.

Winnie olhou-o com as sobrancelhas arqueadas.

— Bem! Eu não pensei que você só me quisesse algemada em um armário e mantida como escrava sexual!

Cammy engasgou e depois caiu na gargalhada da expressão chocada de Kilraven.

— Desculpe — Winnie disse a ela. — É uma piada particular — largou os braços de Kilraven. — Você tem que me deixar fazer isto. Muitas pessoas morreram. É hora dos culpados serem detidos.

Kilraven hesitou.

— Você tem o equipamento para fazer uma escuta, não é? — Ela perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Então vamos lá, antes dele matar Pat e fugir com tudo.

Cammy caminhou até ele.

— Ela está certa — disse solenemente. — Se ela tiver coragem de fazer isso, você deve tê-la também.

As duas mulheres trocaram um olhar silencioso.

— Tudo bem — disse Kilraven. — Mas você vai fazer exatamente o que eu disser — disse a Winnie com firmeza. — Eu estou nesse inferno a muito mais tempo do que você.



Ela concordou

Ele fez um som áspero e gutural e foi pegar o equipamento.

— Ele vai cuidar de você — Cammy disse suavemente.

Winnie sorriu.

— Eu sei disso. Se eu não confiasse nele, não teria me oferecido para ir.

Cammy tocou suavemente seus cabelos loiros.

— Minha bela loirinha encrenqueira, — ela falou com ternura.

Winnie sorriu.

— Você só está ‘me dando manteiga’ porque sabe que eu sei ‘fazer pão caseiro’.

Cammy riu.

KILRAVEN DEU A ELA UMA ESCUTA e uma pistola de pequeno calibre que se encaixaram perfeitamente em sua bolsa. Ele esperava que ninguém da antiga casa do senador Sanders pudesse revistá-la. Mas se ela desempenhasse bem seu papel, eles poderiam cair fora sem problemas. Winnie teve um curso de formação básica em armas de fogo, quando começou a trabalhar no departamento. Ela era uma pessoa singular, o Chefe Grier disse.

Ele estava indo com ela, mas sairia do carro a uma curta distância da casa enquanto ela se dirigia para a entrada. Era arriscado. Ele odiava colocá-la nessa situação. Mas ela estava certa. Era a única maneira que poderia levar o assassino à justiça. Hank Sanders e seu irmão político pagariam pelo que tinha acontecido à Melly, Monica e todas as outras vítimas.

Eles deixaram Cammy em casa e saíram juntos no carro alugado.

— Meu Deus, eu espero que o carro seja seguro para batalhas — disse Winnie pensando em voz alta.

Ele estremeceu.

— Não diga isso. A ideia é não entrar em uma.

Ela suspirou, virando-se para ele a caminho do lugar do condutor. O olhou com um sorriso sacana.

— Agora, não tente levar um tiro. Se você acabar no hospital, nós ficaremos muitas semanas sem sexo.

Ele riu. Ela realmente era uma bonequinha. Mais do que desejou, ele também gostava dela. Agora, não estava pensando em suas pílulas extraviadas ou num futuro sem ela, ou nem mesmo a um retorno ao seu estilo de vida estressado e perigoso. Ele só pensava no dia hoje. Ficou sério.

— Tem certeza que quer fazer isto?

Ela assentiu com a cabeça.

Inclinou-se e roçou-lhe a boca muito suavemente. A sensação era diferente. Ele sorriu e fez isso novamente.

— Você dirige. Eu atiro — ele sussurrou, lembrando um filme policial antigo que eles tanto gostavam e falaram no passado.

Ela riu.

— É isso aí.

Ela pegou no volante e ele subiu no banco de trás, armado até os dentes.

— Você está pronto? — Ela perguntou sem olhar por cima do ombro.

— Pode apostar que sim. Vamos.



WINNIE DISCOU O NÚMERO do celular de Pat. Ele tocou e tocou. Ela rangeu os dentes. Seu plano perfeito pode ter ido por água abaixo se Hank Sanders já houvesse chegado ao rancho...!

Justamente quando ela estava prestes a desistir e em pânico, ouviu a voz de Pat na linha. Era afobada e rápida.

— Alô?

— Alô! É Winnie Sinclair! — Disse ela alegremente, fingindo que não tinha nenhuma preocupação na vida e ninguém escutando a chamada. — Você disse para aparecer quando voltasse de Nassau, e aqui estou eu!

— Wi-Winnie?

— Sim. O que há de errado? — Ela perguntou inocentemente. — Você me convidou para conversar sobre esse projeto de vocês? Você sabe o fundo do furacão, para ser mantido em um depósito nas Bahamas...? — Ela estava forjando uma história até que Pat entendesse.

— Oh. Oh! Sim, sim, eu falei, tinha esquecido.

— É conveniente para você agora? Esqueci-me de ligar mais cedo. E já estou a caminho.

Houve uma pausa, vozes murmurando. Pat voltou à linha.

— Tem alguém com você? — Ela perguntou.

— Comigo? Quem poderia ser... Oh, você quer dizer o meu marido — disse ela em tom áspero. — Não, ele não está comigo. Ele voltou para San Antonio para resolver alguns casos. E não estamos nos falando.

— Eu entendo.

— Ele pode ficar em San Antonio para sempre que eu não me importo. Talvez eu possa até voltar para Nassau. Mas isso é problema meu não seu. Eu adoraria tomar um café ou um chá ou até mesmo água com você. Apenas não mencione meu marido para mim — acrescentou com firmeza.

Pat riu nervosamente.

— Não. Eu não mencionarei. Certamente, você pode vir. Uh, você pode estacionar na frente, ok? Você sabe como chegar até aqui?

— É claro — disse Winnie sagazmente. — Eu fiz uma busca do seu rancho no Google e já tenho o caminho. — Ela riu.

Pat riu também, mas não com humor.

— Tudo bem. Eu vou esperar por você.

— Até já — Winnie desligou e deixou escapar um suspiro.

— Bom trabalho — Kilraven disse calmamente. — Muito bom.

— Se isso der certo, vou entrar na fila para conseguir um emprego no FBI como agente secreto — ela disse a ele.

— Sobre o meu cadáver — ele murmurou. — Ok, diminua a velocidade quando chegar à garagem — disse ele, indicando um edifício longo e baixo, logo antes da casa. — Eu vou pular fora. Você tem a arma. Sabe usá-la, se tiver que usar?

— Eu posso fazer tudo o que for preciso — ela disse entre dentes cerrados.

Ela sentia uma grande mão em seu ombro.

— Bom, então vamos.

Ela assentiu com a cabeça.

— Então vamos.



Ela reduziu a velocidade, perto de onde se avistava a casa, e ele rolou para fora, fechando a porta suavemente atrás dele. Ela manteve-se dirigindo com os olhos no rancho que se estendia a sua frente. Pisou no freio e desligou o motor.

Quando ela pegou sua bolsa e saiu do carro, percebeu que havia um grande homem de cabeça branca, em pé no topo da escadaria. Ele estava vestindo uma camisa branca de gola aberta com calças escuras e parecia conhecido. Muito conhecido.

— Oi — Winnie disse com alegria forçada. — Eu sou Winnie Sinclair. Vim para ver Pat.

— Ela está lá dentro — disse o velho num tom ríspido. Ele sacudiu a cabeça em direção a porta da frente e ficou de lado. Mas deu-lhe um olhar que a fez arrepiar.

Ela assentiu com a cabeça e caminhou em frente. Seus joelhos estavam batendo, sabia que eles estavam. Mas Kilraven estava lá fora em algum lugar. Ele iria protegê-la.

Pat estava esperando por ela.

— Venha — ela disse com um brilho forçado. — Que bom que você se ofereceu para ajudar com o meu projeto! Vamos conversar na sala.

Winnie se sentiu estranha sendo conduzida para uma janela que tinha alguns vasos de plantas.

— Você está louca? — Pat sussurrou freneticamente. — Copper fez algumas ligações antes da minha chegada. Hank está a caminho daqui agora mesmo...!

— Não se preocupe — Winnie disse suavemente. — Está tudo bem.

— Tudo bem? — Pat passou a mão pelo cabelo dela. — Eu ouvi Cooper dizer ao seu sobrinho que estava vindo para ter a certeza de que eu nunca falaria nada que soubesse sobre essa menina morta. Ele disse que tinha matado tanta gente, que uma a mais não faria diferença. E isso tudo porque um garoto estúpido ameaçou dizer o que fez com ela!

O coração de Winnie gelou. Ela sabia que a escuta estava gravando toda essa conversa. Se ela fosse pega usando isso, sua vida estaria perdida.

— Eu nunca achei que você fosse aparecer aqui. Winnie, eles vão nos matar!

Winnie, que tinha aprendido a demonstrar calma quando estava sob pressão num trabalho em que a vida dependia disso, colocou uma mão suavemente no braço de Pat e sorriu.

— Vai dar tudo certo — ela disse suavemente. — Você tem que confiar em mim.

— O que você vai fazer?

Winnie suspirou.

— Bem, eu não tenho nenhuma ideia agora. Mas tenho certeza que algo surgirá.

Ouviu passos pesados e Jay Copper entrou na sala com um homem mais jovem. Ambos eram corpulentos e não sorriam, e se a morte tivesse um rosto, seria essa. Winnie agarrou sua bolsa. Seu coração disparou quando ela se perguntou se teria tempo para sacar a pistola.

Jay Copper sorriu.

— Você pensa que é tão esperta — ele continuou. — Como se eu não soubesse que veio correndo prá cá logo depois que se despediu dela em Nassau. Você sabe muito bem, senhora.

— Meu marido é um Agente Federal — Winnie começou a dizer, escondendo seu medo.

— Pro inferno! Seu marido está em San Antonio. Eu estava ouvindo quando você falava com Pat — acrescentou e Winnie fingiu estar perturbada.



— Nós daremos conta das duas aqui, não é? — O homem mais jovem perguntou friamente. — Hank não vai gostar. Seu irmão estaria bem no meio do escândalo.

— Hank está a caminho. Ele vai nos ajudar — disse Jay facilmente.

Winnie sentiu-se mal. Estava tudo dando errado. Kilraven era apenas um homem. Mesmo tendo a certeza de que ele estava lá fora, esses homens eram rápidos e inteligentes e ambos estavam carregando grandes pistolas automáticas. Se tentasse derrubá-los, ela e Pat estariam mortas. A pistola que a tinha feito sentir-se tão segura há dez minutos, agora parecia apenas um peso morto em sua bolsa.

Como se soubesse disso, Jay de repente estendeu o braço e tirou a bolsa de suas mãos, abrindo-a. Ele deu uma gargalhada quando tirou a pequena arma.

— Você achou que iria machucar alguém com essa coisinha? — Ele perguntou. — Arma de brinquedo — E entregou-a ao homem mais jovem. — Melhor ir e tirar o carro dela daqui, para que ninguém o veja. — Atirou-lhe as chaves, que estavam na bolsa.

Antes de o homem sair, havia o som de outro carro se aproximando. Jay olhou pela janela e ficou tenso até que o carro que chegava fosse visto, então relaxou.

— É apenas Hank — disse ele. — Vá em frente. Tire o carro daqui.

— Pode apostar que sim, patrão.

Ele caminhou para fora. Winnie e Pat trocaram olhares preocupados.

A porta de um carro bateu, em seguida, de outro. Houve uma pausa e um som estranho, e depois passos subindo os degraus rapidamente. Um homem alto e impressionante entrou na casa. Tinha cabelos e olhos pretos, com uma proeminente cicatriz na face. Estava vestindo um terno de grife e sapatos polidos como um espelho. Ele hesitou na porta e olhou para Pat por um longo momento. Só então seus olhos se voltaram para Winnie e Jay Copper.

— O que está acontecendo? — Questionou a Copper.

— Apenas outro pequeno tropeço em um plano perfeito. Nada para você se preocupar. Por que veio? Eu disse que ia lidar com isso. Eu sempre lido com os problemas do senador — sorriu. — Ele é o meu menino. Seu pai o criou, mas quem o colocou na barriga de sua mãe fui eu. Ela sempre esteve interessada em mim, e não no homem velho e rico com quem se casou.

Hank não sorriu desde que entrou, seus olhos escuros encararam o velho.

— Você está criando problemas para o Will, não está ajudando.

— Ah, com certeza. Problemas — seu rosto escureceu. — Onde diabos você estava quando ele seduziu aquela garota estúpida e louca naquele quarto? Onde você estava quando ela acordou nua e gritando e disse que o melhor amigo de seu pai era um reporter em San Antonio e ela iria lhe contar tudo! Onde você estava quando Will cravou-me os olhos, assustado como a morte e pediu-me para ajudá-lo? — Ele amaldiçoou. — Eu consertei tudo para ele, pois era um adolescente. Eu sempre estive próximo para ajudá-lo. Ninguém machuca meu filho enquanto eu estiver vivo!

Winnie estava de pé ao lado de Pat congelada, sabendo que tudo que o horrível homem confessasse estava indo direto para um dispositivo de gravação. Iria condená-lo. Se ela vivesse para testemunhar sobre isso.

— Eu estava servindo o meu país — disse Hank calmamente.

— Oh, sim, servindo seu país. Você é tão ruim quanto eu — ele zombou. — Você é responsável por todo jogo ilegal do estado. Como é que serve o seu país?

Os olhos de Hank se estreitaram.

— O que você está tramando?



— Por que você não volta para San Antonio e me deixa lidar com isso? —Copper perguntou. — Eu sei o que estou fazendo.

— Você vai se dar mal.

— Não, não, essas são as últimas pessoas que sabem alguma coisa sobre o caso — ele franziu a testa. — Bem, há também aqueles detetives, mas eles não têm provas de nada. E o Pastor já foi informado que sua igreja será incendiada e sua congregação morta se ele falar com um policial de novo enquanto viver.

Hank se aproximou do homem, sorrindo.

— Você já fez muito. Eu posso fazer isso por você. Eu saio com Rourke no carro. Ele é bom com as mulheres.

Winnie sentiu seu estômago revirando, mas ainda assim sentiu que havia algo de familiar naquele nome, algo que ela deveria se lembrar...



CAPÍTULO 16



ENQUANTO WINNIE TENTAVA recordar por que aquele nome soava tão familiar, Hank Sanders esperava por uma resposta.

Jay Copper hesitou, mas apenas por um minuto.

— Não, Peppy pode me ajudar. Ele acabou com Dan Jones e com aquela mulher que trabalhava para o Fowler — ele zombou — Nós nos livramos de todos que possam conectar Will com a morte da garota. Eu estou treinando Peppy. Ele já está pegando o jeito.

Hank aproximou-se. Ele sorriu.

— Sim. Está tão estúpido e inconsequente como você. Sim, sim — ele disse rápido. Sua mão estava próxima do estômago do outro homem — Você não quer pegar essa arma. Sabe por quê? — a mão dele moveu-se na direção do homem — Porque essa é uma Glock e está carregada. Além disso, existem duas armas apontadas para a sua cabeça. Faça um único movimento e você ficará tão morto quanto suas vítimas.

A boca de Pat se abriu. Assim como a de Winnie. Aquele cara estava se voltando contra os seus próprios companheiros?

A porta se abriu e Kilraven entrou acompanhado por um homem alto e loiro que tinha um tampão sobre um dos olhos. Os dois carregavam armas.

Winnie quase desmaiou de alívio.

— Eu consegui gravar! — ela exclamou feliz.

— Querida! — Rourke disse com paixão, aproximando-se dela.

— Toque nela e você acabará em um lugar que nenhum outro homem de sua divisão já esteve — Kilraven gritou.

Rourke deu meia volta e caminhou na direção de Hank e Copper.

Hank virou-se na direção de Kilraven.

— Eu espero que você tenha trazido algemas — ele disse — Onde está Peppy?

— Dormindo no chão dos fundos do estacionamento — Kilraven disse, respirando aliviado ao ver que Winnie estava inteira e sem machucados. Vê-la em perigo havia sido um dos piores momentos de sua vida.

— Cortesia de seu amigo — Rourke disse com um sorriso — Você mesmo o treinou, não é? — ele perguntou a Cooper — Muito eficiente.

— Vá para o inferno — Copper disse enquanto era algemado — Seu traidor! — ele gritou para Hank — Você estava trabalhando com os federais o tempo todo?

Hank entregou a arma a Rourke.

— Desde o minuto em que eles encontraram Dan Jones no rio em Jacobsville — ele disse evasivo — Eu nunca consegui provar que você matou a adolescente, mas eu sabia que você havia matado Dan Jones pela maneira como ele foi morto e pensei que talvez pudesse conseguir evidências para incriminá-lo por isso. É por isso que você merece a prisão, por matar um homem de tal maneira que ninguém poderia reconhecê-lo. Você achou que eu havia esquecido?

— Bajulador de policiais! — Copper zombou dele — Eu acabarei com você, nem que isso me leve ao corredor da morte!

Hank deu de ombros.



— Tente — ele disse e parecia tão ameaçador quanto o outro homem — Eu tenho amigos dos dois lados da lei.

— Ele não tem muitos do nosso lado. Eu não me preocuparia muito — Rourke disse zombeteiro.

— Rourke — Kilraven gemeu.

Hank riu.

— Deixe ele falar. Ele e o filho podem dividir a mesma cela.

— O que você quer dizer? — Copper perguntou hesitante.

— Os federais pegaram Will a mais ou menos duas horas — Hank disse — E também lhe negaram uma ligação até que eu conseguisse chegar aqui e salvar Pat — ele olhou por sobre o ombro na direção dela — Will tentou ligar, para avisar você, mas ele não conseguiu passar por Copper.

— Legal da parte dele — Pat disse entre dentes — Ele perderá a sua posição no senado.

— Ele perderá um pouco mais que isso — Hank disse. Ele aproximou-se. Seu rosto estava rígido — Lembra-se da garota cujo pai não permitiu que ela denunciasse Will por estupro?

Pat concordou.

— Um detetive de San Antonio conseguiu que ela prestasse queixa, mesmo que tarde.

Winnie sorriu. Podia imaginar quem era o detetive.

— Ele vai para a prisão, não vai, Hank? — Pat perguntou.

— Com certeza — ele respirou fundo — Você vai ficar do lado dele, como a esperançosa mulher e protegê-lo da mídia? — ele perguntou asperamente.

Bom Deus, Winnie pensou, esse era um comentário estranho. Então ela o encarou e percebeu por que ele havia arriscado tanto para salvar Pat.

Pat evitou olhar para ele.

— Eu pensei que você estivesse até o pescoço no sindicato do crime.

— Oh, eu estou — ele disse amargamente — Eu devia um favor a Garon Grier e eu paguei. Mas eu nunca matei ninguém, muito menos uma jovem inocente — ele acrescentou, encarando Copper, que o olhou de longe, onde Rourke o colocara temporariamente — Will sabia o que Copper havia feito, e manteve em segredo até hoje. Ele contou, pouco antes de eu chegar aqui. Ele confessou tudo. Meu meio irmão, cúmplice do assassinato mais horrendo que eu já ouvi falar — ele encarou Copper friamente — Eu espero que eles prendam vocês dois! Um homem que é capaz de fazer uma coisa dessas com uma garotinha merece o mesmo tratamento!

Hank subiu no conceito de Kilraven. Ele tinha uma visão diferente do homem. Até agora.

— Will disse que ela pediu por isso — Jay Copper zombou — Essas jovens garotas são umas vadias. Elas provocam os homens mais velhos que não tem bom senso.

Kilraven via a sua garotinha no chão, coberta de sangue, imaginando o que teria acontecido se ela tivesse uns anos a mais.

Hank aproximou-se e colocou uma mão no ombro dele.

— Eu devia ter contado antes. Eu tive um pressentimento sobre a jovem, e até mesmo sobre o namorado da sua ex-mulher. Mas eu nunca achei que meu irmão fosse capaz de encomendar a morte de mãe e filha.

— A mulher sabia o que eu havia feito! O ex-namorado contou tudo para ela — Jay zombou — Eu mesmo o matei.



Kilraven virou-se. Seus olhos estavam sombrios.

— Foi você! Você matou a minha filha!

Copper ergueu um ombro.

— Não. Foi Dan Jones. Eu o mandei para pegar a sua mulher, depois que o homem contou tudo para ela. Dan não devia ter machucado a garota, ela somente entrou no caminho. Eles dizem que foi por isso que ele começou a frequentar as igrejas e tentar se redimir do seu passado. A consciência dele dói. Ele ia contar tudo ao ministro — Jay sorriu friamente — Mas eu o peguei primeiro.

— E quanto à garrafa? — Winnie perguntou — A garrafa térmica do meu tio foi encontrada onde o carro estava.

Copper franziu a testa.

— Que garrafa? Oh, sim, alguém emprestou a Dan quando a dele foi roubada. Eu pedi que Peppy se livrasse dela. Dan estava indo encontrar um policial em Jacobsville. Nós o ouvimos no telefone com a namorada, então eu e Peppy dirigimos até Jacobsville e o pegamos. Ele gritou como uma garotinha.

Garotinha. Garotinha. Melly, erguendo os braços para ele. Melly, sorrindo, dizendo “eu amo você, papai. Nunca esqueça”.

Kilraven deu dois passos na direção do homem.

Winnie entrou na frente dele, muito calma e segura, e colocou as mãos no peito dele.

— Não — ela disse suavemente — O sistema judiciário funciona. Apenas lhe dê uma chance. Não lhe dê a saída mais fácil após tudo o que ele fez.

Kilraven a encarou. Ele hesitou, enquanto os instintos dele entravam em conflito. Ele queria matar o homem com as próprias mãos. Melly havia morrido porque esse idiota tentara livrar o filho da justiça. Mas muitas pessoas já haviam morrido.

Winnie o encarava de uma maneira amorosa, suave. Ele acalmou-se, só de olhar para ela. Ela lhe dava conforto. Ela lhe dava paz. Pela primeira vez em anos, ele estava se livrando da melancolia negra que o rodeava. Ele respirou fundo.

— Ok.

Ela sorriu para ele.

— Boa garota — Hank murmurou encarando Winnie — Pena ela ter casado com você quando eu estou disponível.

— Ei, eu também estou disponível, e não estou do lado errado da lei — Rourke brincou.

Kilraven balançou a cabeça. Rourke era terrível. Ele virou-se para Hank.

— Você pode mudar — ele sugeriu — Funcionou com Marcus Carrera.

— Por que você acha que ele começou trocando o seu quadro de funcionários? — ele perguntou consternado. Mas então ele olhou para Pat — Eu também não sei.

Pat olhou para ele também. Quase esperançosa. Hank sorriu. Pat corou e desviou o olhar.

— Eu preciso voltar para San Antonio. Os empregados de Will ficarão histéricos, e também é preciso lidar com a mídia. Obrigada — Pat disse incluindo Kilraven, Rourke e Winnie em sua gratidão — E você — ela disse a Hank — Eu achei que você ia ajudá-lo a me matar — ela disse com culpa.

Ele tocou levemente a bochecha dela.

— Eu não sou assassino de damas — ele disse com um sorriso fraco.

— Bem, eu sou — Rourke disse da sala ao lado — Ou seria, se pudesse passar por Kilraven!



Kilraven fez uma careta, e não sorriu.

— Ela é minha esposa, maldição! E se você ousar sorrir para ela, eu farei com que seja o primeiro soprano do mundo com um olho só!

Rourke ficou quieto.

— Sim, senhor.

Winnie observava Kilraven com um sorriso muito estranho. Aquilo parecia ciúme. Claro, ele podia estar brincando...

Ele virou-se e a encarou. Ela corou até o pescoço. Oh, não. Ele não estava brincando!

GARON GRIER APARECEU alguns minutos depois com uma equipe de federais, que Winnie achou fascinante. Ela contou sobre o avô a eles, e sorriu quando um deles reconheceu o nome que estava em um dos corredores de honra que ele vira. Hank e Grier afastaram-se para conversar, depois que um enlouquecido Jay Copper e seu sobrinho foram levados algemados.

Pat estava arrumando as malas. Rourke estava mantendo-se afastado de Winnie. Kilraven a levou até uma sala e retirou a escuta.

— Eu estou orgulhoso de você — ele disse baixo — Muito orgulhoso. Você podia ter morrido.

Ela sorriu.

— Não ia acontecer com você e os seus colegas me cobrindo. Embora eu deva admitir que Hank Sanders foi um choque.

— Para mim também, até que sua mãe mencionou tê-lo visto com Grier. Ninguém no Texas poderia suspeitar de que Garon Grier estivesse envolvido com o crime organizado. Ele é um escoteiro de verdade.

— Um bom — ela concordou. Em seguida o encarou — O que foi?

Ele esperava por aquela pergunta. Ele respirou fundo.

— Nós precisamos de espaço para respirar. Apenas algumas semanas. Eu preciso de tempo...

— Sim — tempo para curar as cicatrizes foi o que ele quis dizer. Tempo para sofrer pela filha. Talvez até mesmo pela mulher. Ela sorriu — E quanto a isso? — ela mostrou a aliança.

Ele pareceu desconfortável.

— Eu não tenho tempo para pensar nisso agora. Nós conversaremos depois.

Boa resposta. Suave. Muito suave. Ela aproximou-se.

— Eu devo guardar as algemas?

Ele deu uma gargalhada. Os outros homens o encararam curiosamente, mas ele apenas ergueu uma mão e saiu com Winnie.

CAMMY QUASE SUFOCOU Winnie quando ela chegou em casa.

— Eu estava com tanto medo. Por vocês dois — ela acrescentou abraçando Kilraven também. Ela bateu nele.

— O que foi isso? — ele perguntou chateado.

— Por me assustar! Não faça isso novamente! — ela rugiu. E então o abraçou ainda mais.



WINNIE VOLTOU AO trabalho na amanhã seguinte para fazer o turno da tarde. Ela pediu licença no meio de uma ligação, pedindo que Shirley a cobrisse enquanto ela corria até o banheiro e vomitava por cinco minutos. Quando ela voltou, fraca, pálida e segurando uma toalha molhada contra o rosto, Shirley virou-se e cantou suavemente de sua mesa.

— Nana neném...!

Todos ao redor de Winnie sorriram.

Ela fez uma careta.

— E ninguém conte a Kilraven — ela murmurou — Ou encontrarão problemas!

— Atos e ameaças terroristas — Shirley sussurrou.

— Tudo bem. Eu pertenço à sociedade antiterrorismo de Jacobsville — ela zombou.

No dia seguinte Shirley a presenteou com uma camiseta com aquele emblema. Ela a levou para casa e a vestiu para o jantar.

— VOCÊ DEVIA CONTAR A ELE — Boone avisou.

— Definitivamente — Clark acrescentou.

Matt lançou-lhe um olhar longo e infeliz.

— Eu sinto falta de jogar com ele.

— Eu sinto falta de brigar com ele — Gail suspirou, ainda recuperando-se, e doente por estar afastada do trabalho.

— Você devia apenas contar a ele — Keely disse gentilmente.

— Eu não vou contar nada a ele — Winnie disse firme — Ele ficaria por culpa — ela suspirou — Eu não ouço falar dele há três semanas. Ele não queria se casar novamente e não queria outro filho.

— Oh, claro, isso é óbvio — Clark murmurou, indicando o ventre avantajado da irmã.

Winnie o encarou.

— Às vezes as coisas acontecem.

Todos riram exceto Matt, que ficou perplexo.

— Não se preocupe, em alguns anos você entenderá mais do que entende agora — a mãe disse passando a mão na cabeça dele.

Winnie riu com eles, mas estava deprimida. Inevitavelmente alguém a veria e diria a ele. Bem, se alguém o encontrasse. Winnie não tinha ideia de onde ele estava. Apenas esperava que ele não tivesse cruzado o oceano em alguma missão perigosa. O que Jay Copper havia dito devia ter lhe causado ainda mais dor.

A mídia estava ganhando o dia com o senador Will Sanders. Ele estava na prisão esperando por uma denúncia e havia carros em toda a rua onde o centro de detenção estava localizado, sem mencionar aqueles que estavam ao redor da casa do senador. Pat havia escapado até Nassau. Hank Sanders também estava fora de contato com os seus associados. Ninguém sabia onde ele estava. Assim como Kilraven, Winnie pensou. Ela tocou o ventre e sorriu. Adorava estar grávida. Talvez ela pudesse morar em Nassau, ter e criar o neném lá, e Kilraven nunca saberia. Ela torceu os lábios. *A Sociedade Protetora de Bebês e Catadores de Praia de Jacobsville*. Ela deu uma gargalhada. Quando contou aos outros no que estava pensando, eles também deram.



KILRAVEN TINHA PASSADO duas semanas em seu apartamento, sem contato com o mundo, até mesmo com o irmão, enquanto finalmente sofria pela filha. Tinha vídeos dela que nunca tivera coragem de assistir. Agora, ele os pegou e saboreou cada sorriso, cada pequena gargalhada. Ali estava ela em sua primeira festa de aniversário, em um belo vestido, olhando para a câmera, caminhando, caindo, pegando brinquedos e os colocando na boca. E rindo. Sempre rindo.

Ali estava ela em sua segunda festa de aniversário, com alguns amigos, observando o bolo de aniversário enquanto Monica brincava, Kilraven sorria e inclinava a câmera em ângulos enquanto a filmava. Então foi o vídeo da terceira festa, ela usava um vestido escarlata e meia-calça branca. Ela corria até o pai, batendo na câmera. Ela deitava no chão, filmando os pés, enquanto Kilraven a pegava e girava no ar, e ela ria, ria, beijava a bochecha dele e dizia “eu amo você, papai. Nunca esqueça”.

Nunca esqueça. Ele falou em voz alta, junto com ela, e seus olhos se encheram de lágrimas. Até Winnie, nunca derrubara uma em sete anos. Ele afastara a lembrança, a colocara de lado, a ignorara, usara a raiva e a fúria para evitar lidar com o que lidava agora: A certeza de que sua filha estava morta e ele nunca mais a veria em toda a vida. Ele não a veria sair para o seu primeiro encontro, comprar um vestido bonito, passar pela agonia e êxtase da adolescência, formar-se no ensino médio, ir para a faculdade, ter uma carreira, casar-se e formar uma família. Ele sentiria falta de tudo aquilo. Agora ele se sentava em frente a televisão, olhava o belo rostinho que era tão parecido com o seu, como uma flor que havia acabado de desabrochar e havia sido podada no mesmo instante. Melly estava morta. Melly estava morta.

Ele apoiou a cabeça nas mãos e chorou. As lágrimas o cegaram. Elas o confortaram. Elas o ajudaram. Depois de alguns minutos, ele forçou-se a olhar a tela. Ele apertou o botão para começar. E ali estava Melly, ainda viva, ainda rindo, ainda dizendo “eu amo você, papai. Nunca esqueça”.

— Nunca, querida — ele disse roucamente — Sempre. Enquanto eu viver.

Mais tarde, ele procurou as fotos que havia guardado quando ela morrera. Ele as pegou, tirou o pó e colocou na mesa próxima à televisão.

— Nós pegamos o homem, Melly — ele disse ao rosto sorridente da garota — Nós pegamos o homem que acabou com a sua vida. E ele pagará com a sua própria. Você pode descansar em paz agora, querida. Ele não se safou dessa.

Ele tocou a foto e esboçou um sorriso.

— Eu amo você. Nunca esqueça — a voz dele falhou ao dizer a última palavra.

TRÊS MESES DEPOIS, após voltar de um trabalho em uma nação Africana que ele nunca poderia admitir ter visitado, ele entrou no centro do 911 como se estivesse fazendo um passeio, vestindo uma calça comprida larga, um suéter de gola alta e uma jaqueta por cima. Os mesmos sapatos polidos, o mesmo andar arrogante. Mas ele não estava tão confiante quanto aparentava. Especialmente quando Winnie o avistou ao sair da cantina e congelou.

Ele não entendeu por que ela parecia tão infeliz até olhar para baixo e ver a evidência em seu ventre. Ela estava usando o uniforme padrão do 911, uma camiseta azul e calça escura. Mas a camiseta não estava presa na calça, estava solta sobre a pequena protuberância. Ela parecia muito sensual, ele pensou.



Ela deixou escapar um suspiro e pareceu resignada ao perceber que estava perdida. Ela caminhou na direção dele e parou. Ele era tão alto. Ele inclinou-se na direção dela. Ela o olhou com resignação nos suaves olhos castanhos e esperou que ele explodisse e saísse dali.

A última coisa que ela esperava que ele fizesse era pegar um pequeno saco de doces e entregar a ela.

Ela franziu a testa.

— O que é isso:

— Sorvete de morango e pickles — ele disse brincalhão. Em seguida sorriu — Eu andei lendo esses livros e eles dizem que mulheres grávidas não resistem a isso.

Ela ainda tentava ajustar-se ao sorriso. O sorvete estava congelando sua mão. O pote de pickles estava pesado. Kilraven enlouquecera.

Ele inclinou-se e a beijou gentilmente.

— Olhe mais no fundo — ele sussurrou.

Ainda franzindo a testa, ela enfiou a mão no saco e sentiu o metal. Ela deteu a própria mão, o encarando atônita.

— Algemas — ele sussurrou. O sorriso se tornou maior.

Ela estava ciente de que olhares curiosos estavam pousados neles. Ela sentiu-se inquieta. Ele parecia tranquilo. Ela voltou a olhar o saco. Algemas?

— Você não pode ser uma escrava sexual sem algemas — ele disse alto suficiente para que as pessoas ao redor ouvissem.

— Seu animal! — ela exclamou batendo nele e rindo incontrolavelmente.

— Você pode pegar as minhas algemas emprestadas sempre que quiser, Winnie — Uma das operadoras que também era policial em Jacobsville ofereceu enquanto saía pela porta.

— As minhas também — outra oficial gritou.

— Ótimos colegas de trabalho — Kilraven sorriu — Quando eu posso levá-la para casa? — ele acrescentou.

— Eu já estava saindo — ela gaguejou — Eu preciso pegar o meu casaco e a minha bolsa no armário.

Ele segurou o saco de doces.

— Eu esperarei por você no saguão — ele sussurrou.

Ela apenas concordou. Caminhou até o armário atordoada. Ela mal conseguia ver os rostos sorridentes dos amigos durante o caminho até a porta e até o Jaguar, enquanto Kilraven abria as portas para ela.

Ela entrou e colocou o cinto de segurança. Em seguida o encarou enquanto ele se acomodava.

— Você está bem?

Ele sorriu.

— Eu estou bem. Tive algumas semanas difíceis, mas acho que já passei pelo pior.

Ela sorriu também.

— Eu acho que você notou que eu estou grávida.

Ele deu um risinho.

— Muitas pessoas notaram — ele disse — Marquez me contou há duas semanas, mas eu havia acabado de voltar de uma viagem internacional e precisava resolver algumas coisas antes de vir até aqui e recomeçar com você.

— Recomeçar?

Ele concordou. Ele entrou na Estrada.



— Um apartamento não é o lugar para criar um filho. Mas nós precisaremos ficar lá enquanto procuramos uma casa. Está tudo bem para você?

Ela concordou cegamente.

— Enquanto isso, eu convidei a sua família para o jantar. Jon vai cozinhar. Cammy vai estar lá também — ele deu um risinho — Então você não tem desculpa para não vir comigo. Certo?

Ela estava começando a sentir-se como um tesouro.

— Certo.

— É disso que eu gosto. Concordância fácil.

— Então é melhor você pedir o divórcio e se casar com um capacho, Kilraven — ela avisou.

Ele riu.

— Sem chances — ele a encarou — McKuen.

Ela hesitou.

— McKuen — ela disse suavemente.

Ele piscou.

— Cara, você não sabe o que isso causa na minha pressão sanguínea.

— Bom saber que eu não estou totalmente desarmada na guerra dos sexos.

Ele sorriu e gemeu suavemente.

ELES CHEGARAM AO apartamento dele e encontram a família inteira no saguão.

— Nós não tínhamos a chave e Jon está vindo de Dallas, então ele se atrasará um pouco — Boone explicou com um sorriso.

Kilraven riu.

— Desculpe. Eu não pensei na chave. Não tem problema — ele caminhou até a cabine do porteiro — Eu trouxe uma família inteira aqui com propósitos ilícitos — ele disse alto, enquanto o rosto de Boone era tomado de choque.

Winnie pousou a mão no braço de Boone.

— Está tudo bem — ela sussurrou.

— Eu vou esquarterar você, Kilraven — o guarda rugiu.

— Não, não, não, eu sou uma pessoa de origem nobre — Kilraven informou — Você precisa me decapitar.

O guarda franziu a testa.

— Decapitar.

Kilraven concordou.

O guarda ficou em pé.

— Eu vou decapitar você, Kilraven!

— Muito melhor — Kilraven riu enquanto se unia aos outros. Boone o olhava de uma maneira estranha.

Kilraven virou-se para o guarda, apontando Boone.

— Eu não vou levá-lo até lá em cima por nenhum propósito ilícito — ele avisou.

— Oh, muito bom — o guarda concordou.

— Você se casou com um lunático — Boone sussurrou para Winnie.

— Eu ouvi isso — Kilraven disse enquanto eles caminhavam até o elevador — Pode acreditar! — ele gritou para o guarda.

O guarda deu um risinho.

— Segure firme!



Kilraven o saldou e entrou com os outros no elevador.

— É uma coisa dos escoceses — ele explicou — Ele é um McLeod. O lema de sua família é “segure firme”. Os parentes de minha mãe eram HepBurns. O nosso é “pode acreditar”.

— Outro louco fã da história escocesa do século dezesseis — Winnie gemeu.

— Calma, calma — Kilraven disse com um sorriso gentil — Você se adaptará.

Ela o olhou com tanto amor que ele sentiu-se cego. Ele deslizou um braço ao redor dela e a puxou para perto.

— Eu me adaptarei — ela prometeu.

JON CHEGOU, MUITO TARDE para ser apresentado ao guarda de segurança da maneira bizarra de seu irmão, com Cammy junto. Ela foi apresentada aos Sinclair, e ela e Gail descobriram muitas coisas em comum, incluindo amigos. Jon foi até a cozinha e começou a cozinhar, com a ajuda de Winnie e Keely. Eles sentaram-se e foram servidos com um digno banquete. Então tiveram a cortesia de bocejar e desculpar-se por precisarem ir embora cedo, pois estavam muito cansados. Mas estragaram todo o teatro ao rirem ultrajosamente enquanto diziam boa noite. Mesmo Jon e Cammy.

Kilraven fechou a porta e balançou a cabeça.

— Que bando. Mas você não acha que eles se deram bem? Um bom presságio para o futuro.

Winnie observava as fotos na mesa ao lado da televisão. Ela virou-se para ele e sorriu gentilmente.

— Ela parecia com você.

Ele concordou.

— Ela era uma criança doce. Não foi certo escondê-la como um segredo vergonhoso por tanto tempo.

— Sim.

Ele a puxou contra si e tocou-lhe o ventre delicadamente.

— É menino ou menina? Você tem esses dons, assim como a sua mãe. Adivinhe.

— Nós podemos fazer um ultra-som para ter certeza — ela disse.

Ele fez uma careta.

— E tirar toda a surpresa e diversão. Por que nós não esperamos até o bebê chegar?

Ela sorriu de orelha a orelha.

— Eu estava esperando que você dissesse isso — ela ergueu a cabeça — Nós vamos fazer o divórcio antes ou depois dele nascer?

— Ele! Você disse ele!

Ela o encarou.

— Figura de linguagem. Responda a pergunta.

— Eu acho que nós podemos adiar isso por alguns anos. Você sabe, até nos tornarmos avós. Então nós podemos tocar no assunto.

Ela o encarou com apreciação.

— Eu estava pensando. O médico disse que eu preciso de exercícios. Para ficar em forma enquanto eu carrego o neném.

— Ele disse?

Winnie concordou. Em seguida aproximou-se. Ela correu os dedos pelo peito dele e pelos botões. A respiração dele acelerou.



— E eu estava pensando que alguns exercícios caseiros são tão bons quanto caminhar ou correr.

— Estava? — o coração dele estava disparado.

— Sim. Então eu pensei — ela aproximou-se e brincou com um botão da camisa. A respiração dele já era pesada nesse momento — Que nós poderíamos comprar uma esteira elétrica ou uma bicicleta para que eu pudesse me exercitar.

— Droga!

Ela o encarou.

— Droga, o quê?

Kilraven puxou os quadris dela para os seus.

— Eu tenho uma ereção tão dura que poderia quebrar a parede, e você está falando sobre exercícios em aparelhos elétricos?

— Ou — ela disse ofegante — Nós poderíamos tentar aquilo que o seu colega fez, onde ele e sua esposaaaa...!

DEZ MINUTOS DEPOIS, eles estavam esparramados no tapete, estremecendo, suando e lutando para respirar.

— Ainda bem que eu não tenho uma sala de estar! — ele exclamou.

Ela riu extasiada.

— Valeria um tornozelo quebrado — ela afirmou.

Ele rolou sobre ela e a beijou com entusiasmo.

— Dois — ele concordou e a beijou novamente.

Ela virou ficando sobre ele e colou o rosto no dele.

— Eu amo você, McKuen — ela sussurrou suavemente.

Ele ergueu a cabeça para encará-la. Ela era uma guerreira, uma amante, a calma em meio à tempestade. Ela conseguia enfrentar assassinos, lidar com ligações apavoradas e oferecer ajuda, e na cama ela era tudo o que ele poderia desejar. Além disso, ela o amava.

Ele tocou o nariz dela contra o seu, e os olhos claros brilharam.

— Eu amo você também.

Ela ficou surpresa.

— Ama? — ela perguntou debilmente.

— Muito. É óbvio que eu não sabia até vê-la em uma situação de perigo — ele respirou fundo — Eu pensei, se ela morrer aqui, eles podem me colocar no chão ao lado dela. Porque não haverá nada no mundo que valerá a pena se eu a perder.

Lágrimas inundaram os olhos dela, quentes e molhadas. Um soluço escapou de sua garganta.

Ele secou as lágrimas com beijos.

— Por que você está chorando? — ele sussurrou.

— Você recebeu o nome de um poeta — ela sussurrou também — Agora eu entendo o motivo.

Ele deu um risinho.

— Eu posso recitar poesia — ele disse — Quer ouvir uma? — ele ergueu a cabeça — O garoto parado no convés em chamas...

— Oh, pelo amor de Deus, não esse tipo de poesia!

Ele arqueou as sobrancelhas.



— Então algo mais adequado a nossa atual situação? — ele acrescentou observando o corpo nu dela com um sorriso — Era uma vez um homem em Nantucket...

Ela o beijou, rindo feliz.

Ele a beijou também.

— Eu acho que nós deveríamos ir para a cama.

— Eu concordo.

Ele a puxou para mais perto.

— Por outro lado — ele murmurou secamente — Está quente e aconchegante aqui. Não há nada errado com o tapete.

— Eu também acho que não — ela concordou e ficou em pé para pegar a coberta que estava no sofá para cobri-los.

Ela fechou os olhos e colou-se a ele, quente, amada e feliz como nunca sonhara ser. Ele podia ser perigoso, ela pensou sonhadora, mas com coragem para manter a ela e ao neném seguro, ela não tinha mais medo do futuro. De fato, ela mal podia esperar por isso. Não que ela não tivesse coragem. Constantemente se impressionava com a própria participação no recente encontro com a morte. Há um ano, não podia nem se imaginar fazendo algo do tipo. Kilraven a influenciara, assim como a própria mãe. Talvez coragem fosse algo que só se apresentasse quando realmente necessário.

Ela olhou na direção da foto da pequena garotinha de Kilraven e pensou no próprio filho, deitado suave e seguramente em seu ventre. A criança nunca substituiria o lugar de Melly. Mas ajudaria a cicatrizar as antigas feridas.

Enquanto fechava os olhos, imaginou ter ouvido o som de uma criança rindo, um tom feliz e suave; o som de um adorável espírito que estava, assim como seu pai, finalmente em paz.

